

PATRÍCIA MUNHOZ

HIBRIDISMO E CONFLITOS MORAIS  
em *Narrativas Militares* (1878), do Visconde de Taunay

Orientadora: Dra. Maria Lúcia Lichtscheidl Maretti

ASSIS  
2008

PATRÍCIA MUNHOZ

HIBRIDISMO E CONFLITOS MORAIS  
em *Narrativas Militares* (1878), do Visconde de Taunay

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e  
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual  
Paulista para a obtenção do título de Mestre em  
Letras  
(Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Maria Lídia Lichtscheidl Maretti

ASSIS  
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Munhoz, Patrícia

M966h      Híbridismo e conflitos morais em Narrativas militares  
(1878), do Visconde de Taunay / Patrícia Munhoz. Assis,  
2008  
220 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Narrativa (Retórica). 2. Literatura brasileira – Séc. XIX.  
3. Taunay, Alfredo d' Escagnolle Taunay, Visconde de 1843-  
1899. I. Título.

CDD 808.3  
869.93

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.  
Ao meu pai, pelos braços fortes sempre a me sustentar.  
A minha mãe, pelo silêncio acolhedor.  
A minha querida irmã, pelo companheirismo.  
Ao meu irmãozinho, pelo amor prestativo.  
Ao Paulo, meu amor, pela presença.  
Aos amigos, pela fidelidade.  
Aos professores, por minha formação.  
À Daniela e ao Álvaro, pelas preciosas sugestões no Exame de Qualificação.  
Por fim, a minha querida Lídia, por você em minha vida e pelo Taunay em nossas vidas.

## RESUMO

Nossa dissertação se propõe a abordar as cinco narrativas que compõem o livro do Visconde de Taunay intitulado *Narrativas militares: cenas e tipos*, de 1878, tão esquecido pela crítica e pela historiografia literárias, a partir de alguns aspectos que justificariam a sua natureza transitiva. Tal transitividade se explica tanto pelo caráter “inorgânico” das narrativas (em sua mescla de vários gêneros), quanto pelo substrato histórico (o Brasil da guerra contra o Paraguai) que as viu nascer. Desse modo, além da reflexão sobre o hibridismo que conforma cada um dos textos – o que leva à análise do modo como os elementos narrativos se organizam e se conjugam, este trabalho se propõe também a refletir sobre a questão da guerra como pano de fundo histórico gerador das histórias e sobre os conflitos morais que, subjacentes a cada uma delas, apontam para as circunstâncias históricas do Brasil do fim do século XIX. Pretendemos também fazer uma edição comentada do livro, com a sua correspondente atualização ortográfica, com vistas a uma eventual publicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Visconde de Taunay, *Narrativas militares*, Guerra do Paraguai, hibridismo, conflitos morais.

## RÉSUMÉ

Notre dissertation se propose à faire l'abordage des cinq récits qui composent le livre du vicomte de Taunay intitulé *Narrativas militares: cenas e tipos*, de 1878, tellement oublié par la critique et l'historiographie littéraires, à partir de quelques aspects qui justifieraient sa nature transitive. Telle "transitivité" s'explique tantôt par le profil "inorganique" des récits (dans leur mélange de plusieurs genres), tantôt par le cadre historique (le Brésil de la guerre contre le Paraguay) qui a vu leur naissance. Ainsi, outre la réflexion sur l'hybridité qui conforme chacun des textes narratifs – ce qui mène à la façon dont les éléments narratifs s'organisent et se conjuguent, ce travail se propose aussi à réfléchir sur la question de la guerre comme un arrière-fond historique générateur des récits et sur les conflits moraux qui, sous-jacents à chacun d'eux, nous font penser aux circonstances historiques du Brésil de la fin du XIX<sup>e</sup> siècle. Nous avons aussi l'intention de faire une édition commentée du livre, accompagnée d'une actualisation orthographique, ayant le but d'en faire une publication.

**MOTS-CLÉS:** vicomte de Taunay, *Narrativas militares*, Guerre du Paraguay, hybridité, conflits moraux.

## SUMÁRIO

Introdução .....	08
Capítulo primeiro: “Um Irmão”: um conto híbrido e bélico .....	27
Capítulo II: “A Vingança de um Recruta”: uma narrativa oral .....	51
Capítulo III: “O Capitão Caipora”: um labirinto sem saída.....	66
Capítulo IV: Uma narrativa erótica: a propósito de “Um dia de Paixão”.....	76
Capítulo V: “O Tio Hilário”: uma tradição militar .....	88
Considerações Finais .....	107
Referências .....	109
Anexo:	
<i>Narrativas militares</i> : cenas e tipos (com a atualização ortográfica).....	115
“Um Irmão”.....	116
“A Vingança de um Recruta”.....	144
“O Capitão Caipora” .....	178
“Um Dia de Paixão” .....	192
“O Tio Hilário” .....	202

## INTRODUÇÃO

Alfredo d'Escragno Taunay (1843-1899), mais conhecido como Visconde de Taunay, deixou-nos uma vasta produção literária representada por romances, livros de contos, peças de teatro, narrativas de guerra, narrativas de viagens, relatos memorialísticos, biografias, crítica literária, história, economia política e questões sociais. Assim confirmamos o que Arthur Mota e Alcides Bezerra chamam de “talento polimórfico” (Apud MARETTI, 2006, p.51)

Descendente de uma família francesa com muitos talentos artísticos – filho e neto de pintores – o Visconde herdou uma sensibilidade musical peculiar e recebeu instrução artística de bom nível, o que pode ser constatado em suas obras, sobretudo na maneira como ele observa e descreve as paisagens em diversos textos, como veremos nos capítulos apresentados a seguir.

Fazendo valer essa sensibilidade aguçada que sempre direcionou sua pena e suas atitudes, exerceu diversas funções. Foi jornalista, crítico de arte, historiador, musicista, pintor e romancista. Como militar, lutou na Guerra contra o Paraguai, tendo também lecionado história e língua no curso preparatório da Escola Militar, e mineralogia, geologia e botânica no curso superior. Por fim, acaba renunciando a uma exemplar carreira militar para dedicar-se à vida política.

E como político, foi eleito deputado e senador (pelas então províncias de Goiás e Santa Catarina) e presidente das províncias do Paraná e de Santa Catarina, afastando-se desse projeto somente ao ser proclamada a República. Militante no Partido Conservador, foi um ferrenho defensor da Monarquia e de D. Pedro II, mas nem por isso atendia às exigências de seu partido: pelo contrário, defendia idéias bem mais adiantadas para seu tempo.

Sua atuação política foi amplamente estudada por Odilon Nogueira de Matos, que afirma:

(...) não só trazia em seu pensamento um corpo bem definido de idéias acerca dos mais diversos problemas que poderiam ocorrer a um homem político e homem público, como demonstrou o mais vivo interesse pelas duas províncias que presidiu – Santa Catarina e Paraná – nas quais seu nome, um século depois, continua lembrado sempre com o maior respeito (MATOS, 1993, p.11)

Dessa forma, esse “corpo bem definido de idéias” pode ser contemplado em alguns dos projetos defendidos por esse político bem engajado, pois ele defendeu o casamento civil, a secularização dos cemitérios, a abolição da escravatura, o imposto territorial e uma política imigratória justa.

As suas obras mais conhecidas são *Inocência* (1872) e *A Retirada da Laguna* (1871), através das quais consagra-se como importante escritor em nossa literatura. O primeiro livro relata costumes, hábitos e cenários da vida do sertão (tão bem conhecidos pelo escritor durante as viagens que fez enquanto militar), com o principal objetivo de narrar uma história de amor impossível de ser concretizada, e tendo como desfecho a morte. O segundo, por sua vez, trata diretamente da participação do autor na Guerra do Paraguai. Por isso é uma obra de cunho memorialístico, na qual tenta resgatar os trinta e cinco dias vividos pelos soldados brasileiros, numa missão por muitos considerada de “dolorosa memória” (IANNONE, 2002, p.14).

Sendo assim, pode-se afirmar que, direta ou indiretamente, alguns personagens do autor atuam num palco pleno de imagens bélicas, de forma a compor cenários em que questões morais podem ser objeto de questionamento, o que seria um dos resultados do contato pessoal do escritor com os espaços físicos descritos em suas obras. A esse respeito, Antonio Candido acentua a idéia de “experiência” como ingrediente decisivo para a produção literária do escritor:

nem bacharel nem médico, mas militar, enfronhado em problemas práticos, é particularmente um caso raro na literatura do tempo, para a qual trouxe uma rica experiência de guerra e de sertão, depurada por sensibilidade e cultura nutridas de música e artes plásticas. Esta combinação de senso prático e refinamento estético fundamenta as suas boas obras e compõe o traçado geral da sua personalidade. (CANDIDO, 1975, p. 307)

Portanto, é quase inevitável considerar o Visconde de Taunay e não remetê-lo à Guerra da Tríplice Aliança, já que o mesmo teve participação direta neste acontecimento histórico. Por isso sua obra representa cultural e literariamente este momento pelo qual passava o Brasil, não se configurando, como lembra Antonio Candido, como um simples relato, mas como o produto da combinação com a elegância, a arte, a sensibilidade e o bom senso.

Sob estas mesmas circunstâncias pode ser encarada a obra, tão pouco conhecida do autor, *Narrativas Militares: cenas e tipos*, cuja primeira e última edição é de 1878. De acordo com a bibliografia consultada até o momento – aqui incluído o trabalho de coleta da crítica sobre o autor, feito até 1996 (e publicado em livro em 2006) por Maria Lúcia L. Maretti, não

se conhece nenhum estudo sobre tal livro. Além disso, ele não foi incluído no projeto de reedição dos livros do Visconde, realizado entre 1920 e 1930, por seu filho Affonso d'Escragnolle Taunay.

Diante da importância que a Guerra da Tríplice Aliança e o próprio Visconde tiveram para o país, é quase inexplicável que um livro como *Narrativas*, que engloba temas e soluções estéticas tão instigantes, não tenha ainda sido minimamente estudado.

Isso talvez possa ser justificado, segundo Maretti (2006, p.122), pelo estigma de menoridade imputado ao autor pela crítica, já que ele é consagrado apenas com dois títulos de todo seu trabalho: *A Retirada e Inocência*. A autora ainda afirma que “há outros textos dignos de uma nota que, por não vibrar no mesmo acorde consagrado pela tradição teórico-literária, faz com que eles permaneçam esquecidos em suas primeiras e raríssimas edições.” (p.68).

O seu primeiro romance, *Mocidade de Trajano*, publicado em 1871, só contou com uma nova edição 113 anos após sua data de publicação. O livro alvo de nossa pesquisa completa 130 anos sem outra publicação e sem qualquer resultado de uma reflexão mais aprofundada, pelo menos até o momento em que fizemos a última pesquisa a esse respeito.

Não é por acaso a afirmação do consagrado Antonio Candido: “Faz falta, sobre ele, um estudo amplo, tanto biográfico quanto crítico”. (1975, p. 422). José Veríssimo também justifica a necessidade de se pesquisar obras que não foram selecionadas para fazerem parte do cânone:

Com o aumento sempre crescente da produção literária, a posteridade não terá nem tempo, nem vagar, para ler toda a obra de cada escritor; e dos melhores lerá somente aquela que os tempos houveram escolhido. Do restante só se ocuparão os críticos, os filólogos, os eruditos. (1977, p. 148)

Assim sendo, se dois consagrados estudiosos de nossa literatura fazem tais afirmações, justifica-se desse modo o estudo que propomos, para que possamos também compreender melhor o século XIX em sua perspectiva cultural.

Trata-se de cinco narrativas, intituladas “Um Irmão”, “A Vingança de um Recruta”, “O Capitão Caipora”, “Um dia de Paixão” e “O Tio Hilário”. Todas se passam em meio ao ambiente militar no qual o autor esteve inserido (direta ou indiretamente), experiência que o habilita a extrair as circunstâncias conflituosas vividas pelas personagens, frente aos vários dilemas morais com que elas se deparam.

O que teríamos a dizer por ora é que, mesmo que se possa afirmar que tais narrativas possuem unidade de ação, Taunay não se concentra imediatamente nos fatos principais já

que, por um lado, retoma, em movimentos retrospectivos, momentos que lhe são anteriores, de modo a atribuir-lhes uma função na economia textual, e por outro realiza a “irrupção da temática metalingüística”, produzindo “a contaminação da prosa de ficção pela do ensaio crítico”, abalando “o dogma da ‘pureza’ dos gêneros” (CAMPOS, 1977, p. 42).

Desse modo, as *Narrativas* acabam por configurar textos em que o hibridismo genérico é uma constante, revelando mais uma vez a tendência do escritor à digressão por veredas que não são propriamente as literárias e configurando um expediente narrativo a partir do qual o autor não deixa de transmitir sua própria opinião. Nesse sentido, cabe lembrar uma consideração teórica sobre este expediente textual:

fala-se em *digressão* sempre que a dinâmica da narrativa é interrompida para que o narrador formule asserções, comentários ou reflexões normalmente de teor genérico e transcendendo o concreto dos eventos relatados; por isso a *digressão* corresponde, em princípio, a uma suspensão momentânea da *velocidade* da narrativa adotada. (REIS & LOPES, 1988, p.237)

Durante a leitura desses textos, percebe-se claramente essa “quebra” da velocidade adotada na narrativa, já que o narrador se distancia por várias vezes de seu propósito inicial. Tem-se a impressão de que ele deseja não perder nenhum detalhe que lhe surge, o que resulta em capítulos que poderiam ser facilmente descartados do texto, sem que o seu entendimento fosse prejudicado. Isso se justifica talvez pelo viés enciclopédico que caracteriza a sua obra, bem como por sua vontade de abrangência, principalmente quando se trata de trazer à luz momentos minuciosos do cotidiano desses personagens inseridos em conflitos bélicos.

Em muitos momentos os narradores retomam seu objetivo, que muitas vezes se perde nas lembranças que lhes surgem e são intercaladas na “história principal”. E consciente desse movimento, eles vão cortando e costurando seu relato, sem perder o fio narrativo. Daí o fato de surgirem trechos significativos como este: “Mas... com a breca! Se vou assim cortando e recortando a minha história, não há mais como acabá-la: levo dias, semanas e meses, que palavra puxa palavra e a guerra do Paraguai durou cinco anos contadinhos.”(p.129)

Além desse trecho, outras frases “servem de linha e agulha” para costurar os retalhos, sem, contudo, perder a totalidade da peça. Percebemos esse texto cosido principalmente quando o narrador parece nos contar um “causo”, o que o leva a sempre retomar o assunto: “Vamos, porém, adiante” (p.90); “Mas – como ia contando –” (p. 95); “Tornando, porém, à nossa história” (p.103) ou ainda “Aí esturrei e já lhes conto como o caso foi. Mas me deixem antes tirar uma fumaça.” (p.113).

Em outros momentos, ele aproveita esses fragmentos originados a partir de movimentos erráticos, para manifestar suas impressões e opiniões. Torna-se, portanto, intruso e incapaz de pretender a neutralidade e a imparcialidade. São as “vozes” que surgem no texto, e que podem ser ouvidas em vários recortes marcadamente ideológicos, como, por exemplo, no trecho:

Outros, desgrenhados e sujos, enrolados em alguns sobretudos e casacões velhos, oravam quase no mesmo sentido, aproveitando a vasa para pedirem que voltássemos da guerra republicanos. Ora, essa só lembra o diabo! Se íamos dar a vida pelo Império... (p.91)

Nessa passagem, constatamos a voz desse narrador que defende a Monarquia até as últimas conseqüências. Sabe-se, como também mostraremos nas análises, que Taunay lutou até o fim de sua vida pela manutenção desse sistema governamental, além de defender e apreciar a figura do Imperador, D. Pedro II, que também aparece em suas obras. Poderemos perceber, em vários momentos dessa obra, como ele deixa ecoar sua voz e, conseqüentemente, sua opinião acerca de muitos assuntos; daí podermos registrar como característica marcante, nesses textos de Taunay, o narrador intrusivo.

A Guerra e o mundo militar são o pano de fundo destas narrativas, nas quais o autor se detém no *cotidiano* vivido por seus integrantes, recriando detalhes de uma rotina muitas vezes presente apenas na memória daqueles que viveram em meio ao conflito e conseguiram sobreviver, e na daqueles que seguiram carreira no Exército brasileiro do século XIX. O autor do livro escolhe o espaço por meio do qual podemos conhecer mais intensamente regiões tão pouco exploradas no Brasil da época e uma instituição como o Exército, encarregada da defesa da nação recém-emancipada, atualizando uma vez mais aquilo que afirma Antônio Dimas, ao se deter na reflexão sobre a construção do espaço romanesco: “o romancista brasileiro como que toma para si a incumbência de vasculhar o país, em sua geografia, sua história e suas instituições”. (1985, p.16).

Quanto aos epílogos de cada uma das narrativas, o Visconde os constrói de uma maneira que a princípio poderia ser associada à lógica da fábula, mas que revela na verdade os conflitos morais advindos desse momento de crise que foi o da Guerra contra o Paraguai. Se a fábula, enquanto gênero, se propõe a transmitir valores morais pretensamente universais e atemporais, essas *Narrativas* se incumbem de representar os *dilemas morais* que determinadas circunstâncias históricas impõem aos homens.

Passado mais de um século, fica evidente a necessidade de uma pesquisa sobre *Narrativas*, tendo em vista o grande número de livros escritos por Taunay e o correspondente estudo que tem sido feito sobre alguns deles. Estudar os conflitos presentes no livro significa resgatar a experiência de vida de um grande escritor que, além de contribuir diretamente para a literatura do país, também ajudou a construir histórica e culturalmente um momento pelo qual o país passou.

Seria injusto que tais narrativas ficassem guardadas nas páginas amareladas de um livro que, se não receber a devida atenção da crítica especializada, tende a ficar restrito aos poucos que têm o privilégio de tê-lo ou, ao menos, de lê-lo. Nossa pesquisa se propõe, em função do exposto, a abordar as cinco narrativas que compõem o longínquo e esquecido livro do Visconde de Taunay intitulado *Narrativas militares: cenas e tipos*, de 1878, a partir de alguns aspectos que justificariam a sua natureza transitiva. Tal transitividade se explica tanto pelo caráter “inorgânico” das narrativas (em sua mescla de vários gêneros), quanto pelo substrato histórico (o Brasil da guerra contra o Paraguai) que as viu nascer, e que também é concebido como um momento de transição.

Desse modo, além da reflexão sobre o hibridismo que conforma cada um dos textos – o que leva à análise do modo como os elementos narrativos se organizam e se conjugam, este trabalho se detém também na reflexão sobre a questão da guerra como pano de fundo histórico gerador das estórias e sobre os conflitos morais que, subjacentes a cada uma delas, apontam para as circunstâncias históricas do Brasil da época.

Além disso, também propomos a análise das descrições, sobretudo de paisagens, como traço característico das obras do Visconde de Taunay. Olegário Paz (2007) afirma que, a partir do Romantismo, o papel da descrição altera-se, ganhando um estatuto que se pode dizer indissociável da narrativa, diferentemente da postura adotada pelos clássicos – de Horácio a Boileau – que viam a descrição “como serva ou criada que ornamenta o discurso, mas, ao retardar a ação (catálise, no dizer de Roland Barthes), obriga o leitor a uma pausa desmotivadora”. Citando Helena Buescu, continua:

Verifica-se (...) que o que aparecia como um «luxo» pode afinal ser entendido como o *irremediavelmente textual*, engendrado pela própria constituição *daquele* texto enquanto tal, e também irremediavelmente ligado ao modo de representação que o enforma. A descrição deixará então de ser um produto «paratextual» que se pode indiferentemente acrescentar ou retirar do texto, para fazer parte indissolúvel do real criado nele e por ele. (Apud PAZ, 2007)

Desse modo, demonstraremos como as descrições nas *Narrativas* são de suma importância para a compreensão da obra e da maneira pela qual foi elaborada.

Como objetivo final do trabalho, propomos uma edição comentada do livro, com a sua correspondente atualização ortográfica, com vistas a uma eventual publicação.

### **Transitando pela história**

Ao encarar a obra de Taunay, não podemos deixar de traçar um paralelo com o período histórico no qual ele esteve inserido, já que seus trabalhos refletem muitos acontecimentos da época em que viveu. Nosso objetivo aqui não é fazer um estudo minucioso acerca do que acontecia no país, apenas trazer à memória do leitor o quadro dos principais acontecimentos que antecedem o grande marco do Segundo Reinado: A Guerra contra o Paraguai.

No Período Regencial, ocorreram várias manifestações políticas disputando o controle do governo e gerando também diversas revoltas espalhadas pelas várias províncias de nosso território.

O Estado, em vias de consolidação, era formado por uma elite dividida em dois partidos: os liberais e os conservadores, que lutavam entre si pela disputa do poder. Embora houvesse divergências entre essas duas facções, os seus adeptos conseguiam somar forças e desfazer as diferenças quando o assunto era a maioria da população menos favorecida e distante de qualquer participação política. Essa elite defendia os interesses dos grandes proprietários e se unia contra o povo que, excluído de seus direitos, questionava o privilégio que era concedido a essa pequena parcela da população.

Surgem, portanto, várias rebeliões e movimentos populares, como, por exemplo, a Cabanagem (Pará, 1835-1840), a Sabinada (Bahia, 1837-1838), a Balaiada (Maranhão, 1838-1841) e a Farroupilha (Rio Grande do Sul, 1835-1845). Apesar de dez anos intensos de movimentos populares e esparsos, essas rebeliões foram sufocadas e não conquistaram resistência suficiente para provocar qualquer mudança na estrutura do poder. Frente a tal situação, o período regencial se encerra, fortalecendo o caminho para a consolidação do poder nas mãos da aristocracia rural.

Ainda sob o domínio de D. Pedro II, que assume o trono como segundo imperador do Brasil em 1840 – lembrando que sua maioridade foi antecipada por questões políticas – a

base econômica e social do país permanece fundamentada no latifúndio e no privilégio aristocrático.

O Segundo Reinado, que durou 49 anos (1840-1889), foi considerado o “apogeu” do Império brasileiro, uma vez que foi marcado por importantes acontecimentos, dos quais se destaca, sobretudo, a Guerra da Tríplice Aliança. Pois, como afirma Ricardo Salles (1990),

O final da Guerra do Paraguai coincide com o começo dos anos 70, a partir dos quais se inicia todo um processo de transformações econômicas, sociais, políticas que vão culminar com a queda do Império. Entretanto, em determinado sentido, a guerra do Paraguai é justamente o último grande acontecimento do período anterior, de apogeu do Império. (p.39)

Esse “auge do Império” caracterizou-se pelo pleno desenvolvimento da sociedade escravista brasileira. A base da nossa economia agrária e exportadora era a produção de café, o que nos garantia posição de liderança nas exportações do produto e permitia maior integração com o mercado mundial. Para isso, segundo um certo ponto de vista histórico, continuava a necessidade de manter os grandes latifúndios dependentes da mão-de-obra escrava.

Além do mais, a produção cafeeira trouxe inovações importantes como, por exemplo, a construção de ferrovias, a instalação de companhias e linhas de navegação, o surgimento de fundições, estaleiros, manufaturas e fábricas. O processo de urbanização é acelerado com o crescimento das cidades, bem como das camadas médias urbanas. Esse dado inovador comprova que o Brasil se modernizava segundo a visão do capitalismo imperialista.

Ainda sob essa óptica, o país outrora completamente dependente da mão-de-obra escrava, influenciado pelos interesses da coroa inglesa, promulga, no dia 4 de setembro de 1850, a lei Eusébio de Queirós, pela qual ficava proibido o tráfico de escravos entre o Brasil e a África.

A consequência imediata dessa decisão forçada foi o aumento significativo nos preços de escravos, o que levou os grandes proprietários a optar pela mão-de-obra livre dos imigrantes. O Brasil também abre seus portos e passa a integrar com mais vigor o mundo capitalista, transmitindo a idéia de um progresso falso, já que sua frágil economia estava amparada pelos empréstimos externos, o que se prolongou até o advento da República.

Assim traçamos uma visão genérica das transformações e crises da sociedade imperial que resultaram em dois importantes acontecimentos: a abolição da escravidão e, um ano após, a proclamação da República, da qual participaram efetivamente os militares.

Por isso é impossível tratar desse período de transição do escravismo ao capitalismo sem nos remeter à Guerra do Paraguai, evento decisivo na formação não só de um Exército, mas de uma nova classe capaz de interferir na vida econômica e política do país.

## **A Guerra**

Após quase cento e cinquenta anos do término da Guerra mais conhecida como “Guerra do Paraguai” ou “Guerra da Tríplice Aliança”, que envolveu os países vizinhos, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, constatamos que ainda são exploradas diferentes versões sobre esse conflito. Rosendo Fraga (2004, p. 42-44) – diretor do Centro de Estudos Nueva Mayoria, na Argentina – realizou uma pesquisa sobre as diversas abordagens que ainda se fazem sobre a guerra nos quatro países envolvidos. O que ele constata acerca dos manuais utilizados nesses países nos últimos anos são as diferenças certamente causadas pelos efeitos distintos sentidos por cada país envolvido.

Mesmo tratando somente do Brasil, entre os próprios historiadores brasileiros percebemos que surgem vertentes diferenciadas para tentar explicar e justificar o conflito bélico em questão. Ricardo Salles (1990) aponta algumas considerações acerca dos estudos tradicionais e das versões revisionistas da história do conflito. Se, para ele, no primeiro caso, há um excesso de oficialismo e factualismo, enfatizando o ataque feito pelo Paraguai ao Brasil e menosprezando a intervenção brasileira no Uruguai, por outro lado, no segundo caso, há uma tendência a simplificações e nem sempre, para isso, são realizadas investigações mais profundas.

Em artigo publicado na Revista *Nossa História* (2004, p.18-24), Francisco Doratioto também questiona e coloca por terra a versão imperialista, que surge e ganha força a partir da década de 70, a qual justifica a causa dos conflitos pelas pressões externas dos ingleses. Essa interpretação perde força quando novos estudos, realizados a partir de 1980, revelam um novo panorama, ou seja, as origens do conflito se encontram no processo de construção e consolidação dos Estados Nacionais no Rio da Prata.

Nosso objetivo, porém, não é discutir o assunto a fundo; apenas mostrar como esse acontecimento foi um divisor de águas na história brasileira, gerando até hoje questões

polêmicas sobre as origens, o número de voluntários envolvidos, o número de escravos combatentes, a quantidade de mortos, dentre outros questionamentos. O intuito dessa reflexão é de tão somente abordar a Guerra enquanto evento histórico, para daí extrair informações essenciais a fim de compreender como ela se torna cenário tanto das mudanças pelas quais o país passava quanto das *Narrativas*, objeto de nosso estudo.

Hoje, após análise de documentos inéditos, especialistas abandonam essa visão mais imperialista e “dividem a culpa” desse horrível episódio da história sul-americana entre os envolvidos.

O Paraguai desejava cada vez mais inserir-se no mercado mundial, exportando seus produtos primários, mas, para isso, necessitava de um porto marítimo a fim de escoar seus produtos. Os paraguaios sabiam que o de Buenos Aires não estaria disponível, já que os argentinos não concederiam facilidades comerciais à nação vizinha. Não havendo outra alternativa, recorreram ao porto de Montevidéu. E é importante refletir sobre a situação política no Uruguai para compreender o desenrolar da Guerra. O governo *blanco* uruguaio procurava apoio paraguaio contra o Império do Brasil e a Argentina, que incentivavam a revolta armada do general Venâncio Flores, representante do partido *colorado*. Este desejava derrubar o governo nacionalista de seu país, que não concordava em dar vantagens aos criadores de gado brasileiros que operavam em seu território.

Portanto, de um lado estavam o Paraguai, o Uruguai e as províncias de Corrientes e Entre Rios, ambas em oposição ao governo unitarista de Bartolomeu Mitre em Buenos Aires; de outro, o Brasil e a Argentina, que apoiavam os *colorados*.

Diante dessa situação conflituosa, tropas imperiais brasileiras invadem o Uruguai em 1864. Em resposta, López manda aprisionar o vapor Marquês de Olinda e invade o Mato Grosso, ocupando território em disputa com o Brasil.

O ditador paraguaio sabia do abandono dessa província brasileira, bem como da fraqueza militar do Império. Ele só não contava que o *colorado* Venâncio Flores chegasse ao poder, tampouco que fosse assinado em 1865 o Tratado da Tríplice Aliança, entre a Argentina, o Brasil e o Uruguai.

Acreditava-se que o conflito seria breve, mas não foi. Após pequenos combates, López invade Corrientes e declara guerra à Argentina. Porém, inesperadamente, na batalha naval de Riachuelo, a Marinha paraguaia é aniquilada. Mesmo após essa derrota, os paraguaios, contando com um forte sistema terrestre, conseguem intimidar e imobilizar a contra-ofensiva aliada. Em 1865, invadem o Rio Grande do Sul, mas são surpreendidos e

cercados pelos aliados, resultando na rendição do comandante guarani na cidade de Uruguaiana.

A partir desse momento, liderados por Mitre, os participantes da Tríplice Aliança invertem a situação, ou seja, tomam a iniciativa nos combates e invadem o território inimigo com o objetivo de tomar Humaitá, reduto do sistema defensivo paraguaio. Para isso, no início de 1866, trava-se uma grande batalha campal em Tuiuti, onde grande parte do exército paraguaio é derrotado ao atacar o exército inimigo acampado diante das fortificações de Humaitá.

Apesar dessa situação favorável, os aliados permanecem paralisados na ofensiva por mais de um ano. Após esse período atacam as forças paraguaias em Curupaiti, o que lhes resulta em uma terrível derrota. A fortaleza paraguaia só será tomada no ano seguinte, em 1868. Por problemas políticos internos, o governo argentino se vê obrigado a abandonar a liderança nos combates, bem como a reduzir o número de seus soldados na frente de operações.

Assim, a guerra já estava praticamente nas mãos das tropas brasileiras lideradas por Caxias, que procura reestruturar o exército para se adaptar às condições de uma guerra que tomava grandes proporções.

Mesmo com boa parte do exército guarani dizimado, Solano López foi capaz de reorganizar uma nova linha de defesa para enfrentar uma nova série de combates. Em dezembro de 1868, os paraguaios são derrotados nas batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, mais conhecida como a campanha da Dezembrada, culminando na tomada de Assunção em janeiro de 1869.

Nessa altura, Caxias estava cansado e considerava inútil o prosseguimento da guerra; ele deseja então a paz, mas é afastado de seu posto, sendo substituído pelo Conde d'Eu, nobre francês e esposo da princesa Isabel.

O ditador paraguaio não se dá por vencido e organiza, no norte do país, longe das margens do rio Paraguai, um novo exército composto em sua maioria por velhos e crianças, o qual sucumbiu na batalha de Campo Grande (1869).

Esse seria o fim dos combates, mas ainda assim López foge com alguns de seus seguidores. Finalmente, em março de 1870, o exército brasileiro persegue e cerca o pequeno acampamento do ditador, que é morto para pôr fim à guerra que durara mais de cinco anos.

## **As Conseqüências**

Finalmente a trágica Guerra do Paraguai é encerrada com a morte do ditador Solano López. Mas as marcas desse conflito bélico ainda hoje estão presentes em documentos, fotografias, telas, livros, na política e na economia dos países envolvidos e, sobretudo, na memória daqueles que perderam seus parentes.

Há divergências sobre o número de envolvidos nas batalhas, desde o número de mortos e combatentes – sejam eles escravos ou livres – até em termos de desperdício de recursos materiais e humanos. Além disso, sempre surgem novos estudos fazendo surpreendentes revelações sobre o cotidiano desses guerreiros.

E, mesmo diante de toda essa polêmica, todos os pesquisadores chegam a uma única conclusão: a Guerra do Paraguai foi o mais sangrento conflito do continente.

Segundo o historiador e pesquisador Ricardo Salles (1990), no final do conflito, 95% da população masculina do Paraguai havia desaparecido, sem contar o exército de crianças e velhos dizimado no combate de Campo Grande (1869). Por sua vez, Ricardo Bonalume Neto (2004) apresenta, de acordo com análise de documentos inéditos de um censo populacional feito em 1870, a afirmação de que 70% da população desse país morreram na guerra. As perdas uruguaiais são consideradas irrelevantes se comparadas com o contingente populacional do país. Os argentinos, de acordo com Leon Pomer (Apud, SALLES, 1990, p. 11), perderam 18 mil soldados no conflito, para uma população estimada em 1.500.000 habitantes.

Por fim, em relação ao Brasil, não há um consenso entre os historiadores, seja sobre o número da população à época, seja sobre o número de perdas militares. O pesquisador André Toreal (1999, p. 32-41), afirma que estimativas de 1870 apontavam para um número de 23.000 vítimas, mas acredita-se que o número poderia ter sido forjado para amenizar a tragédia. Já o Visconde de Ouro Preto, ministro da marinha na época, falou em 50.000 mortos. A maior estimativa é de Dionísio Cerqueira, que confirma 100.000 mortos. (Apud SALLES, 1990, p.12) Mesmo diante de tantos dados estatísticos discrepantes, Ricardo Salles considera as estimativas mais baixas em termos de população paraguaia para chegar a aproximadamente 600.000 mortos. Esses números permitem imaginar a dimensão desse trágico conflito.

Ainda que não se alcance um número preciso, sabe-se que essas perdas não se deram somente em combate, mas também pelas péssimas condições das tropas em campanha. O fardamento, por exemplo, era variado e não atendia às condições climáticas nas quais os soldados estavam inseridos. Muitos até combatiam praticamente nus e apenas munidos de lança<sup>1</sup>.

Além do vestuário, a alimentação nos acampamentos também era precária e não respeitava os soldados oriundos de diversas partes do país, por isso acostumados a diferentes regimes alimentares. André Toreal (1999) tece um comentário sobre esse assunto:

A alimentação – carne de gado e farinha – enjoava a maioria. Era comida de gaúcho. Para empurrar, o chimarrão, ao qual rapidamente se habituaram soldados de todas as partes do país. Às vezes, faziam um pirão com farinha mofada, o chamado “engasga gato”. Raramente recebiam arroz e bolachas, tão duras que diziam poder servir como munição. (p.37)

Como podemos observar, os soldados não podiam reclamar do que recebiam e tinham de se contentar com o que lhes era dado, como se fosse um favor concedido. Acampavam em terrenos quase sempre alagados pela forte chuva que sobrevinha e dormiam em barracas precárias e improvisadas. Também enfrentavam fome, frio e, muitas vezes, calor excessivo. Ricardo Salles (1990) discorre sobre os dois anos de acampamento em Tuiuti e o cerco de Humaitá, para nos dar uma idéia de como era o cotidiano dos combatentes:

Foram dois anos de acampamento, amontoando milhares de seres humanos em uma faixa relativamente estreita de terreno, sob fogo de artilharia inimiga, enfrentando escaramuças e pequenos combates de fricção, em terreno alagadiço e insalubre, com péssimas condições de higiene, com alimentação deficiente, sujeitos a uma administração militar ineficaz e muitas vezes corrupta. (p. 126)

Além do mais, a ineficácia dessa administração pode ser constatada também pela precariedade no atendimento médico. Dionísio Cerqueira (apud SALLES, 1990, p. 129) afirma que muitos soldados, sofrendo de cólera, preferiam tratar-se ingerindo uma infusão de pólvora a ir aos hospitais. E é justamente sob essas condições de terrenos alagados,

---

<sup>1</sup> Esse assunto será retomado com maior profundidade em uma das análises das cinco narrativas abordadas.

aglomeração de pessoas e deploráveis condições higiênicas que vão se desenvolver epidemias, principalmente o cólera-morbo, responsável pela morte de boa parte dos soldados.

O próprio autor do livro analisado neste trabalho, o Visconde de Taunay, em seu consagrado *A Retirada da Laguna* (1871), narra parte desse desastre causado por essa epidemia, com uma riqueza de detalhes sem igual:

Por mais silenciosos e tristes houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos e ruídos estranhos ao ouvido e cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento do abandono. A todos nós foi intolerável. Deixávamos entregues ao inimigo mais de cento e trinta coléricos, sob a proteção de um simples apelo à sua generosidade, por intermédio destas palavras escritas, em letras grandes, sobre um cartaz pregado num tronco de árvore: “Compaixão para com os coléricos”. (p.114)

Portanto, fatos lamentáveis como os citados acima muitas vezes não estão na história oficial, mas, graças à investigação séria que se faz de diversos documentos, pode-se restituir, cada vez com mais precisão, o dia-a-dia desses soldados.

Julio Chiavenato (1979) critica os historiadores que passam superficialmente pelos acontecimentos e destaca os livros que, segundo ele, testemunham o que “realmente” aconteceu, escritos por homens que participaram efetivamente da guerra. Um dos exemplos citados é o autor de *Inocência*:

Há, porém, que ter o cuidado de não condenar nessa safra de historiadores alienados livros que testemunham a guerra em si, escritos por homens que participaram militarmente da campanha. Como Taunay, para citar um dos clássicos mais populares. (CHIAVENATO, 1979, p. 11).

Fora os autores que dão um testemunho pessoal, porque participaram dos acontecimentos militares, cujos livros são relativamente verdadeiros e importantes para se conhecerem as condições em que se fez a Campanha do Paraguai, pouco há que se salvar. (idem, ibidem, p. 12)

O próprio Visconde sabia da importância de seus livros, principalmente quando abordavam o conflito bélico balizador da história do país. Muitos detalhes seriam desprezados pela historiografia oficial, ou por falta de registros ou, na maioria das vezes, com a intenção de mascarar e minimizar as conseqüências desse desastroso acontecimento da história sul-americana.

Ele, como escritor e participante da Guerra, faz sua pena correr a fim de trazer o cotidiano dos soldados ao dia-a-dia do restante da população brasileira que estava muito longe de tudo o que acontecia nos acampamentos militares. Francisco Alambert (In BETHELL, 1995, p. 83-96) tece uma reflexão sobre “a geração de 1870”, da qual participavam Euclides da Cunha, Machado de Assis e o próprio Taunay, dentre outros, dizendo que são esses homens os responsáveis pela reflexão sobre essa fase de transição na história do país, ou seja, sobre as ambigüidades no processo de reconstrução do nacionalismo a partir da guerra contra o Paraguai.

Nesse ensaio, Alambert afirma que “escritores como Machado eram de fundamental importância para o ‘espírito’ de guerra. Eles literalmente formavam opiniões, eram legitimadores do espírito bélico.” (p. 87-88). E ele ainda afirma que o desempenho da “função social” do escritor nesse período é notável.

Assim, escritores como o Visconde foram capazes de vasculhar sua memória para trazer aos homens de sua geração e de gerações futuras as imagens bélicas vistas e revistas pelo olhar do próprio artista. Daí constatarmos a consciência que ele tinha desse movimento de reflexão e de seleção dos vestígios de uma guerra que literalmente abalou o país.

Portanto, *Narrativas* são um convite para percebermos, através dos “olhos de Taunay”, como se misturam as imagens e as paisagens de um conflito que desestrutura não só a política e a economia do país, mas também o interior daqueles homens combatentes, gerando, dessa forma, verdadeiros conflitos morais.

Talvez tenhamos a mesma sensação do narrador da crônica “Veteranos do Paraguai”, de Monteiro Lobato (1979, p.36), que dizia sentir “folhear” um soldado experiente: “Mas um velho soldado é sempre um livro interessante, rico de incidentes, pitoresco e não-heróico.”

Por isso, Taunay sabia que seus dedos hábeis seriam capazes de driblar o tempo e livrar do esquecimento as imagens de uma guerra que modificara a estrutura da nação:

Nestes dois documentos [o *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros e A Retirada da Laguna*], e em diversas partes das *Histórias Brasileiras e Narrativas Militares*, encontram-se todas as informações, já sistematizadas, já escritas ao correr da pena e do capricho, a respeito daquelas forças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! – livrado do esquecimento. (TAUNAY, *apud* MARETTI, 2006, p. 273).

Não é por menos que Francisco Alambert seleciona duas palavras-chave para se compreender o melhor da obra de Taunay: “experiência e vivência”. São elas responsáveis por permitir que o leitor da época, e também o dos dias atuais, seja capaz de inserir-se nesse “espírito bélico”, a fim de refletir sobre esse importante acontecimento histórico.

Dessa maneira, é sob esse cenário bélico que Taunay compõe as cinco narrativas da sua esquecida obra *Narrativas Militares* (1878). Daí o nosso objetivo de resgatá-las, refletindo, principalmente, sobre os dilemas morais pelos quais passam os diferentes “tipos” de personagens, o hibridismo que conforma cada um dos textos e as descrições, como traço característico de suas obras.

## **Às voltas com os conceitos**

### A questão do hibridismo

Entende-se aqui por *hibridismo* o resultado textual proveniente da mistura de vozes de naturezas diversas em um texto que se propõe narrativo. Os estudos etimológico e semântico do termo mostram que, se primeiramente ele foi utilizado somente em biologia, em seguida passou para a terminologia lingüística. Em certos contextos, ele adquire uma conotação pejorativa, como acontece em suas primeiras ocorrências em crítica literária. Neste contexto, uma *obra híbrida* “participa de gêneros, de estilos diferentes feitos de elementos mal harmonizados, anormalmente reunidos” (MONTREAL, 1988, tradução nossa). Esta crítica do *híbrido* parece ligada a uma valorização da “pureza” dos gêneros, dos estilos ou da língua.

Por outro lado, o uso contemporâneo do termo em crítica literária comporta freqüentemente uma conotação positiva que reflete um gosto moderno pelo heterogêneo, uma rejeição das categorias e da regra clássica da separação dos gêneros. Vários escritores colocam em questão as grandes divisões genéricas da retórica, programando sistematicamente a abolição das fronteiras entre os gêneros. A obra híbrida é digna de interesse porque ela não se conforma a um gênero pré-determinado. Ela permanece, entretanto, nesse sentido, tributária da identificação pelo leitor dos gêneros que ela subverte.

O enunciado híbrido é um procedimento de articulação de discursos diferentes pelo qual o romancista pode criar a polifonia no seio do texto aparentemente unitário de seu romance. Bakhtin (1990, p. 110) designa como *construção híbrida* “o enunciado que,

segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas”.

Este processo de “hibridação” não corresponde à antiga noção da mistura dos gêneros (que tem sua origem no Romantismo), mas a esta troca intertextual e interdiscursiva tensional no interior de um romance que faz com que toda obra autêntica seja polifônica e dialógica.

### Os conflitos morais

As narrativas a serem analisadas fundamentam-se em evidentes conflitos morais suscitados pelas circunstâncias bélicas em que as personagens se vêem imersas. Desse modo, as soluções para os dilemas se valem sempre de transgressões várias da moralidade convencional, impondo uma outra ordem moral. Lucien Arreat nos ajuda a compreender tal circunstância:

la regla de conducta es allí (*no ambiente bélico*) extremadamente difícil de fijar. El individuo puede encontrarse colocado entre dos deberes contradictorios, uno de autoridad y otro de sentimiento; se interrogará, dudará entre el respeto del ciudadano y la rebelión del hombre interior. Surgen entonces conflictos de otro género, *verdaderos conflictos morales*, en los que es preciso decidirse, aunque la voluntad carezca de certeza.<sup>2</sup> (ARREAT, 1903, p. 69-70, os grifos são nossos)

Tais conflitos se colocam invariavelmente nas mesmas bases de um “conflito corneliano”, ou seja, aquele no qual o personagem se vê dividido entre dois valores antagônicos diante dos quais ele *deve* decidir por um deles. A guerra, nesse contexto, gera situações em que tais valores se colocam em choque, determinando a necessidade da escolha.

### **Critérios para o estabelecimento do texto**

Considerando que, até onde sabemos, as narrativas estudadas tiveram uma única edição em livro, a de 1878, é apenas ela a fonte para o estabelecimento do texto. Diante de tal constatação, verificamos a importância de recuperar essa obra tão esquecida do Visconde,

---

<sup>2</sup> A regra de conduta é ali (*no ambiente bélico*) extremamente difícil de fixar. O indivíduo pode se ver entre dois deveres contraditórios, um de autoridade outro de sentimento; interrogar-se-á, oscilará entre o respeito do

procurando manter sempre a integridade e a identidade das *Narrativas*. Assim, procedemos à atualização a partir de alguns critérios que estabelecemos a seguir.

Para a atualização ortográfica, levamos em consideração o processo de evolução da língua portuguesa, desde o final do século XIX até os dias atuais. Tivemos o cuidado de manter todos os grifos feitos pelo autor, ou seja, tudo aquilo que aparece originalmente em itálico para representar as marcas de regionalismo ou ainda para manter algum vocábulo a que ele concede destaque. Associadas a esse recurso tipográfico, estão as notas de rodapé, colocadas pelo autor no final de algumas páginas, as quais também mantivemos, porém, identificando-as por “N.A.”, ou seja, notas do autor. Acrescentamos, mas sem pretender a exaustão, outras notas de rodapé, a fim de facilitar a leitura, já que muitas vezes é usado um vocabulário muito específico.

Dessa forma, para a atualização ortográfica e gramatical, selecionamos e consultamos uma bibliografia básica, ou seja, as versões eletrônicas dos dicionários *Aurélio* e *Houaiss* e as respectivas versões impressas (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1986) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001)), a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001) de Celso Cunha e Lindley Cintra, o *Novo Guia Ortográfico* (1979) de Celso Pedro Luft, o *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* (1974), de R. Magalhães Junior, entre outros. Assim, o procedimento adotado aqui foi o de fazer a atualização dos vocábulos levando em consideração as regras ortográficas e de acentuação estabelecidas a partir das normas atuais vigentes.

Além da atualização ortográfica, corrigimos alguns erros tipográficos evidentes. Para a fluência e a clareza do texto, também fizemos a inclusão ou a retirada de vírgulas, já que, em alguns casos, elas comprometiam claramente o ritmo da leitura. Ao consultarmos um verbete e constatarmos que ele poderia ser escrito de duas formas, sendo, porém, uma delas mais utilizada, preferimos optar por ela.

Quanto ao uso do “y” em termos relativos a espécies animais, decidimos grafar como apresenta o dicionário, ou seja, com a letra “i”: “jataí e manduri”, no lugar de “jatay e mandury”. Ainda esclarecemos que, por não termos encontrado a nomenclatura dada para um determinado inseto mencionado, preferimos deixar como foi encontrado no texto, ou seja, “sangue-sedentos”.

Também percebemos uma oscilação evidente entre parágrafos longos e curtos. Porém, nós os mantivemos para não alterar o estilo do texto, pois esse é quase um traço característico dessa obra do Visconde.

Além disso, uniformizamos o uso do discurso direto, pois não havia uma padronização. Consultando várias obras do mesmo período literário, verificamos que não há um estabelecimento que funcione como regra geral. Por isso, de acordo com Othon M. Garcia, decidimos optar pelo que é mais usado atualmente, ou seja, separar a fala por meio de travessões, “para evitar, como acontece com freqüência, que se confundam as palavras do autor com as da personagem”. (2006, p.162). Ele ainda cita um trecho para exemplificar: “— Obrigado. Não quero fumar — replicou, olhos caídos na mesa e guardando o cigarro que ia levar aos lábios. — Dê-me o problema. Não foi para isso que me chamou?” (p.162).

Procedemos também às correções relacionadas na Errata final do livro (p. 271), já efetuando as alterações ali sugeridas.

Desse modo, tentamos fazer uma breve explicação dos critérios utilizados ao longo da atualização, ressaltando, mais uma vez, o cuidado para manter a idéia original do texto, respeitando a condução que Taunay decidiu dar à sua pena, ao fazer determinadas escolhas, sejam lexicais ou de qualquer outra natureza.

Cabe assinalar também que as referências bibliográficas correspondentes aos trechos das narrativas citados nos capítulos desta dissertação são feitas a partir dos dados da primeira e única edição, não seguindo portanto a paginação da atualização constante em anexo.

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### “Um irmão”: um conto híbrido e bélico

“Razão ainda mais forte que o dever militar a isso o havia levado.” (Visconde de Taunay, “Um irmão”)

A narrativa é composta por 21 capítulos, sendo que o primeiro deles é dedicado longa e exclusivamente à apresentação de um tipo social um tanto idealizado pelo autor: o “Camarada”, o que pode ser comprovado no trecho abaixo:

Um camarada, enérgico e inteligente, traquejado nas labutações da vida do deserto, observador cuidadoso das menores particularidades da natureza, é quem substitui, embora em esfera limitada, as regalias que a comunhão social e civilizada proporciona ao homem nos centros de população. Dele quase unicamente depende esse bem-estar relativo que o viajante pode e busca com a prática conseguir em jornadas tão dilatadas e, senão rodeadas de perigo, cheias pelo menos de canseiras e necessidades, como são as que se fazem pelas vastas terras do interior. (TAUNAY, 1878, p. 9-10<sup>3</sup>)

Sendo assim, logo no primeiro capítulo é possível constatar o caráter inorgânico das narrativas (em sua mescla de gêneros), já que o autor inicia o texto fazendo uma dissertação de cunho sociológico, de maneira a delinear o perfil profissional do “Camarada”, o que é estilisticamente comprovável pelo uso dos verbos no presente do indicativo. A narração propriamente dita – a história de “Um irmão”, contada a partir de verbos no pretérito – só será iniciada, como veremos a seguir, no capítulo VI, quase vinte páginas depois.

Dessa forma, Taunay cria um narrador que se comporta do mesmo modo que em outras de suas obras, como, por exemplo, em *Inocência*, visto que, aqui também, há uma “preparação” do “cenário” no qual acontecerá o enredo pré-anunciado. Em outras palavras, ele parte do que é mais genérico – o “tipo social” do Camarada – até chegar ao mais específico – as personagens da narrativa. Tal traço do narrador criado por Taunay já havia sido descrito por Maria Lídia L. Maretti, nos seguintes termos, a propósito do primeiro capítulo de *Inocência*:

---

<sup>3</sup> Doravante só serão mencionadas as páginas referentes aos trechos citados.

O título do capítulo – "O sertão e o sertanejo" – já introduz, em sua generalidade, essa idéia de composição do cenário. Aqui, Taunay não se movimenta mais do detalhe ao detalhe como nas obras iniciais, mas do geral ao particular: do sertanista enquanto um tipo regional às personagens romanescas singulares, que o vão representar na narrativa que se desenvolve a seguir. Na economia do romance, o capítulo se coloca, apesar de descartável, como as protofonias, as *ouvertures* das grandes óperas, destinadas a introduzir o espectador na atmosfera da obra que é executada a seguir. (2006, p. 236)

Tanto o primeiro capítulo, "O Camarada", das *Narrativas*, quanto "O sertão e o sertanejo", de *Inocência*, são incluídos na primeira parte de um outro livro de Taunay, intitulado *Céus e Terras do Brasil*, de 1882, onde ele faz uma antologia de textos descritivos. Essa primeira parte o Visconde classifica como "Cenas e Tipos", o que comprova a sua preocupação em revelar dimensões de um Brasil ainda desconhecido pela maior parte da população que estava voltada para o que acontecia na capital, ou seja, no Rio de Janeiro.

Portanto, em toda a sua obra é constante o movimento que ele faz de suspensão do relato para descrever "cenas" e "tipos", a fim de compor a imagem do interior de um país "pouco vasculhado" não só nas paisagens, mas também nos habitantes e seus costumes.

Como vimos, o narrador apresenta-nos o personagem principal do texto apenas no capítulo VI, cerca de vinte páginas após o início da narrativa. É ele o camarada Alexandre, um "sertanejo por índole e educação" (p.30), cujo perfil é pouco comum em obras desse mesmo período. É estranho, para os padrões da época, ver como "herói" da narrativa um homem com a cor da pele "chocolate carregado", além de ser mestiço, resultado da mistura de duas raças ainda discriminadas em nossa sociedade. Observemos, então, a descrição física minuciosa que ele faz desse sertanejo:

Era *caburé*, isto é, mestiço de negro com índia e um magnífico tipo do cruzamento destas duas raças.

Alto, bem proporcionado, de musculatura enérgica e elegante, tinha cor de chocolate carregado. Cabelos negros, mais crespos que encarapinhados, olhos grandes e meigos, nariz fino, quase aquilino, boca um tanto rasgada, dentes excelentes e mento acentuado, formavam um todo fisionômico agradável e sobretudo muito característico.(p.30)

O narrador não se detém apenas nos traços físicos; pelo contrário, transmite ao leitor uma visão ampla desse sertanejo que tão bem conhece os "fundos" do Mato Grosso, onde se passa a história. Além de Alexandre, descreve também seu irmão Martinho. Este, "com força de trabalho, robustez e indomável constituição"; aquele, "com seu atilamento e vivacidade de

espírito para de tudo tirar recursos” (p. 31). São eles que conduzem os dois homens escolhidos da Comissão de Engenheiros (o narrador do texto e Lago, conforme capítulo III), para transpor os terríveis pantanais até o rio Aquidauana.

Os dois camaradas eram capazes de, desde reconhecer a presença de homens pelo canto de quero-queros à beira do rio, até decidir se as pisadas deixadas pelo tortuoso caminho eram de indígenas da região. Além de descrever o sertanejo, por várias vezes também cita os índios terena: “índios mansos, amigos, aliados nossos” (p.35), bem como os índios da tribo guaná, que também lhes demonstram uma boa receptividade:

O recebimento que, minutos depois, tivemos na aldeia da Piranhinha foi de verdadeiro entusiasmo. Aqueles nossos amigos, vestidos muitos deles só com sua pele cor de cobre vermelho, pasmavam, embora índios, de nos verem para cá dos pantanais.

Se de seu lado nos olhavam com respeitosa admiração, por nossa parte não menos estranheza nos causavam aqueles grupos de homens, cuja epiderme cor de telha queimada, se não repugna as vistas, pelo menos as impressiona singularmente. Eram com efeito os primeiros índios que víamos assim em liberdade nas matas e sertões do Brasil.(p.36)

A guerra permite a Taunay conhecer esses povos, para, a partir desse contato, relatar seus hábitos e costumes, transformando assim a imagem do indígena que havia sido construída dentro de um ideário romântico. Até mesmo uma de suas preocupações filológicas foi fazer um pequeno vocabulário da língua guaná ou chané, publicado em *Cenas de Viagem* (1923). Não é por menos que Francisco Foot Hardman afirma:

mesmo em Taunay, a filologia e a lingüística (sobretudo a lingüística indígena) despontavam como ciências indiciárias, ocupando posição destacada no rol das disciplinas “arqueológicas”, na qualidade de ramos esclarecedores das histórias natural, universal e nacional. (1992, p.300)

Isso só realça, mais uma vez, a sua experiência do sertão, refletida nos personagens que revelam a nova imagem do Brasil criada a partir da guerra. Além do caráter dissertativo, a narrativa em estudo faz ecoar a voz de um narrador que interrompe os fatos e assume o discurso laudatório ao “serviço de tão elevadas conseqüências” que não fora ainda “devidamente reconhecido e aquilatado pela nação” (p.16), de forma a transmitir um “desabafo de patriotismo”, revelando sentimentos repentinos e “inconvenientes”, de seu interior:

E viam-se pelo acampamento soldados imundos, andrajosos, mendigando... sim, mendigando de seus oficiais alguma roupa com que se cobrirem – alguma coisa que comer!

A disciplina cedia o passo à compaixão, mas, que gente aquela da expedição de Mato Grosso!...

Bastava um mês de abundância, um mês de descanso e alegria, e todas as desgraças há pouco suportadas eram esquecidas, eliminadas do pensamento; retemperava-se a fibra patriótica, e os projetos mais ambiciosos, de mais difícil realização, de pronto nasciam naqueles homens, que a mão da desgraça nunca pôde de todo acurvar e abater.

Honra a esses brasileiros!

Honra aos filhos de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso! (p. 51)

Por outro lado, ele se dirige também ao narratário, uma vez que o convida a imaginar a região onde as cenas acontecem. A perspectiva é, além de nitidamente geográfica, com vários detalhes dos acidentes físicos, conscientemente metaficcional, ou seja, há um movimento metalingüístico e auto-reflexivo apontando para as circunstâncias da enunciação, o que é, aliás, um traço das narrativas pós-modernas (HUTCHEON, 1991). Esse “diálogo” pretendido pelo narrador com o seu leitor sem dúvida acrescenta mais um aspecto no que diz respeito à questão do hibridismo:

Imagine o leitor uma região larga e baixa que se estende desde as margens do Taquari até os campos do Aquidauana, confluyente do Miranda, região de cinquenta léguas em quadro, limitada a Oeste pelo rio Paraguai, a Leste pela serra de Maracajú e que, anualmente, do mês de dezembro a princípios de maio, é em toda a extensão alagada pelo transbordamento do gigantesco caudal e dos seus menores tributários. Então o caminho que a corta, ligando o ponto do Coxim à vila de Miranda, seco e de bom trânsito no tempo frio, desaparece todo, submergido que é pela formidável inundação. (p.17-18)

Além desse diálogo podemos lembrar um outro momento na narrativa em que ele pretende estabelecer essa “conversa” direta com o narratário. Isso se dá quando a comissão designada para chegar ao Aquidauana é surpreendida por uma nuvem de mosquitos e pernilongos, dos quais tenta escapar a noite inteira, subindo em galhos extremos das árvores: “Imagine-se agora a luta para resistirmos ao sono, e ali mesmo, naquele elevado abrigo, nos defendermos dos ousados e malditos insetos?!” (p.26)

Por meio desses dois trechos percebemos a estratégia consciente da qual o narrador se vale para cativar o interlocutor e introduzi-lo de maneira mais profunda nas cenas narradas. Com tal movimento, ele parece inserir o narratário no universo experimentado por ele, pois, desse modo, fica mais fácil imaginar e sentir as dificuldades de ambas as situações. Um outro

trecho merecedor de destaque é o episódio em que o narrador se dirige a uma onça – no capítulo intitulado “Uma onça beneficente” (p. 26-28), elegendo-a como sua interlocutora e louvando-a por ter “deixado” um pedaço de carne dura – “era carne de touro” (p. 28), que ela desprezara. De maneira irônica, o narrador considera-a “um tanto mais civilizada” (p. 28), o que supõe implicitamente uma reflexão de natureza comparativa com os homens, que se consideram tão civilizados mas que, na verdade, não são capazes muitas vezes de dividir o que possuem em situações de penúria:

Sim, abençoada onça!... única na tua espécie! O que, graças a ti, se devorou naquelas horas, o que se devorou durante a noite toda, apesar de teres mais que razão quanto à qualidade da carne, apesar do alvoroço e da sanha das muriçocas, passa os limites da imaginação da tua raça e com tal sofreguidão que o alimento apenas ingerido era logo rejeitado pelo enfraquecido estômago e naquele instante mesmo substituído por pedaços cada vez maiores.

Era de enjoar uma onça um tanto mais civilizada.

Embora!... comia-se... comia-se! (p. 28)

Em contrapartida, são inúmeros os momentos nos quais ele descreve também as situações de penúria durante a Guerra, principalmente no que diz respeito à alimentação. Relata que as forças sofriam enquanto os carros de mantimentos vinham “com o vagar do boi” (p.16) e, além disso, o que lhes chegava não era nenhum “banquete dos deuses”; pelo contrário, era “carne enegrecida que espumava ao fogo” (p.17) e com a qual haviam de se contentar.

Outras vezes tinham de chupar miolo de palmeiras macaúbas “tão visguento e desaçucarado” (p.25), para não desfalecerem pelo caminho. E é a natureza providente quem lhes concede a sobrevivência, como na vez em que 3.000 pessoas foram alimentadas, durante “oito tremendos e intermináveis dias” (p.49), com cocos e jatobás:

Assim como faz com o capítulo dedicado à onça, também consagra o capítulo VIII, “Uma galinha com arroz aparece e desaparece”, como se fosse um parêntesis na narrativa. Tal movimento digressivo é utilizado para relatar uma situação bélica específica, o que o narrador afirma ter experimentado, mesmo ressaltando que talvez a medicina não assinale o fato – trata-se dos momentos de fome e penúria, nos quais o único assunto de conversação é a alimentação, como podemos comprovar no seguinte trecho:

Pensar e falar de contínuo em manjares delicados, em suntuosos banquetes e profusas refeições, é uma das curiosas alucinações daquele que, alquebrado de forças pela fome, sente aos poucos a imaginação ir desvairando. O fenômeno que se dá em sonho, quando dormimos em jejum, reproduz-se com vivaz intensidade em quem, embora acordado, se sinta desfalecer por falta de alimentação. (p.37)

Após discorrer sobre tal fenômeno, relata que Lago havia imaginado uma galinha inteira metida no arroz, e ele, naquela situação de fome, dizia bastar-lhe apenas o cereal cozido simplesmente na água com um pouco de açúcar. Depois desse episódio, quando chegam à Piranhinha, vêem uma grande quantidade de galinhas que lhes trazem à memória o assunto da conversação de outrora. E encerra o capítulo registrando que a canja ingerida lhes fez bastante mal.

Até o momento observamos que esses “parêntesis” presentes no texto sugerem um ritmo de intercalação com a proposta narrativa inicial, de modo que o narrador se aproveita deles para inserir comentários intrusivos. É por meio deles que critica a ineficaz administração militar do período, ao citar, por exemplo, a má alimentação nos acampamentos.

Mas surgem outras críticas ferrenhas ao sistema militar do período, principalmente quando são escolhidos os dois homens que deveriam explorar o caminho até o rio Aquidauana, onde talvez estivesse o inimigo. Diante da designação, surge não só a voz de alguém que foi destinado para a missão, mas a voz de um cidadão já indignado com os deveres e exigências militares, cuja crítica fica ainda mais acentuada pela enumeração de questões exaustivamente perfiladas:

Pois era possível, naquele tempo de chuvas diárias, no rigor da quadra das águas, expor assim dois homens, dois oficiais, atirá-los para a frente da coluna, a esmo, sem rumo, quando havia ignorância total da posição, dos recursos e vigilância dos paraguaios? E aquele pantanal medonho, abismo de vasa, imenso lodaçal nunca revolvido? E aquela serra bravia, ínvia, como transpô-la, como estudá-la, sem guia, sem rota? Com que víveres far-se-ia uma exploração de 50 léguas? Onde os animais, quando a peste os aniquilara todos? Que força de proteção para acompanhar os infelizes exploradores? (p.19)

E logo em seguida encontra a resposta para as perguntas transcritas acima, ou seja, o dever rigoroso deve sempre ser obedecido – “era a disciplina militar com suas inquebrantáveis exigências” (p.20) –, assunto sobre o qual trataremos mais adiante. Assim,

essa voz intrusiva de um narrador que se revolta contra tais imperiosas ordens e instruções é freqüente no decorrer do texto. Ele critica a tarefa atribuída à Comissão de Engenheiros de escolher dois responsáveis (com alguns outros ajudantes, dentre eles os camaradas) por achar passagem em lugares aparentemente intransponíveis. E para a realização de tal tarefa, ele vai descrever minuciosamente o longo caminho de sofrimento que são obrigados a trilhar. Além do itinerário desconhecido, também têm de enfrentar os obstáculos naturais, constantes e traiçoeiros: “(...) caímos no pantanal; perdemo-nos em breve, e patinando dias inteiros no lodo ou dentro de água (...) caminhamos durante quase três semanas à toa, sem rumo, desanimados e sem esperança de salvação.” (p.25)

Mesmo esses escolhidos desbravando o percurso desconhecido e facilitando o caminho para a força que viria atrás, esta é surpreendida por outras desgraças imprevisíveis. Seguindo os passos dos designados, as pessoas que compõem a força (inclusive mulheres e crianças) são surpreendidas por alguns obstáculos advindos da própria natureza e de uma administração que possuía poucas estratégias de conquista, já que ignorava até o próprio lugar em que pisavam. Passaram por chuvas torrenciais que os colocaram presos, uma vez que as águas subiam e os pantanais conseqüentemente também. Por tal motivo, como tão bem explicita o narrador, “o que ali sofreram de fome, desespero, prostração, ansiedade, moléstias e terror não pode ser imaginado” (p.49). Na tentativa de avançar, mais uma vez, mais de uma centena de vítimas são devoradas pelo lodaçal, no qual ficaram atoladas até o pescoço sem de lá poderem sair.

Além do mais, talvez o pior dos males fosse o cólera-morbo, que derrubou outras centenas de pessoas que ficaram pelo caminho, sem nenhuma assistência. Por isso ressurgiu a voz intrusiva do narrador contra a má administração militar: “Que violência! Que sofrer desesperador! E onde os remédios?! Onde os lenitivos para tamanhas dores?!” (p.66).

A situação era desesperadora por verem aumentar o pesado fardo, sem que surgisse qualquer solução a não ser levar aquela “carga”:

Atopetados de doentes, agonizantes e mortos iam os carros de artilharia; a cada instante caía gente atacada; não havia mais como levá-la, e entretanto para cima de cem padiolas formavam uma lúgubre procissão que marchava ao som do tiroteio, dos gemidos e lamentações. (p.66)

Assim sendo, veremos que o discurso assumido pelo narrador, como alguém que critica as péssimas condições sob as quais estavam submetidas as tropas que lutavam na

Guerra contra o Paraguai, vai ao encontro daquilo que Ricardo Salles (1990) denuncia nas importantes páginas que escreveu sobre a formação do exército brasileiro. O historiador também fala de uma administração militar ineficaz, e até mesmo corrupta, já que por falta de estratégia deixou sucumbir uma enorme quantidade de combatentes. Ele relata que os soldados tinham de combater muitas vezes praticamente nus, sem armamentos e abrigados, quando isso acontecia, em precárias barracas, em terreno plano, sujeito a inundações pelas chuvas fortes que sempre vinham.

Portanto, diante de todos esses recortes que o narrador faz, sem necessariamente iniciar o assunto a ser propriamente tratado na narrativa, observamos os detalhes que ele tenta resgatar, e como se perde neles (ou deixa-se perder) sem necessariamente partir para o conflito que gera a “história principal”.

Daí Afrânio Coutinho afirmar que Taunay sabe conduzir bem a intriga e movimentar personagens, mas que quase sempre se perde nas descrições da Natureza ou nas anotações de costumes, o que manifesta sua excessiva preocupação de fidelidade (2002).

Assim, essa mistura de gêneros, bem como o modo como a narrativa se configura, de maneira “entrecortada” e quase errática, parecem causar um certo estranhamento em alguns leitores. Trata-se, talvez, da “esquisitice” apontada por Stalloni (2001, p. 179) como característica de algumas obras-primas da modernidade. Os adjetivos “entrecortada” e “errática” encontram novamente seu fundamento quando se verifica que o narrador começa a narrativa anunciada no título somente no capítulo VI (p. 28):

Dera esta grata notícia [*a de que não estavam mais perdidos*] um homem que nos havia prestado, como camarada, durante os dias angustiosos daquela custosa exploração os mais assinalados serviços (...) Chamava-se Alexandre de Campos Leite, sertanejo por índole e educação, mas soldado do corpo de cavalaria de Mato Grosso (...) É que nessas forças servia também um irmão, seu irmão mais velho Martinho, que, depois de debandado o corpo da cavalaria, por circunstâncias talvez alheias a sua vontade, acompanhara o comandante e a bandeira até Santana do Paranaíba, na fronteira do Mato Grosso, seguindo dali para Uberaba, onde se reunira à coluna expedicionária que marchava em direção ao norte do distrito de Miranda.

Pela primeira vez se achavam aqueles dois homens separados. (p.29-31)

Porém, se no capítulo VI inicia o assunto anunciado no título, mais uma vez ele acaba enveredando pelos caminhos digressivos, voltando aos irmãos só no capítulo XIII, cujo título é “Reaparecem os irmãos Campos Leite”. Há momentos em que o autor “coincide” com o narrador, já que, em primeira pessoa, menciona outras obras escritas por ele, as quais contêm

assuntos similares. É o caso do que se constata nos trechos a seguir, numa espécie de “intertextualidade explícita”:

Encetava-se então essa *anábase* gloriosa e lúgubre que em outro estilo, em condições e circunstâncias diferentes, deixei já narrada e que, sob o título de *Retirada da Laguna*, será pela história registrada entre os feitos de coragem e resignação que honram a humanidade. (p. 59)

Começou então para nós um período de padecimentos que descrevi minuciosamente num livro [*que é identificado em nota de rodapé como Cenas de Viagem – exploração entre os rios Taquari e Aquidauana, no distrito de Miranda. Rio de Janeiro, 1868*], e que, justificando as temerosas previsões do nosso conselho do Coxim, toma hoje, apagado em parte pelos anos, certos visos de inverossimilhança. (p. 24-25)

Tal atribuição de inverossimilhança talvez seja devida ao fato de uma afirmação deste tipo ter representado, posteriormente à publicação de *Cenas de viagem* (exatos dez anos depois), uma afronta a uma instituição que se queria “preservada” já que, de alguma forma, representa a nação. Nesse sentido, podemos lembrar a suposição feita por Jean Soubelin na introdução da publicação de 1995, em francês, do livro *A Retirada da Laguna*, nos seguintes termos:

Ora, Taunay provou em seus outros livros que manejava o português do Brasil com elegância. Por que então ter escolhido uma língua que ele não dominava tão bem?

As peripécias da publicação nos dão uma pista. No fim de 1867, de retorno ao Rio, ele financia a publicação da narração de um reconhecimento de um mês feito no ano anterior nos pantanais de Mato Grosso: um relato de viagem, ilustrado com numerosos desenhos, alguns dos quais serão utilizados por Elisée Reclus. Este pequeno texto, escrito em português, não tem nenhum sucesso. Por insistência de seu pai, redige então, em três semanas, *A Retirada da Laguna*. Ele publica os cinco primeiros capítulos e os dedica ao Imperador. Por que em francês e por que esta edição truncada? (A tradução para o português completa não aparecerá senão dois anos depois do fim das hostilidades).

Pode-se pensar em uma hipótese: a guerra estava longe de terminar e, tendo em vista o militarismo reinante, o jovem oficial julgou prudente limitar o círculo de seus leitores a uma pequena elite civil e francófona, principalmente ao Imperador (que detestava os militares) e ao Conde d’Eu, que andava com intrigas para se fazer nomear Comandante em chefe.

A precaução, aliás, foi inútil. Desde a sua volta, Taunay tinha publicado na imprensa um longo resumo da *Retirada*. O artigo, muito citado, tinha sido comentado na Câmara. Com a ênfase do tempo, um deputado evocou um novo Plutarco. Mas era um deputado da oposição liberal. Quanto aos militares, olhavam torto para isso. O ministério da guerra recusou subvencionar o relato de viagem e, apesar de todos os títulos que podia

fazer valer, o jovem lugar-tenente teve que esperar por muito tempo sua promoção a capitão. Ele protestou toda a sua vida contra esta injustiça e acabou por abandonar o exército cinco anos mais tarde.” (SOUBLIN, 1995, p. 14-15, tradução de Maria Lídia L. Marette)

Se ele cita *Cenas de viagem e Retirada da Laguna*, textos anteriormente publicados e já conhecidos do público, é justamente porque sabe que “é apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância.” (HUTCHEON, 1991, p. 166).

E já aqui contemplamos um dos momentos de digressão onde se manifestam os projetos pessoais do escritor Taunay que, no caso acima, se confunde com o narrador. Além desse, ele coloca em nota de rodapé (p.15) um outro projeto que, segundo o que se sabe, não foi concretizado. Ele afirma que será assunto de uma narrativa contar como o corpo de artilharia do Amazonas foi parar em Mato Grosso e o destino que teve. Seria interessante pensar em como se daria isso, até mesmo porque, na bibliografia consultada, não se fala em tropas amazonenses.

Ao comentar seu livro *Retirada*, ele diz que seu plano era vasto: “salvar da niilificação do esquecimento atos de heroísmo praticados por brasileiros”; já quando inicia a história propriamente anunciada de “Um Irmão”, lança sua proposta, ou seja, apresentar àqueles que o lêem, “e poucos serão sem dúvida”, um episódio “verídico em todas as suas partes, mas sem pretensão histórica, antes desataviada narrativa.”(p.59).

É interessante perceber como Taunay tinha claros os objetivos de seus projetos literários e tinha consciência de quais seriam lidos por um público maior. Ao discorrer sobre *Narrativas* em suas *Memórias* e sobre alguns outros livros que tratam do mesmo assunto, ele afirma, neste trecho já citado anteriormente, que nesses livros

encontram-se todas as informações, já sistematizadas, já escritas ao correr da pena e do capricho, a respeito daquelas forças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! – livrado do esquecimento. (TAUNAY, 1960)

Dessa forma, o que foi registrado – ou o que era projetado para sê-lo – tem um objetivo claro, ou seja, registrar o cotidiano desses combatentes que derramaram sangue por uma causa cujo alcance muitas vezes lhes era desconhecido. Daí a necessidade de abrangência e a justificativa da digressão para inserir comentários e reflexões sobre aquilo que ele consegue resgatar de sua memória.

Uma outra voz que aparece no texto é a do político que se insurge explicitamente contra os burocratas de gabinete, a fim de questionar a alusão à morosidade da coluna expedicionária em meio aos terrenos pantanosos. O fragmento abaixo denuncia tal tomada de partido do narrador:

Mas como, senhores do gabinete, cujos olhos se prendem unicamente às enganosas facilidades da contemplação de um bonito e bem colorido mapa geográfico, como mover uma força pelo deserto adentro, sem municiamento de boca, sem linhas de abastecimento, sem depósitos à retaguarda?! Como metê-la em pantanais de dar medo numa época de chuvas constantes e torrenciais?! Como romper através de obstáculos quase insuperáveis, até para o homem escoteiro, por muitas e muitas dezenas de léguas?! (p.17)

E esse trecho poderíamos considerar como parte dos inúmeros discursos que Taunay pronunciou em vários momentos e circunstâncias de sua vida, principalmente quando se indispunha com decisões tomadas pelo partido que representava. Tal voz de “político engajado” aparece em outros momentos das *Narrativas*, por não aceitar que “os generais e politicões” de Cuiabá e do Rio de Janeiro cobrassem rapidez e agilidade da coluna, sem lhes dar o mínimo de recursos para que isso acontecesse de fato.

Uma outra característica marcante dos textos de Taunay é a sensibilidade com que conduz sua pena ao descrever as paisagens do interior do país, com as quais se depara enquanto participa da Guerra. Se, como vimos, ele tão bem descreve os obstáculos pelos quais os combatentes tiveram de passar, é com o mesmo olhar observador que parece flagrar o instante mágico da natureza como pano de fundo de tudo o que acontecia.

Aqui cabe o comentário de Jean-François de Sainte-Lambert (1716-1803) sobre o contraste que deve ser usado nas descrições para agradar o leitor. É o que acontece nesse texto, pois, após descrever o lado obscuro da guerra, sempre o intercala com as belíssimas paisagens do interior do país:

Il faut ménager des contrastes; ils feront un plaisir extrême s'ils sont bien placés. Peignez des eaux, une forêt fraîche et sombre, après avoir peint l'excès de la chaleur; le Lecteur vous suivra volontiers sous vos ombrages; il sera charmé de se dérober avec vous au feu du soleil brûlant et à l'aridité de la terre. Vos contrastes plairont lorsqu'ils donneront au Lecteur un sentiment nouveau, une sensation nouvelle dans le moment où il les demandait.<sup>4</sup> (Apud HAMON, 1991, p. 70)

---

<sup>4</sup> É preciso lidar bem com os contrastes; eles darão um prazer extremo se forem bem colocados. Descreva águas, uma floresta fresca e sombria, depois de ter pintado o excesso de calor; com prazer, o Leitor o seguirá sob sua

Desse modo, ele faz valer a veia artística herdada de seu avô, que era pintor, e as aulas de artes recebidas de seu pai, tornando nítido o traço “*viajante-com-olhos-de-pintor*” (MARETTI, 2006, p.86) do narrador, que parece compor telas ora sobre os terrores da guerra ora sobre as deslumbrantes paisagens. Ele mesmo afirma a atenção dispensada sobre esses aspectos naturais:

Com a educação artística que recebera de meu pai, acostumado desde pequeno a vê-lo extasiar-se diante dos esplendores da natureza brasileira, era eu o único dos companheiros, e portanto de toda força expedicionária, que ia olhando para os encantos dos grandes quadros naturais e lhes dando o devido apreço. (TAUNAY, 1960, p. 131)

Porém, essa natureza diante da qual ele vibra é a mesma que causará tantas desgraças para os combatentes. Daí podermos afirmar as duas perspectivas que ele tem sobre um mesmo espetáculo natural, pois, como afirma Antonio Candido, “A paisagem deixou de ser, para ele, um espetáculo: integrou-se na sua mais vivida experiência de homem” (1975, p. 276).

E é justamente esse “sentimento de paisagem”, sobre o qual fala Sílvio Romero, que conduzia Taunay em certo sentido além de Machado e Alencar. Uma paisagem, como ressalta Francisco Alambert, “em que a Guerra e as misérias humanas se confundem e combinam com o lado obscuro e desconhecido da Natureza e com a natureza básica dos homens, primitivos, selvagens e guerreiros.” (1995, p.90).

O que muitos faziam com o pincel, nosso exímio escritor fazia com a pena. O modo como constrói seu texto é tão bem manejado, podendo ser comparado com o procedimento tomado pelo pintor ao escolher as cores para compor sua tela. No trecho abaixo, percebemos a escolha lexical que ele faz para nos transmitir o que os seus “olhos de pintor” eram capazes de contemplar. Vale destacar o uso que faz das cores, através dos vocábulos “verdura”, “branco” e “negra”:

Paisagens lindíssimas, umas dilatadas, outras mais restritas, nos esclarecia a meiga luz de serena tarde; ora quebradas de montanhas que deixavam os olhos prolongar-se por sobre ricos dosséis de verdura, pelos declives além; ora cristalinas águas que, escapando de entre grossos matacões, se despenhavam aqui, ali, borbulhantes cascatas riscando de branco a negra pedra, sumindo-se em escuras fendas ou sem mais ruído caindo de imensa altura, como se devoradas pelo abismo. (p. 39-40)

---

sombra; ele ficará encantado por poder esquivar-se com você do calor do sol escaldante e da aridez da terra. Seus contrastes agradarão enquanto derem ao Leitor um sentimento novo, uma sensação nova, no momento em que ele pedir. (tradução nossa)

Assim, percebemos como o escritor utiliza determinados mecanismos lingüísticos para aproximar sua descrição de uma tela elaborada a partir de algumas técnicas específicas da pintura. Paule Richard fala de um “modo de escritura pictural”, ao afirmar que

La peinture de paysage propose à la littérature au début du XIX<sup>e</sup> siècle, le modèle d'un langage de la nature. “Écrire comme on peindrait la nature” pourrait être le mot d'ordre qui préside à l'invention d'un nouveau mode d'écriture chez les plus “romantiques” de nos écrivains.<sup>5</sup> (RICHARD, 1988, p. 141)

E ao longo do texto podemos constatar essa “linguagem pictural” nas descrições de paisagens feitas por Taunay. No último trecho transcrito, por exemplo, observamos o ritmo que ele confere ao seu texto, como se fossem pinceladas, ao utilizar alguns advérbios como “aqui” e “ali”, ou ainda pelos verbos que indicam esse movimento: “riscar”, “despenhar” e “cair”. Também destacamos sua sensibilidade ao captar a “meiguice” da luz que se projeta com mais intensidade para determinados pontos da “tela” e destaca, dessa forma, as cores trabalhadas por ele, ou seja, o branco das cascatas em contraste com as negras pedras, bem como a predominância da cor verde, com suas nuances, representada no texto pelo vocábulo “verdura”. E todo esse espetáculo da natureza é cuidadosamente “enquadrado” pelo escritor, principalmente por trabalhar com a oposição entre as palavras “dilatadas” e “restritas”. Nesse sentido, um dos recursos apontados por Paule Richard é o uso das metáforas, o que ele faz ao descrever os “ricos dosséis de verdura”, pois deseja nos transmitir essa imagem de cobertura protetora dada pela copa das árvores, sendo que ele conclui a descrição com a comparação de efeito grandiloqüente do trecho “como se devoradas pelo abismo.”

Outro aspecto característico das artes plásticas é a questão da perspectiva, também explorada por Taunay em suas extensas descrições. No capítulo X, por exemplo, que se dedica a descrever longa e exclusivamente as belezas do rio Aquidauana, ele afirma existirem “perspectivas de uma novidade de aspecto encantadora” (p.43). E desse modo conduz à constituição de diferentes painéis a partir de uma mesma paisagem.

A primeira tela, se assim podemos chamá-la, parece captar o momento em que a Natureza adquire um ritmo mais cadenciado, retratando, dessa maneira, seu aspecto

---

<sup>5</sup> A pintura de paisagem propõe à literatura, no começo do século XIX, o modelo de uma linguagem da natureza. “Escrever como se pintasse a natureza” poderia ser a palavra de ordem que preside à invenção de um novo modo de escritura nos mais “românticos” de nossos escritores. (tradução nossa)

momentâneo. É o que podemos comprovar em alguns trechos retirados desse capítulo, na alternância do “ora (...) ora” e na enumeração dos elementos que compõem o cenário:

Ora a brisa geme na delicada folhagem dos taquaruçus e brinca sobre as águas; ora é o vento que, vergando os flexíveis colmos, aviva aquela cena com harmonias mais grandiosas. (p.43)

Então no alto da escarpada borda estremeciam as árvores aos embates de forte sopro: as flexuosas canas enroscavam-se umas nas outras; emaranhavam-se; torciam-se frementes, levando às vezes os topos às copas das macaúbas, outras abatendo-os ao chão. (p.43)

Perturbado em sua serenidade, de quando em quando refletia o lago o sombrio das nuvens que orlavam o azul celeste das abertas por onde o sol estirava raios destacados e de brilho ofuscador. (p.43-44)

Aqui a proximidade com a poesia é flagrante nas aliterações que se percebem no [v] do primeiro trecho (em “vento”, “vergando” e “aviva”), no [f] do segundo (em “forte”, “flexuosas” e “frementes”) e no [l] do terceiro (em “refletia”, “lago”, “orlavam” e “celeste”), entre outras ocorrências de extração poética, como as sibilantes e as assonâncias.

Em contrapartida, na segunda tela, agora sob uma outra perspectiva, ele descreve o mesmo lugar, porém, em um outro momento apreendido pelos olhos do escritor-pintor. Aqui, a Natureza tranqüila parece corresponder aos sentimentos daqueles homens que finalmente haviam alcançado o sossego depois de tantas tribulações. É por isso que o narrador afirma descrever a mesma bacia “debaixo de um novo aspecto” (p.44), no qual o fonema [m] (representando o mutismo?) se contrapõe às ocorrências anteriores.

Se na primeira “tela” observamos o movimento advindo da predominância do vento na paisagem, na segunda, o destaque é para a luz e para as cores, sendo que a ausência de movimento – o mutismo – é o que ganha relevo:

Tudo era calma, tudo silêncio: as águas não se moviam; as árvores não se mexiam.

Luz deslumbrante penetrava tudo; calor abrasador abatia e enervava as forças.

Iluminada em seus mais sombrios recantos, não tinha a mataria mistérios; no lago as areias reluziam como que em imensa taça de esmeraldina linfa, que cardumes de dourados e prateados peixes – símbolo do mutismo – cortavam dum lado e doutro. (p.44)

Portanto, podemos caracterizar esse movimento do narrador como um movimento *à la* Monet, pois nos traz à memória algumas técnicas utilizadas pelo pintor impressionista. Como se sabe, o impressionismo foi um movimento artístico que revolucionou profundamente a pintura e deu início às grandes tendências da arte do século XX, tendo como uma de suas características a preocupação em captar o instante da apreensão visual do objeto. Assim, o artista francês pinta várias vezes a mesma paisagem, em diferentes horas do dia e diferentes épocas do ano. Em seguida, temos o exemplo de três quadros nos quais se vêem os prédios do parlamento inglês, em diferentes momentos, o que pode ser observado pelas cores e pela posição do sol:



(Claude Monet, *Le Parlement*)

Além da tentativa de compor “telas” com a pena, ele também descreve e desenha algumas paisagens. Uma delas, citada em “Um Irmão”, é o Portão de Roma: “De vez em quando víamos uma ou outra bonita perspectiva: o portão de Roma, por exemplo, grandiosa aberta numa linha de montanhas já bastante empinadas (...).” (p. 24). Com o mesmo lápis que descreveu tal paisagem também desenhou essa beleza natural. Por tal motivo Antonio Candido afirma: “Viajava de lápis na mão, registrando as cenas de viagem em desenhos de ‘ingênuo paisagista’, como se qualifica.” (1975, p.275).

Tanto herdara a sensibilidade artística quanto a musical, como ele mesmo relata em suas *Memórias*: “(...) minha mãe nos guiava no ensino do piano” (TAUNAY, 1960, p. 19). Por isso seus ouvidos eram atentos para captar e organizar, como numa orquestra, os sons emitidos pela natureza: “Tudo aquilo gritava, tudo aquilo piava, unindo mil vozes diversas, produzindo mil sons diferentes que, combinados, davam ao quadro a animação e vida só próprias dos painéis saídos das mãos do Supremo Artista” (p. 44).

Outra referência importante que faz é à mitologia, exatamente após transcorrerem enormes dificuldades na viagem empreendida. Ele fala da incerteza do que poderiam

encontrar pelo caminho, das chuvas torrenciais e dos pantanais que tinham de atravessar, por isso “tudo era triste” (p.34), formando um “compacto e melancólico grupo” que experimentava a cada dia “inquietação e tristura”. Assim, o cenário torna-se escuro, pesado e melancólico, o que é representado alegoricamente pelo aparecimento de uma coruja:

Depois de uma hora talvez dessa cruel expectativa, em que o peito se nos apertava de inquietação e tristura, ouvimos um grito prolongado de agonia... e depois uma gargalhada estridente.

E um corujão dos pantanais passou por cima de nossas cabeças.

Acredito que naquele instante todos sentiram frio na medula dos ossos. (p. 34)

Se por um lado essa alegoria evoca um certo pensamento supersticioso, mensageira de mau agouro, alguns parágrafos adiante, para dissolver a imagem da terrível noite, surge o raiar da aurora como consoladora compensação. E agora, para representar momento tão especial, é usada a figura mitológica de Eos: “Os róseos e decantados dedos de Eos de par em par abriram as portas à esperança agora fundada, agora quase certa, de vermos terminados os trabalhos da nossa terrível comissão.” (p.35)

Essa deusa grega personifica o amanhecer e normalmente é citada como de longos cabelos louros e unhas tingidas de rosa com uma carruagem puxada por cavalos alados, encarregada de abrir o dia tingindo o céu com seus róseos dedos. Desse modo, as figuras da coruja e de Eos são oportunas para pintar os terrores e os alívios que surgem no espírito daqueles que se dispõem a lutar pela pátria.

O gênero poético também é verificado nesta narrativa, sobretudo na descrição do espaço, ou seja, em tudo o que diz respeito à natureza. Não só no livro em estudo, como em outros (em *Inocência*, por exemplo), é poética a maneira pela qual o autor descreve acontecimentos da natureza, até mesmo os mais banais. As palavras são combinadas como em uma partitura, de modo a compor um certo ritmo, uma certa melodia nos parágrafos construídos, que se valem de recursos tais como a aliteração, a assonância, a rima, etc. No caso de *Narrativas*, isso é percebido na descrição de alguns lugares dotados de belezas naturais:

Centenas de pássaros esvoaçavam; uns tocados pelo vento com as asas meio encolhidas; outros cortando com vôo firme os revoltos ares. Brincavam muitas marrequinhas n'água, sobre a qual velozes deslizavam-se brancas garças, ao passo que lontras faziam reluzir ao sol o lustroso pêlo, mergulhando de contínuo e nadando com ligeireza. (p. 44)

Nesse trecho, por exemplo, é evidente a aliteração do [v] nos vocábulos: “esvoaçavam, vento, vôo, revoltosos”, como se transmitisse o ruído do “bater das asas” dos pássaros, pois o [v] também remete ao som do vento. Da mesma forma acontece com o fonema [z], o que pode ser comprovado pela seguinte escolha lexical: “velozes, deslizavam, faziam, reluzir, lustroso, ligeireza”. Aqui, esse recurso pode também ser associado à idéia de “movimento deslizante” dos outros animais citados sobre a água, proporcionando um ritmo mais acelerado à descrição. Portanto, os recursos poéticos são empregados de maneira a conferir ao texto um efeito de animação, a fim de não transmitir uma paisagem estática.

Os mesmos recursos poéticos são acionados na descrição de desastres ecológicos, como na de um temporal que passou pela tropa e destruiu quase tudo, numa manifestação de sensibilidade pictórica que enfatiza formas, volumes e cores:

Expandindo-se e ganhando espaço, quais temerosas falanges a se prepararem para a luta, não tardou que por trás delas [*das nuvens*] se ocultasse o sol, cuja luz radiosa fimbriava de cores rutilantes as bordas recortadas daquele monstruoso véu.

Contraste grandioso! Ao oriente, o azul puríssimo, esse azul que deixa o olhar como que perscrutar o infinito; ao ocidente uma cordilheira negrejante de contornos arredondados, que se erguia, empolava, bojava com sinistra lentidão, a ocupar toda a abóbada celeste. (p. 55)

Aqui, o narrador anuncia a aproximação dessa tempestade a partir de uma metáfora muito interessante: as nuvens aproximam-se como “falanges a se prepararem para a luta”, lembrando, portanto, um movimento militar. Dessa maneira, pela descrição feita por Taunay, a natureza parece sentir o que acontecia ali, refletindo, então, os sentimentos daquele agrupamento.

Na realidade, o Visconde parece compor um quadro a partir da combinação de cores que vai desde o “azul puríssimo” até o “negrejante”, bem como os “contornos arredondados”, ou ainda, definindo uma espécie de “moldura” produzida pelo efeito do sol atrás das nuvens, pois a luz resplandecente “fimbriava de cores rutilantes as bordas recortadas daquele monstruoso véu”.

A poeticidade também se manifesta em alguns outros momentos, além dos descritivos, nos quais o narrador aponta em detalhe, enumerando-os, os elementos da solenidade apontada no primeiro parágrafo:

Os momentos são solenes.

O hino nacional que retumba como voz ingente da pátria; as bandeiras desfraldadas, os tambores e cornetas que ferem os ares com agudo estrugido; a pólvora que embriaga; o exemplo dos companheiros; o orgulho em sentir no peito coragem, quando a vida depende de um pedacinho de chumbo e milhares deles voam por todos os lados, tudo forma um conjunto que de modo indelével impressiona a quem entra pela primeira vez em fogo e recebe o batismo de sangue. (p. 63)

O que se percebe neste trecho é a acumulação de frases que mais parecem versos, culminando na abrangência de um “conjunto” que caracteriza o “batismo de sangue” iniciático da guerra. Os verbos empregados no presente do indicativo demonstram que não se trata de uma narração; pelo contrário, há uma “presentificação” do momento iniciático, aproximando-o do leitor. Além disso, a seqüenciação das frases imprime ao texto um ritmo denso e fragmentado que traz como efeito a mesma impressão de “quem entra pela primeira vez em fogo”.

Todos os vários gêneros que se misturam garantem o caráter híbrido do texto e a inserção de aspectos gerais da guerra como pano de fundo para a narrativa da “história” a ser contada. O autor cria uma expectativa através de seus “recortes” até chegar à história propriamente dita, que conteria finalmente aspectos genéricos do conto, como a brevidade. Benedetto Croce afirma o seguinte sobre essa questão: “Toda autêntica obra-prima viola a lei de um gênero constituído e, assim, semeia a desordem no espírito dos críticos, imediatamente impelidos, assim, a ampliarem a noção de gênero.” (CROCE, *apud* STALLONI, 2001, p. 177)

### **A guerra como pano de fundo**

A construção do cenário bélico é primordial não somente para contextualizar a narrativa, mas também para inserir o leitor em um ambiente com o objetivo de prepará-lo para o conflito moral presente na história.

Um dos primeiros aspectos explorados pelo narrador, como já citamos em outro momento, é a obediência cega que rege todos os princípios militares:

A todas as interrogações contrapunha-se inflexível resposta: era a urgência de cumprir as determinações do comandante em chefe; era a disciplina militar com todas as suas inquebrantáveis exigências. Manda quem pode, obedece quem deve, diz o soldado, e esta regra é a base, a força de um exército. (p.20)

Ricardo Salles (1990) afirma que no Exército havia uma preocupação grande em cumprir normas e um dos critérios mais salientados era o da bravura. Não é por menos que a citação “manda quem pode, obedece quem deve” vem da boca de um soldado, o que mais sentia a questão do dever como força que movimenta os fundamentos militares. Aliás, o historiador salienta alguns princípios que conduziam os combatentes, ou seja, “a nobreza de espírito, o desprendimento moral, o culto à bravura e a dedicação à Pátria” (p. 133). E a exaltação da bravura tendia ainda fortemente à valorização da coragem com honra e tradição.

Em contrapartida, o narrador agora inicia realmente a narrativa anunciada no começo, quando descreveu o camarada-tipo, justamente para especificar a cumplicidade que havia entre os dois irmãos, alçados à categoria de camaradas-personagens: Alexandre e Martinho Campos Leite.

Também logo que Alexandre, por um índio que fora ter ao Coxim, soube da chegada do irmão, sopitou o desejo de continuar a viver livre e independente na qualidade de extraviado e, reunindo quatro ou cinco companheiros nas suas condições, veio espontaneamente oferecer o corpo ao jugo da disciplina e tomar novamente lugar na fileira ao lado do querido Martinho. (p. 31)

Como de costume, caminhava Alexandre na frente, Martinho logo atrás. (p.33)

Vale ressaltar que Alexandre havia se ocultado entre os índios terena, após a dissolução do corpo a que pertencia. E decidiu apresentar-se às forças brasileiras então acampadas no Coxim por “razão ainda mais forte que o dever militar”, como justifica o narrador. E aqui ele já aponta características importantes para o desfecho da obra.

Ao longo da narrativa, após elencar as muitas dificuldades enfrentadas por quem já lutou em uma guerra, como por exemplo a cena de um paraguaio ferido, o autor narra também um dilema enfrentado pelo coronel Camisão, então responsável pela companhia: abandonar ou continuar com a pesada e numerosa “carga” que sofria a cada passo que a coluna avançava. Após refletir durante uma noite inteira, decide abandonar o fardo que impedia o avanço da caminhada. Mais de duzentos homens são deixados numa clareira, para, após alguns segundos, serem espingardeados pelos paraguaios. O narrador, como também o faz na *Retirada da Laguna*, descreve minuciosamente o sofrimento angustiante desses “pesados” coléricos: “O que se ouviu então, o que todos nós ouvimos de gritos, imprecações,

gemidos, uivos, brados de agonia, de compaixão, clamores sem nome, sem conta, sem fim, o que ouvimos, arrepiava as carnes, fazia sangrar os corações.” (p.69).

Também é interessante notar, nessas últimas páginas da narrativa, o modo como ele trabalha o aspecto descritivo sob diferentes perspectivas. O narrador é capaz de nos transmitir um mesmo acontecimento pelos olhos de alguém que combate e pelos olhos de um ferido que já vislumbra a morte.

Inicialmente fala dos momentos solenes de luta, cujo cenário é um céu iluminado “de súbitos fulgores e que de lá vem baixando a glória” (p. 63). Em seguida, classifica o momento como tristes ilusões, principalmente para o ferido, “pobre dele!” (p.64).

E a transformação brusca do cenário, segundo o olhar do narrador que é capaz de ver com os “olhos” do ferido, se comprova pelo trecho a seguir: “Então aquele céu que, para o combatente rutila e deslumbra, para ele, infeliz, que se esvai em sangue, é o tenebroso fundo em que se destacam os vultos queridos de uma esposa, uma mãe ou chorosos filhinhos.” (p. 64).

Da mesma forma acontece com a música, já que “os hinos ferozes e guerreiros” tocados nos acampamentos transformam-se, para aqueles que padecem, em “canção ou prece que aprendera em criança e que repete dentro da alma: último eco do lar a que não voltará mais” (p.64).

Assim, além de “tomar emprestados” os olhos desses desventurados, também empresta deles os ouvidos, a fim de nos transmitir os momentos finais de suas vidas.

A “história principal” acontece nas últimas páginas da narrativa, nas quais o narrador conta como Martinho foi ferido e alude à fidelidade de seu irmão Alexandre, que o acompanhava:

Alexandre só teve tempo de suspender nos braços o irmão e embrenhar-se no mato, curvado ao peso daquele corpo querido.  
— Água! Água! — bradava Martinho. — Dê-me água e salve-se você.  
Ali perto felizmente lantejava um lagrimal. Com folhas largas apanhou Alexandre uma boa porção de pura linfa que os lábios do enfermo, gretados de ânsia, acolheram com sofreguidão. (p. 70)

Aliás, o fato de sempre caminharem juntos, além de outras características desses dois camaradas apontadas ao longo do texto, alude ao bom caráter do sertanejo, pouco conhecido nos grandes centros do país. Como afirma Salles (1990), “muitas vezes aparecem referências à rudeza e ignorância das tropas, sempre, no entanto, associadas a sua boa índole,

ingenuidade e bravura” (p. 137). A esses valores, também podemos somar “ordem, disciplina e coesão do exército”, como condições sociais e hierárquicas da sociedade que havia originado tal instituição, as quais são apontadas pelo mesmo Ricardo Salles.

E é a partir desse valor de obediência cega às exigências militares que eclode, no interior do personagem Alexandre, um verdadeiro conflito cornelianiano, já que este enfrenta um dilema: ficar com Martinho, que já agonizava, ou seguir as “imperiosas instruções” (p. 20), ou seja, voltar para a batalha.

Ele havia, segundo a decisão do comandante, levado o irmão para o “funéreo arquivo”, como nomeia o narrador, pois Martinho sofria os infortúnios do cólera-morbo. Ao ver os paraguaios fuzilando os coléricos, só tem tempo de correr com o irmão nos braços. O caminho trilhado até tomar a última decisão é de muito cansaço, mas, como tão bem lembra o narrador, sempre juntos, um ao lado do outro. Observemos a cumplicidade que os une sempre:

No fundo daquele bosque não se ouvia mais que o arfar do colérico abraçado ao irmão; ambos silenciosos, mudos, mas compreendendo-se intimamente. Num a dor profunda, imensurável; noutra a gratidão e a consciência de que ele também assim faria se os papéis se houvessem trocado. (p. 70-71)

A partir de então, após um momento de tranqüilidade, “fuzila” no interior daquele homem uma idéia. E a escolha lexical pelo verbo é muito pertinente nessa situação bélica, pois era com violência que tal decisão teria de ser tomada: “Então lhe *fuzilou* pelo espírito uma idéia que fez brilhar de orgulho e alegria os negros olhos: salvar o irmão só por si; buscar novamente a coluna e surdir no meio dela com aquele que havia sido tão cruamente repudiado.” (p. 71, o grifo é nosso)

Ele bem sabia que aquilo significava uma transgressão dos valores patriótico-morais de ordem e disciplina, e por isso um verbo com significado tão intenso. Mesmo consciente de que poderia sofrer ao optar por fazer tal coisa, permanece convicto disso até o fim. Não é por menos que o título desse último capítulo é “Um irmão ao lado do outro”, uma vez que considera seu dever maior cuidar de seu estimado irmão.

Por isso, o narrador já havia antecipado esse acontecimento ao afirmar que a apresentação deste homem na coluna presente em Mato Grosso se dava por “razão ainda mais forte que o dever militar”. Sertanejo de boa índole, sabia que deveria seguir com disciplina as rigorosas imposições militares, como no caso do abandono dos coléricos;

porém, prefere transgredir tais normas a fim de cumprir aquilo que lhe “fuzilava” no peito: a cumplicidade.

O epílogo é comovente pois o jovem soldado opta por carregar o irmão nos braços para buscar novamente a coluna. O trecho a seguir ilustra a agonia dos irmãos:

Martinho agonizava.  
Estava, porém, calmo e com o olhar acariciava o rosto do irmão inclinado sobre ele.  
Afinal exalou o último suspiro.  
Então do peito daquele homem do deserto, daquele sertanejo que nunca havia chorado, rompeu um golfão de lágrimas... (p. 72)

Vale destacar aqui a imagem que o narrador nos transmite do sertanejo, homem do deserto, de cujo coração pode jorrar um oásis. E mesmo sofrendo as dores de terrível perda, ainda cumpre seu “Último dever” (título do último capítulo), ou seja, enterra dignamente aquele a quem tanto amara. O narrador relata o que se passa com Alexandre após a morte do irmão:

No dia seguinte o desertor alcançou a coluna junto ao Miranda e foi logo apresentar-se ao comandante do corpo, diante do qual, estando eu presente, em breves palavras contou o que fizera e pediu singelamente castigo para sua falta. (p. 72)

Surpreendentemente o desfecho se dá com o pedido de castigo por parte do transgressor, pois considerava uma falta o que havia feito. Isso para demonstrar, mais uma vez, as mazelas da administração militar vigente. Ricardo Salles discorre sobre esse assunto e afirma que a disciplina no interior do exército repousava na ministração de castigos e recompensas por parte da camada hierarquicamente superior.

Dionísio Cerqueira, por sua vez, relata o castigo que dois soldados receberam por atacarem um oficial estrangeiro: 1.800 pranchadas nas costas. Como ele transcreve, “Ninguém havia sido condenado à morte. Era uma fatalidade que, no decorrer da aplicação da sentença, eles viessem a falecer” (Apud SALLES, 1990, p. 146). Assim podemos justificar a atitude que Alexandre, o camarada, toma ao alcançar a tropa.

A guerra como cenário bélico faz eclodir muitos conflitos naqueles que dela participam. Esses dois irmãos ilustram uma de muitas lutas interiores e exteriores pelas quais passavam diariamente os integrantes da Força Expedicionária.

A análise empreendida nos leva a constatar que há traços flagrantes de modernidade na elaboração textual, perfazendo um compósito polifônico em que várias perspectivas discursivas atuam quase que simultaneamente. Em meio a estas múltiplas vozes, a do narrador – aquele que realmente *conta* a história – se sobressai, enunciando a perspectiva da moral condicionada pela guerra.

Por fim, vale tomar nota de que essa é a única das cinco narrativas que contém epígrafes que podem ser associadas à obra. O autor se apóia nelas com o propósito de prenunciar o que será narrado, como se antecipsse o que há de essencial no texto. Sobre esse assunto, destacamos a seguinte reflexão:

Não ignoramos que a epígrafe, aquilo que se coloca como inscrição logo após o título de uma peça, parte de livro ou em página separada valendo para toda a obra que se vai ler, tem dois sentidos principais. Como a citação, da qual se diferencia por estar em destaque e não no corpo do texto, invoca uma autoridade. O poeta parece pedir o amparo do escritor consagrado. Por outro lado, a epígrafe serve muitas vezes para revelar o espírito que preside ao poema e, nesse caso, tenta direcionar a leitura. De certo modo, ao mesmo tempo incorpora-se ao texto e dele se distingue. (PINTO, 2003, p.118)

Logo, isso pode ser afirmado porque o que merece destaque na narrativa é justamente o conteúdo das duas epígrafes iniciais, que transcrevemos a seguir: “Le frère aidé de son frère est semblable à une ville forte”(Bossuet) e “Un frère est un ami donné par la nature” (Legouvé)<sup>6</sup>.

Assim, a primeira epígrafe pertence ao bispo e teólogo francês Jacques-Benigne Bossuet (1627-1704), um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político. É provável que tenha se apoiado no texto bíblico de *Provérbios* ao fazer essa citação, pois a versão bíblica grega traz o seguinte texto: “um irmão apoiado por outro irmão é como uma cidade fortificada, construída no alto, é firme como um palácio edificado sobre sólidos alicerces”. (1998, Prov. 18, 19).

Já a segunda foi retirada do livro *La mort d'Abel* (1792), do poeta francês Gabriel Marie Jean Baptiste Legouvé (1764-1812), o qual provavelmente foi inspirado no episódio bíblico que trata da morte de Abel por seu irmão Caim.

Desse modo, por meio das epígrafes, podemos contemplar o principal tema dessa narrativa, ou seja, como dois irmãos conseguem transgredir até mesmo o sentimento de dever

---

<sup>6</sup> “O irmão ajudado por seu irmão é como uma cidade forte” (Bossuet) e “Um irmão é um amigo dado pela natureza” (Legouvé).- A tradução é nossa.

exigido pelos padrões militares da época, a fim de testemunhar um sentimento superior a qualquer outro: a cumplicidade fraterna.

## CAPÍTULO II

### “A Vingança de um Recruta”: uma narrativa oral

“Duvidei, mas qual! me venceu o coração.”  
(Visconde de Taunay, “A vingança de um  
recruta”)

São 83 páginas nas quais, à medida que lemos, sentimo-nos instados a “participar” da história, já que somos impulsionados a tomar partido, desejando este ou aquele final.

A história é narrada em primeira pessoa, o que é interessante se considerarmos os efeitos que o Visconde extrai dessa limitação: ela é contada por alguém cujo acesso à informação é determinado por circunstâncias geográficas, exemplar portanto da maior parte da população brasileira da época, habitante em regiões afastadas da então Corte do Rio de Janeiro.

Trata-se de um jovem baiano, o único filho homem de uma viúva, o qual leva uma vida pacata em Itaporocas, “para as bandas de Feira de Santana” (p.77), um “canto tão quietinho” onde as notícias chegam um tanto devagar. Ele mesmo afirma: “Podia o mundo meter-se pelo fundo dos mares adentro que, se as águas lá não chegassem, o sítio do Fortunato (assim se chamava o defunto meu pai, filho legítimo de Domiciano da Silva por alcunha *Cabeça de nós todos*) não dava fé da desgraça.” (p.80).

Assim, ficou sabendo do fato que o impulsionou a deixar o sossego do lar, pelo que lhe contavam ou pelo que lhe liam nos jornais: que os paraguaios tinham entrado pelo Brasil adentro do lado do Mato Grosso e lá matavam velhos, mulheres, crianças, queimavam pessoas vivas, degolavam enfermos, dentre outras atrocidades.

A partir desse relato, podemos avaliar o tipo de imagem da guerra que chegava para a maior parte da população brasileira, ou seja, o de que os paraguaios desencadearam a tragédia que marcou a história da América do Sul. Tônico representa, nesse sentido, o povo distante da política e das decisões que eram tomadas no país, o que facilitava a manipulação dessa população menos informada por parte da minoria que comandava.

Ele inicia sua história expondo o quanto é difícil participar de uma guerra, principalmente quando se é submisso e se tem de obedecer às ordens dadas: “Cruz, minha Nossa Senhora da Puríssima Conceição! Vida de recruta é pior que de cachorro magro e sem dono.” (p.75) Em seguida, refere-se ao conflito pelo qual passou até chegar à dolorosa

decisão de deixar sua mãe, sendo ele a única figura masculina da casa. Este momento conflituoso vivido pelo personagem acontece principalmente quando ele percorre o trajeto que o leva de Feira de Santana, povoado mais próximo de onde recebe as notícias da guerra, até o sítio onde mora, demonstrando que, de uma certa forma, a “guerra” já havia começado para ele: “mas depois, aos poucos, fui me possuindo, me enraivando, e quando do povoado voltava para o sítio, vinha com os ouvidos numa zoeira e a cara em fogo.” (p.78). E logo a seguir: “Entrei a parafusar cá comigo e pelo caminho todo fui *batalhando* com o pensamento; vou ou não vou?” (p. 81, o grifo é nosso)

Aqui estamos diante de um primeiro dilema vivido pelo personagem, que tem de decidir entre servir o país ou ficar com a mãe para cuidar da casa. Por um lado, a figura materna era muito representativa até então em sua vida; por outro, uma nova imagem de pátria é construída, o que o leva a querer representá-la como “bom cristão e baiano” que admitia ser, sugerindo dessa maneira a idéia de boa índole e patriotismo. Tal dilema sugere o confronto que se deu neste momento histórico entre duas “instituições” diante das quais a escolha era algo inevitável, determinando o abandono conseqüente da outra: a família e a pátria.

Essa narrativa aborda um tema até hoje polêmico: o mito dos voluntários da pátria, sobre o qual discorreram Ricardo Salles (1990), J. J. Chiavenato (1939) e Vitor Izecksohn (2004), que nos ajudarão em nossa reflexão. Nas páginas iniciais, o narrador já introduz o assunto:

Melhormente que eu, sabem todos vocês como foi aquela história de voluntários da pátria. Parecia que no Brasil se levantava um furacão tão forte que sacudia os homens mais pacatos das comodidades da vida e num redemoinho os pinchava para terras que quase ninguém conhecia, nem sequer de nome. (p.76)

Tal euforia parecia brotar das promessas feitas àqueles que se dispusessem a lutar com empenho durante a guerra. Como afirma o narrador, o governo “prometia mundos e fundos, moeda de prata e ouro, honrarias, empregos, mil coisas em suma e a um tempo; só faltava dizer que quem de pronto se apresentasse, acabada a guerra, havia de ser comendador ou barão” (p.81). Além disso, os “graúdos” do lugar ofereciam desde dinheiro até pensão às famílias, caso acontecesse alguma desgraça. Ainda segundo o narrador, “o governo e o Imperador pediam mais e mais, dizendo que o inimigo era muito, que ninguém tinha contado com tanto, e mais isto e mais aquilo, enfim um nunca acabar” (p.80). Ricardo Salles (1990, p.

82) transcreve algumas vantagens do decreto que criava os corpos de Voluntários da Pátria (de 7 de janeiro de 1865), o que documenta o que é narrado pelo personagem principal do texto:

Art. 2º. Os voluntários que não forem Guardas Nacionais terão, além do soldo que recebem os voluntários do Exército, mais 300 réis diários e a gratificação de 300\$000, quando derem baixa, e prazo de terra de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas, além de outras honrarias militares e pensão por invalidez ou morte.

Art. 3º. Os Guardas Nacionais, praças de pré, que se apresentarem, serão alistados na primeira linha com as mesmas vantagens do artigo 2º, passando nos postos que tiverem nos Corpos da mesma Guarda, a que pertencem.

(...)

Art. 9º. Os Voluntários terão direito aos empregos públicos de preferência, em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos. (Apud SALLES, 1990, p. 82)

Assim, para muitos homens até então classificados como incapazes de participar das decisões políticas do país, tais promessas eram o único meio de alcançarem alguns benefícios durante suas vidas. São chamados a defender um Império do qual não participavam, uma luta que não haviam travado, uma guerra que, na verdade, não lhes pertencia.

E esse clima de entusiasmo não se restringe às promessas, mas se estende até o momento da recepção e do embarque de tais homens, o que classificavam de “bota-fora”. Muitos vinham cumprimentá-los, gritando e dando vivas por saberem que estariam protegidos à custa deles. O mais interessante, porém, é perceber o modo como algumas autoridades comungavam desse sentimento de “entusiasmo” que era preciso incutir na alma desses voluntários: “Muitos capitalistas e pessoas de gravata lavada vinham apertar-me a mão, saber minha graça, indagar de meus negócios particulares, que eu não tinha, querendo ainda mais pagar-me hotel e cerveja e agasalhar-me em suas casas” (p.89)

No entanto, esse ardor modifica-se completamente com o prosseguimento da guerra e então poderemos retornar ao primeiro parágrafo da narrativa, quando Tônico afirma que vida de recruta “é pior que de cachorro magro e sem dono”. É o que também afirma Victor Izecksohn: “Com o prolongamento da luta e as muitas dificuldades, o estado de espírito foi mudando” (2004, p.31)

Os reveses tiveram início já na viagem, pois as condições de transporte eram péssimas: moléstias a bordo, poucos víveres e muito serviço. Por essa razão, muitos rapazes se arrependeram das “patriotadas”, mas não havia mais o que fazer. O único remédio era acatar as ordens e cumprir os deveres da vida militar. O narrador também afirma que o cotidiano dos

soldados no ambiente bélico (desde o seu aspecto externo até aquilo que está guardado no interior de cada um, configurando “batalhas” (= conflitos) que se dão tanto interna quanto externamente) é algo bem diferente do que era imaginado por eles:

Qualquer coisinha levava a gente para dentro do xadrez, quando não era faxina dobrada, ou correr duas horas a marche-marche com a mochila cheia de areia ou fazer sentinela de sarilho de armas às costas. Chegou-se até a falar em quadrado e espada de prancha. Cruz! (p. 95-96)

Essa idéia de castigo, como vimos na análise da primeira narrativa, aqui também persiste e comprova que era um dos fundamentos militares, o que evitava até certo ponto que muitos soldados se rebelassem contra as ordens recebidas. Em outro momento, o narrador cita um episódio em que um soldado leva muitas “pranchadas” dos oficiais e sargentos por não lutar como esperavam (p.91). E a ocorrência de tentativas de rebeldia encontra respaldo na historiografia, pois Salles comenta os freqüentes atos de insubordinação: “Os ataques a oficiais ocorriam com constância e pelos mais variados motivos: defesa contra maus-tratos, reações a perseguições, vingança, roubo. O fato é que a punição era a peça chave para a manutenção da coesão e da ordem no exército.” (1990, p.147). Como se verá a seguir, tal aspecto da história da guerra constitui o fundamento da trama do conto.

Por outro lado, a maneira como os fatos são narrados traz marcas de oralidade ao texto, fazendo-o aproximar-se muito mais da fala do que propriamente da escrita. O narrador parece nos contar um “causo”, pois constantemente dirige-se ao narratário, representado aqui por alguns vocativos, como, por exemplo, nos trechos: “Chegou, meus amigos, por fim o dia da partida” (p.91); “Isto é hoje, meus camaradas” (p.92); “Ah! Minha gente! aí não pude conter-me.” (p.92); “Reparem vocês (...)” (p.83).

Tais marcas de oralidade também servem para estabelecer uma intimidade muito característica entre o narrador e o narratário nessa determinada circunstância. É como se ele tentasse aproximar seu interlocutor daquilo que outrora vivenciara e agora relata “tintim por tintim”. Mais uma vez, temos a impressão de folhear um velho soldado que conta sua peripécias.

E essa preocupação de Taunay já se manifestava em *Inocência*, o que leva Dino Pretti a afirmar que essa foi “uma obra realmente pioneira no sentido de um ‘diálogo mimético’, com *níveis sociolingüísticos* decalcados na linguagem real de Santana do Parnaíba e arredores” (1975, p.103). No texto analisado, ele também mantém a mesma preocupação, pois

se utiliza de muitas expressões típicas da Bahia, revelando novamente uma região do Brasil desconhecida e desvalorizada nos grandes centros urbanos.

Se em *Inocência*, ele “temeu que a obra fosse incompreendida e encheu-a de notas de rodapé” (PRETTI, 1975, p.101), não é o mesmo que acontece em “A vingança de um recruta”, pois em nenhum momento ele demonstra essa preocupação em acrescentar notas explicativas para o que registra linguisticamente.

É importante destacar que Taunay explora o uso constante de interjeições típicas da região, de modo a caracterizar bem seu personagem-narrador: “Ué” (p.79); “— Qual, mas!” (p.98) “Ui!” (p.91); “Safa!” (p.93); elas reafirmam no texto a marca de coloquialidade que lhe é característica.

Do mesmo modo, emprega frases e provérbios próprios do lugar, o que, em certos momentos, também produz um efeito cômico:

Quanto ao filho do velho, andava fino como lã de cágado. (p.96)  
Parece mesmo que a gente fica mais perrengue do que bicho gafento: tudo ataranta, tudo tonteia!... (p.75)  
(...) e ficava fraco e mole que nem pau de acajá. (p.83)  
Ponha o coração à larga e deixe correr o barco. (98)  
*Fia-te na virgem e não corras e verás o tombo que leva.* (p.78)  
(...) apesarado como pomba rola que perdeu o companheiro, fui esconder-me num cantinho. (p.93)  
Dois dias mais de tontura e fiquei prontinho da Silva (p. 94).  
também guerra não é pagode. (p. 95)

Além disso, há muitas invocações a vários personagens católicos, o que ressalta o espaço tradicionalmente religioso no qual Tônico foi educado. Os exemplos selecionados a seguir ilustram bem esta afirmação: “Cruz, Minha Nossa Senhora da Puríssima Conceição!” (p.75); “e... nem em tal falemos, Santíssimo Sacramento do Altar.” (p. 84); “Santo Deus da Misericórdia, Nosso Senhor do Bom Jesus da Cana Verde, que vai ser de mim?” (p. 85); “Cruz, meu Deus! Muito se padece neste mundo de Cristo!” (p.144).

Não é somente pelo uso de tais invocações que podemos perceber esse ambiente religioso, mas também por outras situações que nos permitem constatá-lo. A mãe, por exemplo, trazia o oratório sempre “aberto e alumiado”, diante do qual chorava suas tristezas por imaginar as desgraças que poderiam acontecer a seu filho. E, diante disso, a família geme em uníssono: “Minha Nossa Senhora.” (p.82)

Além de religioso, o contexto é tipicamente nordestino, sobretudo a partir da descrição da família: “A velha – ainda me lembro como se fosse hoje – estava cosendo, as

manas faziam crivo, e no fundo prima Joanhina arrumava a louça na prateleira, pois, à espera do ingrato que tanto as amofinava, tinham demorado a merenda.” (p.84).

Em alguns momentos, ele se vale de imagens religiosas para alegorizar algumas situações, como aquelas em que lhe aparece seja o diabo como sinal da tentação, seja a mãe sempre a incentivá-lo a “carregar a cruz até o Calvário” (p.111), configurando um duplo olhar para uma mesma situação, o que representa o seu conflito.

Ainda vale destacar que Tónico faz o “pelo-sinal” quando encontra um camarada morto no combate, além de registrar a oração que faz pelo Valentim, revelando assim seus princípios religiosos: “Senhor meu Deus, deixai-o também entrar no Vosso Reino com o Manoel Pereira e mais brasileiros”(p.150-151). Além desses, outros traços peculiares do cristianismo são revelados pelas atitudes do personagem principal ao longo do texto, culminando no desfecho.

Por outro lado, caberia registrar aqui um estranhamento advindo das condições de produção desse discurso, limitado tanto pela narração em primeira pessoa quanto pelo fato de ela se dar a partir da perspectiva de um recruta. Trata-se da onisciência aparentemente inverossímil constatada na transcrição de um diálogo – no capítulo XII – que acontece entre os generais dos três exércitos envolvidos no conflito bélico: como poderia um “mero” recruta ter conhecimento dos detalhes do encontro que se dá entre Osório, Mitre e Flores e que inclui decisões sobre a estratégia a ser adotada para enfrentar o inimigo paraguaio? O fato de esse diálogo ser reproduzido no discurso direto não ameniza a questão da inverossimilhança, não resolvendo o problema da impossibilidade lógica. Se depois ele “resolve” uma dificuldade semelhante dizendo que “ouvi(u) uma conversa muito interessante do Marçal com o brigada Santos”, o que o habilita a reproduzir com detalhes o que se diz, agora não há nenhuma indicação de uma “indiscrição” de mesmo tipo. Talvez seja mais uma vez uma intrusão indevida do autor que, nesse caso, não se conteve, de modo a respeitar a limitação condizente com a narração em primeira pessoa. Ou, por outra, se considerarmos o conceito barthesiano de “efeito de real” (BARTHES, 1988), podemos “aceitar” essa “impossibilidade lógica” ao levarmos em conta o fato de que se trata de personagens históricos trazidos ao mundo da ficção e dotados de traços coerentes com aqueles veiculados por uma certa historiografia.

Ainda podemos flagrar os “olhos de viajante” de Taunay nitidamente marcados nessa narrativa. Tónico, homem do interior, é quem se exalta diante da beleza da cidade do Rio de Janeiro sem, contudo, deixar de apreciar a sua terra. Portanto, o autor não se detém somente a revelar o interior do país, com suas “cenas” e “tipos”, mas também apresentar detalhes do

espaço considerado urbano, no caso, a Corte do Rio, ainda desconhecido para muitos sertanejos. Porém, revela uma sutil ironia ao afirmar:

No Rio de Janeiro... oh! Aquilo é que é cidade. Não quero, nem por sombra, desfazer na Bahia, que de tal não sou capaz, nem que me rachem de meio a meio, mas a Corte... é mais bonita, muito mais bonita. Também pudera! os homens que serram de cima lá se empoleiram e, à custa de favores e rios de dinheiro, fazem daquilo uma coisa imensa. Dessem a estátua do largo do Rocio à Bahia; a Misericórdia a Pernambuco; o Hospício de Pedro II à Paraíba; a Casa da Moeda ao Ceará, e veriam se o Norte não punha tudo num chinelo! (p.95)

A ironia advém dessa voz outra que se instala no discurso embevecido e que é capaz de ver criticamente as razões pelas quais tanta beleza se concentra no Rio de Janeiro.

Outra cidade que menciona é Montevideú, caracterizando principalmente os “tipos” que habitavam naquele lugar. Ele a descreve sob duas perspectivas, pois, num primeiro momento “vê por um óculo”, o que indica que viu de longe, com imprecisão de detalhes; e no segundo, com os “pés em terra, aprecia por alto” (p.99). Podendo admirar mais de perto o local, descreve-nos desde as “senhoritas” (moças solteiras) “até um prato tradicional, o *puchero*”. E sabendo que se perde nessas longas descrições, pois até mesmo os parágrafos tornam-se exaustivamente longos, decide “voltar à vaca fria”, retomando o tema da narrativa.

Percebemos, assim, como marca característica dos trechos descritivos de Taunay, a tendência de abordar uma paisagem ou uma situação sob pelo menos duas perspectivas. É o olhar sensível capaz de registrar os diferentes ângulos que surgem de um mesmo fato ou de uma mesma imagem. Para ilustrar essa afirmação, selecionamos um outro momento do texto, no qual ele descreve como é um bombardeio para aquele que entra pela primeira vez em combate, ou seja, o combatente se intimida e questiona: “Que diabo vim fazer aqui?”, mas logo em seguida “sente uma vontade, um ímpeto tão forte de fazer calar aquelas bocas do inferno, que não pensa em nada mais.” (p.118) Ele faz essa reflexão depois de afirmar que era a primeira vez que assistia àquela cena. Porém, mais adiante, aborda a mesma situação sob o olhar de alguém ferido, já que “o caso muda de figura” (p.119). O entusiasmo de outrora é banido para dar lugar à sede, ao suor frio, e ao medo no meio de “estouros, cargas de cavalaria, pó, fumaça, música, cornetas, tambores, rodar de artilharia, foguetes, gemidos e vivas” que, nesse momento, adquirem um outro significado para aquele que vislumbra a possibilidade da morte.

As descrições de paisagens também aparecem nesta narrativa; porém, em menor quantidade se comparadas às que encontramos na anterior. Aqui elas estabelecem uma grande afinidade com o que sente(m) o(s) personagem(ns) inserido(s) nelas: “Que saudades me ralavam o coração naquelas horas! O luar parecia-me embaciado e triste, e o céu claro e sem nuvens não me falava senão de agonias.” (p.101). E esse é o cenário que romanticamente condiz com o sentimento de angústia e melancolia que sentia no momento.

Ainda sobre a descrição, podemos destacar os longos parágrafos nos quais ele se dedica a relatar a vida nos acampamentos, de modo a nos transmitir como era o cotidiano da tropa. É com admiração e entusiasmo que narra os inúmeros detalhes que não lhe escapam: “E depois um acampamento... Que coisa bonita! Que vida, que barulho, que movimento, que animação!” (p.125). Assim, “monta” o acampamento por meio de alguns recursos lingüísticos, principalmente pela enumeração e pelo uso anafórico do “que” e de frases exclamativas. Ele é capaz de nos fazer perceber como as coisas estão distribuídas no espaço, umas na frente, outras mais atrás, outras ainda no centro. Também usa algumas explicações que denotam essa preocupação com a disposição geográfica dos elementos que constituem o espaço: “vielas tão bem alinhadas”, “terreno plano” e “dando companhia uma rua e metade de uma viela” (p.125). Portanto, nesse primeiro parágrafo no qual descreve o acampamento, parece construir a imagem de um “mapa” ou de uma “planta” do local.

Já no segundo parágrafo, “em distância para trás e numa boa extensão”, enumera os “estados maiores”, ou seja, o quartel general, o transporte, o hospital e o comércio. Partindo desse último, mais genérico, ele caminha em direção ao que é mais específico, como alguém que vê do alto através de um binóculo, o que possibilita aproximar gradativamente o foco. É por isso que vai listar o que constituía o comércio:

é uma barafunda de toldos, ranchos de palha, casebres e casas de madeira, umas escuras e sujas como vendas da roça, outras luzidas e sortidas como lojas da rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. E ali vende-se de tudo, e formiga gente, soldados, *gringos*, oficiais e generais, uns a pé, outros a cavalo, tocadores de realejos, harpas e rabecas, *chinas*, mascates; um mundo enfim que, falando todos ao mesmo tempo, levanta barulho capaz de pôr surda uma peça de artilharia de calibre 68. (p.125)

Também constatamos o uso de recursos sonoros na enumeração dos elementos constituintes do cenário. Ele menciona bandas de música, pelotões marchando, sinais de corneta, rufos de tambor, exercícios de fogo ou de tiro ao alvo, intrigas e falatórios, gritos, gargalhadas, dentre outros elementos que emitem diversos tipos de som. E a partir disso já

começa a nos transmitir a idéia de desorganização típica do acampamento, que foge do ritmo e do alinhamento apontados no início. São barracas montadas umas sobre as outras, sem condições mínimas de higiene, o que facilita o aparecimento de diversas doenças, conduzindo os enfermos ao hospital e dali “botando para o outro mundo”.

Percebe-se, nesse sentido, que esse movimento que ele faz é como o de alguém que presencia os momentos iniciais de montagem de um acampamento que se propõe organizado, principalmente em sua dimensão hierárquica, mas que se perde por falta de planejamento e condições.

A maneira como o narrador descreve esse lugar, atravessado por circunstâncias naturais desfavoráveis, como a chuva, por exemplo, é atenuada pelo uso de frases que convertem a situação trágica em algo que se aproxima do cômico: “Se chovia, era então um inferno. O lameiro ficava de palmo e meio: a chuva atravessava tudo, e andávamos tontos, assim a modo de pintos pelados no coração do inverno, como aconteceu nas Palmas. Cruz, arrenego!” (p.127)

Como última observação a propósito da descrição, cabe lembrar que ela ocupa os parágrafos mais longos da narrativa, nos quais o ritmo da linguagem se impõe de forma diferenciada, o que não acontece em trechos narrativos.

Também nessa segunda narrativa deparamo-nos com várias passagens onde flagramos a digressão, marca também característica dos textos ficcionais de Taunay, o que acentua a condição de oralidade. Neste caso, como não há possibilidade de confundir autor e narrador, como constatamos anteriormente, a digressão se limita à visão de mundo do personagem. Quando o narrador se deixa levar pela digressão, além de dialogar com o narratário, interrompe a ordem dos acontecimentos relatados para acrescentar reflexões que julga importantes, o que é muito típico na fala de quem conta oralmente algo.

Ao narrar um episódio envolvendo sua vizinha, D. Thomasia, de quem pouco gostava, interrompe para acrescentar o seguinte comentário: “Reparem vocês que a cuja, além de velha, era feia que nem um bando de corujas.” (p.82) E aqui, como no primeiro texto, ele utiliza a alegoria da coruja para caracterizar essa mulher que há pouco anunciara à sua família que aquele seria um ano de calamidades. Por isso a associação entre a vizinha e a imagem da coruja agourenta.

Mais adiante Tônico interrompe a narração dos fatos, para contestar a veracidade do que ela contava. Observemos:

— Quem? O Valentim? Nem me fale nesse patife. Aquilo é um ingratação: criei-o com tanto mimo e carinho – *era mentira* – para que o malvado saísse de casa às escondidas e fosse, muito de seu agrado, apresentar-se voluntário... Voluntário da pátria!... bonita carreira!... Leve ele o diabo! (p.83) (os grifos são nossos)

Essa intromissão ainda se dá em outros vários momentos, acentuando o tom coloquial do texto. São diversos os acréscimos ao propósito específico da narrativa e muitos deles, a fim de defender a Monarquia e a figura de D. Pedro II: “Oh! a coisa era séria, tão séria que o Imperador, o próprio Imperador, tinha saído de seus paços e da Corte, deixando cômodos, famílias, negócios do Estado e o mais, para correr em socorro de outra província atacada, inválida e estraçalhada!” (p.81).

Esse é um argumento do qual ele se vale para também justificar sua decisão por participar da guerra, já que até o próprio Imperador tivera a mesma iniciativa. Ele também interfere quando alguns homens pedem para que os voluntários voltem republicanos dos combates. E diante de tal sugestão, surge sua resposta: “Ora, essa só lembra o diabo! Se íamos dar a vida pelo Império...” (p.91).

Narrando a viagem dos voluntários saídos da Bahia e as dificuldades pelas quais passaram, aproveita para relatar a apresentação do Imperador àqueles futuros combatentes. Notamos, na passagem a seguir, com que bons olhos o narrador via o monarca. Como se sabe, principalmente pelos relatos em suas *Memórias*, Taunay sempre manifestou seu apreço pela Monarquia, sobretudo pela figura do imperador, a quem fez inúmeras referências:

Naquela mesma hora pulou a bordo Sua Majestade, o Imperador. Quando vi chegando aquele homenzarrão, senti um estremecimento grande, porque, se somos livres, e já se acabou o tempo da tirania e dos capitães gerais, também somos monarquistas. E demais, ele é muito boa pessoa e sabe ser brasileiro às direitas. (p.94)

Por isso esse narrador sempre precisa retomar o fio narrativo, a fim de alcançar seu objetivo. E para que tal se realize, interrompe e altera a velocidade da narração dos fatos, retornando ao que foi deixado, ao que já foi vivido, mas não ainda contado. Isso justifica algumas frases que servem, mais uma vez, para “costurar” o texto: “Tornando, porém à nossa história...” (p. 103); “Vamos, porém, adiante.” (p.90); “Agora é preciso que eu lhes diga uma coisa.” (p.89); “(...) mas como ia contando”.

Em uma dessas “errâncias narrativas”, o narrador até interrompe para “tirar uma fumaça”, o que alude e ressalta um traço das condições de produção do discurso que se associa ao “causo” que está contando: “Aí esturrei e já lhes conto como o caso foi. Mas me deixem antes tirar uma fumaça.” (p.113). Há também outros movimentos erráticos nos quais ele parece selecionar detalhes já vividos e gravados em sua memória, sem saber se já foram contados ao interlocutor: “Um dia afinal chegamos ao exército. Deixem ver se me lembro, pelo menos do mês. Foi... foi em dezembro daquele ano de 1865, em que López tinha vindo puxar briga conosco.” (p. 102) e “Nesse tempo, como eu já disse, ou, se ainda não disse, digo agora, estava o exército acampado na margem de cá do rio Paraná.” (p.117)

O trecho a seguir evidencia a maneira como o narrador “vai cortando e recortando sua história”, ou seja, como intercala à seqüência dos fatos lembranças, opiniões, etc, que considera importantes, demonstrando assim a consciência de que o tempo da narração é diferente do tempo da narrativa: “Mas... com a breca! se vou assim cortando e recortando a minha história, não há mais como acabá-la: levo dias, semanas e meses, que palavra puxa palavra e a Guerra do Paraguai durou cinco anos contadinhos.” (p. 129)

Para concluir nossa reflexão sobre a digressão nesse texto, analisamos o trecho a seguir, que revela como o narrador demonstra, metalingüisticamente, ser consciente dos recortes que faz, julgando-os, porém, necessários:

Ora muito bem; era ali que estávamos acampados a examinar aqueles terrenos que nenhum engenheiro conhecia, um terreno só de sangas, lameiros, carriçais e o diabo, quando se deu o caso que eu lhes queria contar e que podia já estar acabado há anos, se as coisas não se entrançassem umas nas outras, pedindo cada qual explicação para ser entendida em regra e sem confusão. (p.134)

É finalmente aqui que parece realmente contar o que é anunciado no título. O drama se concentra no relacionamento conturbado entre o narrador, Tónico, e seu superior, o sargento Marçal. Aquele, após os primeiros contatos, já cultivava uma certa antipatia em relação a este: “Hei de vencer este sargento de uma figa! — dizia eu para me dar coragem.” (p.109)

E essa conversa consiste implicitamente em uma crítica às injustiças do sistema militar vigente, uma vez que há uma denúncia flagrante do favorecimento para se obter alguma promoção. Aliás, nesse texto veremos a insistência no mesmo tema amplamente explorado na análise da próxima narrativa, ou seja, o caiporismo versus o “apadrinhamento”.

Por isso Marçal se considera azarado por não poder contar com um parente político que jamais o apoiara para ser promovido: “até nisso entra o caiporismo”(p.137).

Marçal, que “tratava apenas de cumprir seu dever” (p. 136), contempla constantemente proteções e escândalos, sem nunca conseguir a promoção tão esperada. Afirma que lhe “sangra o coração ter de cumprimentar uns alferezinhos (...) que ganharam seus postos por muita bajulação ou por serem filhos e filhotes de ricos e bons padrinhos!” (p.137). A única explicação que encontra, talvez como antônimo de “apadrinhamento”, é o “caiporismo”, tema também bastante explorado por Taunay.

Para solucionar o problema, Santos, o brigada com quem conversa, diz que “é muito bom ter direito... mas certo jeitinho pode muito” (p.136) e ter um “modozinho” não é adular ninguém. Observamos aqui o uso pejorativo do diminutivo, que constata a expressão até hoje utilizada: “jeitinho brasileiro”. E o “jeitinho” sugerido por Santos é procurar um político, pois “esses homens gostam de fazer favores... servir este ou aquele, só para mostrarem que têm influência...” (p. 137)

A partir desse momento, movido pelos termos da conversa que ouvira, Tônico passa a construir uma nova imagem daquele sargento “que parecia de ferro” (p.135). Seus traços já não são mais de maldade; pelo contrário, é apenas um desventurado: “Coitado! é um caráter às direitas: sabe o que vale e padece injustiças e malquerença. Deus lhe dê paciência para aturar tanto caiporismo.” (p.141)

Entretanto, essa imagem digna de dó é bruscamente invertida, já que o narrador, depois de ouvir essa conversa confidencial do seu sargento, acaba por ser ferido pelo próprio Marçal, muito mais do que no corpo, na alma: “Foi uma varada que me cortou o rosto (...) – Saia já daqui, urrou Marçal, raspe-se... senão leva outra.” (p.109).

O recruta ofendido passa por uma luta interior entre o princípio moral representado pela voz da Mãe, que ressoa em seu ouvido para ser um “soldado valente”, e a circunstância momentânea representada pela voz do espírito, que o instiga a matar seu ofensor e que acaba por vencer: “o maligno cantou vitória” (p. 146)

E aqui contemplamos, mais uma vez, duas alegorias representando dois possíveis caminhos que o recruta poderia seguir. O primeiro, que lhe provoca um alívio momentâneo, é pensar na possibilidade de matar aquele que tanto o ofendera. Outro, porém, lhe vem ao contemplar a figura materna, pois, como ele mesmo afirma, “lembrei-me, naquele furacão de sofrimentos e torturas, de minha mãe, de minha velha mãe” que lhe trazia consolo e tentava convencê-lo a abandonar a decisão tomada.

A descrição que ele faz desse “duelo” entre duas figuras tão representativas de suas possíveis ações é realizada de modo a aproximar-se de uma cena típica de desenho infantil, já que até mesmo transcreve as vozes emitidas por eles. De um lado, o Inimigo palpita: “Assim você derrama o sangue do seu inimigo, tira vingança inteira e não corre o risco do arcabuz.” (p.145); de outro, a mãe retoma os princípios ensinados para o filho: “Atura com paciência esses maus tratos... Tu és um soldado valente.” (p.145). E por meio desse diálogo, Tônico decide ouvir o que o demônio lhe sugere.

Uma grande batalha rompe no dia 02 de maio, e é justamente neste momento que Tônico tem a oportunidade de cumprir o que a si mesmo prometera, uma vez que se encontra sozinho com seu superior fortemente ferido, tendo, desta forma, meios para matá-lo sem qualquer constrangimento.

Mas pelos fortes princípios cristãos que sempre nortearam sua existência, vive definitivamente um conflito interior que deve ser resolvido pela decisão que tomar. Em seus pensamentos, certamente sobrevém a recomendação que sua mãe lhe faz antes de sair em combate: “quem cumpre sua obrigação, tem sempre Deus por si” (p.87)

Diante desses dois possíveis caminhos, sobressai a imagem do sargento, com “peito de ferro, alma de bronze” (p.154) que se derrama em lágrimas por sentir que a morte o rodeia. A partir dessa imagem, observamos que os valores cristãos vibram com mais vigor no interior de Tônico, o que o leva a enxergar e descrever aquele que tanto lhe ofendera sob um novo ângulo: “Aquele sargento que, algumas horas antes, era para mim pior que satanás, parecia-me agora um amigo de muitos anos, um parente, um irmão quase.” (p.155)

Orientado por essa nova imagem, decide que salvar aquele homem, agora quase seu irmão, seria sua vingança. Atribui essa coragem à força do “espírito de Deus” que “sopra dobrada valentia ao coração” (p. 155), quando alguém decide praticar uma boa atitude. Daí a possibilidade de afirmar que o desfecho é moralizante, pois, após ter sido testada sua consciência moral, numa inversão de expectativa, o jovem é capaz de decidir após vários momentos de luta. A respeito deste tipo de conflito moral, Marilena Chauí afirma:

Nossas dúvidas quanto à decisão a tomar não só manifestam nosso senso moral, mas também põem à prova nossa consciência moral, pois exigem que decidamos o que fazer, que justifiquemos para nós mesmos e para os outros as razões de nossas decisões e que assumamos todas as conseqüências delas, porque somos responsáveis por nossas opções. (2003, p. 335)

A última descrição de paisagem é surpreendente, pois a natureza parece tomar a forma do corpo do sargento que desfalecia, ao mesmo tempo que impulsiona o recruta a permanecer com o seu desejo de “vingança”: “A tarde estava desmaiando nos braços da noite: era lusco-fusco, mas o céu tinha tanta luz que quando eu levantava a cabeça parecia estar lendo a proteção que me prometiam lá de cima.”(p.155)

Após esta atitude, o filho único da viúva recebe todas as condecorações dignas de um bom e valente recruta voluntário: “Também o tal capitão estendeu-me na parte com muitos palanfrórios, e lá apareci no Brasil como um bravo assim e assado, um homem nunca visto, um herói, como chamam os amigos doutorecos.” (p.158)

Por outro lado, podemos ler tal narrativa a partir de uma perspectiva mais “cultural”, se assim podemos caracterizá-la. Trata-se dos implícitos que sugerem a visão discriminadora acerca das diferenças regionais entre o Norte e o Sul, as quais ainda persistem em nossa sociedade. Percebemos o preconceito do sul em relação à parte norte de nosso país, já que muitos soldados dessa região, desabituaados à alimentação e ao frio, padeciam por várias doenças. Daí Dionísio Cerqueira transcrever um ditado popular utilizado pelos gaúchos durante o conflito, os quais satirizavam as condições desfavoráveis a que eram submetidos, sobretudo os baianos: “Mandai, mãe de Deus, mais alguns dias de minuano para acabar com tudo o que é baiano” (CERQUEIRA, 1980, p. 72).

Não é por menos a escolha por parte de Taunay de um narrador baiano, que além de revelar hábitos, costumes e linguagem de um território desprezado pelo grande centro urbano, também se torna o “herói”, atribuição que Tônico acredita ser dada pelos que ele chama ironicamente de “amigos doutorecos”. E já no início da narrativa, lança um desafio, afirmando que se pusessem tais “doutorezinhos da corte do Rio de Janeiro” em combate, certamente não suportariam e “havia de ficar tontos e assarapantados que nem morcegos ao meio-dia” (p.75).

Há, portanto, uma inversão nos valores, já que o destaque maior é dado a “um homem nunca visto” (como ele assim se classifica), que “rouba a cena” na narrativa, justamente por revelar boa índole e verdadeiro patriotismo, valores desconhecidos por parte daqueles que lançavam um olhar preconceituoso sobre a figura do sertanejo.

Mais uma vez vamos nos valer da importante reflexão de Ricardo Salles, para constatar que a “Bahia foi a segunda província a mais contribuir em termos de soldados para a guerra” (p.72). Por isso o narrador revela, ao longo do texto, que “a Bahia é terra de rapazes sacudidos” (p.75), ou ainda, ao descrever as belezas naturais da capital desse Estado, acrescenta: “A Bahia é dos baianos, sim, senhor! e temos defendido aquela terra e havemos de

defendê-la, custe o que custar, contra todos, contra bicudos e gentes da estranja ou sujeitinhos que queiram escravizar o nobre povo do 2 de julho.” (p.90).

Há um episódio no texto em que Tônico é afrontado por Jatobá, outro combatente que faz parte da companhia. Isso dá origem a uma briga, o que resulta em punição para os dois. Após ocorrido o fato, todos passam a respeitar o personagem baiano e não mais se “engraçavam” com ele. Então podemos concluir que, além de ser perseguido, sem motivos aparentes, por Marçal, também o era por alguns soldados com quem convivia.

Contudo, ao mesmo tempo em que o personagem revela a situação de menoridade a ele conferida, também se defende, mostrando como o Norte, se possuísse recursos, colocaria “tudo no chinelo”. Outro fato digno de nota é o elogio que o general Osório faz à tropa: “A gente do Norte deu sempre mui guapa infantaria.” (p.121)

Constatamos, desse modo, o investimento por parte do autor em criar um narrador-personagem que representa uma parcela da população desconhecida e pouco respeitada em suas diferenças. Assim, torna-se evidente a preocupação do Visconde por mostrar um país pouco conhecido em sua diversidade cultural, na medida em que põe em cena alguns tipos sociais.

### CAPÍTULO III

#### “O capitão caipora”: um labirinto sem saída

“caminhou mais uma centena de léguas, sempre, porém, capitão; capitão como fora, capitão como devia morrer.”  
(Visconde de Taunay, “O capitão caipora”)

O objetivo principal da análise desta terceira narrativa é demonstrar sobretudo a ironia sutil, mas sarcástica, do narrador ao descrever os personagens principais, aludindo, dessa forma, à Instituição Militar da época. Aqui ele não se detém em descrições de paisagens, já que sua atenção principal é voltada para analisar alguns “tipos” que compunham o Exército, principalmente aqueles que ocupavam os cargos mais elevados, bem como questões ligadas à hierarquia e ao sistema de promoções daí decorrente.

Para isso, vale-se de longos parágrafos durante todo o texto, além da enumeração, pois são escassos os trechos em que ele utiliza o discurso direto para transcrever a fala dos personagens, de modo a compor verdadeiras caricaturas dos “tipos” analisados.

O primeiro deles, um dos protagonistas da narrativa, é um velho capitão, que “rastejava seus sessenta anos de idade e contava de serviço nas armas trinta e sete” (p. 162), o qual desejava, com muita angústia e ansiedade, ser promovido a Major. Para isso, concentrava seus esforços unicamente em decorar as leis, já que por meio delas acreditava que conseguiria a única ambição de sua vida: a tão sonhada promoção. O narrador descreve minuciosamente o perfil quase caricatural deste personagem, introduzindo, por meio da adjetivação empregada, uma cômica visão do “capitão caipora”:

Eu conheci-o, coitado!

Era excelente homem, muito estimado dos soldados; querendo bem a sua companhia quase como se fora a família, de natural bastante frouxo, mas honesto e serviçal; já velho; um tanto impaciente; esquecido de todos (...) sempre de cabelo à escovinha que nos momentos de aborrecimento coçava frenético, e de óculos que mais serviam para a testa do que para os olhos; de sobrancelhas bastas e grisalhas como a barba e os bigodes, ambos eriçados e incultos; montando a cavalo, como se de cada vez tomasse a primeira lição de equitação; de gestos, enfim, meio encontrados e ar quase distraído e alguma coisa assustado. (p.161)

Logo na primeira frase observamos a opinião do narrador a respeito do personagem, justamente quando diz “coitado!”. Desse modo, antes de iniciar a descrição, ele já antecipa sua visão, de modo a interferir também no olhar que o leitor terá sobre o capitão Pitaluga.

E é justamente com esse olhar de piedade que o leitor é convidado a contemplar o personagem, pois os adjetivos escolhidos para caracterizá-lo reafirmam essa declaração. Há, na verdade, um exagero a partir daquilo que poderia ser considerado normal, como a posição dos óculos, que mais serviam para a testa do que para os olhos; o cacoete de coçar freneticamente os cabelos tão bem arrumados, além do excessivo tamanho das sobrancelhas, tão volumosas quanto a barba e os bigodes.

Dessa maneira, é como se o narrador estivesse com um lápis na mão, de modo a compor detalhadamente a expressão grotesca, mas ao mesmo tempo jocosa, do personagem. Tal descrição anuncia desde o início o tom irônico adotado pelo narrador, o que nos faz refletir teoricamente sobre tal figura:

Le lecteur d'un texte de part en part ironique, en l'absence d'un cadre à l'intérieur duquel il pourrait centrer et cerner la figure, ne sait où celle-ci commence ni où elle finit, car celle-ci est plutôt à lire entre les lignes, à interpréter comme un symptôme d'un décalage non marqué, ouvert entre l'énonciation et l'énoncé; il ne sait donc même pas si l'énonciation est à prendre au sérieux ou non.<sup>7</sup> (MARTIN-GRANEL, 2007)

O narrador ainda se dedica em algumas outras páginas a discorrer sobre a maneira obstinada com que o capitão lia as diversas leis, que muitas vezes não passavam de “simples letra morta.” (p.162). Na realidade, era especialista em tudo o que estivesse dividido em “títulos, artigos e parágrafos” (p.164), chegando até mesmo a cortar e colar “preciosos” trechos do Diário Oficial, em um “caderninho” que guardava com “verdadeiro esmero”.

Além dessa obstinação, contraíra uma mania considerada cansativa por aqueles que o cercavam: “lavrar por escrito extensíssimas reclamações a propósito de tudo, dirigir intermináveis memoriais ao governo e encaminhar petições que, no mais das vezes, não tinham nem pés nem cabeça.” (p.163), num processo de burocratização extremo da vida no exército.

---

<sup>7</sup> O leitor de um texto inteiramente irônico, na falta de um quadro no interior do qual ele poderia centrar e limitar a figura, não sabe onde esta começa nem onde acaba, pois tem sobretudo que lê-la nas entrelinhas, que interpretá-la como um sintoma de uma defasagem não marcada, aberta, entre a enunciação e o enunciado; ele não sabe portanto se a enunciação deve ser ou não levada a sério. (A tradução é nossa)

Embora se dedicasse a cuidar dos papéis da companhia com tamanho apreço, não era com o mesmo afã que procurava comandar os soldados. Aliás, não exercia autoridade alguma sobre os seus subordinados, já que estes “estimavam-no, mais do que o respeitavam” (p.165), de modo a ser apelidado de “capitão moleirão, por contração *molão*.” (p.165).

Mesmo quando tentava impor alguns limites, prometendo até alguns castigos, ninguém o levava em consideração, o que justifica o fato de o narrador tê-lo classificado como “frouxo” (p.165). Por isso, preferia dedicar seu tempo exclusivamente aos papéis, fazendo, muitas vezes, reclamações infundadas, como quando reclamou do governo quinhentos e vinte e três réis, pois o Estado ficara lhe devendo por ter fiscalizado o batalhão por algumas horas como capitão mandante.

Já o segundo “tipo” apresentado, o major Fonseca, é o avesso do capitão “molão”, pois “contentava-se com informações vagas” e não considerava importantes os estudos: “— Nunca cursei aulas, dizia com certa ufanía, nem entendo que haja tanta necessidade de estudos. Basta bom senso.” (p.170)

Muito pouco se preocupava com o quartel, já que era displicente nas obrigações que tinha que cumprir pela posição que ocupava. Além do mais, afirmava que, se o Brasil entrasse em guerra, ele pediria sua reforma, pois “não queria sacrificar-se por gente ingrata e indiferente” (p.170). Após essa declaração, o narrador fala de cinco de seus dez filhos, os quais eram criados no quartel, e tendo atingido determinada idade, entravam para a carreira militar, herdando, porém, “os hábitos de energia e amor da pátria do seu distinto progenitor.” (p.170).

Aqui, o narrador afirma o contrário do que realmente o major era, insinuando a ironia, pois, como afirma D. C. Muecke, “A forma mais simples de ironia verbal de ‘alto-relevo’ é o elogio antifrásico no lugar da censura.” (1995, p.78). E essa técnica de afirmar o contrário do real é amplamente explorada por esse narrador.

Como Pitaluga, o major também recebera um apelido dos soldados que comandava: “*lambanceiro*, de *lambança*, que na gíria deles significa baralhamento, confusão.” (p.171). De fato, não era organizado em suas tarefas, pois vivia gritando com seus subordinados, “a gemer como perdido do excesso de serviço, a ameaçar céu e terra, mas no fundo pouco fazia.” (p.171).

Dessa forma, traçado o perfil dos protagonistas, é possível compreender a intriga formada em torno desses personagens, pois eram quase “rivais”. Pitaluga sobressaía-se em conhecimentos das leis, ao passo que Fonseca podia fazer uso da sua autoridade de major, o

que revoltava nosso capitão, principalmente por não entender como seu rival conseguira chegar a major e ele ainda não.

Assim, esses dois modelos apresentados ironicamente representam, no texto, a crítica ao sistema militar vigente. De um lado, Pitaluga figura o oficial que pouco se preocupa com a organização de seu pelotão, mas se consome pelo desejo de ser promovido. Do outro, Fonseca representa a imagem do militar mal formado, que “faz muito barulho, porém pouco serviço”. E o mais interessante é observar que ele fará a análise desses personagens antes, durante e depois da guerra contra o Paraguai.

No decorrer da narrativa, várias intrigas são relatadas, se bem que uma em especial merece destaque. Para introduzir esse caso, o narrador julga que o fato só deve agradar aos que de certa forma estão inseridos na vida militar, pois se trata de “uma das faces da vida íntima do quartel.” (p.175).

Trata-se da eleição de um agente de batalhão que o Conselho Econômico tinha de fazer porque havia terminado o mandato do alferes que exercera o cargo. Um outro oficial, que servira havia dois anos e tinha provocado muitas reclamações, apresenta-se como candidato. Evidentemente, ele não é bem aceito, mas insiste e afirma contar com o apoio do comandante.

Assim sendo, formam-se duas facções: a liderada por Pitaluga, que não apoiava o candidato; e a que, por vários motivos, simpatizava com ele. Vale ressaltar que o comandante, de forma estratégica, não o apoiava declaradamente, como também não dava mostras de ser contra ele. Surgem várias confusões, mudando até mesmo a rotina do quartel, o que pode ser atestado pelo trecho a seguir: “Durante muitas semanas apresentou o quartel desusada animação, e os oficiais que em tempos dificilmente apareciam para ouvirem ler a distribuição do serviço diário saíam de suas casas de manhã cedo e só voltavam às vezes alta noite.” (p.178).

Portanto, aqui podemos observar uma das críticas que ele novamente faz ao sistema militar vigente, uma vez que há uma denúncia de que os oficiais raramente participavam da divisão dos serviços diários. Ainda sobre esse mesmo fato narrado, surge uma outra insinuação de acusação, quando o narrador revela que Fonseca havia apoiado o candidato suspeito de corrupção, porque ele era noivo de sua filha desde que “o rapaz era cadete e a menina ia de calcinhas curtas à escola régia.” (p.180).

Por fim, o candidato alferes Estulano vence, apesar (e por causa) dos meios de que se vale para chegar a isso. Mais uma denúncia é feita, uma vez que o capitão mais conhecido

como “Pêlo Molhado” confessa que o comandante havia lhe comprado o voto, bem como de seu sobrinho.

E diante dessa revelação, a parte derrotada poderia recorrer contra tal resultado, embora alguém devesse assumir a queixa, que não poderia ser coletiva. Para confirmar seu caiporismo, o escolhido é o capitão Pitaluga, incumbido não só de representar o lado descontente, mas também “da redação do tal documento e das provas deponentes” (p.185). No entanto, ele “vacila” durante muitos dias, pensando como isso poderia atrapalhar o seu projeto de promoção a major, e decide não levar até o fim o que prometera aos soldados, alegando falta de provas.

Dessa maneira, mais uma vez o narrador alude à figura militar que poderia lutar contra o sistema de corrupção disseminado até nos mais longínquos batalhões, mas que age justamente ao contrário, por medo de perder os favores que a farda ainda poderia lhe trazer.

Nesse momento, eclode a Guerra do Paraguai, obrigando os “rivais” a entrarem juntos para liderar algumas tropas. Já nas páginas iniciais, o narrador prenuncia ironicamente o possível comportamento do major Fonseca em uma situação bélica, uma vez que este, tão somente pelos gritos que dirigia à tropa, considerava-se “capaz de dirigir diante de ousado inimigo grandes operações militares” (p.171). Entretanto, veremos que, em combate, ele continuava gritando “noite e dia como um possesso”, sem obter nenhum resultado positivo, pois “ninguém dava importância às intermináveis imprecações” (p.187).

Ainda de maneira mais irônica é a descrição que o narrador faz de Pitaluga como participante da guerra, visto que este “ia pacificamente sentado num burrinho, deixando-se levar pelos acontecimentos e calculando quanto tempo ainda o obrigaria a sorte a essa vida errante, longe do sossego da sua casa e do remanso da querida família” (p.187). Mesmo durante esse período, o capitão faz planos para ser promovido, mas, para a sua infelicidade, surge uma nova lei que o impede de fazê-lo, chegando apenas a sua reforma.

Aqui podemos pensar na imagem do burro, metaforicamente associado à falta de inteligência, o qual conduz o capitão. De um modo sarcástico, o narrador escolhe esse animal para construir a crítica em torno desse personagem, que permitia ser levado por um “burro” em plena situação bélica. Também o próprio personagem atribui a si as mesmas características, ao falar consigo: “Encheu a cabeça de caraminholas e está hoje com cara de asno”. (p.168).

A partir da apresentação dessas duas autoridades militares, pode-se aludir à visão que o narrador nos transmite da própria Instituição Militar, especificamente no período histórico a que se refere o texto, ou seja, durante a Guerra da Tríplice Aliança. De um lado, a

competição para ser promovido, se pensarmos em Pitaluga. De outro, a displicência dos militares, se em Fonseca. Enfim, questiona-se a falta de liderança e de visão estratégica de quem conduz as tropas. Vejamos os trechos que aludem a isso:

De fato o major Fonseca levava o dia inteiro a gritar, a mandar, a ganir, a levantar-se, a sentar-se, a roer as unhas, a correr de um lado para outro, embarafustando a espada e a pasta entre as pernas, a enxugar o suor do rosto, a gemer como um perdido do excesso de serviço, a ameaçar céu e terra, mas no fundo pouco fazia. (p.171)

Uma só esperança lhe restava [*a Pitaluga*]: era ver terminada aquela longa e penosa guerra, para fazer valer o seu direito de antigüidade, sempre de pé. (p.192)

Além desses dois extremos, podemos lembrar tantas outras “denúncias” que o narrador apresenta através da ironia. Por várias vezes, introduz a questão do sistema de apadrinhamento como garantia para a promoção na carreira militar, o que se dá, por exemplo, quando diz que Pitaluga “não dispunha de poderosas proteções”, levando-o, muitas vezes, a servir apenas para “tapar as vagas que se davam naqueles longínquos batalhões” (p.162). Ou seja, se o capitão vive quase como um nômade, longe de sua família, a melhor justificativa para isso é porque não possui nenhum “padrinho” que interceda por ele.

Aqui também observamos como o narrador contrapõe duas regiões distintas do Brasil, aludindo à superioridade de uma em relação à outra, o que pode ser constatado quando menciona o destacamento do Amazonas, onde Pitaluga servira, o qual significava mais um “castigo” para aqueles que “não tinham nem boas, nem más amizades” (p.162). Por outro lado, cita o litoral, para onde o capitão desejava ser transferido, “extensa orla donde irradia a civilização brasileira e também o empenho, umas das grandes manivelas do nosso movimento social” (p.162).

Na mesma proporção também critica os “burocratas do governo”, manifestando sua indignação diante do trabalho ineficaz que eles desenvolvem, pois afirma que “todos os augustos e digníssimos representantes da nação (...) têm como que por timbre ignorar as mais comezinhas determinações da lei diretora a que são sujeitos em seus trabalhos parlamentares”. (p.164) Em outro momento, fazendo uma declaração positiva, mas que na verdade revela ironia, afirma que um ministro, que “vivia atarefado com centenas de assuntos da mais instante e transcendente importância e elevação” (p.191), não perderia tempo com o extenso documento que Pitaluga preparara “em dez laudas de papel holandês”.

De fato, aqui ouvimos a voz de um narrador que parece revoltar-se não só com o sistema militar, mas também com os políticos da época, já que são duas parcelas da sociedade nas quais se evidencia a corrupção, o descaso e a displicência.

Quanto ao esforço desmedido do capitão para alcançar seu objetivo, o narrador constantemente transmite a idéia de que é tudo vão, estendendo-se em longas páginas a fim de descrever o empenho do personagem, para, logo em seguida, afirmar, com todas as letras, e em um período mais curto, que o esforço é mesmo inútil. E esse movimento de enorme dedicação para resultados mínimos é repetido ao longo do texto, como comprova o trecho a seguir: “Apesar de tão vastos e pouco comuns conhecimentos, não adiantara o nosso Pitaluga um passo na carreira.” (p.164)

E aqui cabe lembrar a idéia de labirinto, mencionada pelo narrador, que complementa a crítica de que todo esforço que nosso capitão fazia era vão:

À maneira do caçador de vocação, ali concentrava toda a sua atividade; mal comia; dormia pouco; andava abstrato e, como tinha redação penosa, prolixa e muito confusa, enredava-se num sistema de argumentação tão difusa e atrapalhada que dela dificilmente podia safar-se, como se penetrara num labirinto. (p.166)

Associando a imagem do labirinto ao modo como são descritas as ações de Pitaluga, até chegar à conclusão de sua vida, podemos identificar estes “círculos” que vão se formando ao redor do capitão, numa espécie de itinerário cujo ponto de chegada é o mesmo que o ponto de partida. Na realidade, são atitudes minuciosas para as quais o próprio narrador dispensa uma enorme atenção, justamente para destacar a ênfase que o capitão dava a tais episódios.

Para justificar tal afirmação, ilustraremos aqui um caso a que chamaremos “O caso dos botões”, que seria uma alegoria de todo o conflito exposto na narrativa, na qual o narrador, por meio da ironia, exalta um fato tão banal. O problema criado em torno desse “caso” é um tanto cômico, já que Pitaluga não admite o fato de os “praças de pré” usarem botões de massa no lugar de botões de metal. Para ele, era uma ofensa aos militares o uso “de objetos tão indispensáveis para o garbo e a boa compostura do militar brioso” (p.167), segundo a caracterização irônica do narrador:

Escavando exemplos que, entre parênteses, nada vinham ao caso, mostrou com emaranhada eloquência o exército nacional vítima da ganância dos fornecedores e por aqueles desalmados, privado, depois de curtíssimo tempo de uso, de objetos tão indispensáveis para o garbo e a boa

compostura do militar brioso. (...) botão de metal, único digno de brilhar no peito do soldado brasileiro. (p.167)

Diante de tal situação, Pitaluga faz reclamações exaustivas acerca do assunto, o que lhe rende a decisão do governo de acabar com “o império dos botões de massa”. Mais uma vez, valendo-se da ironia, o narrador demonstra como foi “importante” o recebimento de tal notícia: “Que dia aquele em que chegou a Goiás o correio, trazendo a notícia de tão importante decisão!” (p.168).

Desse modo, o capitão desgasta-se em busca desse resultado, esperando que com isso também obtivesse a tão almejada promoção, mas seus esforços são sempre inúteis. Na realidade, o movimento é sempre o mesmo, ou seja, são muitas voltas sem, contudo, sair do lugar, como se lembrasse um verdadeiro labirinto.

Além do mais, podemos associar essas voltas ao movimento que o personagem bíblico Moisés fez no deserto rumo à terra prometida. O primeiro indício apresentado pelo narrador é a simbologia em torno do número quarenta, o qual é muito representativo no mundo cristão e é indicado logo no início do texto:

Se pelo menos fora, como chefe de classe, isto é, o primeiro do quadro dos capitães, graduado em major, para contar a efetividade desse posto e ter a graduação do imediato, tudo na forma da Provisão de 24 de janeiro de 1824, que ele não se fartava de repetir e lembrar, com mais paciência decerto esperara os *quarenta* anos da Lei. (p.162)

Ele poderia ser beneficiado por essa lei, esperando os quarenta anos, se não houvesse outro companheiro mais “antigo de praça um dia”, o major Fonseca. De qualquer modo, teria de cumprir à risca esse tempo determinado, tal como acontece na história bíblica.

Liderados por Moisés, os hebreus saem do Egito que os escraviza para conquistar a terra de Canaã. Porém, antes de se apossarem do local prometido por Deus, eles andam em círculos no deserto por quarenta anos. É durante esse período que passam por inúmeras dificuldades, chegando, por isso, à rebeldia, à idolatria e ao politeísmo. Na verdade, é um povo que vive na condição de nômade pelo deserto nesse espaço de tempo, a fim de ser antes provado, para só depois contemplar a tão sonhada terra. Há um trecho bíblico onde a voz de Deus é dirigida ao povo da seguinte maneira:

Lembra-te de todo caminho por onde o Senhor te conduziu durante esses quarenta anos no deserto, para humilhar-te e provar-te, e para conhecer os sentimentos de teu coração, e saber se observais ou não os seus mandamentos. (1998, p.224)

Da mesma maneira o capitão Pitaluga parece ter de passar por esse tempo estipulado pela lei, como se tivesse de testar seus sentimentos. O povo hebreu era conduzido pelo deserto com um único objetivo, o de tomar posse da terra; igualmente o capitão caipora percorria seu difícil trajeto com uma única obstinação, isto é, ser promovido.

Diante dessa situação, associamos a imagem do personagem sendo levado por um burrinho, numa “vida errante longe do sossego da sua casa e do remanso da querida família” (p.187), à do povo hebraico que também vivia o nomadismo. E mesmo o líder judeu, enfrentando todas essas dificuldades, em um dado momento do percurso se rebela contra as ordens de Deus e, como castigo, é impedido de entrar na renunciada Canaã. Porém, ele tem a oportunidade de somente contemplar essa terra do alto do monte Nebo, onde morre.

Assim também ocorre com Pitaluga, pois o narrador se vale do provérbio “Desejos sempre vão, reais só dores” (p.193) para antecipar o desfecho da vida do capitão, segundo o trecho abaixo:

mas, oh! fatalidade, surgiu ao mesmo tempo para o pobre do capitão esse monte *Nebo*, que tantos nesta vida de decepções e amarguras têm de galgar para tão somente de longe contemplarem a realização de suas mais ardentes e justas esperanças! (p.193, o grifo é nosso).

Desse modo, como Moisés, ele também só pode contemplar “do alto do monte”, sem, porém, conquistar de fato sua almejada promoção. Assim, é afastado e volta para casa fazendo algumas reflexões: “Podia enfim descansar rodeado da idolatrada família, fazendo embora amargas reflexões, não tanto sobre a injustiça e inseqüência dos homens, como sobre o caiporismo que o acompanhara em todas as fases de sua obscura existência.” (p.194)

Eis um tema sobre o qual Taunay insiste não só nessa narrativa, mas também em “A Vingança de um Recruta”: o caiporismo. Na verdade, ele trabalha com dois opostos, pois o contrário do caiporismo parece ser o “apadrinhamento”. Assim, a amarga reflexão do personagem é desenvolvida a partir dessa dicotomia: seria ele realmente “azarado” ou sofrera a vida toda vítima do sistema injusto no qual fora inserido?

Portanto, podemos concluir que essas “voltas labirínticas” do nosso capitão parecem finalmente associadas ao mito de Sísifo, visto que o movimento repetitivo e enfadonho de ir

ao cume da montanha, soltar a pedra, buscá-la e recomeçar a trajetória é quase o mesmo de Pitaluga: tentar, tentar e tentar para continuar sempre capitão.

## CAPÍTULO IV

### Uma narrativa erótica: a propósito de “Um dia de paixão”

“Que quebrar d’olhos tão lânguido, tão  
insinuante! De minuto a minuto como que se  
acendiam chamas entre aquelas cansadas  
pálpebras!”

(Visconde de Taunay, “Um dia de paixão”)

Esta narrativa parece diferir das outras analisadas tanto pela brevidade quanto pela temática, cuja alusão à Guerra do Paraguai é mínima. São vinte e duas páginas das quais podemos retirar reflexões importantes acerca do hibridismo e dos conflitos morais, destacando o uso da intertextualidade, além da questão de ordem "autoral" relativa aos heterônimos que anunciam a origem da narrativa, bem como o investimento no erotismo que, disseminado por todo o texto, insere a personagem em um "conflito" de ordem afetiva e moral.

Antes da narrativa propriamente dita, pode-se ler uma carta assinada pelo capitão de artilharia Eugenio de Mello e endereçada a um certo "Sylvio", que, sem dúvida alguma, é Sylvio Dinarte (pseudônimo do Visconde de Taunay), que assume a autoria das *Narrativas*<sup>8</sup>. Na verdade, Eugenio de Mello, outro de seus pseudônimos, encaminha em anexo à carta o resultado do atendimento a um pedido que Sylvio lhe fizera: o de receber por escrito o que o capitão já lhe contara oralmente "em horas de confidência" (p. 197).

Sendo assim, Eugenio de Mello, o protagonista, é o narrador de três versões da história: a primeira já havia se dado oralmente - "entre boas fumaças de puro havana", a segunda é a que segue juntamente com a carta, para ser "corrigida" e "embelezada" pelo “escritor” Sylvio, já que Eugenio se confessa incapaz de escrever:

não posso decerto manejar a língua com essa leveza de estilo que comportava o caso, esse apuro gracioso, essa correção de frase, esse acabado de forma, esse esmero, enfim, sem o que ninguém devera saltar, de

---

<sup>8</sup> É longa a lista dos pseudônimos adotados por Taunay em seus vários textos. O mais conhecido é Sylvio Dinarte, o da maioria dos romances, contos e peças teatrais, e do livro *Céus e terras do Brasil*. Mas, ainda para a ficção, há outros, como Heitor Malheiros, para o romance *O Encilhamento*, e Eugenio de Mello, para a comédia de costumes *Por um triz coronel!*. O nome Jorge Palmer assinou o texto *Como me tornei kneippista*, e Flávio Elysio, as suas inúmeras composições musicais. Há ainda um enigmático "T." de pelo menos dois textos: os poemas em homenagem a D. Pedro I e o texto *A Classe Militar perante as Câmaras*. Na imprensa, foram adotados os pseudônimos A Sentinela, Tory, A velha de Syracuse, Carmontaigne, André Vidal, Mucio Scaevola, etc. (Cf. MARETTI, 2006, p. 57)

viseira alçada, na arena da publicidade, como cavaleiro que ganhou legitimamente as suas esporas de ouro. (p. 197)

E a terceira é a que lemos, resultado final deste trabalho de "correção" e "embelezamento", o que não exclui a referência à situação de produção oral do discurso, como vemos no trecho transcrito a seguir.

Como se pode constatar também em “A vingança de um recruta”, o narrador parece “contar um caso” e opta por fazer reflexões que julga importantes, valendo-se da digressão. Dessa forma, num movimento auto-reflexivo e metalingüístico, ele mesmo volta a lembrar a sua condição de narrador. O trecho abaixo comprova a afirmação, até mesmo pelo uso de expressões típicas da fala, como “tintim por tintim”. Vejamos:

Não se pode ser mais puerilmente fátuo, não achas, Sylvio? Mas estou contando *tintim por tintim* o que me sucedeu, o que pensei, o que fiz naquele dia memorável e não me é dado deixar de lado circunstância alguma que justifique a precipitação com que caminharam os acontecimentos de ordem, quer moral, quer física.

Quem, um tanto conhecedor das coisas deste mundo, ignora que um pé bem talhado, uma mãozinha mimosa, uma cintura delgada, um sinal de nascença, um defeito até, em certos casos críticos vale mais do que centenas de argumentos concatenados pela hermenêutica mais cuidadosa e cerrada?... Continuemos, porém. (p. 204-205)

Além de destacar esse início de narrativa, vale ressaltar a exploração feita dos pseudônimos utilizados pelo autor. Seriam realmente pseudônimos ou, a exemplo do consagrado escritor português Fernando Pessoa, não seriam mais propriamente heterônimos? A questão propositalmente indagada conduz a uma reflexão importante visto que, se pensamos em Eugenio, observamos que não é só um nome diferente, mas é o de alguém que tem uma profissão, um perfil bem traçado; enfim, há uma identidade minimamente constituída. Isso nos leva a constatar um caso de heteronomia.

“Um Dia de Paixão” diz respeito a uma história, como revela o próprio título, que acontece em vinte e quatro horas. Em uma viagem de barco, o capitão Eugenio, homem sedutor e um tanto seguro de si, conhece um grupo de mulheres. Apesar de ter ficado admirado com todas, uma delas, a viuvinha Adélia, desperta-lhe uma atenção especial.

Procura, então, aproximar-se dela por meio da música, já que toca piano, como também por meio de frases soltas e envolventes, na tentativa de um diálogo, o que se comprova nos trechos seguintes:

A viuvinha declarou-se louca por música, cantara outrora romances sentimentais, mas desde o falecimento do esposo nunca mais soltara uma nota. Fechara a garganta aos ímpetos do peito.

— E Adélia tem uma linda voz — anunciou-me a loura.

—Se me fora dado ouvi-la! — exclamei com imenso lirismo. (p. 206)

Dessa maneira, é criado um clima envolvente na história, o que leva o capitão a apaixonar-se por Adélia e esta, conforme pode se observar no discurso do narrador, também parece estar envolvida. O fato de ela ter parado de cantar desde a morte do marido sugere uma ausência momentânea de predisposição para uma relação amorosa, o que parece desafiar o seu admirador. Eugenio toca até as 11 horas da noite, quando as mulheres vão se deitar, despedindo-se do capitão-pianista, que também vai dormir. Em seu beliche, sente um enorme cansaço, além de desesperar-se por ver acabar um "romance tão bem encetado".

E nesse estado em que se encontra o narrador-protagonista é possível compreender o que lhe acontece logo em seguida. Ele tem um contato mais íntimo com Adélia e, arrependidos da ousadia de tal atitude, ambos se lançam ao rio. Porém, ele acorda, procura averiguar os fatos e descobre que as mulheres já tinham ido embora, o que o leva a atestar que tudo não passara de um sonho.

Em meio a esses fatos narrados, pode-se constatar várias referências — intertextuais, mitológicas e musicais — que podem ser objeto de um estudo sobre a função sugestiva que desempenham na narrativa. A esse respeito, apontamos, para efeito de ilustração, a referência a uma das fábulas de Lessing alusiva à brevidade dos fatos, a qual discorre sobre a vida de "efêmeros bichinhos" (p. 199).

A fugacidade dos acontecimentos permite-nos associar a narrativa também à peça de Shakespeare *Sonho de uma noite de Verão*, uma história romântica que acontece numa floresta próxima a Atenas, e que mistura personagens da mitologia grega com duendes, nobres e plebeus. Toda a confusão amorosa se dá no momento em que alguns personagens dormem e são enfeitiçados por uma poção mágica que faz com que qualquer pessoa se apaixone pelo primeiro ser vivo que vir pela frente. Para alívio dos apaixonados, no final, tudo não passa de um envolvente "sonho" de uma noite de verão.

Da mesma forma, Eugenio e a viuvinha protagonizam uma história de amor apenas no sonho do capitão que, por sua vez, vive uma bela noite de verão, o que pode ser comprovado pelas descrições das paisagens e pela presença significativa da lua. A participação dos personagens mitológicos (como o Cupido na peça de Shakespeare e Morfeu

na narrativa de Taunay) mostra como ambos recorrem à mitologia, ao sobrenatural, justificando algumas atitudes dos personagens.

O narrador também faz uma outra alusão ao texto shakesperiano, quando compara um “sentimentozinho pequenino, pequenino como a unha rosada do dedo mínimo da fada Titânia” (p.206), pois esta é um dos principais personagens da peça mencionada.

Quanto à mitologia grega, vale ressaltar alguns registros feitos ao longo da narrativa, a Júpiter, Adônis, Anfion, Antínoo, Cupido, Febe e outros, os quais são invocados em diferentes situações. Por exemplo, o narrador recorre à Febe, considerada a deusa da lua, como testemunha de seu suposto encontro com Adélia: “no céu, silenciosa Febe, que parecia contemplar-nos com risonha condescendência.” (p.216). Ou ainda, a referência ao Cupido, representante do amor, quando Eugenio pergunta à viuvinha se ela se rebelaria contra os impulsos desse ente mitológico.

Além disso, reporta-se a Anfion<sup>9</sup>, invocado na narrativa para “comover os corações pétreos” (p.206) que estavam naquele ambiente prontos para escutar a música que seria tocada pelo capitão. Esse mito grego desempenha aí o mesmo papel que na mitologia pois lá, ao som de sua música, fazia as pedras rolares.

Contudo, o mais significativo é o último ao qual o capitão faz menção, ou seja, Morfeu, o deus grego dos sonhos. Aqui a referência é realizada no final do texto, diante de uma dúvida apresentada pelo personagem: “Malvado Morfeu! (...) Mas... deveras, devo amaldiçoá-lo?”(p.219). De fato, essa hesitação surge porque Eugênio sabia que, segundo a mitologia, essa divindade poderia assumir qualquer forma humana e surgir nos sonhos das pessoas, de modo a representar a pessoa amada. Assim, temos a explicação para o que havia acontecido com o protagonista, pois todo o envolvimento com a viuvinha não passara de um “sonho dos deuses”.

Além dos mitos gregos, o narrador também alude a vários escritores da Literatura Universal, como Goethe, Schiller, Corneille, Homero, Alexandre Dumas. No entanto, a ênfase maior é dada a Octave Feuillet, autor do livro predileto da viuvinha - *O conde de Camors*, bem como a Balzac, autor da obra intitulada *Lírio do vale*.

---

<sup>9</sup> Como se sabe, Anfion, filho de Zeus e Antíope, filha de um deus-rio da Beócia, Asopos, está ligado às lendas tebanas. Enquanto seu irmão gêmeo Zetos dedicava-se a atividades rudes como a agricultura e a luta, ele tocava músicas em uma lira que recebera do deus Hermes. Anfion e Zetos eram também chamados de “dióscuros tebanos” e atribui-se a ambos a construção das muralhas de Tebas. Segundo a tradição, Zetos carregava as pedras nas costas, e Anfion fazia as pedras se moverem ao som de sua música... Anfion desposou Níobe, filha de Tântalos, e foi aparentemente morto por Apolo juntamente com seus filhos, os *nióbidas*.

Este livro é citado pelo próprio personagem ao responder a uma pergunta da loira, que gostaria de saber de Eugênio se Balzac “é sempre verdadeiro quando pinta a paixão”(p.210). Embora o autor predileto dela fosse Balzac, o narrador usa o exemplo do já referido livro *O lírio do vale* para fundamentar a opinião de que esse escritor “muitas vezes falseia as situações com patentes exageros”(p.210).

Trata-se da história de uma mulher casta, casada com um homem já de idade avançada e um tanto doente, a qual consegue livrar-se de uma situação de adultério e sedução por meio da morte. Esse fato nos permite remeter ao enredo da narrativa em análise, já que o nosso protagonista, assim como o de Balzac, parece transgredir a norma monogâmica imposta pelos códigos sociais e religiosos. Pela descrição que faz ao apresentar o personagem de uma loira casada, ele se mostra de acordo com os mandamentos bíblicos, principalmente no que diz respeito ao nono deles, que ensina que não se deve “cobiçar a mulher do próximo”. Porém, um pouco adiante, ele mesmo parece transgredir o mesmo preceito:

Casada e sem filhos; tinha [*a loura*] um modo de olhar todo seu e – sinceramente – perigoso para quem busca viajar por este imenso e inquieto mundo, sossegado com a sua consciência e de acordo com o nono mandamento. (p.200)

Prontamente protestei com o ardor de quem arreda de si uma calúnia e, deixando à margem e de uma vez o louro tipo que me inclinava a infringir – por pensamento – o nono mandamento (...). (p.212)

Leyla Perrone-Moisés, em um de seus ensaios críticos (“Flores da escrivanhinha”), fala sobre esse livro, revelando, portanto, a temática abordada por Balzac, a qual também é enfatizada na narrativa de Taunay: “Trata-se, afinal, de uma intriga pobre e bastante comum do século XIX — adultério *versus* princípios morais.” (1990, p.44). Além disso, ela discorre sobre a segunda parte desse livro balzaquiano (intitulada “Os primeiros amores”), a qual descreve buquês de flores, para refletir o papel que a metáfora floral desempenha no romance:

As descrições dos buquês de flores em *O lírio do vale* não constituem uma parada na narrativa (para informar, distrair ou convencer o leitor), mas são uma continuação da narrativa em outro nível. Essas descrições aparecem num momento de impasse da intriga, quando se verifica a impossibilidade de realização e de expressão direta (para as personagens e para o narrador) de desejos que a moral proíbe. (1990, p.45)

Da mesma forma que Balzac utiliza a “comunicação floral” para sugerir alguns desejos proibidos, Taunay se vale de alguns objetos para também sugerir o diálogo entre Eugenio e a viuvinha, o qual não seria bem-visto pelos padrões morais da época.

No decorrer das páginas, percebe-se esse investimento alegórico em pelo menos três objetos que assumem a função de exprimir o desejo erótico: o piano, a botina de Eugenio e o “acetinado e gentil calçado” da viuvinha. O primeiro deles estabelece um código musical entre os envolvidos, pois são as teclas do instrumento responsáveis por traduzir o que se passava no pensamento e, portanto, só poderia ser compreendido pelos dois:

De posse novamente do teclado, perguntei por meio de altivas cromáticas se era intenção sua inabalável não render mais culto à paixão, rebelar-se contra o influxo do mitológico Cupido.  
E com que direito? — interrogou sombrio um repentino ponto de órgão.(p. 207)

No início do segundo capítulo, são os pés revestidos desses dois significativos calçados que estabelecem o diálogo velado entre os personagens. Para tanto, selecionamos alguns trechos dessa conversa:

— Por que tanta frieza? perguntou minha botina Meliés com timidez e fazendo um lento movimento retrógrado. (...)  
— Mas — replicou o Meliés com o fogo de que é capaz um couro curtido e engraxado — se eu chegasse a ganhar um cantinho... do seu coração... seria... para toda... a vida!  
— Não — balbuciou o sapatinho — tenho medo... dos homens... (...)  
— Deixe-me... deixe-me em paz — implorou o acetinado e gentil calçado.  
(p.208-209)

Assim, nesse diálogo metafórico, notamos que o sapato da viuvinha é sempre tímido, carregado de um certo medo, o que leva o outro a perguntar o porquê de tanta frieza. Em contrapartida, a botina representa o “fogo” sedutor do qual é revestido o personagem Eugenio, que tenta de todas as maneiras seduzir a viuvinha.

Porém, o livro de Octave Feuillet estabelece uma relação ainda maior com a narrativa do Visconde. Por ser o livro preferido da viuvinha, veremos que o seu enredo está intimamente ligado à vida desse personagem. A obra conta a história do conde Luiz de Camors, homem inteligente, incrédulo e calculista, o qual decide seguir os conselhos que o pai lhe deixa em uma carta antes de se matar, ou seja, “Não tenhas escrúpulos em usar das mulheres para conseguires o supremo gozo, dos homens para conquistares o máximo poder,

mas não faça coisa alguma que te fique mal.”; mas deveria levar em consideração uma única palavra, a honra, “quer dizer o respeito e a estima de nós mesmos”. (1894, p.18-19).

Assim, envolve-se com Julieta, a mulher do seu melhor amigo de infância, Lescande, tratando-a com desdém após ter conseguido o que desejara. Depois de algum tempo, ela morre completamente arrependida por haver traído seu marido tão dedicado. Após esse acontecimento, quase concomitante à morte de seu pai, o conde decide partir para o campo ao encontro de alguns de seus familiares, embora odiasse o interior e considerasse que estes não lhe mereciam muito amor. Apesar disso, é nesse lugar que se encanta por Carlota, uma prima órfã muito pobre, que se declara a ele, pedindo para se tornar sua esposa. Ele a rejeita e diz que havia tomado a decisão de ficar solteiro para o resto da vida.

Dessa forma, a jovem se casa com um homem velho muito rico, o marquês de Campvallou, que a torna uma bela dama ornada com muitas jóias e riquezas. É esse bom homem que dá algum dinheiro para o conde e o destina a uma região provinciana da França, Reuilly, a fim de conquistar o nobre Des Rameures, homem muito influente, que poderia ajudá-lo em seu propósito: o de tornar-se um político bem-sucedido. De fato ele consegue seu objetivo, mas contando muito mais com o apoio da sobrinha desse homem, a condessa Elisa de Télec. Ela havia ficado viúva muito jovem, por isso se dedica a cuidar do sogro, do tio e de sua filha Maria.

O conde de Camors acaba realmente se apaixonando pela viscondessa, declara-se, mas ela decide não assumir seu sentimento por ele, alegando ser mais velha e ter a incumbência de cuidar de sua família, bem como honrar o nome que carregava. Ela lhe promete educar sua filha Maria para casar-se com ele, além de ajudá-lo a conquistar a simpatia de seu tio, com o propósito de conseguir benefícios na vida política.

Deveras é o que acontece, pois o conde torna-se um político engajado em Paris e desposa a filha de sua amada viuvinha. Porém, na capital francesa retoma os laços com sua prima Carlota, com quem mantém um caso. Assim, o marquês de Campvallou, que tanto o ajudara, acaba descobrindo e morre; da mesma forma, a condessa de Camors, agora sua esposa, e sua mãe sofrem com a situação. No final, Maria, com um filho nos braços, volta para o campo com sua mãe, deixando o conde em Paris, onde ainda mantinha o caso com sua prima.

Ele ainda tenta rever seu filho, mas este o rejeita. O conde fica doente e, antes de morrer, pede que Carlota entregue uma carta a seu filho, da mesma forma que o seu pai lhe entregara antes de se matar.

Portanto, o tema do adultério contraposto aos valores morais da época também se repete nessa obra, o que confirma a relação com o texto de Taunay. Mas não é só a temática que pode ser relacionada: há outros elementos, que comentaremos a seguir.

Esse livro é o predileto da viuvinha Adélia, que possui as mesmas características da viuvinha de Octave Feuillet, pois as duas aparentam ter a mesma idade, além do olhar expressivo e da voz sedutora, já que ambas eram cantoras. Para isso, selecionamos trechos das duas obras, os quais comprovam a comparação:

(...) viuvinha de 25 anos quando muito, arrebatadora, mas... inconsolável.  
Que quebrar de olhos tão lânguido, tão insinuante.(p.201)  
— E Adélia tem uma linda voz. (p.206)

...erguia-se uma voz de mulher pura e grave (...) Era uma senhora morena, pálida, elegante, que não parecia ter mais de vinte e cinco anos; o oval um tanto severo do seu rosto, animavam-no dois rasgados olhos negros que ainda pareciam maiores e mais vívidos quando cantava.(1894, p.101).

Dessa forma, a música desempenha um dos aspectos sedutores nas duas produções, pois os dois personagens femininos eram donos de uma bela voz, além de os dois protagonistas também serem músicos. Portanto, o “temor dos homens” que a viuvinha sentia justifica-se, de um lado, pelo mesmo medo que a condessa Elisa de Télec tinha, e de outro, por ver no capitão Eugenio reflexos do personagem Luiz de Camors. Além disso, quando o capitão lhe pede confiança, sua resposta transmite talvez a imagem negativa que se tinha de um militar: “militar quer dizer volúvel”(p.209).

A partir desses dois romances franceses, podemos pensar no conceito de intertextualidade como fundamental na análise dessa terceira narrativa, já que há um diálogo constante com outros textos, sem o qual a obra em questão não poderia ter sentido pleno: “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Se observarmos a composição do cenário, assim como a situação em que estão inseridos os personagens, é possível perceber um erotismo que não se explicita, mas que se mantém sempre velado. Alguns elementos textuais comprovam tal afirmação, como a interpretação que Eugenio afirma dar à música de Donizetti:

A coisa era em lá bemol e levava endereço direto à viuvinha.  
Depois de uma sucessão de acordes que procuravam, com a possível discrição, saber se a lembrança arraigada do defunto não permitiria nunca,

nunca, a insinuação de um sentimentozinho pequenino, pequenino como a unha rosada do dedo mínimo da fada Titânia, pintei-lhe nas largas frases de um dueto em adágio, que pertencia a Donizetti e à inspiração do momento, a felicidade da convivência de duas almas criadas para se entenderem. Abusando do assunto e exprimindo as inquietações de um seio ávido de amor, terminei num pianíssimo vaporoso. (p. 206)

Concorrem também para o mesmo efeito erótico a adjetivação usada para caracterizar a voz da viuvinha — “insinuante, cristalina e musical” (p.203) —, o modo como enceta a discussão sobre a crença em paixões repentinas (p.211) e a presença cúmplice da lua, que aparece com ênfase neste trecho: “E a noite descera serena e fresca, desdobrando o cintilante e misterioso manto. Era noite de luar, mas o argênteo astro não emergira ainda de esperançoso ambiente”. (p. 212)

É justamente sob esse “misterioso manto” que se passam os momentos mais significativos da narrativa, o que ressalta a idéia do erotismo como algo velado. O momento em que ele narra o fato de a lua ainda não ter aparecido no céu antecede o “encontro onírico” de Eugenio e Adélia. Além disso, a lua é exaltada pelo narrador, que mostra os efeitos de sua claridade no rio, ilustrando, assim, a sintonia perfeita com a natureza: “Estava esplêndida a lua. Refletia-se num lado do rio, transmudando-o em deslumbrante lâmina de prata, ao passo que mergulhava a outra margem em fantástica escuridade” (p.215)

Toda essa minuciosa insistência em torno da lua não é despropositada; pelo contrário, ela parece interferir na ação das personagens, de modo a se poder atribuir a ela a responsabilidade pelo movimento sedutor. Essa afirmação pode ser constatada no trecho em que Eugenio se aproxima de Adélia, antes de eles se encontrarem. Na realidade, a viuvinha “entra no jogo da lua” e acaba unindo-se ao capitão: “Quando cheguei acima, ela não se mexeu: estava encostada à amurada a seguir com os olhos o jogo do luar nas ondas que o vapor cavava.” (p.216)

É interessante salientar o papel mágico que a lua desempenha na ação para também avaliarmos o caráter unilateral e surreal dos diálogos relatados por Eugenio. Assim, vale tomar por exemplo uma afirmação de Roland Barthes para comprovar como o erótico ainda se dá de maneira velada, sugestionada:

O erotismo é apenas uma fala, porque as práticas só podem ser codificadas se conhecidas, isto é, faladas; ora, nossa sociedade jamais enuncia qualquer prática erótica, apenas desejos, preâmbulos, contextos, sugestões, sublimações ambíguas, de sorte que para nós o erotismo não pode ser definido a não ser por uma fala perpetuamente alusiva (*Apud* DURIGAN, 1985, p. 84)

Além disso, o que nos faz comprovar o cuidado estético para com a linguagem é o modo como se descrevem principalmente as paisagens, de maneira a estabelecer uma voz poética: “Nas barrancas o arvoredo formava maciços compactos e sombrios, em cujo meio cintilava um ou outro galho, iluminado caprichosamente por vivíssimo raio de luz.” (p. 215).

Essa voz é muito característica nas obras de Taunay. Na análise do cenário de “Um Irmão”, já constatamos o mesmo processo. O conjunto poético apresentado transmite-nos a visão da natureza sob uma nova perspectiva, talvez a de alguém que prepara, através das paisagens, o ambiente para as ações das personagens. Na realidade, a descrição poética do espaço em Taunay é muitas vezes um prenúncio do que virá a seguir.

Isso acontece, por exemplo, no primeiro parágrafo do texto, quando o narrador parece preparar o cenário da história a ser contada. A linguagem utilizada, como nas outras descrições, é diferente daquela empregada no restante da narrativa, pois é carregada de lirismo:

Calmamente, fundo, largo e de límpidas águas era o rio; por entre verdejantes margens corria o vapor, ora quase a roçar as franças das árvores, ora bem no meio da corrente; o dia, a princípio nublado, fora destoucando-se das brumas da manhã e resplandecia viva e alegremente; a brisa soprava fresca e contínua; reuniam-se numa palavra todas as condições precisas a fim de que a bordo reinasse sincera satisfação e daí cordiais disposições entre os passageiros para imediata e recíproca harmonia.(p.199)

Ainda no que diz respeito à descrição, o modo como o narrador apresenta os personagens femininos, e principalmente Adélia, parece misturar os cinco sentidos, levando a uma “descrição sinestésica”, o que ressalta a percepção e a sensibilidade de Eugênio. Observemos o trecho transcrito, fundindo a visão, o olfato, a audição e o paladar:

E música era sua voz velada, tão doce e suave, tão cadente como barcarola cantada nas lagunas de Veneza em noite de amortecido luar.  
De seus cabelos, de seu flexível corpo emanava um perfume de violetas murchas que me inebriava. (p.212)

Mas a percepção musical do narrador é a que prevalece nas descrições, como se ele transformasse em música aquilo que está ao seu redor. Por exemplo, quando a viuvinha afirma que a noite teria sido menos interessante se o capitão não lhes tivesse proporcionado horas de “animação e amabilidade”, ele capta as vozes das belas jovens, ao concordarem com

a amiga, como “um murmúrio suave como brisa a sussurrar entre os folíolos das casuarinas” (p.203). Também ao captar sons que poderiam não ser notados, se ele não demonstrasse tamanha sensibilidade: “Distante, bem longe, erguia-se o canto intervalado das aves ribeirinhas, e o ruído da máquina acordava na floresta adormecida ecos e sons estranhos” (p.215).

Com a mesma percepção musical ele descreve o diálogo com a viuvinha por meio das teclas de um piano, como já dissemos anteriormente. Porém, aqui, pela enumeração das frases, ele parece nos conceder o ritmo da música que ele toca. Para isso observemos o fragmento selecionado:

E com que direito? — interrogou sombrio um repentino ponto de órgão. Porventura a sombra de um marido enterrado há tantos anos, pasto de vermes, eco morto, esvaído — grupetos irônicos — porventura essa reminiscência anacrônica, importuna, impertinente, devia aniquilar tudo, mocidade, inteligência, beleza, fogo, esperanças de futuro, fé no porvir, alegria e felicidade? (p.207)

Aqui, quando ele utiliza a palavra “grupeto” refere-se a um grupo de notas (três ou quatro) que antecedem a nota real. E, no conjunto, a duração desse grupeto deve ser a mesma da nota de origem. Esse é o mesmo efeito que ele parece atingir com a intercalação dos adjetivos: “marido enterrado há anos, pasto de vermes, eco morto, esvaído”, como se “corresse” nesse momento da descrição para voltar ao “porventura” já anunciado, tanto que ele retoma essa palavra. O mais interessante é perceber a relação que ele tenta fazer entre a teoria musical e a escrita, pois deseja produzir o mesmo efeito.

Também vale destacar as imagens metafóricas exploradas nas descrições. Esse movimento é constante na narrativa, e por isso selecionamos as mais significativas delas. A primeira se dá no momento em que o capitão inicia sua apresentação musical, pois afirma: “preludiei em surdina, como um pássaro que experimenta e afina a laringe.” (p.206).

Mais adiante, refere-se a um fato histórico para medir a distância que tivera de transpor para encontrar sua amada no sonho: “Dizer que corri para ela fora fazer da realidade um sonho, pois, não sendo o convés unido, entre a proa e a popa abria-se larga solução de continuidade que talvez nem o pulo aéreo de Blondin pudera transpor”.(p.215). Trata-se do acrobata francês Charles Blondin, que atravessou as cataratas do Niagara, nos Estados Unidos da América, servindo-se de uma corda suspensa sobre as quedas de água.

Ainda se refere ao pulsar do seu coração, quando vai ao encontro de Adélia no sonho, como “malho a bater em bigorna” (p.216), pois tinha a impressão de que seu “impressionável músculo” queria saltar do seu peito. Por fim, afirma que o olhar apaixonado da viuvinha, que parecia perder-se no dele, estremecendo “como tocada de centelha elétrica”.(p.217).

Finalmente, é preciso lembrar que a Guerra do Paraguai só é mencionada pelo capitão no início da narrativa. Daí podermos afirmar que “Um Dia de Paixão” difere muito das outras: o cenário não é um ambiente bélico, e os personagens masculinos, ainda que pertençam ao Exército, não estão diretamente (pelo menos não nestas 24 horas) envolvidos com a Guerra. Nem o perfil de si mesmo traçado pelo capitão parece muito convencional no mundo militar – e as exclamações surgidas após a revelação de que ele tocava piano o comprovam: “Oh! Um capitão tocando piano!” (p.205).

## CAPÍTULO V

### “O Tio Hilário: uma tradição militar”

— Que belo corte de cadete! — exclamava o  
brigadeiro contemplando o filho com tal ou qual  
orgulho. — Que diz, amigo Peres?  
(Visconde de Taunay, “O tio Hilário”)

Trata-se de um jovem rapaz, a quem o narrador chama de “tio Hilário”, cuja família mantém uma tradição militar de pai para filho, inclusive na postura rígida e “ máscula” que dele é esperada. Porém, ele age justamente ao contrário das expectativas que a tradição cria. Afinal, mimado pela mãe, tímido e silencioso, “parecera haver sido educado entre as paredes de um convento de freiras” (p.226). Após longas discussões entre os pais para decidir se o filho seguiria ou não a vida militar, este, para conquistar o coração de sua amada e para não decepcionar o pai, decide não só assumir a farda como partir para a Guerra. Fica algum tempo longe e, quando volta, mais seguro e maduro, e tendo obtido o reconhecimento tanto do pai quanto das pessoas da “cidade natal, a capital da província de Santa Catarina”, consegue se casar com Lucinda.

A história só tem início a partir do capítulo I, pois o narrador faz uma espécie de preâmbulo, a fim de preparar o leitor para o que realmente será contado. De fato, ele enceta essa primeira parte, que chamaremos de “moldura”, com uma tentativa de diálogo com o leitor: “Nunca tratastes porventura de perto com o nosso bom e chorado tio Hilário de Souza Candido? Pois deveras foi pena.” (p.223).

Na realidade, utilizando um termo da narratologia de Genette, o que ele faz é uma espécie de prolepse, pois, como a define Carlos Ceia, aqui acontece “uma alteração da ordem seqüencial dos acontecimentos, antecipando (-se) alguns que ainda não tenham ocorrido ou fazendo simplesmente um sumário de uma situação que virá a ocorrer” (2008). Assim, essa primeira parte tem por objetivo antecipar algumas informações, de modo a preparar o leitor para a história que será contada. Isso acontece até mesmo pela descrição que o narrador faz do personagem principal, como se o seu perfil positivo neutralizasse as ridicularizações pelas quais Hilário terá de passar. Além disso, ele também explica, de certa forma, as condições de produção do discurso, pois vai salientar que se trata de um relato que ele já ouvira.

A última narrativa não se passa diretamente durante a Guerra do Paraguai, que é apenas aludida a partir do cálculo que se pode fazer através das datas e das idades dos

personagens. Além dessa, outras duas guerras estão intimamente relacionadas, compondo, dessa maneira, uma “série histórica” dos principais conflitos bélicos do século XIX.

Da primeira delas, a Guerra de 1801, participou o personagem Peres da Silva, amigo íntimo da família, que se torna tenente reformado por ter perdido a perna direita no ataque de Cerro Largo. Em seguida, o que está em causa é a participação do personagem principal, o tio Hilário, na Guerra da Cisplatina, cuja duração vai de 1825 a 1828. Já a terceira, a Guerra do Paraguai (1864-1870), provavelmente acontece no período em que o narrador atinge a idade considerada ideal pelo tio Hilário para receber as confissões deste e as reproduzir, consciente, porém, de que não seriam revestidas com a mesma “linguagem ingênua e graciosa” própria de quem lhe contara. Isso pode ser suposto pela análise das marcas temporais apresentadas durante a narrativa, as quais serão comentadas a seguir.

O tio Hilário recebera uma educação que fugia dos padrões militares da época e do lugar, pois a mãe sempre o cobrira de mimos e proteção. Apesar disso, na idade de 15 anos, era dono de um tipo físico muito saudável, o que levava seu pai e seu amigo, Peres da Silva, a vê-lo como um militar: “— Que belo corte de cadete! — exclamava o brigadeiro contemplando o filho com tal ou qual orgulho.” (p.228). E é justamente o que acontece, já que “uma semana depois (...) ele vai jurar bandeiras” (p.232), transformando-se, para orgulho dos dois ex-militares, no sonhado cadete. “Assim se passaram dois anos”, e Hilário é “promovido ao posto de alferes” aos 18 anos (p.236). Com vinte e quatro, no ano de 1826, ainda ocupa o mesmo posto em um batalhão de infantaria (p.227 e 239), quando decide partir para a guerra, a fim de provar sua coragem, pois sempre fora ridicularizado por seus companheiros de trabalho. Ele é consciente de que não tem vocação para as armas, mas, mesmo assim, resolve insistir, como escrevera em uma de suas cartas enviadas no período em que participava da guerra: “quero à risca executar o seu programa e depois retirar-me do exército por qualquer modo” (p.262). Ele cumpre o que prometera e só volta no final porque fora ferido e precisava de cuidados: “Venho com seis meses de licença para me tratar... Depois...” (p.270). Já no final do texto, essas reticências nos conduzem ao que fora narrado nas páginas iniciais, ou seja, “casado com tia Lucinda com quem fruiu durante 38 anos a mais completa e rara felicidade” (p.224) e “Era, há mais de oito lustros, simples tenente reformado do exército” (p. 224).

Dessa forma, se a guerra da qual participa vai até 1828, e ele cumpre até o final o que prometera, pode-se deduzir que ele retorna a sua casa provavelmente por volta dessa data. Após seu retorno, também podemos pensar que ele se torna tenente reformado, pois já no

início o narrador afirma não compreender por que “aquela reforma em anos da mocidade, cortando de súbito uma carreira que pudera ter sido brilhante, como também a tácita repulsão que manifestava por tudo quanto de perto ou de longe se prendia às coisas militares”. (p.224)

Assim, considerando seu retorno em 1828, o personagem principal contava com aproximadamente 26 anos. E, se estava há mais de quarenta na condição de reformado, ele teria entre 66 e 70 anos, ou seja, o período entre 1865 e 1870, justamente quando ocorre a Guerra contra o Paraguai.

Outro indício temporal vem da referência ao seu casamento com tia Lucinda, com quem vivera 38 anos. Se a união dos dois aconteceu um pouco depois de seu retorno da guerra, também podemos pensar que o final desse casamento acontece no mesmo período da Guerra da Tríplice Aliança. Além disso, o narrador utiliza o verbo “fruiu” no pretérito perfeito, o que nos permite afirmar que a ação fora encerrada, ou seja, ele recebe e conta-nos o relato quando o tio Hilário já não vivia mais com a esposa, confirmando a hipótese suscitada.

Portanto, são três gerações que passam também por três diferentes conflitos bélicos sucedidos ao longo do mesmo século, os quais estão relacionados entre si. O militar Amílcar Salgado dos Santos, na introdução de seu livro *A Guerra entre o Brasil e a República Argentina em 1827* (1923), afirma que tais guerras em torno do Rio da Prata (salvo a Guerra do Paraguai), ocorridas ao longo do século XIX, não recebiam a devida atenção historiográfica: “Não compreendia naquele tempo, o motivo de deixar-se ao esquecimento os nossos gloriosos feitos militares, com exceção dos da guerra de 1865 a 1870.” (p.13). Da mesma forma, o Visconde mostra-nos a preocupação em retomar os feitos militares da Guerra da Tríplice Aliança, bem como das outras guerras anteriores, revelando o cotidiano dos combatentes, ainda que nesta última narrativa seja de maneira menos detalhada.

Inicialmente faremos um breve apanhado histórico, de maneira sucinta, para que se possa avaliar a relação entre os conflitos. Para tanto, não nos deteremos nos pormenores de cada fase, apenas lembraremos o que for relevante para a compreensão de cada combate citado na narrativa.

Ao pensarmos no Brasil e em seus vizinhos como colônias de Portugal e Espanha, não podemos deixar de considerar que muito do que acontecia na América era de certa forma consequência do que ocorria nas metrópoles européias. Desse modo, a rivalidade e os conflitos na Península Ibérica também se refletiam em suas colônias. É o que mais uma vez afirma Amílcar Salgado dos Santos, apesar do tom um tanto determinista de seu discurso:

Infelizmente na América do Sul sempre refletiu-se o estado de relações entre Portugal e Espanha; quando entre as duas cortes reinava harmonia, nas colônias, apesar de divididas profundamente por um ódio surdo de raça, mantinha-se nas suas circunstâncias territoriais, que aliás estavam ainda por delimitar e assinalar. Quando rompiam as hostilidades entre as duas nações européias, a guerra refletia-se na América do Sul, se chocando as colônias, na expansão de rivalidade tradicional. (1923, p.19)

Um dos principais motivos de tantas disputas entre os países da América, principalmente Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, sempre foi a delimitação territorial. Já em 1494 foi assinado o Tratado de Tordesilhas entre as duas potências marítimas da época, Portugal e Espanha, o qual estabelecia limites para os territórios conquistados por elas, além de impedir o conflito entre essas duas nações.

Porém, esse tratado não foi cumprido na prática. Em 1680, por exemplo, impulsionado por interesses políticos e econômicos, Portugal funda a Colônia de Sacramento na margem direita do Rio da Prata, em frente a Buenos Aires. Tal fundação foi motivo de vários conflitos entre o Brasil colonial e os governos espanhóis.

Por isso, em 1750, é assinado o Tratado de Madrid, que cedia a Colônia de Sacramento aos espanhóis, e, aos portugueses, as missões religiosas localizadas na margem oriental do Rio Uruguai - que ficaram conhecidas como os Sete Povos das Missões – onde “encontraram forte resistência oposta pelos índios que obedeciam aos padres jesuítas que os armaram em guerra; e só se tornou efetiva em 1756.” (SANTOS, 1923, p.19).

Entretanto, as disputas pelo território platino continuam mesmo após esse acordo. E um outro tratado é assinado em 1777, o de Santo Ildefonso, que garantia à Espanha o território das Missões, do oriente do Uruguai e a Colônia do Sacramento. A Portugal coube apenas a ilha de Santa Catarina, cuja propriedade lhe fora tomada pelos espanhóis naquele ano, assim como o território do Rio Grande do Sul.

Após essa data, o Rio Grande passa por um período de desenvolvimento, embora também experimente um certo inconformismo por ter seu território reduzido pelo Tratado. E diante dessa situação, muitas lutas vão acontecer visando à expansão territorial, o que origina a guerra de 1801, citada pelo personagem Peres da Silva.

Essa guerra que, segundo o historiador Cláudio Moreira Bento (2008), durou de 14 de julho a 17 de dezembro de 1801, foi liderada pelo governador do Rio Grande de então, Sebastião Xavier da Veiga Cabral, morto após comandar a fase mais crítica do combate.

Dentre todas as etapas desse curto conflito, destacaremos o ataque a Cerro Largo, local onde Peres perde sua perna, obrigando-o, portanto, a se afastar da vida militar:

A 30 de outubro, após meia hora de tiroteio, a guarnição de Cerro Largo, em número de 600 soldados capitulava a Manoel Marques, que à frente de 800 homens a sitiara. A guarnição estava enfraquecida de mais de 700 praças que foram socorrer as Missões do Uruguai.

A intenção de Manoel Marques atacando Cerro Largo era restabelecer a segurança da fronteira, onde se conservava o inimigo. (SANTOS, 1923, p.25)

Mesmo em um curto período, muitos combates ocorreram, sempre com o objetivo de delimitar fronteira. Contando com o apoio da população gaúcha, o Rio Grande obteve resultados satisfatórios, conquistando, além dos Sete Povos das Missões, outros territórios importantes para a ampliação do Império, uma vez que incorporou, segundo Cláudio Moreira Bento, os seguintes atuais municípios: Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Arroio Grande, Pedro Osório, Herval, Pinheiro Machado, Bagé, São Gabriel e parte de D. Pedrito (margem direita do Santa Maria), além de alguns outros que se encontram na região das Missões.

Também a segunda guerra em questão, a da Cisplatina, é consequência dos acontecimentos relacionados até aqui, uma vez que perdurava a disputa territorial. Foi um conflito entre as Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina, parte do Uruguai e da Bolívia) e o Império do Brasil pela posse da Província Cisplatina, que corresponde ao atual Uruguai.

Essa região havia ficado sob o domínio das Províncias Unidas até 1816, quando o governo brasileiro assumiu o controle. Após a Independência do Brasil, em 1822, os argentinos incentivaram os uruguaios a lutarem contra a autoridade brasileira exercida no local pleiteado. Finalmente, em 1825, quando os líderes uruguaios Lavalleja e Rivera proclamam a independência da região, o Brasil declara a guerra.

Nos anos de 1826 e 1827, seguem-se batalhas marítimas e terrestres até a decisiva de Ituzaingó, também conhecida no Brasil como Batalha do Passo do Rosário. Assim, em 1828 é assinado o Tratado Preliminar de Paz, no qual Brasil e Argentina renunciaram às suas conquistas e reconheceram como Estado independente a região da Cisplatina, que passou a se chamar oficialmente República Oriental do Uruguai.

E mais uma vez, da terceira guerra implicitamente mencionada, a Guerra da Tríplice Aliança, participaram Brasil, Argentina, Uruguai e também o Paraguai. Sobre ela, já fizemos uma breve explicação no início do nosso trabalho.

Portanto, os três personagens da narrativa representam a história bélica do século XIX, muitas vezes esquecida por tantos brasileiros. É por tal motivo que João Paulo G.

Pimenta, ao mencionar a Guerra da Cisplatina, afirma: “No Império do Brasil, em meio à crise financeira agravada pela guerra, a *impopularidade* do conflito fazia crescer a oposição ao imperador, revelando a fragilidade política do regime.” (2002, p.248, os grifos são nossos). Além disso, Cláudio Moreira também comenta que o conflito de 1801 tem sido muito pouco estudado.

Sobre esse assunto, o próprio narrador do texto analisado faz uma importante revelação, ao falar sobre o personagem Peres:

Seu forte eram as campanhas travadas entre portugueses e espanhóis na zona cisplatina e, como fora testemunha presencial da última parte daquelas lutas, *ainda hoje mal conhecidas e estudadas*, falava dos chefes e cabos de guerra daqueles tempos como de amigos tão ilustres quanto íntimos. (p.29, os grifos são nossos)

Daí, então, poderemos afirmar que Taunay é o escritor-militar que vasculha o interior do país e no-lo revela por meio de uma sensibilidade aguçada, capaz de captar muitos pormenores aparentemente insignificantes do cotidiano dos combatentes, que, muitas vezes, nem sabiam o real motivo por que lutavam. Na verdade, ele tenta trazer à luz tais conflitos, a fim de torná-los conhecidos para, talvez, receberem a devida atenção.

Com esse mesmo olhar vasculhador é que ele opta pelo espaço da ação, já que esta última se passa em Desterro (atual Florianópolis), capital da província de Santa Catarina, de onde fora presidente. Aliás, é nessa capital que nasce seu filho Affonso D’Escragnolle Taunay, em 1.876. Decerto escolheu essa localidade não só pelo valor afetivo, mas também porque ela estava próxima dos conflitos relatados, ou seja, no sul do país.

Já na última análise, notamos como o Visconde “transita geograficamente” em seu texto. Em suas cinco narrativas, ele consegue passar por vários pontos do país, sem se deter exclusivamente na capital do Império. Assim, ele sai da Bahia, passa pelo Mato-Grosso até chegar no Sul, sempre com o propósito de revelar costumes, registros da língua e, principalmente, de descrever os lugares. Aqui, ele descreve parte da ilha, sempre observando as paisagens, de modo a compor uma tela:

E ali, descortinando em magnífico panorama parte da ilha de Santa Catarina, o estreito e o canal que a separam do continente; deixando as vistas pousarem já nos grupos de montanhas, que se alteiam de lado e doutro coroados de picos cintilantes, já nas recortadas linhas de terra a formar promontórios e cabos ou tranqüilas praias orladas de finíssimas areias; embebidos na contemplação demorada dos acidentes daquela formosa e variada perspectiva, ficavam horas inteiras... (p.245-246)

Vale destacar a informação que o texto traz no parágrafo anterior a essa citação, isto é, que o lugar descrito é visto do Pau da Bandeira, hoje conhecido como Morro da Cruz, que não pode ser considerado o ponto mais alto da ilha, mas é o que proporciona o panorama mais completo devido à sua localização.

Com efeito, essa declaração revela o olhar especial que Taunay volvia antes de escolher por qual perspectiva faria a descrição da região, tal qual um fotógrafo que procura o melhor foco com sua câmera nas mãos. E o ritmo com que realiza isso é evidenciado pelo verbo tão bem selecionado, isto é, “descortinando”. É precisamente o que ele faz, como se já conhecesse o cenário espetacular que havia por “trás das cortinas” e, naquele momento, fosse abrindo, aos poucos, para que o expectador pudesse se embevecer, numa “contemplação demorada”, diante de cada detalhe exibido. De fato, esses parágrafos descritivos, principalmente pela sintaxe e linguagem utilizadas, levam o leitor a realmente “demorar-se” um pouco mais no texto, como se “diminuísse a velocidade” da narrativa.

Além das referências às guerras citadas, Taunay se vale do personagem Peres para resgatar algumas imagens bélicas desconhecidas, já que este era tenente reformado e havia perdido sua perna direita em uma dessas lutas. Apesar de todos os reveses enfrentados, como a perda de tão importante órgão e a “mísera pensão” com a qual se sustentava, não deixava de lembrar com entusiasmo os assuntos militares, principalmente quando tratavam das campanhas do Sul.

Assim, o narrador utiliza a imagem desse militar para sugerir a impopularidade desses conflitos, e de como eram mal estudados. Por tal motivo, esse personagem cita o nome de militares ao longo da narrativa, alguns de maneira equivocada, de modo a resgatar a figura de homens que participaram de combates renhidos e por eles se dedicaram, e também de forma a sugerir o conhecimento superficial que tinha sobre o assunto. Dessa forma, destacaremos os principais nomes mencionados, a fim de comprovar tais afirmações.

Peres resgata alguns importantes combatentes da Guerra de 1801, da qual havia participado, como Bobadela, Veiga Cabral, “governador do Rio Grande na época” (SANTOS, 1923, p.24), Manoel Marques de Souza, que comandou o ataque a Cerro Largo, e Ceballos, liderando a parte espanhola. Também cita o conde Schaumburg de Lippe, reorganizador do Exército Português; o duque de Wellington, famoso general que, juntamente com Blücher, derrotou Napoleão Bonaparte na Batalha de Waterloo; e o próprio Napoleão Bonaparte, por quem demonstra grande admiração.

Convém, no entanto, destacar a referência que ele faz a um personagem da tragédia de William Shakespeare intitulada *Coriolano*:

Não se lembra do grande Corliano? — referia-se a Coriolano — Influência da mulher... — O guerreiro, meu amigo, não deveria ter nem pai, nem mãe, nem filhos, nem irmãos, nem parentes próximos ou afastados... Assim é que eu penso e comigo os mestres da grande arte!... Peuh! peuh!... (p.234)

E ele se vale de um personagem histórico, também personagem de uma peça de um grande mestre da arte, a fim de justificar seu pensamento de que um guerreiro não deveria ter família para não ser influenciado por ela, principalmente pelas mulheres.

Lembremos que o general romano Caio Márcio fica conhecido como Coriolano após ter tomado a cidade de Corioli dos Volscos, inimigos de Roma naquele tempo. Depois desse acontecimento, por razões políticas, torna-se odiado pelos romanos. Como vingança, procura refúgio nos acampamentos dos volscos e marcha para sitiar sua pátria. Entretanto, como diz a lenda, sua mãe, juntamente com sua esposa, ao visitá-lo nas trincheiras, pedem que ele desista de atacar sua terra natal. Assim ele o faz e retorna à terra dos volscanos, onde é morto pelo povo que o acusa de falsidade e traição.

Desse modo, Coriolano é aludido como um modelo de militar que perde a vida por ter seguido os conselhos da mãe e da esposa. Por isso, Peres decide citá-lo para Hilário, que muitas vezes não se comportava como um tradicional militar, influenciado pela educação e pelos conselhos recebidos de sua mãe.

Além dessas, outras indicações são feitas pelo personagem Hilário em uma das cartas que enviara ao seu amigo Peres. Ele cita Massena Rosado, um dos comandantes do Exército brasileiro no período da guerra, o qual cometeu vários erros estratégicos; o general Gordilho (Visconde de Camamu), presidente da província do Rio Grande; o marechal José de Abreu, também conhecido como Barão do Cerro Largo, por seu excepcional valor militar e dedicação; Alvear, comandante na batalha de Ituzaingó; Lavalleja, líder uruguaio; Bento Manoel, importante militar brasileiro, participando inclusive da Guerra dos Farrapos, dentre outros menos conhecidos, nos quais não nos deteremos.

Como vimos, Peres cita alguns importantes combatentes que participaram dessas guerras, embora sempre fizesse uma certa confusão com seus nomes, datas, ou ainda outras informações sobre eles: “ A dignidade das nações tem baixado muito, como diz não sei quem... num livro que li há tempos...” (p.230). A isso, também podemos acrescentar a falta de fundamento de suas opiniões, o que revela a superficialidade de suas leituras: “Não te lembrás daquele general sem pernas... que fez proezas?... Chamava-se... chamava-se...” (p.253).

Dessa forma, observamos o perfil caricatural do personagem, uma vez que há uma descrição exagerada de algumas de suas características, tornando-o um tanto “engraçado”. Abaixo, selecionamos um trecho que melhor o descreve:

Como é natural, tinha por assunto predileto de conversa as coisas da antiga profissão e, por pouco que discordassem de suas opiniões, quase todas estrambóticas, zangava-se seriamente; acendia logo, deitando chispas, o olhar meio vesgo e empanado, colorindo-se-lhe o rosto habitualmente pálido e batia frenético no chão com a ponta da perna de pau. Era então de ver o chorrilho de generais que chamava à baila, misturando antigos e modernos, baralhando tudo, citando errado datas e episódios da vida de Napoleão que colhera em truncadas leituras, atribuindo a uns o que pertencia a outros, inventando façanhas que podiam no caso vertente confirmar suas teorias e asseverações, fazendo enfim uma salsada, inçada de reticências, bufidos e cortes de respiração. (p.229)

De acordo com esse trecho, percebemos a dificuldade de expressão que o personagem possui, já que seu discurso é ambíguo e mal elaborado. Tem-se a impressão de que esses “bufidos e cortes de respiração”, sobre os quais fala o narrador, são identificados nas lacunas deixadas entre uma frase e outra. Na verdade, no discurso direto de Peres, parece que a frase seguinte completará a anterior, mas isso nem sempre acontece. Dessa maneira, observa-se um amontoado de frases, muitas vezes desconexas, levando-nos a comprovar sua dificuldade.

Assim, é interessante observar a preocupação de Taunay em registrar em seus textos esses traços de oralidade, com o fim de manter, na fala dos personagens, a linguagem marcadamente coloquial.

Dino Preti apresenta-nos uma análise dos mecanismos adotados por alguns escritores representativos do Romantismo para a transcrição da fala em seus diálogos. O autor escolhe esse movimento literário, pois afirma que “os escritores românticos foram os primeiros, entre nós, a reagir contra a tirania da gramática, opondo-se ao ‘purismo’ arcádico com um estilo que pendia para o coloquial.” (1975, p.55).

Ao analisar o romance de Taunay, *Inocência*, ele faz uma importante observação: o uso das reticências como recurso lingüístico para expressar alguns “cortes” típicos da linguagem oral.

É o mesmo recurso que podemos contemplar em “O tio Hilário”, bem como em outras narrativas do mesmo livro, principalmente na transcrição do discurso direto, como,

talvez, uma maneira de registrar as frases curtas e os períodos simples característicos da fala. Observemos a reflexão que Preti faz:

Também no plano frásico, é importante observar que o escritor teve plena consciência do ‘truncamento frásico’ na *língua falada*, anotando sempre com reticências as interrupções da frase, motivadas por fatores *situacionais*, como a emoção, por exemplo, mas também por uma natural incapacidade do locutor no arranjo das palavras, sua distribuição correta no período e suas relações recíprocas. (1975, p.108)

Nesse sentido, podemos confirmar a hipótese levantada em torno do militar Peres, já que este possuía essa “natural incapacidade no arranjo das palavras”, o que é demonstrado pelo narrador ao transcrever a fala desse personagem. Para isso, com o objetivo de corroborar essa afirmação, selecionamos o trecho a seguir, quando Hilário confessa a seu amigo seu amor por Lucinda e este lhe responde:

— Ora, muito bem!... Assim é que quero vê-lo... Jogue para bem longe essas melancolias que não lhe assentam nada... Agora que aliviou o coração, há de por força achar-se melhor, não é?... Eu sei bem o que é isso! Então de que servem os velhos e bons amigos?... Deixe estar que um dia há de reconhecer que o Peres, reformado, perneta, coisa ruim, caco quebrado, ainda presta para alguma coisa... É o que digo... Não te lembras daquele general sem pernas... que fez proezas?... Chamava-se... chamava-se... Estuda, meu Hilário, a história de Napoleão... É verdade, não tens queda... isto é, dizes que não dás para a quitanda... É pena! É pena!... Mas vamos ao caso... Amas... amas muito, não é?... (p.253)

Essa longa citação foi escolhida justamente com o fim de comprovar como o narrador tenta conservar os traços da oralidade no discurso do personagem, demonstrando, muitas vezes, como afirma Preti, “pensamentos isolados, evitando-se a subordinação” (p.108). Além disso, entre uma frase e outra observamos a lacuna, da qual já falamos, acompanhada pelas reticências, como se elas desempenhassem o papel de completar a idéia anunciada, o que nem sempre acontece.

Também consideramos a falta de organização própria da fala, pois de um assunto o personagem Peres passa imediatamente a outro, como se estivesse dando voltas, sem seguir uma certa linearidade. É o que acontece nessa citação, uma vez que ele começa a falar de como Hilário se sentia aliviado por ter-lhe confessado sua paixão. Em seguida, lembra que, apesar de sua aparente inutilidade, pode servir como confidente; e tenta recuperar o nome de

um militar que também, mesmo sem pernas, fizera grandes coisas. Porém, sua tentativa é em vão e inesperadamente decide retornar ao assunto iniciado: o amor de seu jovem amigo por Lucinda.

Portanto, aqui contemplamos um exemplo de como as frases proferidas por Peres são realmente truncadas e seus pensamentos, muitas vezes, desconexos. O que serve de “ponte”, com o propósito de costurar essas “partes”, é o uso das reticências.

Além disso, outro traço marcante de seu discurso é o uso abusivo da interjeição “peuh, peuh”, como se fossem os “bufidos” referidos na transcrição do trecho acima. O narrador é consciente da utilização desse outro recurso lingüístico, pois em muitos momentos destaca essa característica em Peres da Silva: “E dali a pouco, no meio das pragas, queixumes e gargalhadas do general e dos sonoros peuh! peuh! do velho mutilado...”(p.235); ou quando afirma que Hilário recebia de seu amigo um “dilúvio de conselhos, imprecações, movimentos de indignação e sobretudo de peuh! peuh!”(p.242). Finalmente, ao mencionar o exagero com que o personagem utiliza essa “marca lingüística”: “A quantidade de peuh! peuh! que salpicaram tão longo discurso era imensa, incalculável!” (p.254).

Segundo o dicionário francês *Micro Robert* (2006), o vocábulo “peuh” é uma interjeição que exprime desprezo, desdém ou indiferença. De acordo com o que se pode observar da aplicação dessa interjeição nas falas do personagem, não caberia a explicação oferecida pelo dicionário, visto que em nenhum momento ele parece transmitir desprezo ou até mesmo indiferença. Tem-se a impressão de ela ser usada simplesmente pela sonoridade, como se fosse uma espécie de bufido, um cacoete que acompanha cada passo do personagem; ou ainda uma marca de oralidade, já que essa narrativa pode ser considerada como “de segunda mão”, pois o narrador conta, agora por escrito, o que já lhe fora confidenciado em outro momento, oralmente.

Sobre esse assunto, vale destacar a importante observação que Dino Preti faz ao analisar o uso de algumas interjeições em *Inocência*, mas que também pode ser relacionada à obra estudada. Ele diz que Taunay “possuía rara intuição no registro dos elementos emotivos da fala. Para isso recorria ao seccionamento das palavras, às reticências, à pontuação emotiva, ao ‘truncamento frásico’ e até mesmo a uma ortografia individual, quando necessária” (1975, p.110).

Para comprovar como isso se dá no texto, selecionamos o trecho a seguir, que corresponde à surpresa que Peres manifesta ao ouvir o nome da jovem por quem seu amigo havia se apaixonado: “— A Lucinda?... Caramba!... Guapa, guapa!... Sim, senhor, um

partidão!... Não tens mau gosto, meu brejeiro... Pois vejam só!... Com quem foi engrajar-se... Aprovo, aprovo muito... Mas vamos lá... olhe para mim com outra cara...” (p.252).

Assim sendo, podemos constatar acima alguns desses elementos emotivos da fala aos quais ele vai recorrer, como, por exemplo, o uso abundante dos sinais de exclamação, das reticências, além das frases truncadas e da repetição de algumas palavras, como “aprovo, aprovo”, o que se configura como uma característica marcante em sua obra. Mesmo diante dessas informações, é intrigante perceber a maneira insistente com que o narrador utiliza a interjeição mencionada.

Há uma teoria obsoleta conhecida por “*théorie peuh-peuh*”, a qual foi desenvolvida como uma hipótese para a origem da linguagem. Na realidade, não encontramos muito material sobre o assunto, apenas alguns sites que apresentam explicações de forma breve e insuficiente. Seria apenas a hipótese de que a linguagem primitiva poderia ter sido constituída a partir de interjeições emocionais, exprimindo, pelos sons, estados de humor ou sentimentos. Assim, elas desempenhariam um papel importante na linguagem humana, podendo ser a fonte de um grande número de palavras. É o que afirma o filósofo francês Condillac, em sua obra intitulada *Essai sur l'origine des connaissances humaines* (1746).

Embora Taunay simpatizasse com os enciclopedistas contemporâneos de Condillac, não se pode afirmar que fosse conhecedor de tal teoria. Desse modo, diante das possibilidades apresentadas, parece que o Visconde não segue tão categoricamente o sentido dicionarizado, nem a teoria apresentada pelo filósofo francês. Na realidade, parece valer-se das duas, isto é, o mais provável é que o “*peuh-peuh*” seja realmente uma interjeição francesa, mas também uma marca sonora característica do personagem, manifestando seus diferentes sentimentos em diversas situações. Vale constatar isso no trecho abaixo:

— Que dúvida, meu general! Nem há outra carreira... *peuh! peuh!* para um homem de vergonha!... Caramba! como dizem os tais senhores de Castela... Ah! corja! se eu ainda pudesse, antes de morrer, disparar uma meia dúzia de pistolaços em vocês... Mas qual! os tempos estão mudados... *Peuh! peuh!* Hoje não há mais homens... Há coelhos... há lebres... Já desmaiam, quando sentem o cheiro de pólvora... E as injustiças?... O Napoleão não foi morrer numa ilha?... Não me contraiem, pelo amor de Deus!... A dignidade das nações tem baixado muito, como diz não sei quem... num livro que li há tempos... Agora... *Peuh! peuh!* quanto ao seu projeto, D. Felisberta, aplaudo-o com verdadeiro frenesi... (p.230).

Mais uma vez, pode-se notar a dificuldade que Peres tem para se exprimir, sendo a interjeição, portanto, uma “fonte” de inúmeras outras palavras ou frases que ele era incapaz

de formular. Aqui ele se exalta ao ser informado da possibilidade de Hilário ser militar, e por isso o “peuh” funciona como um elemento emotivo da fala, quando ele se lembra nostalgicamente dos assuntos militares. Mas também parece unir os pensamentos isolados que são expressos pelas frases curtas, como se ele estivesse tentando formular o que dirá em seguida.

Segundo Mattoso Câmara (1964), “a frase varia desde a formulação lingüística completa até a simples interjeição” (p.154), o que nos permite reafirmar a tese de que o uso proposital da interjeição “peuh-peuh” também é um dos recursos lingüísticos utilizados por Taunay como marca de oralidade, da mesma forma que o uso das reticências e das frases truncadas.

E o que nos leva a afirmar a colocação proposital e consciente dessa interjeição é o fato de Peres não a ter utilizado ao se corresponder por cartas com seu amigo durante a Guerra. Ele sabe da imensa dificuldade que possui na escrita, tanto que chega a afirmar: “Olha, esqueci quase de todo a escrita... pois bem, mandar-te-ei com regularidade quanta carta puder garatujar” (p.258).

Assim, fica evidente que a sua dificuldade se manifesta ainda maior no plano da escrita, já que, segundo o narrador, as cartas enviadas são extensas, porém, repletas de notícias locais, referências pouco claras a guerras passadas e nomes equivocados de militares, além de alguns conselhos. Apesar de “seus esforços hercúleos”, suas idéias são desconexas, manifestando a dificuldade de organizar o pensamento. Para exemplificar, destacamos alguns fragmentos de sua produção epistolar:

A pena não me ajuda, é o diabo!... O Gularte, a quem chamo Espadarte por causa do nariz... Que nariz, Hilário!... Contaram-me que o coronel Tobias, ajudante de ordens do Bobadela, tinha um ainda maior... A propósito, morreu o Simão, aquele mulato reformado que morava para as bandas do Menino Deus... (...) Se o exército chegar até aos campos de Taquarembó... repara o lugar onde se foi minha perna... Morra Castella! Era perto de um monte de cupim... É verdade que lá há muitos... Como a Lucinda é que não há muitas, não, Sr... Nos tais campos de Taquarembó não poucas vezes se pegaram à unha a nossa gente e a de lá... dos espanholitos... Aqui fico para te servir...(...) Indaga pelo exército se alguém conheceu o Bobadela... algum soldado velho... Nunca soube se tinha olhos pretos ou azuis... (p.264-265).

Eis aqui a demonstração da “salsada” sobre a qual fala o narrador, pois os diversos assuntos abordados na carta são intercalados sem uma conclusão, uma relação entre si. Isso acontece, por exemplo, quando ele pede para que Hilário repare o lugar onde perdeu sua

perna, perto de um monte de cupim e, logo depois, refere-se a Lucinda, para, só em seguida voltar aos campos de Taquarembó, não concluindo a referência ao fato de haver perdido seu órgão de locomoção.

Desse modo, a dificuldade de expressão do personagem não se dá apenas na modalidade oral, mas também na escrita, porém, com uma diferença notável: a interjeição “peuh” não é utilizada na carta supostamente redigida pelo próprio personagem, ou seja, ela se manifesta apenas no discurso direto registrado pelo narrador.

Como se trata de uma narrativa de “segunda mão”, posto que o narrador relata o que já lhe fora confidenciado pelo tio Hilário, não sabemos se ele teve acesso às cartas recebidas, a fim de transcrevê-las com tanta exatidão, ou se é uma criação para acrescentar um determinado efeito na narrativa.

Embora possamos pensar nas duas hipóteses, em ambas fica claro que essa interjeição é realmente um recurso escolhido pelo narrador, a fim de demonstrar como o personagem se expressa, numa condição pouco evoluída da linguagem.

De acordo com a descrição do personagem Peres, podemos compará-lo até mesmo a um soldado espartano, pois toda a sua vida era focalizada em assuntos militares. Nesse sentido, uma das principais características da sociedade espartana era o laconismo, considerado como um modo breve de falar ou escrever, pois, devido à militarização, os soldados não se comunicavam muito. Além disso, não admiravam a oratória, não sendo necessário aprofundar-se em conhecimento ou em discursos retóricos.

Em um dado momento da narrativa, Hilário é tomado por uma profunda tristeza, o que o leva a procurar Peres, o único em quem confiava para confessar suas aflições. Afastados de todos, pois estavam no *Pau da Bandeira*, contemplando a ilha de Santa Catarina, conversavam sobre os assuntos que atormentavam o jovem. Porém, é intrigante observar que o narrador afirma que os dois ficavam “num como que diálogo, em que um desenvolvia a habitual loquacidade e o outro respondia com a costumada distração e *laconismo*.” (p.246). Ou seja, não era um diálogo efetivo, pois Peres realmente não desenvolvera muito bem a capacidade de expressar-se por meio da fala e da escrita, o que reitera nossa afirmação.

Ainda pensando nas duas possibilidades para a escrita da carta, podemos aventar a hipótese de que esta desempenha um papel essencial na obra, porque é por meio dela que é realizada a crítica ao sistema militar vigente. E talvez Taunay tenha optado por esse formato híbrido da narrativa, ao lançar mão da epístola, como uma maneira de conferir maior impressão de veracidade às informações, já que não viriam do discurso direto construído pelo

narrador, mas do próprio relato do personagem. É como se o tio Hilário nos aproximasse do território bélico e colocasse diante de nós a “realidade” dos fatos.

Na verdade, é ele o responsável por “desconstruir” a imagem exaltada do militarismo que lhe fora transmitida pela tradição militar em que estava inserido. A sua principal função é denunciar a realidade de uma campanha militar, questionando os reais valores da guerra, para chegar a uma conclusão contrária a tudo o que lhe haviam legado.

Por isso vai revelar o dia-a-dia dos soldados que, durante meses, sofrem sem condições básicas de sobrevivência, pois estão “sem soldo, sem fardamentos, sem barracas, cirurgias, e socorros médicos e espirituais” (p.260). Além disso, denuncia “sérias desintelências” entre os comandantes das tropas, mostrando a falta de estratégia e união durante os combates.

Também manifesta as constantes críticas que o “reduzido exército de menos de seis mil homens” (p.261) fazia às autoridades, ao governo e ao general em chefe diante das adversidades enfrentadas continuamente. Do mesmo modo, o historiador Amílcar Salgado relata a situação dos combatentes brasileiros na batalha final de Ituzaingó: “(...) ao passo que para nós, recorda a bravura com que se bateu nosso reduzido e fatigado Exército”. (1923, p.15)

Com o propósito de ilustrar esse sofrimento, Hilário apresenta um conflito que deixou dois mortos e seis feridos, quatro dos quais voltam para o acampamento. E, ao chegarem, não recebem cuidados mínimos, pois nem sequer havia água para lavar-lhes os ferimentos, tampouco abrigo para protegê-los. Assim, um deles é tomado pelo tétano e, acima de tudo, pelo inverno rigoroso do Sul. Em virtude disso, o personagem faz a seguinte declaração: “E a geada caía; soprava o minuano como se no frígido hálito desferisse milhões de microscópicos estiletos, e os brados de agonia do mísero soldado de vez em quando cobriam os sons abafados de uma gavota que se estava dançando na casa do comandante em chefe.” (p.262).

Sendo assim, podemos visualizar a situação antitética apresentada pelo personagem Hilário, de modo a compor dois cenários distintos praticamente utilizando o mesmo espaço. Enquanto de um lado só se ouvia o sopro do minuano gélido e os “brados” do soldado ignorado que sofria à beira da morte, do outro, escutava-se o som “abafado” de uma gavota, uma dança de origem francesa, a qual ritmava a festa na casa do comandante em chefe. Aqui é interessante destacar o uso dos vocábulos “brados” e “abafado”, como uma maneira de demonstrar o contraste entre os ambientes, uma vez que a comemoração, que não se estendia a todo o acampamento, era uma maneira de sufocar aquele grito tão representativo.

Diante dos fatos apresentados, justifica-se a afirmação de Hilário, ao classificar a guerra como “injusta e impopular” (p.260). Por conseqüência, tais fatos também vão fundamentar a informação que o narrador nos fornece no início do capítulo VII, antes de apresentar as cartas na narrativa. Ele declara que no ano de 1826 as correspondências chegavam com atraso de muitos meses, “tanto mais quanto a Corte do Rio de Janeiro, tendo interesse em guardar certo sigilo sobre as peripécias e sucessos da campanha, chamava a si até a correspondência de caráter particular e distribuía com calculada lentidão.” (p.258).

Em suma, o governo manipulava as informações sobre a guerra, a fim de não aumentar seu desprestígio junto ao restante da população, que também ignorava o que realmente acontecia. Portanto, a atitude do Visconde é avessa a essa decisão imperial, porque ele opta por “liberar” e “revelar” cartas que supostamente já haviam passado por um rígido controle.

Além dessas declarações contidas exclusivamente nas cartas, outra crítica surge também durante a história, e sobre a qual já discorreremos em outras análises, ou seja, sobre o sistema de apadrinhamento, com favores concedidos a uns e desprezo, a outros.

O personagem Hilário era consciente desse sistema, pois vai denunciá-lo quando escreve a seu amigo Peres a fim de lhe contar que tinha esperanças de ser socorrido, caso sofresse algum ferimento: “Felizmente tomou-se de simpatias por mim, por causa do nome que carrego, meu comandante de batalhão” (p.263). Já no início, o narrador também faz uma importante revelação, ao afirmar que Hilário recebera a promoção ao posto de alferes “por empenho e especial proteção de um companheiro de Souza Candido, influente no Rio de Janeiro” (p.236), o que “demonstrava unicamente o préstimo de uma antiga amizade”. (p.236). Do mesmo modo, o personagem revela a seu pai que, durante a Guerra, fica entre a vida e a morte, mas o que o salva é “a amizade do [seu] comandante” (p.270).

De fato, em todas as situações descritas acima, observamos que o personagem analisado sempre foi favorecido pelo nome que herdara de seus antepassados militares, revelando, então, o sistema injusto que solidificou as bases do Exército brasileiro, ainda em formação no decorrer do século XIX. Porém, essa revelação é feita de uma maneira eufêmica, já que são selecionados os vocábulos “simpatia” e “amizade”, a fim de denunciar o protecionismo.

Se considerarmos as declarações feitas nas cartas, não se pode afirmar que a opção pelo eufemismo tenha o propósito de só amenizar mais uma denúncia. Aqui, ele sugere um tom mais irônico à narrativa, talvez para questionar o valor da “tradição militar”, assunto tão explorado nessa produção literária.

O jovem Hilário trazia o legado transmitido por uma família “em que eram tidas em alto apreço as profissões guerreiras, contando-se até entre os antepassados generais e almirantes” (p.225), o que, segundo a visão um tanto determinista do pai e de seu amigo Peres, já fazia do garoto um nobre militar. Daí a afirmação paterna: “Da farda não escapa...” (p.227), ou ainda a declaração que faz ao discutir com sua esposa, que refuta a idéia de ver o filho seguir a profissão do pai: “— Meu filho bacharel!... O filho do militar!... O neto... o bisneto... o tataraneto do militar... Ora, Sra. Felisberta!...” (p.231).

Embora seu destino estivesse praticamente estabelecido pela figura masculina da casa, sua vontade era adversa à decisão do pai, a quem nunca ousara descontentar, nem ao menos desobedecer. O seu confidente era o amigo da família, Peres da Silva, a quem revelava seus temores, pois lhe dizia não ter “vocaçãõ para as armas”. Diante dessa situação, Hilário enfrenta duas forças opostas que o consomem, instaurando em seu interior um verdadeiro dilema, pois, ao mesmo tempo em que confessa não ter nascido com a inclinaçãõ para a vida militar, também o aflige o medo de não honrar o nome de seus antepassados. O fragmento em seguida comprova o conflito interior pelo qual passa Hilário: “— Não sou mais uma criança... sou já homem... Em mim vejo duas naturezas, uma — a do espírito, briosã e em revolta contra a outra — a do corpo, essa, indignã, dominada pelo temor!...” (p.249).

De acordo com essa análise, podemos pensar nessa batalha interior como consequência da formação recebida dos seus genitores, a qual pode ser associada a dois modelos de educação relativos a duas cidades gregas: Atenas e Esparta.

A mãe, D. Felisberta, representaria a educação ateniense, pois prioriza a formação intelectual e moral do menino. Mesmo sem possuir muita instrução, ela deseja enviar seu filho à Europa, como era costume na época, a fim de que ele obtivesse uma profissão por ela considerada digna: “Cá por mim, mandava o pequeno para Coimbra... (...) Tornar-se um letrado... Então não é carreira a de licenciado... juiz de fora... ouvidor... e não sei mais o quê?” (p.231).

Entretanto, o pai discorda da esposa e por isso sempre escarnece dela, dizendo que o filho nascera para ser um militar, ou ainda, segundo o personagem Peres, era como “fazer do leão uma raposa” (p.232). Dessa forma, a opinião paterna representa a educação espartana, ou seja, voltada para a formação militar do indivíduo. Tanto é assim que o último conselho que o pai lhe dá antes de partir para a guerra comprova a afirmação: “ — Sobretudo — concluiu ele à maneira de um espartano — nunca vaciles entre o dever e a vida. Prefiro mil

vezes saber-te morto a ter que te obrigar sob meu teto desonrado e mareando o nome que é teu e meu!...”(p.257)

Assim, Hilário decide partir para a guerra, como uma maneira de provar sua coragem e mostrar sua honra, depois de receber o conselho de Peres: “Hoje o que é imprescindível é derrubar esse fantasma que não te dará tréguas sem um passo glorioso para ti e para as tradições de tua gente... Força é que te convenças de que és homem... Marcha para a guerra!...” (p.250)

Além do mais, essa também é a solução apontada pelo amigo Peres para conquistar Lucinda, pois Hilário não encontra meios de se aproximar dela, principalmente dada a sua timidez e por ser conhecido como o “alferes mocinha” na cidade. Portanto, a combinação perfeita encontrada pelo confidente de Hilário era: amor e guerra, pois afirmava que era “impossível ser soldado verdadeiro sem ter amado.” (p.246)

Realmente Hilário representa um tipo não muito comum de militar, pois era “meigo e sempre de bom humor, com as mãos cheias de presentes e os bolsos de balas e confeitos para as crianças, divertido e variado na conversação, tipo mais ameno” e “acanhado” (p.224). Aliás, o narrador o descreve favoravelmente, mesmo quando era zombado por todos que o cercavam. O seu próprio nome é bastante sugestivo, uma vez que lembra algo engraçado, mas não de maneira irônica, pelo contrário, ele realmente é revestido de uma certa “graça” que mais lhe confere o valor de uma virtude. Diante de todas as zombarias que lhe eram dirigidas, “a ponto de magoá-lo moral e até fisicamente” (p.241), não era capaz de responder à altura, como podemos observar no trecho abaixo:

E como prova de especial simpatia, caíam-lhe em cima com toalhas cujas pontas, amarradas em nó, tinham dentro moedinhas de cobre.

Hilário ria-se amarelo, defendia-se como podia, procurava responder à pancada que lhe doía mais particularmente, mas — era escusado — vivia acabrunhado, abatido, sem força moral para coibir as violências, afetuosas ou não, de que era vítima.(p.242)

Por isso, a única solução apontada por Peres para reverter esse quadro era a participação efetiva na Campanha que estourava no Sul do país. E é justamente o que acontece, pois, na carta que envia a seu amigo, o “alferes mocinha” conta algumas batalhas das quais participou, enfrentando, desse modo, seu medo. Também afirma que já era capaz

de impedir “com certa energia que se iniciem aqueles gracejos que tanto me mortificaram, obrigando-me a este expediente violento da educação viril pela guerra.” (p.261-162).

A experiência bélica vivida pelo personagem, apesar de lhe trazer tantos sofrimentos, também é responsável por forjar-lhe algumas virtudes adormecidas pelo excesso de proteção materna. O próprio narrador informa no início da narrativa que o “Hilariozinho” era poupado “dessa rede de demasiadas e mal entendidas cautelas que os espíritos tacanhos costumam em sua medrosa afeição impor às crianças, empecendo-lhes muitas vezes o incremento e a evolução a que estavam destinados pelas forças íntimas do organismo”. (p.228).

Assim, os conflitos exteriores enfrentados são o reflexo do que lhe acontecia interiormente. A guerra desempenha, então, um papel fundamental para a resolução desses conflitos morais pelos quais passava esse personagem que fugia dos padrões militares da época. Na verdade, o fato de ele ter ido para a guerra significou enfrentar e questionar a tradição militar, desenvolver sua coragem e sua virilidade, enfim, obter o tão almejado reconhecimento. Tanto que, ao retornar a sua casa, “uma multidão imensa prorrompeu em vivas” (p.270).

Portanto, o personagem se vale da educação espartana sugerida pelo pai, a fim de modelar sua personalidade, mas opta por viver outros valores exaltados na sociedade ateniense, o que pode ser comprovado pela informação apresentada pelo narrador logo no início do texto: “tinha muito conhecimento nos ramos de ciência e literatura” (p.224).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“e como esse serviço de tão elevadas conseqüências não foi ainda devidamente reconhecido e aquilatado pela nação e pelo governo, no livro histórico ou no romance buscarei sempre trazê-lo à luz.”  
(Visconde de Taunay, “Um Irmão”)

A reflexão apresentada neste trabalho fundamentou-se em duas questões teóricas específicas, ou seja, o hibridismo e os conflitos morais advindos de situações bélicas, as quais são consideradas comuns às cinco narrativas analisadas. Porém, empreendemos outras tantas considerações específicas em cada uma delas, pois, como pôde ser observado, elas apresentam características muito diferentes umas das outras, principalmente se considerarmos a questão do foco narrativo, desdobrado em várias vozes que vão desde aquela que se revela sensível à elaboração poética nas descrições de paisagens até a que se expõe às virtualidades das manifestações orais.

Assim, algo que salta aos olhos do leitor dessas narrativas é, pois, a variedade de perspectivas que Taunay nos propõe para encarar o fato histórico da guerra: seja em sua dimensão individual, nos dilemas íntimos vivenciados pelos personagens, seja em seus aspectos mais amplos – nas contradições inerentes ao Exército Brasileiro — visto como uma instituição responsável pela defesa da nação, nos embates políticos apontados como pano de fundo desse processo histórico e nas relações sociais que se estabelecem em tempos de guerra.

Por outro lado, ao optarmos por fazer um estudo sobre esse livro, o que mais nos intrigou inicialmente foi perceber o silêncio que existe em torno dele, pois é uma das poucas obras de Taunay que permaneceu em sua primeira e única edição. A partir das análises realizadas, pudemos aventar algumas hipóteses que talvez expliquem essa situação.

Taunay escrevia baseado na sua experiência e na sua vivência, o que imprime ao seu texto, por mais que seja ficcional, um caráter de veracidade. A Guerra do Paraguai se encerra em 1870 e, como se sabe, foi um dos conflitos mais cruentos da América Latina, embora a maioria da população não soubesse o que realmente acontecia. Portanto, o projeto de Taunay, como ele mesmo revela no texto que escolhemos para a epígrafe acima, é trazer à luz o que fora escondido, talvez para revelar o sistema militar injusto e ineficaz.

Nesse sentido, podemos considerar as críticas ferrenhas que ele faz a esse sistema do qual ele mesmo participou. E isso acontece em “Um Irmão”, com uma riqueza de detalhes sem igual, ao descrever, por exemplo, a falta de estratégia por parte daqueles que estavam à

frente dos comandos, ou ainda o abandono dos coléricos deixados como uma “pesada carga”. De maneira cômica, por meio do personagem Tônico, ele desfaz o mito dos voluntários da pátria, revelando a rotina de penúria e de trabalhos e castigos que os soldados tinham de enfrentar. Ou ainda, valendo-se da ironia, o capitão caipora e o major Fonseca representam a incompetência de muitos oficiais que se preocupam somente com as promoções que a guerra poderia lhes proporcionar, além da denúncia explícita do sistema de “apadrinhamento”. No caso de “Um dia de paixão”, o capitão-pianista se posiciona temporariamente à margem desse mundo bélico, revelando que o prazer proporcionado pela arte, bem como os questionamentos mais humanos, não têm espaço em um acampamento, e por isso acontecem de maneira tão efêmera nessa narrativa. Por fim, o tio Hilário põe em causa a tradição militar cultuada no século XIX, quando o Exército ainda firmava suas bases institucionais, ao enfrentar o conjunto de valores associados a ele.

Além disso, o movimento que ele estabelece nos textos para descrever uma paisagem, ou uma determinada situação sob várias perspectivas, parece ser o mesmo do qual ele se vale para revelar o país na sua diversidade cultural. Mais uma vez, o seu olhar em trânsito se movimenta pelo interior do Brasil, revelando-nos não só as paisagens naturais, mas também o povo com sua língua e sua cultura, que vai desde a Bahia até a cidade do Desterro, no sul do país. Também destacamos a técnica que parte do que é mais geral para o mais específico, ao transmitir essa visão ampla de um grande conflito como a Guerra do Paraguai, até focalizar o que se dá no interior do homem.

Mas uma coisa é certa: se o escritor se desdobra em vários narradores multifacetados, é sempre o mesmo Taunay que se apresenta, *ensinando-nos* o que é (foi) a guerra em seus aspectos mais recônditos e contundentes e, ao mesmo tempo, *proporcionando-nos a fruição estética* diante dos resultados de seus investimentos poéticos típicos, tais como a digressão, a ironia e a descrição.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS DO AUTOR:

TAUNAY, Alfredo d'Escragno (Visconde de Taunay). *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. (tradução de Affonso de E. Taunay). 18. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

\_\_\_\_\_. *Campanha de Mato Grosso: cenas de viagem*. 2 ed. São Paulo, Irmãos Marrano, 1923a, pp. 5-6.

\_\_\_\_\_. *Céus e terras do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

\_\_\_\_\_. *Filologia e crítica: impressões e estudos*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

\_\_\_\_\_. *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. *Memórias*. 2 ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1960.

\_\_\_\_\_. *Narrativas Militares: cenas e tipos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1878.

### REFERÊNCIAS HISTÓRICAS, TEÓRICO-LITERÁRIAS E CRÍTICAS:

ALCALÁ, Guido Rodríguez. Recordações familiares à sombra de López. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 34-37, nov 2004.

ARREAT, Lucien. *La moral en el drama en la epopeya y en la novela*. (Tradução de Anselmo González). Madri: Daniel Jorro, 1903.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. (trad. Aurora Bernardini et al.). São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 1990.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENTO, Cláudio Moreira. Bicentenário da Guerra de 1801 no Rio Grande do Sul e da conquista dos Sete Povos das Missões. Disponível em: <http://www.resenet.com.br/ahimtb/guerra1801.htm> Acesso em 10/02/2008 às 23:00.

BETHELL, Leslie et al. *Guerra do Paraguai 130 anos depois*. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

*Bíblia Sagrada*. Tradução Centro Bíblico Católico. 119. ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

BONALUME NETO, Ricardo. Tríplice desafio. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 24-27, nov 2004.

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- CÂMARA Jr., J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. 2 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Ozon Ed., 1964.
- CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos Gêneros na Literatura Latino-Americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CANDIDO, Antonio & CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 2 v. 5.ed. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1944.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Sul-Americana, 1955.
- CEIA, Carlos. Prolepse. In: *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/P/prolepse.htm>. Acesso em 20/03/2008.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai*. (edição especial) Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- CHAGAS, Pinheiro. Prefácio. In: NINA, A. Della (coord.). *Enciclopédia Universal da Fábula*. São Paulo: Editora das Américas, 1956, p. 53-64, v. I.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.
- CHIAVENATTO, Júlio J. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Os voluntários da pátria e outros mitos*. São Paulo, Global, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A guerra contra o Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. 6 v. São Paulo: Global, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DICTIONNAIRE *MicroRobert*, 2006.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

DORATIOTO, Francisco. Nova luz sobre a Guerra do Paraguai. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 18-23, nov 2004.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. Tropas femininas em marcha. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 38-41, nov 2004.

DURIGAN, Jesus Antonio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1985 (Série Princípios)

FEUILLET, Octave. *O Conde de Camors*. Tradução Pinheiro Chagas. São Paulo: Carlos Pinto & Comp., 1894.

FRAGA, Rosendo. Uma guerra e muitas versões. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 42-44, nov 2004.

FREITAS, Bezerra. *História da Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Livraria da Globo, 1939.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions Du Seuil, 1972.

\_\_\_\_\_. *Nouveau Discours du Récit*. Paris: Éditions Du Seuil, 1983.

HAMON, Philippe. *Introduction à l'analyse du descriptif*. Paris, Hachette, 1981.

\_\_\_\_\_. *La description littéraire: anthologie de textes théoriques et critiques*. Paris, Macula, 1991.

HARDMAN, Francisco Foot - Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.) - *Tempo e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, pp. 289-305.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica (grega e latina)*. (trad. de Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. (trad. de Ricardo Cruz). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IANNONE, Carlos Alberto. Prefácio. In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle (Visconde de Taunay). *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

IZECKSOHN, Vitor. Recrutas da pátria. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 31, nov 2004.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

- LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. 8 ed. Porto Alegre: Globo, 1979.
- MAGALHÃES Jr., R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.
- MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. *O Visconde de Taunay e os fios da memória*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- MARTIN-GRANEL, Nicolas. Ironie. In: *Dictionnaire International des termes littéraires*. Disponível em: [www.ditl.info/arttest/art14896.php](http://www.ditl.info/arttest/art14896.php). Acesso em: 14/09/2007 às 10:45.
- MATOS, Odilon Nogueira de. Santa Catarina na obra dos Taunay. In: \_\_\_\_\_ . *Páginas Catarinenses*. 2 ed. Campinas, Pontes, 1993, pp. 11-39
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Introdução à Problemática da Literatura*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- MONTRÉAL. *Dictionnaire du français plus*. 1988.
- MUECKE, D. C. *Ironia e irônico*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MURICY, Andrade. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*: Porto Alegre: Livraria da Globo, 1936.
- NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- PAZ, Olegário. Descrição. In: CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: [www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/descricao.htm](http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/descricao.htm). Acesso em 23/08/2007.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PIMENTA, João Paulo G. *Estado e Nação no fim dos Impérios Ibéricos no Prata: 1808-1828*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.
- PINTO, Maria Cecília de Moraes. Victor Hugo e a poesia brasileira. *Lettres Françaises: Revista da Área de Língua e Literatura Francesa*. nº 5, Araraquara-SP, 2003, p. 117-128.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.
- REVISTA *Nossa história*. Ano 2, nº 13, nov 2004. (especial sobre a Guerra do Paraguai).
- RICHARD, Paule - *Ut naturae pictura poesis: le paysage dans la description littéraire au début du XIX<sup>e</sup> siècle*. *Revue des sciences humaines*, LXXX, 209, janvier-mars 1988, 125-42.
- ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. T. V. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- SALLES, Ricardo - *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- \_\_\_\_\_. Negros guerreiros. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 28-32, nov 2004.
- SANTOS, Amílcar Salgado. *A Guerra entre o Brasil e a República Argentina em 1827*. Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus: São Paulo, 1923.
- SCHAEFFER, J.-M. *Qu'est-ce qu'un genre littéraire?*. Paris: Seuil, 1989.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968.
- \_\_\_\_\_. *História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.
- SOUBLIN, Jean - Un Xénophon Brésilien. In: TAUNAY, Alfredo de. *La Retraite de Laguna: récit de la guerre du Paraguay (1864-1870)*. Paris, Phébus, 1995, pp. 9-18.
- STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. (tradução e notas de Flávia Nascimento). Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- “Théorie peuh-peuh”. Disponível em <http://www.hominides.com/html/dossiers/langage.html> e em <http://fr.wikipedia.org/wiki/Interjection>. Acesso em 02/05/2008 às 19:30.
- TOREAL, André. Guerra no Mercosul. *Super interessante*. São Paulo: Abril Cultural (9), ano 13, 32-41, set 1999.
- TUGENDHAT, Ernst. Lições sobre ética. Tradução Robson Ramos dos Reis et al. 4.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.
- URBANO, Hudinilson. *Oralidade na Literatura (O caso Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira*: 5. série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Literatura Brasileira*: de Bento Teixeira, 1601, a Machado de Assis, 1908. 4 ed. Brasília :Editora da Universidade de Brasília,1963.

VICTORIA, Luiz A.P. *Dicionário Ilustrado da Mitologia. latina*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

VIEYRA, Hernán Santiváñez. As cores da luta. *Nossa história*. Biblioteca Nacional, (13), ano 2, 46-49, nov 2004.

VISWANATHAN, Jacqueline. Hybride. In *Dictionnaire International des Termes Littéraires*. Disponível em: <http://www.ditl.info/art/definition.php?term=2173>. Acesso em 01/10/2004.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A 'literatura' medieval*. Tradução Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

# **A N E X O**

## **UM IRMÃO**

(História Verdadeira)

Le frère aidé de son frère est semblable à une ville  
forte.

Bossuet

Un frère est un ami donné par la nature.

Legouvé

# UM IRMÃO

## (HISTÓRIA VERDADEIRA)

### I

#### O CAMARADA

A bem de algum sossego de espírito e comodidade de corpo, quem viaja pelos fundos sertões deste imenso Brasil precisa ter em primeiro lugar um bom camarada.

Sem ele tudo é tropeço, tudo estorvos e dificuldades; com sua presença, perspicácia e experiência, nada se torna insuperável, nada impossível, ou desremediado.

Um camarada enérgico e inteligente, traquejado nas labutações da vida do deserto, observador cuidadoso das menores particularidades da natureza, é quem substitui, embora em esfera limitada, as regalias que a comunhão social e civilizada proporciona ao homem nos centros de população.

Dele quase unicamente depende esse bem-estar relativo que o viajante pode e busca com a prática conseguir em jornadas tão dilatadas e, senão rodeadas de perigo, cheias pelo menos de canseiras e necessidades, como são as que se fazem pelas vastas terras do interior.

É ele quem marca com antecedência o pouso e o prepara, desbastando-o das ervas mais altas; quem levanta a barraca ou arma o toldo e suspende a rede; quem acende o lume; vai ao córrego buscar água; trata da comida; cuida dos animais; pensa-lhes as feridas; *atalha*<sup>10</sup> as cangalhas; arreja os cargueiros, tange-os, socorre-os nos tremedais; nos atoleiros, derruba a carga; torna a levantá-la, e tudo isto que representa incessante atividade nos inesperados episódios de um dia inteiro, de sol a sol, sem a mais ligeira demonstração de impaciência, sem o mais leve vislumbre de aborrecimento ou de fadiga.

Suas horas de descanso são tão bem aproveitadas, seus minutos tão bem calculados, que, mal aponta a primeira barra da madrugada, já estão, quando tudo corre a seu sabor, os cavalos e bestas à sogá, comendo em embornais a ração de milho, apanhados que foram em distante pasto. A água ferve na tripeça para o café da manhã e, ao chamado do amo, é logo servida a modesta e matutina refeição.

Nada o surpreende. Hábitos arreigados lhe não consente a vida vária e agitada. Há ocasiões em que as coisas vão às mil maravilhas; outras em que desandam e se baralham como que propositalmente.

Desapareça, por exemplo, um animal. É preciso então revolver grandes extensões, estudar o rasto, segui-lo às vezes léguas e léguas, bater matos e capões — afanoso trabalho, tanto mais de infernizar quanto para a viagem é um dia perdido, levantando-se com sol alto o pouso, para ir-se pernoitar pouco adiante. E se na manhã seguinte se repetir o fato, como é

---

<sup>10</sup> É técnico o termo – significa consertar, arranjar, costurar. (N.A.)

usual, recomeçam as mesmas pesquisas, reproduzem-se peripécias idênticas, cada vez mais desesperadoras para a paciência mais experimentada e sofredora, e que entretanto em nada abalam a imperturbável serenidade do sertanejo.

Silencioso no mais das vezes, outras tagarela e cantador, depressa cria afeição àquele a quem ajuda mais do que serve e que, por pronta solidariedade, cimentada pela solidão, chama também de camarada. Cresçam os obstáculos, acumulem-se contrariedades, sobrevenham desgostos da alma ou enfermidades do corpo, e ele tornar-se-á carinhoso companheiro, amigo fiel, auxiliar precioso, sem o qual, em muitas ocorrências, prosseguir fora de todo impossível.

Se tiver cavalgada, escanchar-se nela e vai tocando os cargueiros que põe na estrada por diante; senão, caminha atrás deles de pés no chão, com passo firme, desde os primeiros albos da risonha e rósea aurora até aos últimos clarões do melancólico e roxeado crepúsculo.

Largo e caudaloso rio corta o caminho, e o viajante não sabe nadar. Vestígio de ponte não existe; canoa nunca houve. Que fazer?

Não vacila um só instante o camarada. Amarra os animais a um pau ou touceira; tiralhes arreios e cangalhas; despe-se; abre o couro que dobrado serve de ligal às cargas; levantalhe as quatro pontas; prende-as com embiras e cordas, e num ápice improvisa uma embarcação, decerto frágil, mas na ocasião meio único de transpor a corrente.

É o que se chama uma *pelota*.

Enchê-la de carga, cair na água e bracejar para a outra margem, levando entre dentes a cordinha a que está presa a pelota, é coisa de minutos.

Depois volta, rápido como um poraquê; ganha a praia e, aproveitando o tempo enquanto o couro está duro, carrega passageiro e malas e selim; faz duas ou três viagens redondas e, por fim, tange para o caudal as bestas e cavalos que compõem a tropinha, dirigindo-os com gritos e varadas na difícil transposição.

No pouso, tomadas todas as providências, dispostas as coisas para a viagem do dia seguinte, não descansa de todo o camarada.

Se pia uma jaó na mata próxima, lá se vai ele de gatinhas dar um tiro proveitoso; se passa volitando uma abelha e depois outra, lá começa uma sagaz revista dos troncos de árvores, e daí a pouco ressoa o machado, baqueia o madeiro, e enchem-se os *cornimboques*<sup>11</sup> de saboroso mel, sobremesa inesperada e que rompe a monotonia de diária e habitual pitação<sup>12</sup>.

Se a abelha for *manduri*, os olhos do meleiro<sup>13</sup> interrogam só a bifurcação dos troncos; se *jataí*, cujos favos guardam os perfumes das flores amalgamando-os, então ele estuda a base das árvores, bem junto ao solo, e não tarda em descobrir um conezinho de terra preta e dura, que é a porta do cortiço<sup>14</sup>.

À simples vista, conhece logo pelo comprimento se vale ou não a pena trabalhar de machado.

Quando o funilzinho não tem mais de polegada de altura, o camarada dispensa o excesso de serviço, mas, para não perder as passadas, derruba alguma palmeira e volta com o palmito doce, tão grato ao paladar, ou com o amargoso que os entendidos ainda apreciam mais.

---

<sup>11</sup> Os cornimboques são vasos feitos de chifre. Servem principalmente de copos e bocetas de rapé, quando menores.(N.A.)

<sup>12</sup> Ração diária de víveres.

<sup>13</sup> Homem que sabe tirar mel, ou como dizem no sertão, MELAR.(N.A.)

<sup>14</sup> Caixa cilíndrica, de cortiça, na qual as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera.

Se o dia está calmoso, não se esquece o camarada de preparar para o patrão a refrigerante *jacuba*: parte um pedaço de rapadura, dissolve-o na água e junta-lhe farinha de mandioca ou de milho, se for bem fresca.

Esteja encoberto o tempo, meio incerto, e trata logo de fazer ferver água. Apanha umas folhas de *congonha* do campo, tosta-as ligeiramente e de pronto arranja uma infusão de sabor agradável e que lembra o mate, se lhe não é superior.

Quando a estação é de chuvas, apenas levanta o toldo, com previdente cuidado estica as alças, bate bem as estacas que as prendem, reforçando-as com cunhas para que o pano resista ao esforço do vento e cava em torno um rego que dê fácil escoamento às águas, preservando o interior do alagamento e umidade.

No inverno, então, sem receio de aguaceiros, busca os lugares bem planos e arma uma espécie de tenda frouxa que serve quase unicamente para abrigo do abundante sereno.

Assim faz o camarada que entende de viajar; assim procede, com espírito calmo, cauteloso e sempre refletido, em qualquer emergência que possa dar-se.

Levar, pois, consigo um homem desses é não só verdadeira felicidade para quem não está habituado aos padecimentos de uma viagem terrestre, como até condição de bom êxito nas arriscadas explorações de ínvias solidões, como tive pessoalmente ocasião de verificar numa expedição de que fui encarregado, bastante curiosa e cercada de circunstâncias especiais e contrárias que por vezes pareceram dar-lhe foros de inexecutável.

## II

### QUE EXPEDIÇÃO FOI ESSA

Antes do mais, convém lembrar que, no mês de fevereiro de 1866, as forças mandadas de Goiás, São Paulo e Minas Gerais para Mato Grosso e oficialmente declaradas, já então, em operações no Sul dessa província, estavam desde 17 de dezembro de 1865, em número de 2000 e tantos homens, acampadas um pouco para lá da confluência dos rios Coxim e Taquari no lugar chamado Beliago, onde existira um insignificante núcleo colonial que, destruído pelos paraguaios, foi novamente restabelecido, logo depois de terminada a guerra dos cinco anos, e constitui hoje a freguesia de São José de Herculânia.

Dividiam-se em duas brigadas: a 1ª com 1.157 praças, composta do batalhão 17 de Voluntários mineiros, do 21 de infantaria de linha (paulistas) e do corpo de artilharia do Amazonas<sup>15</sup>; a 2ª com 914 praças, do esquadrão de cavalaria de Goiás, do 20º de linha da mesma província e dos voluntários policiais de São Paulo e Minas Gerais.

Comandava a coluna o coronel José Antonio da Fonseca Galvão (pouco depois brigadeiro graduado), o qual tinha sob suas ordens as repartições dos deputados do ajudante-general, e do quartel-mestre-general, uma comissão de engenheiros, outra de saúde, e mais um auditor de guerra, o simpático e inteligente Gonçalves de Carvalho.

Eram ao todo 34 oficiais do Estado-Maior, número sem dúvida superior às necessidades do serviço, mas que as moléstias, as retiradas e a morte em breve deviam diminuir e demasiado reduzir.

---

<sup>15</sup> Será assunto particular de uma narrativa contar como esse corpo foi parar em Mato Grosso e o destino que teve. (N.A.)

Foi o acampamento do Coxim a primeira das muitas e cruciantes estações da atribulada peregrinação que, pelo recanto meridional da província de Mato Grosso, fez, durante dois longos e penosos anos, aquela coluna expedicionária.

Rodeado por todos os lados de imensos sertões, não podia o local, de si inculto e já devastado, que o egoísmo e a inconsideração haviam declarado chave das estradas de Cuiabá, oferecer recursos para a alimentação de quase três mil bocas, senão desde logo famintas, pelo menos precisadas de diariamente comer.

Assim, pois, enquanto vinham, com o vagar do passo do boi, chiando pelas estradas, os carros de mantimentos que a energia e a atividade do presidente de então de Goiás, Ferreira França, enviavam às forças, sofriam elas a mais cruel e dolorosa míngua.

Aqui e em qualquer parte hei de proclamá-lo bem alto. Se não fora a incansável dedicação daquele distinto brasileiro, a expedição teria infalivelmente se dissolvido no Coxim, depois dos mais tremendos horrores; e como esse serviço de tão elevadas conseqüências não foi ainda devidamente reconhecido e aquilatado pela nação e pelo governo, no livro histórico ou no romance buscarei sempre trazê-lo à luz.

À frente dos comboios, despachava Ferreira França pontas de gado, o qual, embora chegasse ao nosso acampamento, depois de centenas de léguas, esquelético, e quase sem fôlego, era assim mesmo derrubado logo e distribuído à tropa.

A carne enegrecida espumava ao fogo, mas por enquanto se dava algum alimento a essa infeliz gente.

Em tão desconsoladora emergência, estranhavam ainda os generais e políticos de Cuiabá e do Rio de Janeiro que mais depressa não avançasse aquela coluna, empreendendo rápida campanha, a fim de expelir os paraguaios para além do Apa<sup>16</sup> e levar as armas até ao coração da república inimiga.

Mas como, senhores do gabinete, cujos olhos se prendem unicamente às enganosas facilidades da contemplação de um bonito e bem colorido mapa geográfico, como mover uma força pelo deserto adentro, sem municiamento de boca, sem linhas de abastecimento, sem depósitos à retaguarda?! Como metê-la em pantanais de dar nado numa época de chuvas constantes e torrenciais?! Como romper através de obstáculos quase insuperáveis, até para o homem escoteiro, por muitas e muitas dezenas de léguas?!...

Já se fizera, em todo caso, sentir a estranheza, pelo que ansiava o coronel Galvão, ofendidos os brios de velho militar, alcançar pelo menos a vila de Miranda, no distrito daquele nome.

E nessa ocasião era sem dúvida o mais difícil.

Imagine o leitor uma região larga e baixa que se estende desde as margens do Taquari até aos campos do Aquidauana, confluinte do Miranda, região de cinquenta léguas em quadro, limitada a Oeste pelo rio Paraguai, a Leste pela serra de Maracaju e que, anualmente, do mês de dezembro a princípios de maio, é em toda a extensão alagada pelo transbordamento do gigantesco caudal e dos seus menores tributários. Então, o caminho que a corta, ligando o ponto do Coxim à vila de Miranda, seco e de bom trânsito no tempo frio, desaparece todo, submergido que é pela formidável inundação.

Conhecida por pantanal de Miranda e uma das porções meridionais daquilo que os mais abalizados geógrafos com impropriedade chamam a lagoa Xaraés, constituía, essa vastidão de águas, um empecilho à marcha da coluna até que o grande rio se retraísse, entrando também cada um dos afluentes em seus mais modestos leitos.

Pois bem, o que só em fins de maio, ou melhor, princípios de junho, podia ser tentado, foi crido praticável em meados de fevereiro; e, como figurava nos mapas do pessoal uma pomposa comissão de engenheiros, antes de outra ponderação, ao cuidado dela cometeu-

---

<sup>16</sup>O rio Apa banha a fronteira entre o estado de Mato Grosso do Sul e a república do Paraguai.

se a incumbência de achar passagem, fosse lá como fosse, onde era absolutamente impossível passar.

O programa tinha o seu quê de grandioso, deixando larga margem ao desconhecido: explorar toda a zona inundada; procurar torneá-la, fraldejando a serra de Maracaju; abrir picadas pelas matas, etc., e, na sua parte mais clara e positiva, dar de tudo ao comando em chefe circunstanciada informação, acompanhada de desenhos topográficos, com determinação exata das distâncias e pousos para a marcha futura da coluna, dos trechos de caminho a melhorar, pontes e bueiros que lançar, canoas que construir e um sem número de recomendações mais, como é de estilo em instruções formuladas por qualquer repartição brasileira no exercício de suas funções gráficas.

### III

#### COMO A COMISSÃO DE ENGENHEIROS RECEBEU A ORDEM

Quando no barracão de palha em que nós, oficiais engenheiros, morávamos em comum, quase defronte da confusão das águas do Taquari com as do Coxim, chegou a ordem apressada para que incontinentemente o chefe da comissão nomeasse dois de seus ajudantes que, em cumprimento daquelas instruções, fossem transpor os pantanais até ao rio Aquidauana, ocupado, ainda por cima, pelo inimigo, singular pasmo apoderou-se de todos.

Os primeiros instantes foram de silêncio e concentração; depois surgiram reclamações e protestos.

Pois era possível, naquele tempo de chuvas diárias, no rigor da quadra das águas, expor assim dois homens, dois oficiais, atirá-los para a frente da coluna, a esmo, sem rumo, quando havia ignorância total da posição, dos recursos e vigilância dos paraguaios? E aquele pantanal medonho, abismo de vasa, imenso lodaçal nunca revolvido? E aquela serra bravia, ínvia, como transpô-la, como estudá-la, sem guia, sem rota? Com que viveres far-se-ia uma exploração de 50 léguas? Onde os animais, quando a peste os aniquilara todos? Que força de proteção para acompanhar os infelizes exploradores?

A todas as interrogações contrapunha-se inflexível resposta: era a urgência de cumprir as determinações do comandante em chefe; era a disciplina militar com todas as suas inquebrantáveis exigências.

Manda quem pode, obedece quem deve, diz o soldado, e esta regra é a base, a força de um exército.

Naquela hora, porém, as perguntas que se cruzavam de todos os lados e, satisfeitas, como era natural, sempre no sentido negativo, mais nos entenebreciam o espírito.

Também caíra já o crepúsculo, e o chefe da comissão não ousara, ou melhor, não tivera ainda a coragem de indicar os nomes dos que deviam partir e dar execução às imperiosas instruções.

No nosso barracão, já então às escuras, que o luxo da iluminação fora, há muito, radicalmente abolido, reinava, depois de todos aqueles protestos, o silêncio; fora, roncava a trovoadas habitual às tardes da estação quente, e a chuva caía a cântaros.

Cada um de nós estava deitado em seu jirau ou rede.

— É preciso — observou por fim um dos companheiros — decidir quem segue ou quem fica.

— Considero — disse o chefe — a empresa tão difícil, que não me animo a apontar o nome de nenhum dos meus colegas.

— Entretanto, a ordem é terminante — ponderou alguém.

— E há de ser cumprida — acrescentou outro.

— Pois bem — lembrou um terceiro — entreguemos à sorte a custosa designação. Assim ninguém poderá queixar-se.

Aceito o alvitre, nossos oito nomes, tantos eram os ajudantes da comissão, escritos em quadradinhos de papel, igual e cuidadosamente dobrados, caíram no fundo de um chapéu.

Quem do bojo da improvisada urna tirou com solenidade dois dos papezinhos foi Chichorro da Gama, um infeliz camarada, cujo corpo devíamos, poucos meses depois, entregar à terra.

Com explicável ansiedade, abri-o e... li um nome.

Era o meu.

Ocasões solenes já tem tido minha vida. Uma delas foi essa.

Num instante, rápido como o pensamento, vi que meu destino ia depender do companheiro que me reservava o outro misterioso canto do papel. Se enérgico e prático, estávamos salvos; se menos bem dotado, ambos não daríamos conta da mão, sucumbindo, talvez, antes de concluído o temeroso cometimento.

O nome que anunciei, mais animado logo, foi além de minha expectativa — Pereira do Lago.

Lago — isto é, a prudência, a força, a reflexão, o sentimento apurado de dever; Lago — a personificação do bom senso, mas ao mesmo tempo a tenacidade levada ao extremo da teima.

Alto, gordo, então simples capitão, mas com proporções para ser general, tem ele fisionomia franca e simpática. Possui inteligência, ilustração e sobretudo consciência. Reto e leal, é amigo às deveras, mas também inimigo decidido.

Eis por que esse nome tanta influência teve em meu espírito, e como a imaginação, em idades mais tenras, de bom grado se inclina para o otimismo, aquela viagem, há pouco tão terrível, afigurou-se-me digressão que, se bem penosa, serviria contudo para quebrar a insipidez da vida estacionária que levávamos no Coxim.

— Então somos nós — disse Lago com aspecto risonho. — Pois bem, amanhã me ocuparei dos mantimentos, e você — dirigia-se a mim — irá entender-se com o coronel comandante.

No dia seguinte, com efeito, compareci no quartel general e lá não pude colher informação que me agradasse; muito pelo contrário.

A cada instante reaparecia o *dizem*.

Diziam, por exemplo, que a *travessia* dos pantanais era possível e até fácil; diziam que uma serra corria à esquerda, tão contínua e elevada que não deixava errar uma criança e com fralda por tal modo limpa, franca e boa de seguir que os fugitivos de Miranda por ela se tinham escapado com a maior segurança; diziam que os paraguaios estavam muito longe, perto já do Apa; diziam enfim mil coisas consoladoras, mas ninguém afiançava nada.

O que era positivo é que deviam servir-nos de guia cinco ou seis soldados do antigo corpo de cavalaria de Mato Grosso dissolvido em Nioaque por ocasião da invasão da província em 1865 e que, após um ano de estada nas matas entre índios e refugiados, tinham vindo apresentar-se, atravessando, é certo, os pantanais, mas na estação em que estavam perfeitamente secos e davam livre passagem.

Pairava sobre essas praças uma suspeita que nos foi, à última hora, obsequiosamente comunicada: é que eram uns grandes sicofantas e assassinos que, depois de enormes tropelias, tinham vindo buscar a impunidade de medonhos crimes na proteção da vida militar.

## IV

### A VIAGEM

Debaixo desses auspícios, no dia 12 de fevereiro de 1866, partimos, pois, do Coxim, acompanhados até o porto de embarque no Taquari por nossos companheiros que, durante a transposição daquele majestoso rio, nos saudavam, contristados e melancólicos, com os lenços e chapéus.

Nessa mesma tarde arrebentou violenta trovoadas, e passamos a noite em uma barraca esburacada que parecia proteger-nos mais intencionalmente do que na realidade.

Enfim, com mais ou menos peripécias, próprias de toda marcha por terra, fomos seguindo a rumo Sul e numas 25 léguas encontrando, senão terreno perfeitamente enxuto, pelo menos transitável e até com sinais de bastante freqüentado uns meses atrás, pois a trilha era seguida e um tanto batida.

De vez em quando víamos uma ou outra bonita perspectiva: o portão de Roma, por exemplo, grandiosa aberta numa linha de montanhas já bastante empinadas ou então os campos dos rios Claro e Verde, mas a chuva infalível, mal se inclinava o sol, pelas três ou quatro horas da tarde, constituía um sofrimento diário, tanto mais penoso quanto ia entender com a noite, molhando nosso resumido guarda-roupa.

Sem maior novidade, pois, alcançamos o rio Negro, além do qual se espraiava a zona mais funda dos pantanais, pelo que devíamos trilhar a base da serra de Maracaju.

A direção da cordilheira constitui, com efeito, seguro meio de caminhar sempre para o Sul, mas o que se torna de todo o ponto impossível é não só acompanhar as dobras extremas da aba, como buscar alcançar a chapada, se porventura existe, pois o maciço de montanhas mergulha, por assim dizer, os pés na vasa e tem as fraldas orladas de uma faixa larga de taquaríssima tão entrançada e resistente que num instante gastaria quanto machado tentasse romper por ela estreita vereda.

Começou então para nós um período de padecimentos que descrevi minuciosamente num livro<sup>17</sup>, e que, justificando as temerosas previsões do nosso conselho no Coxim, toma hoje, apagado em parte pelos anos, certos visos de inverosimilhança.

Repelidos da serra pela impenetrável cintura, não tivemos remédio senão procurar as terras baixas: caímos no pantanal; perdemos-nos em breve, e patinando dias inteiros no lodo ou dentro de água e buscando, a muito custo, uns cômodos de terra mais altos e secos para passarmos as noites ou enxugarmos as roupas, camas e bagagens, caminhamos durante quase três semanas à toa, sem rumo, desanimados e sem esperança de salvação.

De mais a mais, a pelota que na passagem do rio Negro transportava nossa diminuta matalotagem, tinha virado, de maneira que seguíamos, confiados só no muito gado que diziam — sempre o célebre diziam — abundante nas regiões empantanadas.

Dessa vez também não andavam longe da verdade: reses havia e muitas, mas tão ariscas e velozes como o bicho mais selvagem da mata; isto mesmo nos lugares menos úmidos, porque, da região inundada, fogem todos os animais, e nela só se avistam garças, socós e tuiuiús.

Forçoso era, pois, vencer a natural repugnância e, para não morreremos à míngua, chupar miolo de palmeiras macaúbas, tão visguento e desaçucarado que o estômago o acolhe com desgosto.

---

<sup>17</sup> *Cenas de Viagem* – Exploração entre os rios Taquari e Aquidauana, no distrito de Miranda. Rio de Janeiro, 1868. (N.A.)

A mim e à comitiva, composta daqueles soldados mal considerados — sete homens e um sargento — sustentavam mais a coragem e sangue frio do Lago do que a repulsiva alimentação que nos proporcionava aquela ingrata zona.

Entretanto, íamos sempre, já não digo por diante, mas vendo de achar passagem ou para voltarmos para o Coxim ou para seguirmos até o Aquidauana.

## V

### UMA ONÇA BENEFICENTE

Uma noite, atingiram os nossos sofrimentos extraordinária violência.

Num pouso improvisado e todo encharcado, que com boa razão denominamos da Aflição, caiu sobre nós, quando emergia do pantanal esplêndido luar, tão condensada nuvem de mosquitos e pernilongos que, embora abatidos pela fome, buscamos a toda a pressa os galhos extremos das árvores, de onde só descemos com a madrugada.

Imagine-se agora a luta para resistirmos ao sono, e ali mesmo, naquele elevado abrigo, nos defendermos dos ousados e malditos insetos?!

Quanto aos nossos animais, esses corcoveavam de dor, atados a grossos troncos, e desesperados esticavam a mais não poder as cordas que os vinculavam.

Afinal, depois de esforços furiosos, romperam as prisões e num galope vertiginoso desapareceram do infernal local.

Nele tivemos que ficar três dias, três dias que me pareceram anos, sentados, eu e o Lago, um ao lado do outro, à espera das turmas em que se haviam dividido os soldados, uns para procurarem alguma coisa que comer, outros a campear os animais fugidos.

E com a noite voltavam desalentados, prostrados de fadiga; e com a noite, surgiam daqueles campos alagados, numas dez léguas em torno, legiões, miríades de sangue-sedentos mosquitos, cujo ferrão, atravessando a mais espessa baeta<sup>18</sup>, se nos entranhava sequioso pelas carnes adentro.

Suplício indescritível!

Debalde fumegavam fogaréus que nos abrasavam de calor; tal era a fúria dos assaltantes que não havia senão recorrer às arvores e, trepados em cima, agarrarmo-nos com força aos galhos no meio de cochilos homéricos.

E a lua cheia, imensa, a iluminar com brandos e azulados raios aquela paisagem chata que, aos olhos da fome e da angústia, parecia sepulcral.

— Então — perguntei a um dos soldados — não há esperança de se acharem mais os animais?

— Por enquanto, não — respondeu-me ele — mas os dois Campos Leite foram seguindo o rastro e, se eles não os trouxerem, ninguém mais os apanha nesta vida.

Aí, a todas as preocupações que tumultuavam em nosso espírito, acresceu mais esta: e se os tais campeadores, justificando a reputação de que gozavam, desertassem, montados em nossas cavalgadas?!

Para abrandar a violência dessa ansiedade, deu-nos a sorte inesperado resfôlego. Por volta do meio dia, apareceram no pouso dois soldados carregando um enorme pedaço de carne, resto de um banquete de onça, a qual, achando sem dúvida o repasto demasiado duro

---

<sup>18</sup> Tecido felpudo de lã.

— era carne de touro — com pouco se contentara. O mais havia ficado quase intacto para uns mal-aventurados homens perdidos inconsideradamente naquelas solidões.

Sim, abençoada onça!... única na tua espécie! O que, graças a ti, se devorou naquelas horas, o que se devorou durante a noite toda, apesar de teres mais que razão quanto à qualidade da carne, apesar do alvoroço e sanha das muriçocas, passa os limites da imaginação da tua raça e com tal sofreguidão que o alimento apenas ingerido era logo rejeitado pelo enfraquecido estômago e naquele instante mesmo substituído por pedaços cada vez maiores.

Era de enjoar uma onça um tanto mais civilizada.

Embora!... comia-se... comia-se!

## VI

### NÃO HÁ MAL QUE SEMPRE DURE

Nessa mesma tarde, voltaram os campeiros com o magote de animais que só havia parado umas boas dez léguas atrás, quase junto ao rio Negro. Faltava unicamente um burro de carga, morto por uma onça, essa de instintos por sem dúvida muito menos dignos e louváveis que os da ilustre e humanitária companheira.

Enfim... há de tudo!

Quando, no dia seguinte, achamo-nos a caminho, éramos outros homens, e como a felicidade, do mesmo modo que a desgraça, tem quase sempre uma evolução determinada, foram nossos inglórios infortúnios decrescendo em consoladora proporção. Um dos nossos conseguiu matar à bala gorda e possante rês e, no momento menos esperado, surdiu de entre as águas, buscando as lombas da serra, uma trilha seguida que nos livrou para sempre dos horrores e incertezas do pantanal.

— Estamos salvos! — bradou com segurança um dos soldados. — Agora piso terra conhecida.

Dera esta grata notícia um homem que nos havia prestado, como camarada, durante os dias angustiosos daquela custosa exploração, os mais assinalados serviços.

Era ele quem, à frente de nossa resumida e merencória tropinha, ia sempre rompendo a marcha com água muitas vezes pela cintura e abrindo um sulco por entre os capins do pantanal; era ele quem, à menor suspeita de *corixa*<sup>19</sup>, nos fazia parar; quem ativava a passagem, puxando as pelotas, dirigindo os cargueiros e animando os camaradas; quem, de machadinha em punho, corria as árvores em busca de cortiços de abelhas; quem derrubava os coqueiros; conhecia-lhes as qualidades; tirava-lhes o miolo, quando não tinham palmito, voltando pressuroso a nos trazer o resultado de suas pesquisas; quem campeava os animais e lhes batia sem errar a fugitiva pista.

Chamava-se Alexandre de Campos Leite, sertanejo por índole e educação, mas por enquanto soldado do corpo de cavalaria de Mato Grosso.

Era *caburé*, isto é, mestiço de negro com índia e um magnífico tipo do cruzamento destas duas raças.

Alto, bem proporcionado, de musculatura enérgica e elegante, tinha cor de chocolate carregado. Cabelos negros, mais crespos que encarapinhados, olhos grandes e meigos, nariz

---

<sup>19</sup> Corixas são depressões do solo que, cheias d'água pela inundação, não dão passagem senão a nado, tornando-se um dos perigos sérios das viagens por aqueles lugares. (N.A.)

fino, quase aquilino, boca um tanto rasgada, dentes excelentes e mento acentuado, formavam um todo fisionômico agradável e sobretudo muito característico.

Por ocasião da dissolução do corpo a que pertencia, em dias de janeiro de 1865, quando os paraguaios invadiram o distrito de Miranda, ficara Alexandre oculto entre os índios terena, até que julgou de necessidade ir apresentar-se às forças brasileiras acampadas então em Coxim.

Razão ainda mais forte que o dever militar a isso o havia levado. É que nessas forças servia também um irmão, seu irmão mais velho Martinho, que, depois de debandado o corpo de cavalaria, por circunstâncias talvez alheias a sua vontade, acompanhara o comandante e a bandeira até Santana do Paranaíba, na fronteira de Mato Grosso, seguindo dali para Uberaba, onde se reunira à coluna expedicionária que marchava com direção ao norte do distrito de Miranda.

Pela primeira vez se achavam aqueles dois homens separados.

Também logo que Alexandre, por um índio que fora ter ao Coxim, soube da chegada do irmão, sopitou o desejo de continuar a viver livre e independente na qualidade de extraviado e, reunindo quatro ou cinco companheiros nas suas condições, veio espontaneamente oferecer o corpo ao jugo da disciplina e tomar novamente lugar na fileira ao lado do querido Martinho.

Pardo bastante claro, e filho portanto de outro pai, era este; baixo e reforçado, tinha fisionomia balorda, pouco inteligente, mas benévola e um tanto simpática.

Homem de quase quarenta anos, há muito terminara seu prazo de engajamento; entretanto, à espera que o irmão muito mais moço houvesse concluído o tempo de serviço obrigatório, ainda não requerera sua baixa, a qual, pelo péssimo e, digamo-lo francamente, desleal sistema introduzido na nossa administração militar, mui naturalmente não lhe havia de ser concedida.

Os dois, como mais conhecedores dos pantanais e daquelas regiões, ajudaram-nos sempre com dedicação ilimitada, prestando-nos, como já dissemos, importantíssimos serviços. Martinho com sua força de trabalho, robustez e indomável constituição; Alexandre com seu atilamento e vivacidade de espírito para de tudo tirar recursos, aproveitando em tempo as menores circunstâncias que podem auxiliar o homem entregue a si no meio do deserto.

Em geral, aqueles seis homens, que nos tinham sido dados para guarda de proteção, com as mais singulares e aterradoras confidências e conselhos de desconfiança, portaram-se de modo a merecer de nós verdadeira gratidão.

## VII

### CONTINUA A VIAGEM

Exaustos de forças, mas alegres e quase orgulhosos por haveremos superado os tropeços que a cada passo se levantavam como que para nos deter a marcha, chegamos à zona chamada *boca do pantanal* e distante umas 40 léguas do Coxim. Aí corre o rio Taboco, espraiado e quase sem margem do lado direito, do outro contido por empinada barranca que as enchentes jamais podem galgar. É o limite da região firme e nunca inundada, a qual se estende, alargando-se muito para Oeste até ao rio Apa e descamba pela república do Paraguai adentro, formando as extensas planícies do Aquidaban, próximas da vila da Conceição.

Inexcedíveis em dedicação haviam sido os dois Campos Leite.

Nada lhes passava sem reparo pelo caminho; de instante a instante estudavam o viso do arvoredado ou as pegadas dos animais para fugirem de medonhos tremedais cobertos de capim tão verdejante e mimoso quão traiçoeiro, metendo-se pelo contrário confiadamente por veredas escuras e encharcadas, cujo solo, porém, é firme e sem as perfídias daquelas ridentes clareiras.

A menos de meia légua das margens do rio Taboco, tive prova mais notável dessa cautela de observação.

Como de costume, caminhava Alexandre na frente, Martinho logo atrás.

De repente o primeiro parou e com ar de admirado voltou-se para o outro.

Trocaram rápidos acenos e ambos pareceram escutar.

Perguntei-lhes por quê.

Vinha então a nossa tropinha por trilha alagada e aberta em campos de juncos *piripiris*; viajar diário, ainda quando fora do verdadeiro pantanal.

— Os *quero-queros* — disse por fim Alexandre — estão gritando à beira do rio.

— E que tem isso? — observou Lago com impaciência.

— É que há lá gente — respondeu Martinho.

— E quem poderá ser? — indaguei.

— Paraguaio, *quem sabe?* — replicou Alexandre.

A tarde vinha descendo apressadamente.

Tudo era triste.

Nenhum ponto que cintilasse no céu; na terra, ao redor de nós, só charcos e negrejantes maciços.

Ameaçava chover e mais se entenebrecia o tempo.

Entretanto impossível era recuar; imprescindível marchar para diante, e talvez daí a pouco esbarraríamos com... o inimigo!

Aos Campos Leite ordenou Lago que avançassem por desvios e atalhos a explorar terreno até ao rio.

Partiram, e nós ali ficamos à espera.

Cerrou-se de todo a noite; começou a chuva a cair, e parados, silenciosos, formávamos compacto e melancólico grupo, ao passo que de vez em quando os animais batiam com as patas na água.

Depois de uma hora talvez dessa cruel expectativa, em que o peito se nos apertava de inquietação e tristura, ouvimos um grito prolongado de agonia... e depois uma gargalhada estridente.

E um corujão dos pantanais passou por cima de nossas cabeças.

Acredito que naquele instante todos sentiram frio na medula dos ossos.

— Cruz! — exclamou um soldado exprimindo em voz alta a impressão geral — este bicho do diabo veio rir-se da nossa desgraça!

Quando, cansados já e ralados de impaciência, pensávamos em prosseguir, apareceu o Martinho.

— E então? — perguntou Lago.

— Alexandre lá ficou...

— Que novidades há?

— Há pouco, gente *grossa*<sup>20</sup>; agora ninguém mais. *Assunte*<sup>21</sup>: os *quero-queros* calaram o bico.

De fato nada se ouvia.

---

<sup>20</sup> Muita gente. (N.A.)

<sup>21</sup> Ouça, entenda.(N.A.)

Avançamos então, indo, meia hora depois, parar na margem direita do Taboco onde, sem bulha e apenas com uma fogueirazinha que mal nos aquecia as roupas ensopadas da chuva, esperamos com sobressalto pelo que nos diria a madrugada.

Se a noite foi má, e durante ela deram-nos as formigas saúvas na barraca que até cortaram as correias do talim, espicaçando tudo quanto era pano, se a noite foi má, repito, o raiar da aurora trouxe-nos consoladora compensação.

Os róseos e decantados dedos de Eos<sup>22</sup> de par em par abriram as portas à esperança agora fundada, agora quase certa, de vermos terminados os trabalhos da nossa terrível comissão.

Uma partida de índios terena, índios mansos, amigos, aliados nossos e cujo aldeamento nas brenhas da serra do Maracaju, a poucas léguas do rio Aquidauana, era um dos nossos objetivos, fora quem lá estivera.

Não havia duvidar.

Frescas estavam as pisadas e Alexandre em reconhecê-las, ou, como tecnicamente se diz, em *levantá-las*, era mestre.

— O índio — ensinou-me ele — pisa de banda e não *gruda* o pé todo no chão.

Do Taboco fomos fraldejando a serra até uma ponta que se adianta no meio de campos pouco dobrados; depois, seguindo a volta, encaminhamo-nos para o seio que ela forma em reentrância.

Aí é que se haviam abrigado os índios da tribo guaná, depois de expulsos de seus aldeamentos de Miranda.

Passado um bonito córrego, deparou-se-nos larga e batida avenida com mostras de muito freqüentada.

— Se nos apresentarmos assim em grupo — ponderou Alexandre dirigindo-se para nós — arriscamos alguma descarga. Vou adiante e daqui a um nada volto com os terena.

Tão judicioso alvitre não podia deixar de ser aceito.

O recebimento que, minutos depois, tivemos na aldeia da Piranhinha foi de verdadeiro entusiasmo. Aqueles nossos amigos, vestidos muitos deles só com sua pele cor de cobre vermelho, pasmavam, embora índios, de nos verem para cá dos pantanais.

Se de seu lado nos olhavam com respeitosa admiração, por nossa parte não menos estranheza nos causavam aqueles grupos de homens, cuja epiderme cor de telha queimada, se não repugna as vistas, pelo menos as impressiona singularmente. Eram com efeito os primeiros índios que víamos assim em liberdade nas matas e sertões do Brasil.

## VIII

### UMA GALINHA COM ARROZ APARECE E DESAPARECE

Pensar e falar de contínuo em manjares delicados, em suntuosos banquetes e profusas refeições, é uma das curiosas alucinações daquele que, alquebrado de forças pela fome, sente aos poucos a imaginação ir desvairando. O fenômeno que se dá em sonho, quando dormimos em jejum, reproduz-se com vivaz intensidade em quem, embora acordado, se sinta desfalecer por falta de alimentação.

---

<sup>22</sup> Como se sabe, Eos era a deusa grega que personificava o amanhecer. Filha de Hipérion e Téa, era irmã da deusa Selene e de Hélios. Normalmente citada como de longos cabelos louros e unhas tingidas de rosa com uma carruagem puxada por cavalos alados, encarregada de abrir o dia tingindo o céu com seus róseos dedos.

Se a medicina — o que duvido — não assinala o fato, posso eu assegurá-lo com todo o fundamento, pois o verifiquei não só em mim, como nos companheiros que sofreram a agonia dos três dias no pouso da Aflição.

Entre nós era o único assunto de conversação, o único estímulo para trocarmos palavras um pouco mais animadas. Fazíamos como que uma minuciosa recapitulação de tudo quanto outrora nos acariciara o paladar, e a divergência de opinião sobre esta ou aquela comida constituía um ponto digno de controvérsia e mais minucioso esclarecimento.

Fato natural — enchiam-nos de grata recordação, não tanto as finas iguarias, as apuradas combinações da cozinha delicada e meticulosa, senão os simples e substanciais pratos do uso diário e corriqueiro.

Como nos sabia — em imaginação, está subentendido — uma feijoada, uma panelada de canjica!!

Numa ocasião, Lago levou o requinte, o sibaritismo a ponto de idear uma galinha metida inteira em arroz. Quanto a mim, contentei-me com o cereal e declarei saboroso a mais não poder esse modesto grão, cozido simplesmente na água e adoçado com um pouco de açúcar.

Não sei pelo quê, tornou-se-me aquela mistura como que um ponto fixo na cabeça, de modo que, por vezes, ainda depois de comidas bons e succulentos churrascos, insisti na necessidade de verificarmos a excelência do singelo arroz açucarado.

Também, chegados à Piranhinha, vendo Lago de relance a grande quantidade de galinhas que por ali cacarejavam, com toda a seriedade me propôs:

— Já que você quer, mande preparar para seu jantar tão apetecido arroz, ficando reservada para mim a galinha.

Bastou essa alternativa para que de pronto me desse por convencido e, uma hora depois, com tal ânsia nos atirávamos ambos à legítima palangana<sup>23</sup> que nos apresentaram que, apesar de preparada com graxa de boi, só deixamos ossos em pratos rutilantes de limpos.

E fique aqui de passagem assinalado para exemplo e escarmento de futuros viajantes: aquela canja, ou pelo modo por que fora preparada ou pela quantidade ingerida, fez-nos terrível mal.

## IX

### UMA SUBIDA DE SERRA DÁ FIM À VIAGEM

No dia seguinte, com grande acompanhamento de índios, saímos da Piranhinha e tomamos a trilha que comunicava o aldeamento com a localidade em que se achavam, na chapada da cordilheira de Maracaju, os refugiados do distrito de Miranda.

Para penetrarmos no recôncavo, havíamos caminhado completamente a Leste: desfazendo pois a volta, isto é, tomando rumo Oeste, chegamos à ponta do morro de que acima falei e dirigimo-nos para a serra.

Em breve começou a ascensão. Tornaram-se as matas mais densas, o declívio mais agro.

De repente descíamos; logo após subíamos cansativa rampa.

Entaliscada entre fileiras de altos rochedos, seguia duvidosa a trilha, ora por baixo de taquaruçus, ora num meandro de matagais.

---

<sup>23</sup> Tabuleiro de barro ou de metal onde se serviam os assados; grande tigela.

Que era caminho de fugitivos se via logo.

Paisagens lindíssimas, umas dilatadas, outras mais restritas, nos esclarecia a meiga luz de serena tarde; ora quebradas de montanhas que deixavam os olhos prolongar-se por sobre ricos dosséis de verdura, pelos declives além; ora cristalinas águas que, escapando de entre grossos matacões, se despenhavam aqui, ali, borbulhantes cascatas riscando de branco a negra pedra, sumindo-se em escuras fendas ou sem mais ruído caindo de imensa altura, como se devoradas pelo abismo.

As sombras cobriam já as profundezas do vale que, muito ao longe, lá embaixo, de quando em quando, divisávamos; galgavam apressadas as primeiras dobras da montanha, ao passo que alguns raios descorados de sol tingiam de purpurinos reflexos as franças das árvores no topo da serra.

Havíamos caminhado mais de três léguas e temíamos que a noite nos apanhasse nessas brenhas.

Com o cair do crepúsculo, subimos rampa tão íngreme que tivemos de pôr pé em terra e fazer quase como nossas cavalgadas, vencê-la de quatro patas.

Era também o último degrau antes de alcançarmos o planalto que coroa nessa parte a extensa cadeia.

Pouco depois, na verdade, pisávamos terreno plano, silicoso, coberto de cerrados, pelos quais ia meio apagada e cheia de voltas medrosa vereda.

Cercava-nos enfim noite fechada, quando por entre a folhagem vimos brilhar umas fogueiras...

Era o final da nossa viagem; era o repouso, não para uma noite, mas para dias, semanas e talvez meses.

Era o descanso, a tranqüilidade, a vida! Era o sossego depois de tantas atribuições; a quietação, depois de tamanho movimento!

Como nos foi grata aquela chegada!

Havíamos cumprido com nossas instruções e cumprido a poder de sacrifícios penosos, verdadeira abnegação da existência.

Demos tudo por bem empregado.

Essa gente, coitada, refugiada há mais de ano naquelas anfractuosidades, depois de horrorosos padecimentos, sem notícias do resto do mundo, crendo-se diariamente ameaçada em sua vida, sem esperanças de socorro, sem imaginá-lo possível, acolheu-nos como anjos baixados do céu.

Rodeavam-nos, apertavam-nos as mãos, indagavam mil coisas, queriam todos a um tempo contar suas desgraças, abraçavam-se uns aos outros, e, felicitando-se pela próxima salvação e volta aos usurpados lares, mostravam-se pasmos por termos transpostos os temidos pantanais.

Já presa do sono, ainda balbuciávamos respostas a sôfregas perguntas.

## X

### O RIO AQUIDAUANA E SUAS BELEZAS

No dia seguinte, depois de uma excelente noite, começamos logo o relatório que devíamos enviar ao coronel comandante.

Narrando-lhe todos os tranfes por que tínhamos passado, declarávamos absolutamente impossível levantar-se o acampamento do Coxim antes dos primeiros dias de maio e sem se

ter reunido alguma cavahada para a pega do gado, abundantíssimo em todos aqueles pontos, mas completamente alçado, bravio, ou, como lá chamam, *orelhudo*.<sup>24</sup>

Metida a correspondência dentro de um tubo de taquaruçu bem lacrado, despachamos os irmãos Campos Leite para que, seguindo as nossas pisadas e retificando-as, alcançassem em 12 dias o rio Taquari.

Três semanas depois estavam de volta. Nossos esforços haviam merecido o mais lisonjeiro aplauso, manifestado em brilhante ordem no dia da coluna, ficando-nos determinada a estada nos Morros até que as forças conseguissem transpor, na época aconselhada, a linha dos pantanais.

Assim, pois, fomos com vagar explorar o rio Aquidauana; com todo o segredo preparamos canoas para a passagem do caudal, limite então da região ocupada e vigiada pelos paraguaios e recolhemo-nos ao sossego, hospedados no rancho de palha do nosso amigo João Pacheco de Almeida.

Quão belo é aquele rio Aquidauana!

Confluente volumoso do Miranda, rola águas puríssimas entre margens alcantiladas e cobertas de vigorosa vegetação na qual avultam os elegantes taquaruços a formarem pitorescos maciços, onde se alteiam elevadas macaubeiras.

As mais belas paisagens mostram-se em seu percurso; as mais animadas cenas formam-se em suas vizinhanças, povoadas de toda a casta de animais.

Há perspectivas de uma novidade de aspecto encantadora.

Na porção ainda encachoeirada e acima do porto, onde os paraguaios tinham o seu primeiro posto de observação, porto denominado do Souza — que tal se chamava o dono da fazenda usurpada — o rio, descendo em rápida corredeira, morre de repente numa larga bacia, aberta com singular regularidade no côncavo de barrancas cortadas a pique.

Ali dormem as águas: círculos ligeiros mal encrespam a superfície — impulsos últimos da correnteza — e em ondulações concêntricas, cada vez mais apagadas, vão desaparecer de encontro à margem.

Ora a brisa geme na delicada folhagem dos taquaruços e brinca sobre as águas; ora é o vento que, vergando os flexíveis colmos, aviva aquela cena com harmonias mais grandiosas.

Quando, acompanhando o rio, nos dirigíamos para o porto do Souza, ora embarcados, ora pelas matas, mas sempre com a maior cautela para não acordarmos as suspeitas dos paraguaios, assim a vimos.

Então no alto da escarpada borda estremeciam as árvores aos embates de forte sopro: as flexuosas canas enroscavam-se umas nas outras; emaranhavam-se; torciam-se frementes, levando às vezes os topos às copas das macaúbas, outras abatendo-os até ao chão.

Perturbado em sua serenidade, de quando em quando refletia o lago o sombrio das nuvens que orlavam o azul celeste das abertas por onde o sol estirava raios destacados e de brilho ofuscador.

Centenas de pássaros esvoaçavam; uns tocados pelo vento com as asas meio encolhidas; outros cortando com vôo firme os revoltos ares. Brincavam muitas marrequinhas na água, sobre a qual velozes deslizavam-se brancas garças, ao passo que lontras faziam reluzir ao sol o lustroso pêlo, mergulhando de contínuo e nadando com ligeireza.

Tudo aquilo gritava, tudo aquilo piava, unindo mil vozes diversas, produzindo mil sons diferentes que, combinados, davam ao quadro a animação e vida só próprias dos painéis saídos das mãos do Supremo Artista.

Outra vez vimos essa bacia debaixo de novo aspecto.

---

<sup>24</sup> Isto é, sem marca, sem sinal de posseiro. É o gado que nas províncias do norte tem o nome de “barbatão”.(N.A.)

Tudo era calma, tudo silêncio: as águas não se moviam; as árvores não se mexiam. Luz deslumbrante penetrava tudo; calor abrasador abatia e enervava as forças.

Iluminada em seus mais sombrios recantos, não tinha a mataria mistérios; no lago as areias reluziam como que em imensa taça de esmeraldina linfa, que cardumes de dourados e prateados peixes – símbolo do mutismo – cortavam dum lado e doutro.

Explorando o Aquidauana numas 12 léguas, e escolhido o porto de passagem para entrarem as nossas forças na zona ainda invadida, voltamos aos Morros e aí nos conservamos, conforme as ordens, até 2 de julho de 1866.

## XI

### INFLUÊNCIA DE UM PÉ DE MAXIXE NA AMIZADE DE DOIS HOMENS

Deveras divertida e boa foi a vida que desfrutamos no meio daqueles refugiados, cujas plantações de milho, arroz, feijão, abóboras e hortaliças, feitas no seio da mata virgem, acudiam a todas as necessidades com providencial feracidade.

As casinhas encravadas na floresta e junto a copioso córrego eram de palha de carandá, feitas às pressas e como que a medo; entretanto, que palacetes, comparadas com nossas esburacadas barracas!

Depois de muitos terrores e rebates de inimigo repetidamente falsos, que, contudo, faziam às carreiras abandonar o que com tanto custo fora encetado, gozavam então de mais calma de espírito e sossego os moradores da suspeitosa povoação.

Logo em princípio, quando, fugidos da vila de Miranda, se meteram pelas matas, seus padecimentos haviam sido inúmeros; esfarrapados, quase nus, homens, mulheres, crianças e velhos, acostumados ao bem-estar, viviam dos alimentos que parcamente lhes davam a natureza silvestre ou do que podiam a peso de ouro comprar aos índios.

No meio do desânimo geral, houve, porém, alguns mais decididos que cuidaram logo de fazer roçados e preparar elementos para melhorarem de existência, e, não contentes com o que podia oferecer-lhes simplesmente a terra, desciam à noite do alto da montanha e iam na planície apanhar reses para o corte.

Numa dessas arriscadas expedições, João Pacheco, o nosso hóspede, agarrou uma galinha e logo após um galo.

Quando a petulante ave soltou, pela primeira vez, no acampamento dos refugiados, o estridente cocoricó, houve tal pânico que vários trataram logo de buscar mais fundas brenhas.

Uma velha exclamou:

— Este galo é paraguaio e está chamando os patrícios. Se não o matarem já, estamos todos perdidos.

O horóscopo não se cumpriu, e um ano depois a prole daquele primeiro casal de galináceos era coisa de pasmar. Havia mirandense que tinha mais de duzentas cabeças de criação, de uma variedade notável só conhecida em São Paulo e Mato Grosso e chamada *pampa*. A plumagem é toda branca, de alvura puríssima com reflexos metálicos, destacando-se aqui, acolá, sobre esse fundo uniforme, uma pena negra ou avermelhada, muitas vezes única na cabeça, cauda ou asas. É coisa lindíssima.

Como havia fartura, costumava à nossa mesa figurarem quase diariamente os descendentes daquele histórico galo, acompanhados de variadas hortaliças, de que há tantos meses havíamos estado radicalmente privados. De fato recebíamos freqüentes presentes de abóboras, chuchus, quiabos, couves e até certos condimentos.

O sal custava caro: oito mil réis uma colher rasa de sopa.

Numa ocasião, ofertaram-nos um grande prato de maxixes. Presenteava-nos o Sr. Cardoso Guaporé, coletor da vila de Miranda, quando se dera a invasão paraguaia.

João Pacheco de Almeida, em cujo rancho nos hospedávamos, ao ver aqueles maxixes, descorou de despeito.

Saiu como um corisco e daí a minutos discutia calorosamente com o coletor:

— O pé de maxixe é meu: fui eu quem o plantou.

— Concordo — replicava o outro — mas alastrou para meu lado.

— Pois amanhã vou rebatê-lo para o meu.

— Não pode fazer isso.

— Oh! Se posso...

— Não pode...

E as vozes se erguiam ao diapasão de formal altercação.

Tive que intervir e dirigir-me ao local, onde verifiquei que com efeito o maxixeiro nascera na roça aberta por João Pacheco, mas, passando por baixo do cercado de Cardoso Guaporé, caminhara por terras deste.

Decidi que ambos tirariam razoável usufruto. Aceitaram a sentença... mas nunca mais voltaram às boas. Era uma amizade rota para sempre!

Aos índios terena ficara incumbido darem-nos carne. Alta noite desciam da montanha com um ou mais bois mansos; percorriam a várzea; laçavam reses bravias e, encambulhando-as com as outras, vinham tocando pelas fragosidades da serra as juntas até ao nosso acampamento.

Aí as amarravam pelos chifres às árvores mais possantes e, degolando-as sucessivamente com intervalo de um dia, preparavam a excelente carne que tem o nome de carne de vento ou de sol, pois ao vento e ao sol secam as finíssimas tiras e mantas que sabem cortar.

## XII

### ENQUANTO FRUÍAMOS VIDA REGALADA, PATINHAVAM AS FORÇAS NOS PANTANAIS DE MIRANDA

De fevereiro a abril, correra firme e seco o tempo, de modo que o caminho do pantanal fora se desalagando e permitindo trânsito, mais ou menos cômodo aos estafetas que, de quinze em quinze dias, despedíamos para o Coxim.

À vista de tão boas notícias, o comandante Galvão, já então brigadeiro graduado, não duvidou demorar mais a marcha para o distrito de Miranda e, dividindo a coluna em duas brigadas, à frente da primeira partiu do acampamento do Coxim a 25 de abril. Chegado no dia 8 de maio à margem direita do rio Negro, esperou pela 2ª brigada, mas infelizmente já então se haviam de todo mudado as condições atmosféricas.

Romperam chuvas inopinadas, chuvas torrenciais de dia e de noite; os pantanaís subiram; as águas cresceram, e, em meados daquele terrível mês de maio, a coluna, reunida

toda e reforçada de mais um batalhão de voluntários vindo de Goiás<sup>25</sup>, achou-se ilhada num tesouro mais enxuto e cercado de banhados invadeáveis.

O que ali sofreram de fome, desespero, prostração, ansiedade, moléstias e terror, não pode ser imaginado.

Vagens de jatobá e cocos foram o alimento exclusivo de quase 3000 pessoas durante oito tremendos e intermináveis dias.

E nenhuma esperança luzia ao longe.

Mas dois engenheiros, Chichorro e Fragoso, atiraram-se pelos banhados a fora a procurar saída para tão horrorosa situação e nada puderam conseguir. Retrocederam; ambos atacados de beribéri, um para nunca mais se levantar, outro mais forte, tendo que buscar dois meses depois na pronta retirada o único meio de escapar da morte.

Escoou-se assim o mês de maio; assim decorreram os primeiros dias de junho. Os aguaceiros foram escasseando; raiou sol violento, mas os pantanais continuavam impraticáveis.

Galvão não pôde resistir a tantos abalos e a 13 de junho exalou a alma de velho e pundonoroso guerreiro.

Cumpria tomar uma resolução qualquer. A 24 daquele mês, a coluna deu um verdadeiro arranco; meteu-se pela água e capinzais, e veio rompendo seu caminho.

Num ponto encontrou umas trinta braças de vasa sem fundo: era o pantanal da Madre. Por todos os lados era lama, lama visguenta, traiçoeira, lama fétida, negra e insondável.

Por cima de um estivado coberto de feixes de capim que os engenheiros foram atirando à medida que avançavam, passou a testa da coluna, mas a cauda... essa encontrou tudo atolado, perdido, desmanchado e, louca de desespero, sôfrega, irrefletida, atirou-se num verdadeiro pélagos de lodo. O que se passou ali foi indescritível. Gente ficou enterrada até ao pescoço dentro do lamaçal e nunca mais de lá se moveu; carretas afundaram-se; mulheres perderam seus filhos, e o lúbrico abismo devorou calado mais de uma centena de vítimas.

Adiante reproduziram-se as mesmas cenas: era o pantanal da Cangalha.

Afinal, depois de dez dias dessa marcha verdadeiramente fantástica, pôde a coluna alcançar o suspirado Taboco, a *boca do pantanal*, mas... em que estado, Santo Deus de Misericórdia! Homens quase nus, esqueléticos, mortos de fome e de cansaço, verdadeira tropa de maltrapilhos!...

E viam-se pelo acampamento soldados imundos, andrajosos, mendigando... sim, mendigando de seus oficiais alguma roupa com que se cobrirem — alguma coisa que comer!

A disciplina cedia o passo à compaixão, mas que gente aquela da expedição de Mato Grosso!...

Bastava um mês de abundância, um mês de descanso e alegria, e todas as desgraças há pouco suportadas eram esquecidas, eliminadas do pensamento; retemperava-se a fibra patriótica, e os projetos mais ambiciosos, de mais difícil realização, de pronto nasciam naqueles homens, que a mão da desgraça nunca pôde de todo acurvar e abater.

Honra a esses brasileiros!

Honra aos filhos de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso!

---

<sup>25</sup> Era um luzido batalhão de mais de 600 praças, que se organizara ainda na capital de Goiás, graças aos esforços do presidente Ferreira França. Tendo, logo ao chegar ao rio Negro, perdido o comandante, foi fundido ao batalhão n.º 20 de infantaria, depois de dizimado pelas enfermidades. (N.A.)

### XIII

#### REAPARECEM OS IRMÃOS CAMPOS LEITE

No Taboco, reunimo-nos, eu e o Lago, à coluna e, durante muitos meses, sem perder de vista os irmãos Campos Leite, pelos quais sentia quase que grata afeição, não me achei em imediato contato com eles.

De vez em quando, nas marchas que as forças fizeram do Taboco ao rio Aquidauana, daí à vila Miranda, de Miranda a Nioaque, descendo sempre para o Sul da província e fronteira do Apa a ir atacar em seu território os paraguaios, nessas marchas que nos consumiram mais de dez meses, quando eu passava pelo intitulado corpo de cavalaria, via Alexandre e Martinho juntos, caminhando um ao lado do outro mui galhardamente, apesar das enormes trouxas que, como mochilas, carregavam às costas.

Nas funções de engenheiro militar que até certo ponto me dispensavam do rigorismo da vida de fileira, pus sempre tal e qual empenho em conseguir a simpatia dos soldados que se achavam mais chegados a mim.

Eis por que, quando em marcha os chamava pelo nome, colhendo um tanto as rédeas ao animal que cavalgava, para mim se voltavam ambos e, depois da continência, me encaravam senão risonhos — os homens da solidão dificilmente sorriem — pelo menos com ar de quem encara um rosto que lhe não é desagradável.

— Então, Alexandre, olá, Martinho! — disse-lhes eu um dia — Vamos com gosto para o Apa?

— Pudera, Vossa Senhoria — respondeu por ambos o primeiro — chegou desta feita a vez do castelhano.

Essa hora havia com efeito soado.

A fazenda da Machorra, os fortes de Oliva, Bela Vista e Rinconada, tomados e entregues às chamas, a fronteira devastada, o Apa transposto, foram justas represálias levadas da zona brasileira ao território paraguaio e que marcaram os primeiros passos da nossa coluna, por seu turno invasora. Uma vez conseguido aquele resultado que assinalava agressão, e na incerteza do que lá ia pela grande guerra do Sul, — que notícias do resto do mundo, não tínhamos uns bons cinco meses atrás — fora de prudência retroceder.

Outros destinos, porém, nos aguardavam e, penetrando mais de 3 léguas em terras da república e perdendo quase um mês de irreparável tempo, foram nossas forças acampar na *invernada* de uma fazenda do ditador Solano López, chamada Laguna.

Ali decorridos ainda seis dias em vacilações, reconheceu o comandante<sup>26</sup> a indeclinável necessidade de quanto antes tocar em retirada. Mas nos chegava o gado para duas semanas de marcha sossegada; impossível nos era buscar outro, e, perseguidos pelo inimigo, como tudo fazia presumir, muito mais tempo havia de ser preciso para a conclusão do movimento retrógrado, começado para lá da fronteira.

Antes, porém, de recuar, quis o coronel Camisão desmascarar a força inimiga que nos observava, acampada légua e meia para lá da Laguna e dispôs tudo para um ataque vigoroso e repentino.

Tinha sido marcado para a manhã do dia 5 de maio, mas medonha tormenta, tão violenta que a todos assombrou, fez adiá-lo para o dia seguinte.

---

<sup>26</sup> Era então o coronel Camisão. Depois da morte do general Galvão, haviam sucedido no comando das forças o tenente-coronel Guimarães, o coronel Carvalho e o tenente-coronel Juvencio. (N.A.)

## XIV

### METE-SE DE PERMEIO O TEMPORAL

Quem assistiu ao furacão da noite de 4 de maio de 1867 naquelas solidões do norte do Paraguai, há de, por força, ter dele imorredoura recordação.

Fora o dia abrasador, sucedendo a outros de profunda calma, em que se respirava um ar rarefeito e incômodo aos pulmões. O sol ardente, algumas semanas atrás, aparecera de manhã como rubro disco, iluminando uma atmosfera incinerada e turva e produzindo um mormaço de encadear os olhos e para o qual não havia sombra possível.

Os pastos estavam requeimados, o chão calcinado, os dois córregos, entre os quais ficava nosso acampamento, reduzidos a fios lânguidos de morosa linfa.

De repente, no meio do dia ergueu-se um vento forte e cálido, como baforada de gigantesco forno, que, limpando o firmamento, deixou ver um acúmulo de nuvens enormes, bronzeadas, compactas e que, formadas de há dias, agora vinham, como cedendo ao peso, a descer sobre a terra.

Expandindo-se e ganhando espaço, quais temerosas falanges a se prepararem para a luta, não tardou que por trás delas se ocultasse o sol, cuja luz radiosa fimbriava de cores rutilantes as bordas recortadas daquele monstruoso véu.

Contraste grandioso! Ao oriente, o azul puríssimo, esse azul que deixa o olhar como que perscrutar o infinito; ao ocidente, uma cordilheira negrejante de contornos arredondados, que se erguia, empolava, bojava com sinistra lentidão, a ocupar toda a abóbada celeste.

Amainou o vento, caiu de todo, e um ronco longínquo ecoou, enquanto os bulhões mais se aproximavam da terra com viso ameaçador. Às 5 horas da tarde, tudo escureceu, não com as trevas suaves que o crepúsculo insinua gradualmente, porém de súbito, como que por imposição.

Entretanto o ciclone não arrebentou logo, e, nessa espera, que durou horas, a natureza sentia-se angustiada, ofegante debaixo daquela terrífica ameaça. Lufadas de vento sopravam com intermitências; as árvores tremiam, e as barracas oscilavam com violência.

A escuridão tornou-se intensa, o calor um sofrimento atroz.

Afinal, uma língua de fogo correu de um ponto a outro do horizonte e grossas gotas de chuva bateram no solo compassadas e pesadas.

Foi o sinal.

Daí a minutos estavam os elementos todos em conflagração.

Uma ventania furiosa, ondas de chuva, relâmpagos medonhos, trovões incessantes, formavam um conjunto pavoroso.

Os raios caíam bem no meio do acampamento, atraídos pelas peças de artilharia; fulminavam soldados e com os contrachocos nos derrubavam por terra, embora sentados e encolhidos debaixo do capote varado pela chuva. Não houve barraca que agüentasse, quando árvores possantes eram torcidas, arrancadas do solo e atiradas como projéteis. Tudo voou pelos ares.

Daí a instantes, aqueles córregos, que antes eram ressecados valos, rugiam furiosos e, não podendo dar mais vazão às águas, transbordavam, inundando o acampamento e levando em desordenada carreira pedras enormes e alentados troncos.

Para aumentar o horror, nossas guardas avançadas, vendo ou pretendendo ver à luz dos relâmpagos que se cruzavam e como que se despedaçavam uns de encontro aos outros, desfazendo-se em deslumbrantes faíscas, vendo os paraguaios avançar, no meio daquele

embate de clarões, puseram-se a fazer fogo, de modo que a fuzilaria dos homens enchia os raros intervalos, em que se não ouvia o ribombar ensurdecedor dos céus.

Debaixo daquela descomunal tormenta, formaram-se às pressas os batalhões, ficando muitos soldados com água pela cintura.

E assim se esperou a madrugada.

E quando luziu o dia, toda aquela natureza, sacudida, revolta, esmagada, abatida, parecia como que atônita de ver o final de semelhante convulsão.

Também daí a horas, os caudalosos córregos foram diminuindo, diminuindo de volume e, turvos e barrentos, reduziram-se pouco mais ou menos ao que eram na véspera.

Na tarde de 5, houve repetição das mesmas peripécias, mas com muito menos violência, de modo que o ataque projetado ao misterioso acampamento paraguaio foi definitivamente marcado para a alvorada seguinte.

## XV

### AVANÇAR PARA RECUAR

Por esplêndida manhã, a 6 de Maio de 1867, fez-se o reconhecimento até ao ponto que se mantinha de observação o inimigo.

Foram o batalhão 21 de infantaria e o corpo de cavalaria de Mato Grosso, 400 homens no máximo, que, imprudentemente arriscados, tiveram que arcar com o grosso da gente paraguaia, talvez superior a mil cavaleiros bem montados.

Todas as fases de tão desigual encontro, presenciei-as eu do alto da colina que dominava ao longe as cercanias, e era deveras de entusiasmar, era de abalar o coração mais frio, de inflamar o mais inerte temperamento ver aqueles dois quadrados apoiados um no outro por um canto, como dois dados de jogar, a se moverem compassada e sistematicamente numa vasta campina ondulada e envolvidos por massas de cavalaria.

De vez em quando serpeava uma faísca em torno deles, e uma nuvem azulada coroava os dois pequenos grupos. Não se ouvia estampido algum, mas os cavaleiros abriam espaço e à disparada corriam de um lado e de outro.

Então os quadrados ganhavam terreno.

À distância de meia légua, nós, do cume do outeiro, interviemos no pleito e, debaixo da parábola das granadas La Hitte, os batalhões brasileiros, carregados de despojos e cumprindo plenamente o seu fim, recolheram-se ao nosso acampamento.

Os irmãos Campos Leite pertenciam a um dos corpos atacantes.

Foi tal o procedimento deles que conseguiram menção honrosa na parte do combate, e quanto esforço não precisam desenvolver simples e obscuros soldados para sobressaírem do comum dos companheiros?!

A vitória pertencera-nos sem contestação, mas urgia partir.

Escasseavam os alimentos, e em derredor avultavam os inimigos.

Na madrugada de 8 de maio, pôs-se a coluna em movimento.

Começava a retirada.

Se houve porém operação de guerra que iniciasse debaixo de excelentes auspícios foi sem dúvida essa. O moral dos soldados estava exaltado, possuídos todos do que era a exata expressão da verdade: havíamos avançado, quebrando resistências e recuávamos por nossa muito livre vontade.

O corpo de cavalaria fazia a vanguarda.

Encetava-se então essa *anábase*<sup>27</sup> gloriosa e lúgubre que, em outro estilo, em condições e circunstâncias diferentes, deixei já narrada e que, sob o título de *Retirada da Laguna*, será pela história registrada entre os feitos de coragem e resignação que honram a humanidade.

Ali o plano era vasto, subordinado a um pensamento primordial: salvar da niilificação do esquecimento atos de heroísmo praticados por brasileiros — aqui, no desenvolvimento deste episódio, verídico em todas as suas partes, mas sem pretensão histórica, antes desativada e singela narrativa, a intenção é mui diversa: contar àqueles que me lêem — e poucos serão sem dúvida — um sublime rasgo de dedicação fraternal de que fui testemunha e que me deixou profunda e eterna impressão.

## XVI

### OS COMBATES

O primeiro ataque dos paraguaios à frente da coluna em retirada foi violento e bem combinado.

Emboscados em cerrado matagal que guarnecia o declive de uma chapada cortada pelo caminho, aí esperavam nossa vanguarda, acolhendo-a quase à queima-roupa com nutrida descarga, cujas balas foram empregar-se num grupo lateral de mulheres e crianças que nos acompanhavam, gravando o peso da bagagem.

Não tiveram porém tempo de carregar as armas. Os brasileiros atiraram-se para dentro do mato e os desalojaram com inesperada prontidão.

É que esses infantes de ocasião corriam a buscar os cavalos guardados no alto da chapada pelos companheiros.

Chegam; apressadamente cavalgam, ao passo que os nossos, em linha desordenada e impelidos pelo ardor da perseguição, continuam a tiroteá-los, já então em campo raso.

Debalde o comandante grita, debalde brada: alto!

De propósito cedem os paraguaios terreno; juntam-se; formam esquadrões; voltam rédeas; novamente recuam, até que de repente se precipitam em furiosa carga mais de duzentos cavaleiros sobre uma linha singela, sem apoio nem consistência.

Foi um movimento terrível.

Não esmorecem os nossos: compreendem de relance o desastre: alguns congregam-se em círculo, outros em grupos de cinco e seis; estes fazem fogo isoladamente, aqueles correm para os centros de resistência; aqui caem lanceados; ali lutam de baioneta em punho, e a grita selvática dos paraguaios sobreleva por cima do crepitar intenso do tiroteio.

Muitos brasileiros regam com seu sangue o ingrato solo do Paraguai.

Não faltam rasgos de valor destacados.

Uma mulher apanha a clavina do marido morto e, deparando-a por vezes, defende a vida de um filhinho de colo que depositara no chão.

Os dois Campos Leite haviam ficado perdidos no campo. Uns paraguaios vinham a meio galope sobre eles. Felizmente a macega era muita, alta e seca.

---

<sup>27</sup> Empréstimo do grego *anábasis, eós* 'expedição ao interior; progresso de um mal; declínio do sol', de *anabainnó* 'subir, montar, embarcar, penetrar no interior de um país'; o vocábulo é o título de célebre obra de Xenofonte, antigo historiador grego, que conta a expedição de Ciro, o Jovem (424 a.C.-420 a.C.), contra seu irmão Ataxerxes II e a retirada dos dez mil após a batalha de Cunaxa, em que Ciro foi morto.

Fora insânia resistir — não tinham senão dois cartuchos — melhor talvez correr, aproveitando a distância que se interpunha ainda.

Então se abaixa Alexandre e lança fogo ao capim requeimado dos ardores do sol e faz incontinente irromper ingente labareda — muralha ígnea — que, alargando-se logo, caminha ao encontro dos atacantes.

Estes param, mas no mesmo instante dois rolam de cavalo abaixo, fulminados pelas balas certeiras dos sertanejos.

Colunas de fumaça enovelam-se densas e, a poder delas, esgueirando-se de gatinhas, rentes com o chão, vão os dois ter aos núcleos de maior resistência e com sua presença aumentá-la ainda mais.

Logo após chegava reforço: a artilharia metia-se em posição e varria o campo de paraguaios.

Assim começou o trabalhoso dia de 8 de maio. Sempre a combater, foi que chegamos à noite.

No dia seguinte, nova peleja, encontros repetidos, mas a coluna brasileira acampou em Bela Vista, margem esquerda do rio Apa, mostrando ao inimigo que sabia romper caminho através das balas e passando por cima dos cadáveres daqueles que procuravam embargar-lhe o trânsito.

## XVII

### CONTRAPOSIÇÕES

No dia 11 de maio, depois de transposto o Apa, os paraguaios fizeram um esforço decisivo.

Reuniram toda a cavalaria de que dispunham e a jogaram francamente sobre os nossos quadrados.

O choque foi violento; a luta durou menos de um quarto de hora, mas tanto bastou para que alastrassem o campo, em que nos conservamos unidos e firmes, perto de duzentos corpos, cinqüenta brasileiros, o resto paraguaios.

Ah! esses dias de combates, de carnificina eram também os de animação e esperanças!

Poder lutar corpo a corpo, braço a braço com o inimigo, repeli-lo, trocar balas, ouvir a voz sonora dos bronzes da artilharia, enviar a morte e senti-la esvoaçar por perto, tudo isso, toda essa tormenta, todo esse fragor abala, incita, atordoia e avigora.

O espírito agita-se; tudo é novidade; os episódios multiplicam-se; subdivide-se a atenção; todas as fibras da alma retesadas pela comoção vibram enérgicas; mil sentimentos encontrados a empuxam, a torturam, a exaltam, a sublimam, e uma venda de sangue escurece-nos os olhos.

Os momentos são solenes.

O hino nacional que retumba como voz ingente da pátria; as bandeiras desfraldadas, os tambores e cornetas que ferem os ares com agudo estrugido; a pólvora que embriaga; o exemplo dos companheiros; o orgulho em sentir no peito coragem, quando a vida depende de um pedacinho de chumbo e milhares deles voam por todos os lados, tudo forma um conjunto que de modo indelével impressiona a quem entra pela primeira vez em fogo e recebe o batismo de sangue.

Parece até que o céu se ilumina de súbitos fulgores e que de lá vem baixando a glória.

Ilusões! Tristes ilusões!

Quem de relance as perde, é o ferido;

Pobre dele!

Clama, ninguém o atende; geme, ninguém o consola. Atirado no meio do campo, de rosto, quantas vezes! voltado para o sol, curte os horrores de uma sede intolerável e repentina. Semimorto, receia morrer de todo; conta as balas que lhe passam por perto; ouve-lhes o sinistro sibilo e de cada vez seu corpo mutilado estremece de dor e de medo. Procura escapar da morte que o abraça e, se lhe restam forças, tenta arrastar-se em busca de socorro, sobre as mãos, se já não tem pés, sobre o ventre, se já não tem nem pés nem mãos.

Com igual pavor vai seu olhar desvairado do amigo para o inimigo. Com efeito ambos o pisarão na ocasião; calcá-lo-ão as patas de seus cavalos, quebrar-lhe-ão os ossos com as rodas de suas artilharias.

Então aquele céu que, para o combatente rutila e deslumbra, para ele, infeliz, que se esvai em sangue, é o tenebroso fundo em que se destacam os vultos queridos de uma esposa, uma mãe ou chorosos filhinhos.

Debalde atroam nos ares hinos ferozes e guerreiros: ele não ouve senão a canção ou a prece que aprendera em criança e que repete dentro da alma: último eco do lar a que não voltará mais!

Na rigidez da morte, guardam os que tombam fulminados o cunho dos sentimentos que os dominavam: sobrecenho cerrado, lábios contraídos e narinas dilatadas.

Os que morrem, depois de feridos, têm todos, além da expressão do sofrimento último, uns toques sensíveis de calma e benevolência.

Uma vez, percorrendo um campo de ação para ajuizar das perdas inimigas, parei defronte de um moribundo paraguaio.

Era um mocinho branco, imberbe e bem parecido. Tinha ambas as pernas esfrangalhadas por uma bala de artilharia.

Deitou-me um olhar de meiga melancolia e com voz distinta clamou: *madre, madre mí!*

E no rosto lhe pairava um sorriso de íntima expansão...

## XVIII

### SUCEDEM-SE OS HORRORES

De animação e esperanças eram esses dias de lutas e combates!

Depois, chegaram outros, temerosos, em que a desgraça parecia vir de parceria caminhando conosco, como nós também em retirada.

Vieram os dias da fome!

Vieram os dias da sede!

Os dias do fogo na macega dos campos!

Os dias de extravio no sertão desconhecido!

Os dias das dissensões!

Por fim, os dias do cólera-morbo!

Todos esses males, numa gradação crescente e depois reunidos, combinados, tremendos em seus golpes, conspiravam para a destruição de todos.

Tantos e tamanhos meios de aniquilamento contra um punhado tão pequeno de homens perdidos no deserto!

O cólera, que horror!  
Que propagação!  
Que violência! Que sofrer desesperador! E onde os remédios?! Onde os lenitivos para tamanhas dores?!

Era curvar a cabeça e ir andando, andando sempre, que ali estavam quatro bandeiras e quatro canhões que para essa coluna de míseros representavam a única coisa que convinha salvar: a honra.

Atopetados de doentes, agonizantes e mortos iam os carros de artilharia; a cada instante caía gente atacada; não havia mais como levá-la, e entretanto para cima de cem padiolas formavam uma lúgubre procissão que marchava ao som do tiroteio, dos gemidos e lamentações.

E ainda era preciso ir abrindo caminho com os pés pela macega cortadora: varavam-se campos, chapadas, cerrados e matas.

Numa feita fui transmitir várias ordens ao comandante do corpo de cavalaria.

Vi ao braço de uma padiola Alexandre de Campos Leite, em cima estendido seu irmão Martinho.

Perguntei-lhe como ia.

— Mal — respondeu-me ele sombrio.

E acrescentou:

— Como os mais... como todos.

— Desde ontem — disse-me o comandante José Rufino — Alexandre carrega o irmão. Não pede descanso; a cada momento revezam os companheiros, ele não arreda pé.

## XIX

### COGITAÇÃO TREMENDA, DECISÃO EXTREMA

Chegou o dia em que todos pareceram condenados. Já se não contavam os coléricos; eram aos centos.

Prender a vida dos ainda válidos aos moribundos, ou de um golpe cortar esse laço que para todos era a perdição, tal o problema aterrador que se ergueu, exigindo solução, ante os olhos do coronel Camisão.

Repelir desumanamente de seu seio os infelizes coléricos, brasileiros como nós, companheiros de trabalhos e combates, nossos amigos e irmãos de armas, entregá-los a todo o horror de sua sorte para que ela se completasse fria e implacavelmente; abandoná-los semivivos ao relento, à chuva, ao sol ardente, à sede, ao inimigo, aos urubus, ou esperar que a morte ceifasse a todos, depois de improfícuos esforços, cada vez mais angustiosos — tal o dilema que se apresentou, nas horas de meditação, claro e irremediável ao espírito do comandante.

O coronel Camisão levou uma noite inteira a pensar.

Pensou, ouvindo o tiroteio que de noite as linhas avançadas sustentavam.

Perto da madrugada, mandou chamar os comandantes dos corpos.

Tomara sobre si abandonar todos os desgraçados que tolhiam os passos da coluna — doentes e feridos.

Há resoluções que matam.

Dois dias depois também ele expirava...

A fúnebre notícia de abandono correu logo o acampamento, mas, por uma espécie de pudor, uns com os outros, falávamos em voz baixa e sumida.

À esquerda demorava frondoso bosque: abriu-se uma clareira larga, para a qual cada batalhão teve que mandar seus enfermos.

No meio daqueles dolorosos preparativos, sentia o egoísmo renascerem-lhe as forças. Os soldados estavam animados e trabalhavam com desacostumada atividade.

— Vocês vão para uma enfermaria nova — disse um deles a modo de consolo a um colérico que inquiria o que lhe iam fazer.

E talvez se risse!

— Estes ficam arquivados — acrescentou outro, e o dito teve aceitação.

Mais de duzentos homens encheram a clareira; mais de duzentos homens que, a se estorcerem de câibras, pressentiam o funesto plano!

Ao primeiro clarão do dia 26 de maio — que dia! — a força brasileira deu um arranco e deixou o malfadado acampamento.

O que se ouviu então, o que todos nós ouvimos de gritos, imprecações, gemidos, uivos, brados de agonia, de compaixão, clamores sem nome, sem conta, sem fim, o que ouvimos, arrepiava as carnes, fazia sangrar os corações.

E lá íamos, como réprobos, de cabeça baixa, tangidos pelo desespero de ganhar terreno, uma vez aliviados da nefanda carga.

Nesse dia fizeram-se três léguas quase de um só fôlego.

No pouso o comandante da cavalaria deu por falta de um homem válido — Alexandre de Campos Leite.

Havia desertado.

## XX

### UM IRMÃO AO LADO DO OUTRO

Não podia Alexandre abandonar o irmão. Fora ele quem o levava para o funéreo *arquivo*, mas de lá não voltara. Oculto por trás de umas árvores, esperou na clareira que só ficassem os moribundos.

Mal deixavam os brasileiros o acampamento, irromperam os paraguaios e, depois de passados uns segundos de espanto, começaram — obra de caridade, ou indigna carnificina — a espingardear os desventurados coléricos.

O espetáculo era atroz.

Uns levantavam-se hirtos e caíam transpassados; outros coziavam-se com o chão e de rastos procuravam meter-se pela mata adentro.

Aqui um grupo aos brados pedia a morte; ali, outros imploravam misericórdia; uns tentavam defender-se, atirando pedras e insultos; estes corriam loucos de medo, aqueles rolavam nas vascas da agonia... o tiroteio fervia bárbaro e medonho!

Alexandre só teve tempo de suspender nos braços o irmão e embrenhar-se no mato, curvado ao peso daquele corpo querido.

— Água! Água! — bradava Martinho — Dê-me água e salve-se você.

Ali perto felizmente lantejava um lagrimal. Com folhas largas apanhou Alexandre uma boa porção de pura linfa que os lábios do enfermo, gretados de ânsia, acolheram com sofreguidão.

Depois lhe veio o frio, e o irmão despiu-se quase todo para lhe dar as roupas e procurar manter o calor que fugia dos membros retorcidos pelas cãibras.

As horas, porém, iam passando.

No fundo daquele bosque não se ouvia mais que o arfar do colérico abraçado ao irmão; ambos silenciosos, mudos, mas compreendendo-se intimamente. Num a dor profunda, imensurável; noutra a gratidão e a consciência de que ele também assim faria se os papéis se houvessem trocado.

Martinho sossegou um pouco.

Alexandre foi, então, observar o campo.

Saiu da mata e suas vistas ao longe devassaram o descampado.

Tudo era tranqüilidade.

No ponto onde fora ter, um cordão de capões orlava extensa várzea.

Então lhe fuzilou pelo espírito uma idéia que fez brilhar de orgulho e alegria os negros olhos: salvar o irmão só por si; buscar novamente a coluna e surdir no meio dela com aquele que havia sido tão cruamente repudiado.

Voltou ao lugar em que deixara Martinho e, sem lhe dizer palavra, levantou-o e carregou-o aos ombros.

Começou a caminhar; entrou em campo raso e, rasgando trilha com os pés pelo capim alto e cortante, lá se foi de bosque em bosque, arfando de cansaço.

De vez em quando, depositando a carga, ia reconhecer os sinais da retirada; um cadáver aqui, outro acolá, gente que fora ficando à retaguarda e que o inimigo matara logo.

Sem comer, nem beber, caminhou o dia inteiro e nem uma légua venceu.

Ao cair da tarde, tomou fôlego à beira de um límpido córrego.

Naquela imensidade, iluminada pelos reflexos rubros do sol que já se fora, só ele vivo.

Martinho agonizava.

Estava, porém, calmo e com o olhar acariciava o rosto do irmão inclinado sobre ele.

Afinal exalou o último suspiro.

Então, do peito daquele homem do deserto, daquele sertanejo que nunca havia chorado, rompeu um golfão de lágrimas...

## XXI

### ÚLTIMO DEVER

Alexandre com o sabre abriu uma cova funda e, depositando nela aquele a quem tanto havia estremecido e respeitado no mundo, fincou em cima uma cruz de pau tosco, mas durador.

A noite de todo caíra...

\*

\*   \*

No dia seguinte, o desertor alcançou a coluna junto ao rio Miranda e foi logo apresentar-se ao comandante do corpo, diante do qual, estando eu presente, em breves palavras contou o que fizera e pediu singelamente castigo para sua falta.

# A VINGANÇA DE UM RECRUTA

## Narrativa de um sargento de Voluntários da Bahia

### I

Cruz, minha Nossa Senhora da Puríssima Conceição! Vida de recruta é pior que de cachorro magro e sem dono. Parece mesmo que a gente fica mais perrengue do que bicho gafento: tudo ataranta, tudo tonteia!... E depois, todo o santo dia, desde a primeira barra da madrugada, quando o toque de alarma arranca o soldado do mais gostoso do sono, até horas de silêncio, é uma gritaria de meus pecados: *Anda, recruta! A marche-marche! Recruta para cá, recruta para lá!* Quando não é: *Ó diabo, ó cachorro* e uma máquina sem conta de xingamentos e palavradas.

Qual! meus amigos, é coisa de virar de uma vez o juízo mais seguro, e sempre digo e direi que se pusessem aqueles doutorezinhos da corte do Rio de Janeiro na escola de passo e na barafunda de um batalhão, nos primeiros tempos haviam de ficar tontos e assarapantados que nem morcegos ao meio-dia.

Olhem, não é para me gabar, pois não sou dado a *pacholices*, mas nunca passei por tolo; aprendi a ler e escrever corrente; sei as quatro regras assim, assim; tive alguma educação que meu pai e minha mãe puderam dar-me, nem meto vergonha à Bahia, que é terra de rapazes sacudidos; pois bem, naquela temporada de serviço, eu andava tão assustadiço e *anarquizado*<sup>28</sup> que a mim mesmo mal conhecia. Também é coisa de *soberbar* um homem de estudos...

Melhormente que eu, sabem todos vocês como foi aquela história de voluntários da pátria. Parecia que no Brasil se levantava um furacão tão forte que sacudia os homens mais pacatos das comodidades da vida e num redemoinho os pinchava para terras que quase ninguém conhecia, nem sequer de nome. E cá para mim tenho que o López com tal nunca contou, pois se malmente tivesse desconfiado, não se metia de gorro conosco. Mas, qual! precipitou-se; deu com a cabeça pelas paredes e a baianada do norte e mais os guascas do Rio Grande botaram-se pelo mar a fora a ir dar cabo do Paraguai.

Não padece dúvida que sofremos o inferno em vida, comemos o pão que o diabo amassou, que muitos e muitos coitados nunca mais viram o Brasil, nossa boa terra, mas com a breca<sup>29</sup>! Digam lá o que quiserem, aquilo deveras foi bonito. Ferviam discursos e versalhadas; repiques de sinos e foguetes enchiam os ares; o hino nacional urrava por dá cá aquela palha<sup>30</sup>, tudo parecia ter perdido a cabeça de entusiasmo, e a mocidade, dando vivas ao Imperador, corria de chusma para a campanha.

Não, por Deus, nem que eu viva mais cem anos, nunca hei de ver coisa assim!

É verdade que uns, calculistas, torciam o corpo; outros, medrosos, disparavam para o mato, mas a maior parte mostrava que o homem sempre é homem.

---

<sup>28</sup> Desmoralizado. (N.A.)

<sup>29</sup> Exprime admiração, descontentamento ou espanto; com os diabos.

<sup>30</sup> Por dá cá aquela palha- por motivo frívolo; sem razão plausível.

Muito bem. Nesse tempo de confusão, que havia de ser princípios do ano de 1865 de Nosso Senhor Jesus Cristo, concebido sem pecado, estava eu em Itapororocas, para as bandas da Feira de Santana, onde nasci e recebi as águas do batismo, como bom cristão e baiano que sou, pois pode haver outros de mais talentos e leitura, mas de mais amor e patriotismo duvido, porque pela minha terra dou de barato sangue e dinheiro, como já provei; estava eu cuidando da rocinha da minha boa velha e ninguém se intrometia comigo por ser corrente na lei que, como filho único e por cima bem procedido de mulher viúva, tinha isenções e proteção e de qualquer recrutamento estava livre e bem livre.

Lá quanto a isso estava.

Também quase todos os dias ia a meu gosto e muito desimpedido à povoação, que moramos arredados umas duas léguas, por sinal que de beijo, e só ouvia falar em guerra, guerra e mais guerra. Diziam que os paraguaios — aí é que comecei a ouvir falar nessa gente — tinham entrado pelo Brasil adentro do lado do Mato Grosso e naquela nova província pintavam o padre Simão<sup>31</sup>, matando velhos, mulheres e crianças, queimando pessoas vivas, degolando enfermos, arrasando povoados, roubando gados e botando as igrejas ao chão, sem temor de Deus nem dos homens.

Aquilo a princípio me deu tamanha sacudidela e, para falar a verdade, me meteu tamanho susto que por vezes, de noite, cheguei a pular do jirau em que dormia, todo frio de medo como visse a casa de meus pais já cercada por aqueles malvados, minha mãe morta e as irmãs desrespeitadas; mas depois, aos poucos, fui me possuindo, me enraivando, e, quando do povoado voltava para o sítio, vinha com os ouvidos numa zoeira e a cara em fogo.

Tudo que me contavam, eu logo contava à velha.

— Ah! gente desalmada! — dizia ela com muitos suspiros e fazendo o pelo-sinal — Deus há de dar-lhes o pago. Do céu é que virá a vingança...

— Nós também — lhe retruquei duma feita — temos que tomar desforra por nossas mãos. Bem certo não mente o ditado: *Fia-te na virgem e não corras e verás o tombo que levás*. No meu entender, tudo quanto é brasileiro devia pegar em armas e ir enxotar aquela canalhada dos terrenos do Império.

Aí a mãezinha, coitada! teve um estremeção.

— Tónico, Tónico — disse ela já chorando — não fales deste modo; não penses mais nessa maldita pendência. Desarmem os que a armaram. Nós cá nada temos com isso.

— Ué, minha mãe, então como? Pois havemos de deixar nossos irmãos daquela província morrerem a patadas de cavalo e nós, metidos na redinha, a desfrutarmos a vida?! E se o inimigo estivesse batendo na Feira de Santana?

— O caso é outro, filho de minha alma. Não deves buscar barulho onde não és chamado. Tens que cuidar de tua família, que já não é pouco. Tuas irmãs vão ficando moças e eu cada vez mais quebrada. Que queres fazer? Partir, não é? Deixar-nos ao desamparo para ir batalhar com aqueles homens que não têm fé nem lei? Entrar por esses fundos sertões a buscar gente com quem puxar briga de morte ou meter-te em barcos de vela como eu vi, da vez que fui à Bahia de São Salvador... e depois levar uma bala. Ah! Tónico! Tem pena de mim!

Fiquei cismando e respondi:

— O que for, será. Deus Nosso Senhor é quem sabe!

Daquela vez, porém, ou pelo abalo que me fizera a mãe ou por qualquer outra razão, pus-me mais sossegadinho e, para fugir à tentação, uns meses *áfios*<sup>32</sup> não saí do sítio.

---

<sup>31</sup> Pintar o padre Simão - Pintar o sete.

<sup>32</sup> Costuma a gente do povo fazer do advérbio “a fio” um adjetivo que pronunciam como esdrúxulo. (N.A.)

Deitou o milho espigame grosso; recolhi feijão a valer, arroz de encher a tulha; limpei o laranjal todo da erva de passarinho e cortei o canavial, trabalhando com pouco descanso de sol a sol, porque via que a terra ia ajudando-me a boa vontade.

Nessa ocasião, tendo uma bonita carga de bananas de São Tomé que vender, dei um pulo até Santana.

Pasmei de uma vez.

Estava tudo num rebuliço. O estafeta da Bahia acabava de chegar quente naquela hora, e os *boletos* vinham cheios de combates, tiroteios, mortes de brasileiros e bravatas de paraguaios.

Ora vejam só... Aí é que eu soube que a guerra roncava ainda e cada vez mais no Sul, que muitos batalhões de voluntários já tinham marchado da Bahia e de todas as partes do Brasil, mas que a gente não chegava, que o governo e o imperador pediam mais e mais, dizendo que o inimigo era muito, que ninguém tinha contado com tanto, e mais isto e mais aquilo, enfim um nunca acabar.

E todos se admiravam de ver-me tão fora de novidades que giravam já até pelos sertões *brabos*<sup>33</sup> e entravam por toda a parte.

Também o canto em que eu vivia era tão quietinho!...

Podia o mundo meter-se pelo fundo dos mares adentro que, se as águas lá não chegassem, o sítio do Fortunato (assim se chamava o defunto meu pai, filho legítimo de Domiciano da Silva por alcunha *Cabeça de nós todos*) não dava fé da desgraça.

Mas ao ouvir tudo que me liam nos jornais, meu sangue fervia! Pois aqueles malditos ainda faziam das suas e nos desfeiteavam?

Oh! a coisa era séria, tão séria que o Imperador, o próprio Imperador, tinha saído de seus paços e da Corte, deixando cômodos, família, negócios do Estado e o mais, para correr em socorro de outra província atacada, invadida e estraçalhada!

Aí eu disse com os meus botões:

— Tônico, veja bem que até o monarca marchou para a guerra... Ou você é homem ou não é... Isto assim não vai bem...

Por enquanto, porém, nada resolvia.

Eis senão quando aparece em Santana uma idéia de formar duas companhias de voluntários, só de filhos daquela boa terra. Ui! o governo prometia mundos e fundos, moeda de prata e ouro, honrarias, empregos, mil coisas em suma e a um tempo; só faltava dizer que quem de pronto se apresentasse, acabada a guerra, havia de ser comendador ou barão. Os graúdos do lugar davam dinheiro, roupa, montaria, comezaina; engabelavam a gente; obrigavam-se a tomar conta das famílias; dar-lhes proteção e, no caso de desgraça, até pensões... sobretudo trabalhavam de língua que era um Deus nos acuda.

Coisa assim nunca vi.

Entreí a parafusar cá comigo e pelo caminho todo fui batalhando com o pensamento; vou ou não vou? Às vezes, tomava uma resolução firme, mas daí a um nadinha passavam-me pela lembrança a mãe, as irmãs e até a prima Joantina e ficava fraco e mole que nem pau de acajá.

Nessa luta entreí em casa com cara de quem quer fazer alguma coisa que remói na cachola, mas não pode decidir-se, e assim por muitos dias.

A velha, no meio de suas falas e amorosos ralhos, deitava lágrimas sem conta e trazia o oratório aberto e alumiado, porque já me via perdido, furado de lado a lado, sem pernas, sem braços nem cabeça.

Numa bela manhã, surdiu-nos no terreiro D. Thomasia, nossa vizinha umas duas léguas além e meio apatacada, que vinha visitar-nos e que, mal apeada do burrinho em que se

---

<sup>33</sup> Sertões ínvios. (N.A.)

encarapitava, pôs-se logo a bater língua no negócio de voluntários da pátria. Deixei-me ficar fora de casa, mas botei todo o sentido no que estavam lá dentro conversando.

Dizia D. Thomasia:

— Este ano, minhas ricas, é ano de calamidades. A guerra está cada vez mais acesa e vamos todos caminhando para uma grande desgraça...

— Minha Nossa Senhora — gemeu a família toda.

— É o que lhes digo. Marcham os homens para bater os inimigos e nós, mulheres, cá ficamos ao desamparo, sujeitas a muitos desaforos...

Reparem vocês que a cuja, além de velha, era feia que nem um bando de corujas.

— Há de haver grandes desordens. Quanto a mim, mudo-me quanto antes para a Cachoeira. Ao menos numa cidade não hão de, assim com duas razões, faltar-me ao respeito, como decerto acontecerá por cá nestes buracões.

— E seu sobrinho? — perguntou minha mãe.

— Quem? O Valentim? Nem me fale nesse patife. Aquilo é um ingratação: criei-o com tanto mimo e carinho — era mentira — para que o malvado saísse de casa às escondidas e fosse, muito de seu agrado, apresentar-se voluntário... Voluntário da pátria!... bonita carreira!... Leve ele o diabo!

— Isso, D. Thomasia, é da mocidade...

— Qual mocidade... diga vadiação, peraltice... sem-vergonhismo!...

— Pois meu filho, que sempre foi bem procedido, anda também com essas caraminholas na cabeça e agora...

— Que me diz? Seu filho?... — atalhou a bruxa. — Ora mais esta!... Então não há mais consideração alguma? Os criancolas de ontem metidos a rabequistas! Sabe a senhora o que deve fazer? Agarre-o hoje mesmo e mande-o já e já para longe, para bem longe daqui... Fosse o Valentim filho meu, que havia de ver... A senhora não tem um irmão em Campo Largo, além da Vila da Barra? Pois bem, empurre-o para lá com uma carta de recomendação... Quero ver se o governo e as influências de rapaziada hão de tirá-lo daqueles socavões...

Minha mãe, que em toda a sua vida mostrou muito juízo, respondeu:

— Qual, D. Thomasia, Tonico tem vinte e três anos... é já um homem.

— Então fique para nos proteger... não quero ver-me em termos de ser insultada... Quem sabe se os *carcamanos*<sup>34</sup> que cruzam estas estradas não hão de vir aos magotes fazer das suas, roubarem e... nem em tal falemos, Santíssimo Sacramento do Altar!

A coisa noutra ocasião dava deveras para tomar-se uma barrigada de riso, mas naquele momento levantou-se dentro de mim uma raiva, uma raiva tão grande, que de um pulo me achei na Feira de Santana.

Parece que tinha asas nos pés.

## II

Nessa tarde, abri de mansinho a porta de casa, dei um passo para dentro, quis falar, mas não pude.

Sentia um nó na garganta.

---

<sup>34</sup> Vendedor ambulante de fazendas e objetos de armarinho.

A velha — ainda me lembro como se fosse hoje — estava cosendo, as manas faziam crivo, e no fundo prima Joanhina arrumava a louça na prateleira, pois, à espera do ingrato que tanto as amofinava, tinham demorado a merenda.

Minha mãe levantou os olhos, topou comigo e soltou um grito:

— Meu filho! Meu filho! Tu vais para a guerra!

E atirando a costura para longe, correu para mim.

— É verdade, mamãe — segundei logo aproveitando a vasa — já sou soldado.

Boca que tal disseste! Pobrezinha da mãe! Pegou-lhe um vágado tão forte que, se a não amparo nos braços, caía a fio comprido no chão. Depois agarrou num pranto de choro abraçada com as manas e a Joanhina, que era de rachar o coração.

— Que fizeste, Tónico? — perguntou ela no meio dos soluços. — Quem te mandou ouvir aqueles homens? São uns enganadores e querem a tua morte. Santo Deus de Misericórdia, Nosso Senhor do Bom Jesus da Cana Verde, que vai ser de mim? De mim, sem meu filho, o filho único que vós me destes!

Aí me pus de joelhos a seus pés e, com a cabeça no colo dela, juntos choramos um tempão.

Foi então ficando mais quietinha.

Olhem uma coisa, meus camaradas. Isto de pátria parece uma invenção dos homens, uma mentira ou coisa que não existe, nem nunca existiu; mas lá chega uma ocasião e, de repente, não se sabe como, nem por quê, surge, por causa da pátria, no coração da gente, uma força tão grande que ninguém pode resistir-lhe: o moço cria coragem; o velho deita esforço de moço; a criança faz-se homem e até a mãe, a própria mãe, manda o filho para a morte.

Tenho cá para mim que a velha sentiu aquele abalo lá dentro. O certo é que, depois de um fartão de choro e lamentações, me encarou já de outro modo e, com os olhos ainda rasos de água, mas voz quase firme, me disse:

— Tónico, seguiste a tua inspiração; não posso te levar a mal. Deus há de proteger-te. Quanto a nós, ficaremos dia e noite rezando para que o Senhor do Bonfim, o milagroso Senhor, ampare a ti, aos baianos e mais brasileiros. Peço-te porém uma coisa, como filha desta terra da Bahia... Tem a toda hora presente no teu espírito que ela há de sempre ser honrada, custe o que custar... até o sangue todo que te corre nas veias... Tua mãe deita-te a benção!

E voltando-se para as raparigas que choravam agarradinhas umas às outras:

— Basta de prantos — disse. — Agora é tratar da roupa e da matalotagem do homem. Guardemos as lágrimas e preces, para quando ele estiver no meio dos inimigos, batalhando pelo Brasil.

Dito e feito. Nos dias que depois vieram, só se via ela costurando, lavando roupa, engomando, pregando botões, calada, triste, mas de olhos enxutos e eu, todo encolhido como se tivesse feito um crime, com o coração apertado, vagava ora pela roça, ora no bananal, ora na estrada de Itapororocas. Parecia que a morte vinha se chegando, se chegando e que eu precisava ir despedindo-me de tudo que me cercava, de tudo que desde criança conhecia e estimava.

À noite fugia-me o sono da cabeceira e só tinha algum consolo perto de uma nascida de água muito fresquinha que brota entre palmares por baixo de uma grande pedra.

Numa dessas ocasiões, ia eu saindo devagarzinho, quando ouvi um soluço abafado. Era a velha que estava acordada.

Ah! minha gente! aí não pude conter-me. Chorei como um desgraçado o resto da noite, mas, que coisa esquisita! nem um instante me arrependi do passo que tinha dado.

À mesa do almoço, da *janta* ou da merenda, mais agoniados ficavam todos. Diante de mim a mãezinha com o rosto tão abatido; ao lado as manas, contra o costume, sem tagarelarem, e Joanhina a me olhar ressabiada e com os olhos vermelhos.

— Que será da hora derradeira? — pensava eu aturdido.

Essa hora chegou.

Cheia de roupa tinha já a mala, até de lenços bordados; numa toalha, enroladas em farinha de mandioca, duas galinhas assadas; a licença estava a findar... força era partir.

A velha mostrou então ânimo que me pôs pasmo.

Deu-me depressa um abraço e, como que repartindo coragem com quem não a tinha, afastou-me com ternura.

— Vai, Tónico — disse ela tremendo toda — quem cumpre sua obrigação, tem sempre Deus por si.

Apertei-a bem junto ao peito, fiz o mesmo com as raparigas que estalavam de chorar e saí apressado e como tonto.

No terreiro parei e, voltando, corri a beijar a mão daquela que me botou nesta vida.

Aí fui-me embora de uma vez.

### III

No caminho, andei a princípio um tanto choramingão e macambúzio; depois fiquei mais distraído; pus-me até a cantarolar e, no fim, ia ligeiro e alegre como passarinho que topa com a porta da gaiola aberta e mosca-se fino por estes ares de Cristo afora.

Ingrato bicho é o homem, ingrato sim, porque eu bem sabia que no sítio do Fortunato a tristeza e o desgosto tinham ido assentar pouso... mas que querem? Esta é a lei do mundo; todos somos assim e o que a pai e mãe fazemos, hão de os filhos a nós fazer.

Depois de sair da Feira de Santana, passei pela cidade de Santo Amaro, onde muita gente me veio visitar e festejar, como se fosse pessoa conhecida e de importância. Deixei passar meio ganjento aquelas barretadas, mas fui vendo, entre desanimado e satisfeito, que por toda a parte a rapaziada tinha posto o pé adiante de mim e, há muito, estava ganhando um nome ilustre na campanha. A lufa-lufa de voluntários ia já diminuindo, mas assim mesmo muitos ainda se apresentavam, uns assarapantados da decisão, outros influídos e valentaços como eu, até que o peso das armas a todos quebrou o entusiasmo, e a coisa ficou só de odete ou queixo.

Afinal chegamos em troça à cidade da Bahia, isto é, de São Salvador da Bahia de todos os Santos e aí nos receberam como se faz a figurões.

Aquela gente não cansava de levar voluntários ao embarque, o que eles chamam bota-fora, mas, como finórios, deixavam-se ficar em terra, que é sempre mais segura. Era aparecer um voluntário, e todos punham-se a olhar para ele como para novidade nunca vista. Alguns lá consigo faziam este cálculo: “Bem, enquanto houver desses, não mexem comigo. É preciso entusiasmar os *marrecos*.” E punham-se a berrar e a dar vivas que por milagre não arrebetavam os bofes.

Muitos capitalistas e pessoas de gravata lavada vinham apertar-me a mão, saber minha graça, indagar de meus negócios particulares, que eu não tinha, querendo ainda mais pagar-me hotel e cerveja e agasalhar-me em suas casas, mas por enquanto fui marchando para o quartel, onde estava o depósito.

Agora, é preciso que eu lhes diga uma coisa: aquela capital de São Salvador da Bahia de todos os Santos é coisa de fazer pasmar! Também não admira que meta inveja a tanta gente no mundo e, sem ir muito longe, aos tais senhores pernambucanos que estão sempre a *intocar* conosco.

Que igrejas, rapazes! E umas ladeiras todas calçadas e casas e mais casas! A vista para o mar é de pôr um homem embasbacado. Ninguém sabe onde acaba aquela água, nem que fundura tem.

A Bahia é dos baianos, sim, senhor! e temos defendido aquela terra e havemos de defendê-la, custe o que custar, contra todos, contra bichudos e gentes da estranja ou sujeitinhos que queiram escravizar o nobre povo do 2 de julho<sup>35</sup>!

Vamos, porém, adiante.

Com os meus botões eu cá dizia: “Homem, isto de guerra vai por ora muito bem. Até hoje tem sido pagode grande e vou tirando bem bom proveito, que não é pouco vir ver esta capital assim de meia-cara<sup>36</sup> e cheio de honras e rapapés.”

Nesse tempo vinham chegando muitos outros voluntários; uns, influídos como eu e que pareciam querer engolir brasas, outros, meio *jururus* e com um chorozinho no canto do olho.

Tudo ia para o depósito, e lá a gente vivia de mistura com a *oficialada* numa pândega e só a contar proezas. Havia uns exercícios, mas de *cacaracá*<sup>37</sup>, pois o tempo era pouco para a *parolagem*. Também os mais mofinos iam tomando pé, ficando mais consolados e se entusiasmando, de modo que todos o que pediam era atracarem-se a ferro frio com os paraguaios.

E agora lhes digo; alguns mostravam-se valentaços de boca que depois no combate fizeram figura triste; assim o Anacleto, da Cachoeira. Isso era um Roldão na conversa; ninguém lhe punha o pé adiante; prometia dar cabo do López a rasteiras e cabeçadas, que capoeira era ele; mas, chegada a ocasião, quando as balas pipocavam e roncava a artilharia, o bicho ficava branco como cera e por dá cá aquela palha disparava para trás que nem veado campeiro. Levou, por isto, dos oficiais e sargentos, muita pranchada e afinal uma granada furou-o bem no meio das costas. Nem sequer quis a morte olhar para ele.

Chegou, meus amigos, por fim o dia da partida.

O batalhão formou na praça de palácio em linha e fez martelo, porque não cabia todo. Ui! era um nunca acabar de povo e vivas e vivas e mais vivas! Discursada a mais não poder, muito verso, foguetes do ar e repiques de sinos!

Havia uns sujeitinhos de óculos de ouro, barbas lustrosas, cabelo repartido ao meio e metidos numas calças muito apertadinhas, que perdiam a fala de tanto gritar e no papel que liam tragavam o López vivo e inteirinho.

Outros, desgrenhados e sujos, enrolados nuns sobretudos e casacões velhos, oravam quase no mesmo sentido, aproveitando a vasa para pedirem que voltássemos da guerra republicanos. Ora, essa só lembra o diabo! Se íamos dar a vida pelo Império...

Levantada estava toda a liberalada, e eu que sempre fui conservador na minha freguesia e a gente de meu lado, que é quase toda aquela terra da Bahia, tirando este ou aquele, o Sr. Conselheiro Dantas, por exemplo, íamos com ela.

Quando o comandante do nosso batalhão viu que a doutorada não queria acabar com suas lengalengas e que, a lhes fazer a vontade, ficávamos ali empacados dias inteiros, pôs a mão diante da boca e gritou: *Batalhão, sentido! Braço, armas! Coluna aberta de pelotões frente, à direita! Sobre a esquerda à retaguarda rodar! Ordinário, marche!*

Hoje para todos nós isto é uma brincadeira. Como sabem, à primeira voz, os comandantes dos pelotões passam logo para a frente; os peões esquerdosolvem à direita,

---

<sup>35</sup> Como se sabe, a Independência da Bahia foi um movimento que se iniciou ainda em 1821 e teve seu desfecho em **2 de julho** de 1823, motivado pelo sentimento federalista emancipador de seu povo, e que terminou pela inserção na formação da unidade nacional brasileira, durante a Guerra da independência do Brasil.

<sup>36</sup> De graça, sem pagar; gratuitamente.

<sup>37</sup> De pouca monta; insignificante.

ficando firmes os cerra-filas<sup>38</sup>; os sargentos vão tomar suas posições; rodam os pelotões sobre a retaguarda um quarto de círculo até a voz de alto giram, à frente; perfilam-se pelo primeiro peão e, sem mais matinada, enquanto o demo esfrega um olho, está pronta a coluna aberta de pelotões, direita em frente, frente à direita.

Isto é hoje, meus camaradas; mas naquele tempo tudo era atrapalhação e balbúrdia. Corríamos de um lado para outro: uns rodavam à direita, outros à esquerda, faziam meia volta estes, aqueles contramarchavam; enfim era uma mexida dos meus pecados. Houve pelotão que quis enfiar pela porta de palácio. Os oficiais berravam: “Ó soldado, vem para cá. Manoel, toca à retaguarda. Tônico, passo adiante!” e aumentavam a confusão porque ensinavam errado, e, coitadinhos, queriam saber muito, quando nada pescavam ainda do riscado, que isto de militância é preciso estar na quitanda para poder ter garbo às deveras e dar vozes de comando com acerto.

#### IV

Enfim, depois de muita trabalhadeira, arranjou-se o batalhão como pôde em coluna de marcha, desfilou e lá se foi para o trapiche de embarque, onde muitos choraram grosso, tanto os que partiam, como os que ficavam.

Nem aí desanimaram os doutorecos lustrosos ou os bacharéis cabeludos; prorromperam numa pendência de recursos que cobriam o barulho das músicas, a gritaria dos catraieiros e os assovios dos vapores.

Safa<sup>39</sup>! Aquela gente tem bofes de bronze! E cada qual que acabava olhava para os mais, como se tivesse ali mesmo reduzido a farelo todos os inimigos do Brasil.

Afinal partimos.

Eu mesmo, amigos meus, que lá não tinha parentes nem aderentes, com o que me dei por muito feliz, eu mesmo quando vi o vapor começar a bater o mar e a terra da Bahia, como que recuar, recuar, e depois ir desaparecendo na névoa da distância, fiquei com os olhos escuros e o peito apertado.

Lembrei-me logo da minha gente, da Joanhinha, do sítio de meu defunto pai, onde sempre vivi sem necessidades nem desgostos, de Itapororocas, da Feira e, apesarado como pomba rola que perdeu o companheiro, fui esconder-me num cantinho.

Tudo andava-me à roda: o estômago parecia subir-me à boca; o coração batia com força; as pernas tremiam, e um suor frio nascia-me da raiz dos cabelos e corria pelas costas abaixo. Era o enjôo.

Houve cristão que não levantou cabeça todo o tempo da viagem, estendido sem movimento, como morto... eu não. Dois dias mais de tontura e fiquei prontinho da Silva. Agora veremos, fome como o diabo! Davam-me comida, pão grande e canecões de café mas nada me fartava.

Lá numa bela manhã, de repente, anunciaram: “Estamos no Rio de Janeiro!”

Oh! Senhor! Quando olhei ao redor de mim, deixei cair o queixo. Que vista! Que montanhas! E à esquerda uma cidade com casarias pelos morros abaixo e acima, e o sol, que vinha nascendo, parecia estar sacudindo pó de ouro em cima de tudo aquilo, desde a ponta do Corcovado até a Serra dos Órgãos, que azuleja lá bem no fundo.

Naquela mesma hora pulou a bordo Sua Majestade, o Imperador. Quando vi chegando aquele homenzarrão, senti um estremecimento grande, porque, se somos livres, e já

---

<sup>38</sup> Soldado, geralmente graduado, posto na retaguarda de uma formação militar com o fim de manter a correção da marcha.

<sup>39</sup> Exprime repugnância, tédio ou admiração.

se acabou o tempo da tirania e dos capitães gerais, também somos monarquistas. E demais, ele é muito boa pessoa e sabe ser brasileiro às direitas.

Depois, nas batalhas, quantas vezes ouvi soldados valentes gritarem na agonia: “Viva o Imperador!”, dizendo assim, num brado último àquele homem, adeus para sempre a pai e mãe, à família e à terra em que nasceu!

No Rio de Janeiro... oh! aquilo é que é cidade. Não quero, nem por sombra, desfazer na Bahia, que de tal não sou capaz, nem que me rachem de meio a meio, mas a Corte... é mais bonita, muito mais bonita. Também pudera! os homens que serram de cima lá se empoleiram e, à custa de favores e rios de dinheiro, fazem daquilo uma coisa imensa. Dessem a estátua do largo do Rocio à Bahia; a Misericórdia a Pernambuco; o Hospício de Pedro II à Paraíba; a Casa da Moeda ao Ceará, e veriam se o Norte não punha tudo num chinelo!

## V

Mas — como ia contando — no Rio de Janeiro, o batalhão de voluntários que vinha embarcado foi logo para o quartel da Armação. Quanto a mim e mais cinqüenta companheiros avulsos e agregados, mandaram-nos para o depósito de recrutas no Campo de Santana e aí o negócio começou a mudar de figura.

A oficialidade era apertada, e a gente pouco descansava.

Andávamos numa dobadura<sup>40</sup> de serviço e meio bambos.

— Também — dizia eu para o Valentim — o sobrinho de D. Thomasia que encontrei daquela feita e para animá-lo um bocadinho, que o cujo era bem fraquinho — também guerra não é pagode. É preciso aturar muita coisa... e isto agora ainda não é nada.

Nessa temporada, muitos rapazes arreponderam-se das patriotadas; não havia, porém, mais remédio. Qualquer coisinha levava a gente para dentro do xadrez, quando não era faxina dobrada, ou correr duas horas a marche-marche com a mochila cheia de areia ou fazer sentinela de sarilho de armas às costas. Chegou-se até a falar em quadrado e espada de prancha. Cruz!

Quanto ao filho do velho, andava fino como lã de cágado. Não cochilava um minuto e de noite bem podia dizer que fechava só um olho para dormir. Era ver um oficialzinho, por alferes que fosse, dava logo um pulo, de pé, perfilado, com o braço esquerdo caído e a mão direita na aba do meu chapéu de voluntário.

Comigo não queria histórias, nem dúvidas. Sem andar com risotas nem — como se diz — com o canço sempre na água, a todos mostrava cara alegre desde o anspeçada<sup>41</sup> até o brigada e o vagomestre<sup>42</sup>, sem esquecer meus sargentos de companhia.

Desde a manhã até à noite não havia tempo de enxugar o suor do rosto: exercícios e mais exercícios. Escola de passo, de pelotão, manobras de batalhão... era um nunca acabar.

Aí embarcamos de uma vez para o Paraguai num vapor que era um mundo, mas onde a gente ia que nem sardinha em tigela. Mas, enfim, como ainda não tinham aparecido aquelas moléstias que a bordo fizeram depois tanto cidadão esticar a canela, sem que o cirurgião soubesse ao certo de quê, se tifo, se cólera-morbo ou febre pernicioso, o geral parecia mais ou menos contente, embora alguns se queixassem.

---

<sup>40</sup> Artefato em que se dispõem as meadas de lã, algodão etc. para se processar a dobagem. Por derivação, situação de grande pressa; correria.

<sup>41</sup> Graduação de praça entre marinheiro, soldado e cabo.

<sup>42</sup> No exército francês, suboficial que se incumbia do serviço postal dos soldados.

Uns resmungavam que o café andava frio; outros que a bolacha de tão dura quebrava os dentes ou que a ração era pouca; este, que lhe tinham furtado o capote, aquele um dinheirinho, porque no meio de nós havia de tudo, mas isso mesmo era baixinho e não como na viagem da Bahia à Corte em que todos falavam grosso, como oficial de divisa graúda.

Agora é preciso que lhes conte um caiporismo meu e mais do Valentim e de meia dúzia de camaradas da Feira de Santana. Quando saímos de São Salvador, o batalhão baiano de voluntários estava já completo, de maneira que vínhamos, nós outros, como agregados. Aí pegaram a dizer que havíamos de ir para a 1ª linha e um chorrilho de coisas que eu ouvia com cara de riso, mas cá por dentro me alvoroçavam bastante.

Quanto ao amigo Valentim, esse perdeu logo os estribos.

— Que será de nós? — perguntava-me ele assombrado. — Se nos botam num batalhão de linha, estamos perdidos sem remissão.

— Ora deixe-se disso — lhe respondia eu. — O diabo não é tão feio como se pinta, e demais ninguém sabe do futuro. Na 1ª linha ou nos voluntários, a coisa é não afrouxar nas suas obrigações...

— Qual, Tonico, — me disse uma vez o Valentim depois dessas conversas — tenho um pressentimento; não volto mais para a Bahia. Vim buscar minha morte...

— Então para quê veio? Não foi por vontade de D. Thomasia...

— Mas foi por causa dela. Nunca tive jeito nem gosto para a vida de soldado; andava, porém, tão amofinado em casa de minha tia que, dia e noite, me atirava à cara o agasalho e a comida que me dava, que aproveitei esta ocasião.

— E fez muito bem, não tem de quê se arrepender. Tome coragem, não seja criança.

— Qual... eu morro mesmo.

Como sempre fui decidido, retuquei logo sem dar vasa a choradeiras:

— E que tem que morra? Pode ser que sim, mas pode ser que não. Então o Sr. Valentim queria ficar para semente, não é? Ora, faça pela vida, e a morte verá que não somos uns carneirinhos que se levam aos trambolhões para o matadouro.

— Mas eu...

— Qual, mas! Ponha o coração à larga e deixe correr o barco.

## VI

Tanto correu que chegou a Montevideú, pátria dos gringos e cidade bonita e grande, mas que naquela ocasião vimos por um óculo. Disseram-me uma coisa que a princípio não quis acreditar, mas que depois vi com estes olhos que a terra há de comer. É que aquela gente toda tem uma raiva de brasileiro tão acesa que nada pode apagar. Nascem com essa raiva; com ela se criam, ficam velhos e morrem, e sempre danados conosco. Podem dizer-se amigos nossos quantas vezes quiserem ou quantas lhes for de vantagem; no fundo está fervendo aquele furor, aquela ojeriza e malquerença, ajuntadas, como dinheiro a prêmio, desde criancinhas. Pois eu cá nunca me importei com eles. São republicanos, lá se entendam; não devem querer meter o bedelho em país de monarquistas. Cada qual manda na sua casa como quer e a governa a seu sabor e como melhor lhe convenha: o mais é desaforo e pouco respeito.

Na volta da guerra, amigos, pus pé em terra e pude apreciar assim por alto Montevideú, porque, para conhecê-la bem, só depois de muitas semanas de estada descansada. Ali é que vi pela primeira vez os tais *serenos*, que andam à noite pelas ruas a gritar: *são 10 horas, 11, meia noite, e assim por diante, tempo bom, tempo mau, isto aquilo,*

*aquilo outro!* tudo num berreiro que não deixa a gente sossegar. Assim é que fazem a polícia de lá.

Parece que é um arranjo para não dormirem. Como eles têm obrigação de ver as horas a cada instante e de avisar o povo do que se passa lá por cima no céu, ficam alerta, achando distração naquela maçante cantoria. Contou-me um gaiato que, quando vão ficando velhos, se reformam; mas assim mesmo, tanta é a força do hábito que, ainda deitados em suas camas, de momento a momento levantam a cabeça e gritam as horas, erradas, porém, e desencontradas.

Sabem o que há de mais bonito naquela terra? Pois são as *senhoritas*, que assim se chamam as moças solteiras. Caramba! como lá dizem, é de a gente não ter bastantes olhos. São umas raparigas, alvas como espigas de capim, desempenadas e sacudidas, cheias de laçarotes vermelhos, azuis e verdes, com um andar muito chibante e um cabecear de pôr os homens tontos. E andam pelas ruas sozinhas, noite e dia, rindo-se para os tafuis, entrando nas confeitarias, comendo doces e balas, saindo aos bandos, todas com uma mantilha muito *chique* na cabeça e ombros, leques muito grandes na mão, todas lindas, coradas e com cinturas finas como marimbondos. Pai e mãe nunca se os vêem: os velhos estão na campanha fazendo revoluções contra o governo; as mulheres de mais idade em casa preparando o *puchero*, que é uma palangana de ossos e legumes um tanto gostosa... quando a gente tem fome.

Voltando à vaca fria, a propósito do tal prato, mal tomei tento na navegação e o vapor que nos levava já estava batendo o Paraná, cujas águas se abrem largas e azuis que nem águas de mar alto. Disse-me um mineiro, homem aliás de palavra e sisudo, que ele em *Guayaz* passara esse mesmo rio pulando umas pedrinhas aqui e acolá, mas não me dei por convencido... só vendo!

Toca, pois, a viajar; toca a viajar! Deveras o Paraguai pôs-se longe para brigar.

A vida não era, para que digamos, má. Comia-se menos mal; o tempo estava sereno e calmo, e o vapor, nem que quisesse, poderia jogar; mas aquela certeza de que a gente ia, minuto por minuto, chegando-se cada vez mais do perigo e depois a conversa com o Valentim me giravam tanto na cachola que alta noite me aconteceu, nem uma nem duas, mas muitas, perder o sono de todo e então pôr-me a cismar horas seguidas, encostado à amurada do navio, o que não era de reparar, pois dormia no chão, bem encostadinho a ela.

Que saudades me ralavam o coração naquelas horas! O luar parecia-me embaciado e triste, e o céu claro e sem nuvens não me falava senão de agonias.

Deveras ali é que fraqueei. Nunca, nunca mais, nem no entrevero ou no fogo, nem nas avançadas, nem nos hospitais de sangue e de coléricos, nem sofrendo injustiças, nem curtindo sedes e fomes, nem ao frio, à chuva, ao sol de rachar, nunca, nunca mais senti aquele abatimento, aquele desgosto de tudo, aqueles arrependimentos e desassossego.

Também, quando me vinham esses acessos, forcejava por não entregar o espírito à tristeza. Disfarçava, assoviava baixinho alguma chula<sup>43</sup> engraçada e tratava de agarrar o sono, mal me passasse pelos olhos. Melancolia é como doença em tempo de epidemia; quem cede com o corpo de pronto deve ir cuidando do testamento.

Num dia ouvi um oficial de marinha dizer: “Aqui é que foi a batalha de Riachuelo.”

Arregalei o olho e botei os lúzios na barranca. Parecia que estava vendo toda aquela imensa trabuzana.

Que pena ter perdido tão boa ocasião! Paciência! Paciência! Estávamos todos assanhados, como que com fome de paraguaios: depois veio a fartura, e a festança durou muitíssimo mais do que queriam os convidados. Chegou inimigo para quem quis vê-lo de

---

<sup>43</sup> Espécie de dança e música popular de origem portuguesa.

perto, e muitos que falavam em varar o mundo com a baioneta, ficaram varados e lá se foram desta para a melhor, fazendo caretas ao diabo.

## VII

Um dia afinal chegamos ao exército. Deixem ver se me lembro, pelo menos do mês. Foi... foi em dezembro daquele ano de 1865, em que López tinha vindo puxar briga conosco.

Estavam os brasileiros acampados no lugar chamado *Lagoa Brava*, para cá do grande rio Paraná, que devíamos atravessar para irmos conversar à ponta de lança e tiros de canhão com os tais amiguinhos do Paraguai, também republicanos como os sujeitos do Rio da Prata, naquela ocasião muito nossos aliados e coisas e loisas<sup>44</sup>, porque queriam encher-se com o dinheiro do Brasil que ali corria a rodo.

O general em chefe era o nosso Osório, pois nunca fiz conta do tal Sr. Mitre, um argentino alto, magro, de pernas e cabelos compridos, que andava de um lado para outro sem rumo, montado todo curvo em um cavalo tordilho-queimado.

O Osório, sim, era o homem para tudo, sempre na frente de todos, homem do fogo, da ação e que parece mesmo ter nascido para levar tropa ao ponto mais renhido dos combates. E no meio de toda a sua nobreza, que no seguir da campanha o fizeram barão, visconde, marquês e não sei mais o quê, sempre muito dado com todos, sem soberba nenhuma, sem impostura, às vezes até coisa demasiada.

Numa feita estava ele revistando os postos da vanguarda — isto muito depois de minha chegada, tanto que eu era já 2º sargento — e parando no lugar em que ficávamos, bem na linha da frente, começaram os paraguaios a fazer fogo, não às tontas e com muito barulho, mas pausado e certo, coisa mais perigosa que um bombardeio de cinco horas a fio. Aí o Osório — diabo do guasca! — pôs-se a olhar a cavalo como viera, muito sossegadinho. Como estávamos fora da forma, eu por abelhudo lhe disse: “S. Ex., os paraguaios estão *lhe* vendo e fazendo pontaria.” Que me havia de responder o velho? “Então, Sr. tolo, você acha que não mereço essa honra?” O certo é que nenhuma bala acertou nele e quem pagou o pato foi o Chico Fernandes, um cearense, que levou um chumbaço bem no meio da testa e virou de pernas para o ar.

Tornando, porém, à nossa história, mal desembarcamos, foi a gente baiana espalhada pelos batalhões 46 de voluntários, comandado pelo tenente-coronel Lourenço de Araújo, e 16º, também de voluntários, do nosso Joaquim Maurício Ferreira, que a Bahia toda conhece e aprecia.

Quanto a mim, fui cair no 26 do Ceará, voluntários todos e filhos do Norte. Fiquei meio desconsolado, longe de minha rapaziada; mas vi logo que os companheiros pela maior parte eram de mão cheia, sérios e bons, bons para brigar. Também tinham à sua frente o Sr. tenente-coronel Figueira de Melo, que Deus haja, comandante carrancudo, mas justiceiro e que no fogo nunca encolheu os ombros. Coitado! Morreu de bala brasileira, quando voltava da ronda às linhas avançadas. Vão ver que a sentinela que lhe disparou o tiro ou estava cochilando ou alerta demais.

Pois bem, quando na primeira noite, e que por exceção e fora da quadra era bastante fria, que passei no acampamento, me achei dentro da barraquinha que me deram para repartir com o Valentim e que, se não fosse um cabo de esquadra velho, nós dois nunca chegaríamos a pôr de pé, ou, como lá dizem, a armar, tive de veras pena de ter chegado tão tarde.

---

<sup>44</sup> No original, cousas e lousas - Mistura de coisas várias, assuntos vários. Coisas indeterminadas, ou que não se quer especificar.

Por todos os lados, só se viam batalhões de voluntários luzidos e de encher o olho, e eu... não passava de um recruta...

O Valentim estava todo encarangado de frio e medo.

— Ó Tónico — me perguntou ele — você ainda não está arrependido?

— Qual, homem, nunca! — respondi-lhe.

— E este frio... como há de ser?

— O Estado não lhe deu um capote grosso? Embrulhe-se bem...

— Ah! Tónico — recomeçou ele depois de uma pausa. — Que barulho! Estou com uma zoada na cabeça! Nunca pensei que um acampamento fosse assim!

Eu mesmo estava bastante atordoado, mas para dar força ao rapaz me fiz de valentão.

— Então como havia de ser? No fogo é que serão elas<sup>45</sup>. Por enquanto é só pancadaria de músicas e tambores.

Dizia a língua o que o coração não sentia. A verdade é que naquele dia de desembarque andei também com a cachola numa roncaria, num zumbido, como se fosse um cortiço de abelhas mandaaias.

Aquele movimento de tropas, aqueles chamados contínuos de cornetas e clarins, aqueles rufos de tambores, oficiais a galope, batalhões a manobrar, bandeiras por toda a parte, e ao longe assim uma trovoadasurda que era artilharia, tudo me atordoava por tal modo que duas ou três vezes tonteei, como se fosse a perder os sentidos.

No comércio então o zunzum não parava. Havia barracas de madeira que pareciam armazéns de uma grande cidade com muita coisa bonita exposta à venda, até sedas de preço e leques de senhoras, e as *chinas* por ali andavam muito bem apamentadas e arrastando as barras dos vestidos no lodo e no pó. Mulheres à toa, um bando...

— O que me mata — continuou o Valentim — são as saudades da Gertrudes. Você não a conhece, Tónico. É tão bonita que não há quem lhe ponha os olhos em cima sem ficar logo rendido.

— Bravo! Logo vi que nesse seu desespero entrava rabo de saia.

— Minha tia foi bem maldosa comigo. Nunca quis ir entender-se com o pai. Só dizia que eu não tinha ofício nem benefício, que não me via préstimo para nada...

— A razão parece-me boa... e o tal pai era endinheirado?

— Quanto a isso não... a maior riqueza era mesmo a Gertrudes. Enfim, depois de casados, havíamos de ver meios de viver... Você não acha?

No escuro fiz uma careta.

— E agora estar metido nesta arapuca!... Se ao menos tivesse certeza que encontrava a Gertrudes ainda solteira, acabada esta maldita guerra!... Sabe você, Tónico, quanto tempo pode ela demorar?

— Quem? — perguntei a modo de debique — a Gertrudes solteira?

— Não, não, pelo amor de Deus! A guerra, a guerra, esta malvada guerra!

— Nós dois ainda não demos um tiro sequer! Permita Deus que não finde sem que eu descarregue uns bons pares de vezes a reíuna que me puseram nas mãos.

— Minha Gertrudes! — suspirou o pobre do Valentim. — Feliz de quem não ama, como você, Tónico.

Pareceu-me assim no momento que a barraca ficava mais clara e que os olhos da Joaquina, entre sérios e casuístas, estavam a fitar-me, como que à espera de resposta. Quis também abrir o meu coração, mas senti certo acanhamento e respondi meio enfarruscado:

---

<sup>45</sup> “Agora é que são elas” ou “aí é que são elas”: aí é que reside a dificuldade, agora é que começam os problemas; aí é que bate o ponto.

— Nunca tive tempo para isso!...

Estávamos desse modo dando de língua, eu e o Valentim, quando tocou *silêncio*, que ainda não distinguíamos, nem pensávamos nunca poder conhecer, porque todos os sinais de corneta para nós se baralhavam numa confusão dos seiscentos mil diabos.

Nisso alguém de fora bateu com uma vara no pano da barraca e gritou:

— Calem a boca, recrutas. Não ouviram o toque de corneta?

Aí ficamos quietinhos, encolhidos, sem dizer mais palavra, ambos, porém, acordados. Parece até que o Valentim entrou a chorar e a bater o queixo de frio.

Atentei então que o ruído dos acampamentos serenara de repente. Só de vez em quando se ouvia um tiro ou outro das sentinelas, que faziam fogo nos *bombeiros*<sup>46</sup> paraguaiois.

## VIII

No dia seguinte, logo pela madrugada, meteram-me na 6ª companhia, e para mal de meus pecados, travei conhecimento com o sargento da mesma, Marçal de Araújo.

Comecei então num *sarilho*<sup>47</sup> danado. Faxina a todas as horas do dia, porque, na qualidade de recruta, todo o mundo fazia de mim seu criado ou, para falar às direitas, seu gato-sapato, desde os sargentos, passando pelo furriel, cabos e anspeçadas, até os soldados velhos, e, o que cheirava a desaforo, muitos, só por terem seis meses de praça, me tratavam como se tivessem feito com o Caxias a guerra do Rosas, em 51.

Então o tal sargento não me deixava pôr pé em ramo verde, e, como tudo neste globo vai de simpatias e caiporismos, o Valentim caiu-lhe em graça e eu, o filho do meu pai, no mais tremendo desagrado.

A razão nunca descobri.

Esse homem, o Marçal, era de primeira linha e sabia escrituração e manobras de batalhão como gente, tanto assim que o comandante da companhia, o Sr. Capitão Eulálio, não mexia uma palha sem consultar com o *cujo*, e vocês bem sabem que numa companhia o sargento é o tombo de tudo, quanto mais com voluntários. Não havia ninguém como ele para riscar um mapa e *destrinchar* uma relação de mostra. Era, numa palavra, um tebas e, com o expediente que tinha, se quisesse podia atirar poeira nos olhos de muito sujeito de letras.

Comigo é que, apenas me viu, implicou logo. Tudo quanto havia de mais pesado no serviço caía por cima de mim. Todo o santo dia era um cortar e carregar sem fim de feixes e mais feixes de macega seca, de ramos e galhos de árvores para as barracas e caramanchões dos senhores oficiais. Nem sequer me restava tempo para cuidar um pouco mais de minha comida e, como sempre fui quituteiro e amigo de petiscos, nisso é que sofria bastante.

Quando então me punham de sentinela, podia contar com o *mofo*<sup>48</sup> que me pregavam com toda a frescura e sem consciência alguma, e lá ficava o pobre do Tônico Maldonado horas seguidas nas armas.

Paciência do meu lado era mato.

— Hei de vencer este sargento de uma figa! — dizia eu para me dar coragem.

---

<sup>46</sup> Espiões. (N.A.)

<sup>47</sup> Agitação, movimento. (N.A.)

<sup>48</sup> Os soldados chamam “mofo” quando não são rendidos, logo depois de completas as duas horas de sentinela. (N.A.)

Um dia, por uma coisinha de nada, chamou-me ele de relaxado. Resmunguei, mas levei logo um berro que me pôs tonto.

— Diga mais uma palavrinha — gritou o Marçal — e você me paga com língua de palmo. Atrevido!

Abaixei os olhos e não piei.

— Ó recruta — avisou-me uns quinze dias depois o anspeçada Malagrida, praça de muita estimação e que morreu na batalha de 24 de maio de um lançaço no alto do peito — você tome tento; no andar que leva, o sargento Marçal bota-o no quadrado.

Fiquei com o coração miúdo e a custo perguntei:

— A mim, santo Deus? Que fiz para merecer esse castigo?

— Você é quem pode saber...

— Palavra que não sei, Sr. anspeçada; mas agora me diga, o Sr. que é homem velho nas fileiras, que diabo tem esse sargento comigo, que não passo de um coitado carregado de esteiras velhas. Mais do que qualquer oficial o respeito eu; não há ordem, por pesada que seja, que me faça respingar; trato de contentá-lo em tudo, e o malvado a me *massacrar*<sup>49</sup> sem dó nem piedade!...

— Ele tem gênio forte... não há dúvida... então ojerizando com a gente, cruz! Olhe... Se a coisa apertar muito e tomar assim feição de perseguição, então vá fazer queixa ao Sr. Capitão Eulálio...

— Acha que é o meio, anspeçada?...

O Malagrida, que era pessoa de muita experiência, voltou logo atrás no conselho:

— Não — me disse ele — bem considerado você por cima perdia, porque a corda arrebenta sempre pelo lado mais fraco. Se não fosse recruta, podia tomar esse expediente, mas, novo no batalhão como é, saía-lhe a história às avessas. Vá aturando e deixe passar esta temporada que para todo soldado é de calamidades.

— Até para os voluntários da pátria?

— Ora, pois... Também sem esses sustos e atropelos, o homem não cria nervo de veterano.

— Bem me dizia a velha, mas agora que estou aqui por minha muito livre vontade e contra o juízo de pessoas mais sabidas do que eu, hei de levar a cruz ao Calvário.

— É passar estes seis meses de *recrutagem*. Depois você toma com certeza mais gás, mais traquejo. Vá então pedir ao Sr. Comandante Figueira de Melo mudança de companhia e, sem maior novidade, trocam-no logo...

— E se eu pedisse agora?

— Agora? Levava um vu! que voltava chiando para debaixo da canga do Marçal.

— Então esperarei... Seja tudo pelo amor de Deus!

— Espere... espere e ande fino!

Assim falou o Malagrida.

## IX

É preciso, entretanto, que eu diga uma coisa: o sargento Marçal era mais ou menos duro com todos.

Muito vermelho, alto, mais gordo do que magro, com mãos e pés grandes, olhos pequenos, cabelos ruivos cortados rentinhos ao casco, uns grandes bigodes e uma pêra de

---

<sup>49</sup> Acabrunhar de trabalho, maltratar. (N.A.)

palmo e meio, tinha uma cara de poucos amigos. Ninguém podia ao certo dizer pelo quê, mas andava sempre embelezado.

Alguns mais ladinos e bisbilhoteiros cochichavam que era por não sair oficial, apesar dos muitos anos de serviço na praça, da boa letra que tinha, aprovação no exame de arma, etc., etc., enfim, saber tudo que é do ofício na pontinha da língua, e, se esses acertavam, razão de sobra tinha o sargento de viver, noite e dia, enfarruscado com tudo e com todos.

Os meninos bonitos, filhos e parentes dos ricos e poderosos, iam sendo promovidos a alferes para daí seguirem os postos de oficial, com dois, ou quando muito quatro anos de sargenteação, e lá ficava o nosso Marçal marcando passo porque não tinha proteção nem padrinhos no Quartel General da Corte, nem cartas de empenho para lembrar os seus serviços e capacidade. E o infeliz nem sequer podia queixar-se a Sua Majestade o Imperador, porque nessa primeira promoção a alferes não há direito que sirva: é só a vontade dos graúdos, o que eles lá chamam *merecimento*, de maneira que um padecente pode levar caronas e cangalhas<sup>50</sup> umas por cima das outras, ver o mundo inteiro passar-lhe a perna<sup>51</sup> e tem de andar com o bico fechadinho e cara de páscoa<sup>52</sup>.

Deveras é para fazer revolução no sangue do ente mais pacato e sofredor, mas culpa não tinha eu, nenhuma, e nesses casos não há que desapertar para a esquerda. Até lhes juro, se estivesse em minhas mãos, aquele diabo — Deus lhe dê o reino do céu! — era logo promovido, só para me ver sossegado e livre de seus maus tratos e gritarias.

Todo o dia, todo o santo dia, não parava o bate-barbas<sup>53</sup>:

— Recruta 71 — que eu já nem tinha nome, era número — vá dar água ao cavalo do Sr. Major. (Ora, o major tinha dois bagageiros; logo dois, contra a lei). — N.º 71, para a carneação! Anda, cachorro, eu te meto o pau! Toma sentido, malandro, ó safado, baiano sem vergonha... e uma máquina de xingamentos que me anarquizavam<sup>54</sup> a mais não poder.

Esses modos foram depressa me desmoralizando, e os outros soldados, pensando que eu não era mais que um bobo, começaram, cada qual por seu lado, a malquistar-me, empurrando serviço para cima de mim.

Aí esturrei e já lhes conto como o caso foi.

Mas me deixem antes tirar uma fumaça.

Ora muito bem! Numa tarde — então o exército tinha avançado para mais perto do rio Paraná e não se falava senão na passagem — os encouraçados e mais navios nossos andavam meio tontos a sondar de um lado para outro e o forte de Itapiru não cessava de fazer fogo contra eles — numa tarde, pois, mandaram-me, com mais três soldados e um cabo, cortar macega para camas de hospital e, aproveitando uma boa ocasião, tomei uma desforra de mão cheia.

Ia conosco o soldado Jatobá, um malcriação de conta, praça muito pernóstica e preguiçosa.

Em chegando fora das linhas do acampamento, como não havia mais medo de paraguaios por ali, cada qual tomou o rumo que bem quis e pôs-se a trabalhar e a cortar feixes de capim seco.

Estava eu a meio do serviço, com as mãos todas feridas, quando o Jatobá veio deitar-se ali mesmo perto e disse *para mim*, enrolando um cigarro de papel entre os dedos:

— *Sió reculuta, vancê* corte macega para dois, enquanto vou puxando umas fumacinhas.

---

<sup>50</sup> Ser preterido. (N.A.)

<sup>51</sup> Sofrer preterição.(N.A.)

<sup>52</sup> Cara alegre.

<sup>53</sup> Discussão acalorada.

<sup>54</sup> Desmoralizavam. (N.A.)

Ora, se ele me tivesse pedido isso como favor e com bons modos, de minha parte não havia dúvida nenhuma, mas... com aqueles ares de mandão, logo lhe respondi:

— Quê?... Ora tire seu cavalo da chuva...

— Ué — retrucou Jatobá com ares de debique. — Onde é que se viu *reculuta* atrevido?

— Pois se não viu, vê hoje...

— Olhe, 71...

— Qual!... é o que lhe digo...

— Faça dois feixes e grandes... e não se encrespe...

— Não faço... já lhe disse...

— Quem avisa amigo é...

— Guarde seus avisos e amizades... Quer estar na cancha<sup>55</sup> à minha custa...

— Tome tento...

— Ora, não me aborreça. Já basta quem pode trazer-me de canto chorado<sup>56</sup>.

— Então — perguntou Jatobá sentando-se e encarando-me muito sério — *vancê* não corta mesmo macega para mim?

— Não, não e não!

— Veja lá o que diz... Depois não se arrependa...

— Arreponder de quê?...

— Da lição que vai tomar... sei lidar com burros empacadores...

— E eu ensinar a machos *brabos*.

Dizendo isto, bambeeí o corpo com ar de desafio.

Jatobá ficou olhando-me um bom pedaço, como que assombrado.

— Venha, senhor gabola! — gritei duas vezes.

Então ele pulou como um tigre para cima de mim, mas quebrei para a direita e zás! assentei-lhe a cabeça no meio dos peitos com tão boa vontade que o atirei num bolo em cima do meu monte de macega.

— Ó *reculuta* do inferno — uivou Jatobá deitando fogo pelos olhos e espumando — chegou... chegou hoje o seu dia.

E puxando pela baioneta, avançou contra mim, mas não contou com o capim, e, quando deu o bote, escorregou e focinhou no terreno.

Não perdi tempo.

Tombei com todo o peso do corpo por *riba* dele e, agarrando-lhe no braço, torci-o com gana até ver cair a baioneta no chão. Aí esmurrei as ventas do canalha e dei-lhe muito pontapé.

Nisto chegou o cabo, que de meia distância assistira à briga.

Então larguei o Jatobá que, sem vergonha nenhuma e mentindo como um tambor relaxado, começou uma choradeira muito grande, dizendo que eu era um matador, e mais isto e mais aquilo, queixando-se da pancadaria que tomara, fazendo valer o sangue que lhe corria dos beijos e dando-se por coisa muito santinha e pacata.

Quanto a mim, deixei-me ficar calado.

— Qual! — decidiu o cabo. — Foi bem feito. *Vancê* gosta muito de fugir com o corpo ao trabalho e de puxar briga com os mais. Quis fazer o *reculuta* de besta e saiu-se mal.

— Não foi não, Sr. Cabo.

— Bico calado! Vá para outro lugar acabar seu que fazer.

---

<sup>55</sup> Expressão rio-grandense muito usada no exército. Corresponde a gozar de comodidades; ser amigo de seus cômodos. (N.A.)

<sup>56</sup> Trazer de canto chorado - amofinar (alguém) com pedidos e lamúrias, perseguir (alguém) sem trégua.

— Pois bem, dou parte ao sargento Marçal.

— Caia nessa, Sr. Mestre, e depois torça as orelhas para ver se dão sangue.

Ah! Meus amigos, que alegrão!

Também cortei tanta macega que voltei para o acampamento com um feixe alto como a torre da igreja do Senhor Crucificado, na Feira de Santana.

Era um mundo!

O sargento Marçal passou por mim; parou um pouco para conhecer quem carregava aquela montanha e disse para o cabo:

— Este recruta foi o único que trabalhou deveras.

Fiquei pasmo e mais pasmo ainda quando o ouvi acrescentar:

— Está dispensado amanhã da faxina.

Ah! Senhores, o repiquete durou pouco.

Uma semana depois estava eu de novo na berlinda, mas aí já ninguém na companhia queria engrajar-se comigo. O cabo contou a escovação que o Jatobá levava de minha mão, e nenhum soldado, por veterano que fosse, atreveu-se mais a vir pintar-me bigodes na cara com carvão.

O mais engraçado da história é que Jatobá perdeu a baioneta e teve de pagá-la um tempão, pois todos os meses o quartel-mestre descontava-lhe um tanto no soldo para indenizar o Estado que, em negócios de dívidas, nunca perdoa e chega sempre a receber, vintém por vintém, integralmente o que lhe devem.

## X

Nesse tempo, como eu já disse, ou, se ainda não disse, digo agora, estava o exército acampado na margem de cá do rio Paraná. Era um mar de água doce, que azulava ou empretecia, conforme se punha o céu ou claro ou carregado. Tudo, comparado com ele, parecia miúdo e pequenino, até as matarias que, vistas contudo de perto, mostram troncos agigantados e altura de perder-se a conta.

Por ali se estenderam os batalhões em lugar todo encharcado, como terra que acaba de ser alagada por enchentes. Montanhas ao longe que alegam sempre um bocadinho os olhos e dão consolo ao pensamento, nem sinal. Só se via água, água e mais água; água do rio; água dos pântanos; água das lagoas e *esteiros*, esta às vezes fresquinha e boa, outras levada da carepa e com gosto de lama e ervas daninhas.

Os paraguaios estavam do lado de lá, emboscados no seu Itapiru e Passo da Pátria — como se aquilo tivesse pátria! — e de lá nos convidavam para desembarcarmos a gosto com todas as honras da guerra. O que os incomodava é que a nossa maruja pusesse-se a procurar outro lugar de saltarmos em terra, quando aquela praia era tão boa e comodazinha... para eles. Por isso faziam um fogo furioso nos navios brasileiros.

Aí é que pela primeira vez assisti — de longe — a um bombardeio. De princípio fica o homem assim tolhido, como que a dizer consigo mesmo: Que diabo vim fazer aqui? Mas depois vê o arreganho e atrevimento do inimigo e sente uma vontade, um ímpeto tão forte de fazer calar aquelas bocas do inferno que não pensa em nada mais.

Em combate acontece o mesmo. O que se quer é acabar, acabar de uma vez com a vida dos outros ou até com a própria, negócio sempre de dente ou queixo e de possuir por tal modo o soldado que ele batalha um dia inteiro sem saber como passam as horas, onde está, nem para onde vai. Agora apanhando um ferimento — assim um tanto grave — o caso muda de figura; foge o entusiasmo; sobrevém de repente uma ânsia medonha de sede; escurecem os olhos; suor frio como gelo corre pelo corpo todo, e o medo da morte no meio daqueles

estouros, cargas de cavalaria, pó, fumaça, música, cornetas, tambores, rodar de artilharia, foguetes, gemidos e vivas, esse medo é horrível e não há lágrima que não chore o moribundo deitado ao sol na lama e estendido no sangue de um campo de batalha.

Por enquanto, porém, o negócio era pôr o pé na margem paraguaia, mas não no porto que nos ofereciam os tais sujeitinhos, que ninguém, a não ser louco ou deveras estonteado, pega o touro pelas aspas ou o cavalo pelo rabo.

Por isso também vinha todos os dias o general Osório passear perto do rio, onde estava o meu batalhão, e andava de um lado para outro, assim a modo de onça que cheira a praia antes de se meter dentro de água.

Quando ele saía do quartel-general e ia passando pelos corpos, davam logo sinal de comando em chefe as cornetas; rufavam os tambores; as sentinelas bradavam as armas e lá aparecia o velho com sua cara meio risonha, bigode grosso, pêra já sal e pimenta, um tanto socado de corpo, montando bem a cavalo, com um pala de listras e chapéu do Chile à cabeça, seguido de um piquete de *cavalarianos* armados de lanças com bandeirolas riscadas de branco e vermelho.

Ora agora deixe-lhes dizer, amigos, aqueles *manos*<sup>57</sup> do Rio Grande do Sul, com as tais lanças de bandeirolas, fazem o diabo. Num abrir e fechar de olhos suspendem um cristão, como se fosse uma pena, e o atiram sem mais abalo nas funduras da eternidade. Basta uma pontinha de ferro nas carnes do padecente e lá se vai ele fazendo piruetas no ar, como folha seca ao sopro da ventania. Também o soldado de infantaria que tiver um pouco de sangue frio defende-se de um lançaço com toda a facilidade: é bater, de leve que seja, uma pancadinha e logo lança, cavaleiro e cavalo tomam outra direção e com tanta força que muitas vezes se aboboram em terra e então leva à físgadela quem parecia querer furar o mundo até ao centro.

Quando o Osório passava pelos acampamentos, havia grande rebuliço, e a gente punha-se toda debaixo de forma, à espera de qualquer novidade.

Uma feita, estava o batalhão 26 trabalhando em manobras e pela primeira vez ia eu metido num pelotão, meio aos trambolhões, porque do riscado pouco entendia ainda.

Íamos marchando em linha, quando apareceu o general. Então o Sr. Comandante gritou logo: “Batalhão, alto! Perfilar! Abrir fileiras, marche! Em continência, apresentar armas!”

Rompeu a música; as cornetas tocaram marcha batida; a tropa fez continência; mas a bandeira ficou perfilada e metida no suspensório, que só cumprimenta a Sua Majestade o Imperador e se abate ao Sagrado Viático.

O Osório ferrou então ambas as esporas no cavalo, que deu um arranco para a frente, mas de momento estacou, dobrando-se nas pernas traseiras e encostando quase a anca ao chão pela força e mestrança do cavaleiro na rédea.

Levando a mão ao chapéu, perguntou:

— Que corpo é este?

O comandante, que estava com a espada abatida, levantou-a e respondeu:

— O 26 de voluntários.

— Não é do Ceará?

— Sim, senhor.

Aí o velho relanceou um olhar para todos nós e disse bem alto:

— Há de ser um batalhão valente. A gente do Norte deu sempre mui guapa infantaria.

Foi ouvirmos estas palavras, e um calafrio correu por todos nós. Por minha parte eu quisera naquele instante, logo, logo, mostrar que ele não trucava de falso e acabar com a existência ali mesmo aos seus pés.

---

<sup>57</sup> Expressão rio-grandense que na campanha servia para apelidar os filhos daquela província. (N.A.)

Muito pode um homem sobre os mais!

A coisa, porém, era passar, e os paraguaios arreganhavam cada vez mais os dentes. Também balas caíam nos encouraçados brasileiros que era um deus-nos-acuda, matando gente boa de brigar e estropeando outros muitos.

Ora, disse lá consigo o Osório, quem não arrisca não ganha. Se eu me ponho aqui a banzar, não se faz coisa alguma. Vou por enquanto mandar para aquela ilha que vejo ali no meio do rio cheia de macega e sarandis, uns sapadores<sup>58</sup>, engenheiros e artilharia e eles que tratem de fazer calar os paraguaios. Apontem sobretudo para Itapiru.

Dito e feito, e lá se foi o batalhão de engenheiros, e mais o 7 de voluntários e mais o 14 que, em desembarcando, meteram logo mãos na areia; cavaram, cavaram como tatu que vê caçador pertinho e, num ápice, levantaram trincheiras com fosso, berma e o mais, além de boas bocas de fogo em cima. Bem fizeram que cinco dias depois caiu-lhes nos ombros o inimigo e houve um *entrevero* feio como a morte e negro como a noite em que se deu.

Ali se distinguiu muito oficial valente; muitos morreram, a gente de São Paulo ganhou fama que nunca mais perdeu; mas o coronel Tibúrcio, naquele tempo capitão, pintou o sete, andou e virou no mais renhido do fogo, como quem diz “ou hei de ser promovido ou então me dão cabo da pele”.

De madrugada, acabada a refrega e mergulhado tudo no silêncio, a gente brasileira arregalava na praia os olhos para saber que bandeira estava no topo do mastro grande lá na ilha.

— Vejam a cor, vejam a cor — diziam todos com o coração na mão. E, como de propósito, o tempo não queria clarear.

— É verde! — gritou de repente uma voz.

— É a nossa — bradamos todos.

E o exército levantou um tal grito que a terra tremeu ao longe.

— Viva o Brasil!

## XI

Uma guerra, meus camaradas, não é decerto brincadeira nem gracejo: o homem tem trabalhos de gigante e, antes de perder a vida, quando a perde num belo dia, passa por tormentos, fomes e pestes que só se salva por ter de cumprir este ou aquele destino, marcado lá no grande livro de Deus; mas também só numa guerra é que se sentem daqueles abalos e alegrias. Vive-se pouco e às carreiras, mas é vida tão cheia de novidades, tão violenta e divertida que voa, não corre, gasta depressa e mata.

Olhem, aqui lhes digo o seguinte:

No Paraguai muito e muito padeci desde a hora em que desembarquei; entrei em muito fogo cerrado, sem contar a Linha negra<sup>59</sup> de gloriosa memória; bati terras que afinei a sola dos pés; curti frios de rachar; apanhei soalheiras de pelar a cabeça de um burro; levei chuvas no costado de ficar mole como macarrão dentro d'água; fui ferido duas vezes; assisti a muito bombardeio; comi muita coisa ordinária e até nojenta; gastei à toa todo o dinheiro que me deu o governo; enfim andei, para assim dizer, metido na panela de Pedro-Botelho<sup>60</sup>; mas se houver outra mexida daquelas, sobretudo lá com os nossos amigos argentinos da

---

<sup>58</sup> Soldado ou outro indivíduo que executa trabalhos de sapa (abertura de fossos, trincheiras e galerias subterrâneas; buraco escavado ao pé de um muro, de uma obra, etc., para derrubá-lo).

<sup>59</sup> Era uma das linhas avançadas do acampamento de Tuiuti, onde os tiroteios feriram e mataram muitos soldados. (N.A.)

<sup>60</sup> O diabo.

Silva, palavra de Antonio Maldonado, filho legítimo de Fortunato e de Emerenciana da Purificação, pulo para frente e digo a sua Majestade o Imperador: “Pronto, patrão: conte comigo!” e vou logo tomando mochila e espingarda e botando-me para os lados onde houver tiros e pancadaria.

Que querem? O homem é mesmo assim. Não é lá pelo *cobre* que recebi no fim de toda a história, parece — se bem me lembro — uns quatrocentos ou quinhentos *mibicos* — nem pela data de terra que me deram nas *funduras* do Espírito Santo, onde nunca hei de pôr os pés, nem pela tetéia da carnaúba<sup>61</sup> e medalhas de campanha que poucas vezes *chimpo* no peito, pois não sou tafulo, nem cheio de mim; não é por nada disso, mas só pelo gostinho de ir afrontar perigos e canseiras e como o jogo mais divertido é sempre aquele em que a gente corre mais risco, de que dão prova as raparigas que vão conversar com os namorados fora de hora, não há distração mais cheia, mais completa do que um tiroteio bem nutrido, tanto mais que se está cumprindo o seu dever e agradando aos chefes, aos generais, ao governo, ao Imperador e — até dizem — a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo. Corre, pois, por conta deles todo o sangue que derramei.

E depois um acampamento... que coisa bonita! Que vida, que barulho, que movimento, que animação! Na frente, quando há terreno plano, vêm-se aquelas barraquinhas brancas dos batalhões com ruas largas e vielas tão bem alinhadas, tão limpas, que é um gosto andar passeando por elas. Mais atrás fica a linha dos senhores oficiais, no centro a barraca do comandante, e assim em todo corpo ou batalhão, dando cada companhia uma rua e metade de uma viela.

Em distância para trás e numa boa extensão ficam os estados maiores, quartel-general, transporte, hospital e, mais longe ainda, o *comércio*, que é uma barafunda de toldos, ranchos de palha, casebres e casas de madeira, umas escuras e sujas como vendas da roça, outras luzidas e sortidas como lojas da rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. E ali vende-se de tudo, e formiga gente, soldados, *gringos*, oficiais e generais, uns a pé, outros a cavalo, tocadores de realejos, harpas e rabecas, *chinas*, mascates; um mundo enfim que, falando todos ao mesmo tempo, levanta barulho capaz de pôr surda uma peça de artilharia de calibre 68.

E de dia em alguns barracões havia jogo de bilhar e à noite uns bailes *chinfrins*<sup>62</sup>, onde os oficiais *caneados*<sup>63</sup> dançavam com mulheres perdidas.

Ponham vocês agora por toda a parte bandeiras das cores mais vivas e variadas, de todos os feitios e tamanhos; bandas de músicas a tocarem a cada instante; pelotões a marcharem de um lado para outro; batalhões a manobram; parada todas as manhãs para se renderem as guardas e piquetes; revistas em ordem de marcha; alarmas; ordenanças correndo a galope em todos os sentidos; sinais de corneta; rufos de tambor; exercícios de fogo ou de tiro ao alvo; novidades e *rodelas*<sup>64</sup> que é um nunca acabar; intrigas e falatórios; notícias da Corte; parolagens de valentia; gritos; gargalhadas; alegrias e tristezas; esperanças e fúrias, eis o que é um acampamento.

Quando o lugar é apertado, acampa então a gente como pode, uns quase por cima dos outros: barraca de tal companhia aqui, barraca de outra logo ao pé; cavalaria encravada na artilharia, tudo sem ordem nem consideração. Quantas vezes não tive que armar meu pedaço de lona por cima do molhado? Nesses casos tratava de fazer um jirauzinho para não dormir dentro da água, como muitos que também iam pilhando moléstias graves do fígado e bofes, seguindo para o hospital e dali se botando para o outro mundo.

---

<sup>61</sup> Havendo um cearense comparado espiritualmente a abundância dos condecorados com o hábito da Rosa aos carnaubais de sua terra, a essa venera ficou no Exército a denominação de carnaúba. (N.A.)

<sup>62</sup> Ordinários. (N.A.)

<sup>63</sup> Desmoralizados, estróinas. (N.A.)

<sup>64</sup> Balelas, boatos - palavra expressiva inventada na campanha. (N.A.)

Se chovia, era então um inferno. O lameiro ficava de palmo e meio: a chuva atravessava tudo, e andávamos tontos, assim a modo de pintos pelados no coração do inverno, como aconteceu nas Palmas. Cruz, arrenego!

Logo que a demora ia a mais, e houve acampamentos de ficarmos encalhados anos inteiros, então começava a trabalhadeira de buscar capim seco, macega e galhos de árvores para casas e latadas<sup>65</sup> dos Srs. oficiais. Até de pau-a-pique, levantaram alguns moradas grandes, vistosas e bem arejadas e punham janelas e papéis pintados nos quartos. Era luxo demais!

Dali a um nadinha, queriam também os sargentos e mais inferiores ter sua ramada ou coisa assim, e os soldados que padecessem! Não havia porém que piar e toca a buscar, em distância de léguas e léguas, feixes de sapé ou galhos de árvores folhudas. Quando todos estavam acomodados à sombra ou livres da chuva, é que a soldadesca cuidava de si, e então uns lá metiam ramos secos por cima da barraquinha, outros levantavam um ranchinho de *cacaracá*, ou faziam um caramanchão ou uma história qualquer para quebrar o ardor do sol ou a força dos aguaceiros.

Nisso não cochilava eu. Era ter uma folgazinha, por pequena que fosse, e melhorava logo o cantinho em que passava as noites, esperando o Valentim que morava comigo, sempre bom companheiro, mas muito moleirão e choramingador:

— Vamos, Sr. Moço, vamos — lhe dizia eu...

— Ora, Tônico — retrucava ele — ando tão desanimado! Nunca hei de dar soldado que preste... tomara já acabar com esta vida.

— Nada de tolices...

— É minha idéia, que quer você? Depois vivo, se isto se chamar viver, só com o pensamento na Bahia...

— Diga... na Gertrudes...

— Não. Agora tudo misturou-se assim num bolo que me enche o coração e mal me deixa respirar... É uma espécie de agonia que não me larga mais. Qual, amigo, meus dias estão contados, eu morro mesmo!

Assim dizia o pobre do coitado, mas estejam certos de uma coisa: o homem não morre senão quando bate a hora que por destino lhe foi marcada. Então esteja ele no mais encarniçado de uma peleja, ou no quentinho de sua casa muito contente e sossegado, em batendo aquela hora fatal, vai raspando-se para o lado de lá da vida, tão seguro como dois e dois são quatro. E senão vejam o que sucedeu com o Veridiano da Encarnação, um cabra forte que deixou-se ficar na Bahia e por proteção de um senhor de engenho apatacado fugiu sempre com o corpo ao peso das armas; pois bem, estava ele sentadinho numa rede e temperando uns descantes<sup>66</sup> na viola — que sempre o conheci afinado de voz — quando de repente... arrebetam-se os punhos e bumba! lá se foi o nosso Veridiano de costas ao chão e, esperneando um instantinho, revirou logo os olhos. Ora, digam: não era muito melhor que tivesse ido morrer de um balázio a servir o seu país?

Mas... com a breca! se vou assim cortando e recortando a minha história, não há mais como acabá-la: levo dias, semanas e meses, que palavra puxa palavra e a guerra do Paraguai durou cinco anos contadinhos.

---

<sup>65</sup> Cobertura improvisada (em geral de folhas de coqueiro) para abrigar alguém ou alguma coisa.

<sup>66</sup> Cantiga popular, acompanhada de um instrumento.

## XII

Repito mais uma vez e será a última: o que queria o exército aliado era passar o grande rio Paraná.

Para isso pediu o Osório reunião dos generais argentino e oriental, pois precisava marchar de combinação com os tais *manos*, e lhes disse:

— Senhores generais e amigos, não podemos ficar empacados — com perdão da palavra — aqui a olharmos para o Passo da Pátria e a comer sem vantagem gado argentino...

— Pero, que *ganado*! — exclamou o Mitre.

— que nisto — continuou o Osório — tem ido umas boas patacas do Brasil. Devemos sem mais tardar atravessar este rio e cair em cima dos paraguaios sem tomar respiração.

— Apoiado, apoiado! — gritou o Flores dando um pulo no ar e entornando com a ponta da bota uma chaleira em que fervia água para o mate. O tal Flores era um esturrado de conta, mas homem valente como as armas e muito amigo nosso, razão pela qual os patrícios o coseram a fachadas numa das ruas de Montevideú.

— Mas, Sr. General — disse o Mitre passando a mão pelos cabelos e levantando os olhos para o céu como quem está à espera do Espírito Santo — é preciso pensar no plano... no plano, Sr. General. Sem plano não se faz nada neste mundo.

— Qual plano, nem meio plano! — resmungou o Flores. — A coisa é avançar, avançar sempre... não deixar esfriar o entusiasmo.

— O plano é este, Srs. generais e amigos — respondeu o Osório. — O exército que tem de invadir há de fazer isto, aquilo, aquilo outro, e tal, e coisas e loisas, etc., etc., e mais isto, e mais aquilo.

E desembuchou com muita clareza e propósito tudo que tinha na cachola.

— Parece-me muito bom — apoiou o Flores esbugalhando os olhos. — Muito bom mesmo. Toca a avançar... Eu...

— Sim — atalhou Mitre — mas é preciso pensar muito... E a execução, Senhores? A execução...

— Não se aflija usted — disse novamente o Osório — corre a coisa por minha conta e risco... Em pessoa hei de dirigir o embarque e desembarque.

— Bravo, bravíssimo! — urrou o Flores — eu também vou. Quero estar na vanguarda. Com dois mil orientais, debando os paraguaios do Passo da Pátria.

— Com dois mil *hombres*? — chasqueou o Mitre. — Ponham-me do lado de lá com quinhentos argentinos e verão o resto...

— Caramba! — picou-se o Flores — se V. Ex., a quem Deus guarde, vai com quinhentos argentinos, para mim bastam *dozientos* homens.

— Meus Senhores — interveio o Osório como juiz de paz — não se trata disto; o que quero é que aprove o plano que apresentei.

— Aprovo tudo — disse logo o Flores vendo se na chaleira havia ainda água para uma cuia de mate chimarrão.

— Eu tinha também uma idéia — falou o Mitre — mas preciso de mais um mês para amadurecê-la bem.

— Ora, ora. — protestaram os dois outros. — Vamos, Sr. Mitre, aprove o plano, aprove...

— Pois bem, vá lá. Fazem de mim um Pilatos no Credo. Em tempo hei de lavar as mãos.

E nisto levantou-se a sessão.

— Esperem um pouco — retrucou o Osório. — Bote-se tudo por escrito e com muito cuidado na redação.

— Apoiado! Apoiado!

E lá se foram, mas antes Flores achegou-se ao Mitre e disse-lhe assim rosnando:

— Sr. General brigadeiro, estou pronto para ir bater o Passo da Pátria com cento e cinqüenta *hombres*... mas que sejam orientais!

Assim, pois, o general Osório, que é mais fino do que cobra, deu todas as ordens e providências e, no dia 16 de abril de 1866, pela madrugada, embarcou-se com 10 mil homens, no meio dos quais ia o 26 de voluntários, e portanto cá este seu criado.

Aí frechou ele direitinho pelo rio Paraná afora, dando as costas a Itapiru e como quem, de desanimado, queria tomar rumo do Brasil, mas, pilhando águas do Paraguai, quando se juntam os dois rios, mandou tocar a todo o vapor para cima até um ponto que ele lá queria e tinha combinado com os engenheiros. Então saltou o primeiro em terra e foi fazendo desembarcar a toda a pressa gente e mais gente.

— Pisamos o Paraguai! — gritou ele.

— Viva o Osório! — responderam-lhe os batalhões.

Mas já os paraguaios tinham percebido a manobra e, embora acreditando pouco nela por causa do arrojo, López, todo assustado, disse lá na língua deles para os seus soldados:

— Meus camaradas, temos mouros na costa.

E fez avançar tropas para o lado donde vínhamos, atravessando uma imensidade de banhados e lagoas, tudo debaixo de chuva horrorosa.

Aí nos pegamos peito a peito, e pela primeira vez entrei em fogo. No começo abanei as orelhas assarapantado, mas quando com uma baionetada furei de lado a lado a um soldado que vinha sobre mim e que o sangue espirrou-me bem na cara, sarapintando-me de vermelho dos pés à cabeça, fiquei seguro de mim. Será isso que chamam batismo de sangue?

Não sei, mas o que é certo é que dias depois estávamos muito a gosto no Passo da Pátria, olhando por desfastio para a banda, onde tínhamos ficado tanto tempo parados, e para o mundo de navios, encouraçados, transportes, barcas, botes, chalanas, canoas, chatas e jangadas que andavam num *sarilho* a carregar gente, bagagens, mulheres, mantimentos, cavalos, artilharia, trens, alfafa, gado, munições, mil coisas enfim de uma margem para outra do grande Paraná.

E, como por encanto, da noite para o dia, em cima das cinzas ainda quentes do acampamento inimigo, levantara-se numa verdadeira cidade de pano e pau de pinho.

Os paraguaios tinham já recuado para dentro do país, como onça que vai ser acuada.

### XIII

Estávamos, portanto, no tal Passo da Pátria junto ao *povo* de Santana, e os paraguaios para lá de um ajuntamento de banhados a que chamam *estero*, dando a esse a alcunha de *bellaco*, por ser lugar de grossas velhacadas, tanto assim que, noutros tempos, um general argentino, metido a tralhão, lá se deixou encurrular como gado em mangueira e teve que passar por grandes vergonheiras e calamidades.

Conosco, porém, fiava-se o negócio mais fino, embora fosse o tal estero traiçoeiro como Judas. Vai tomar águas do Paraguai por uma enfiada de lagoas e furos e, à primeira vista, parece fundo de afogar um exército, mas, bem estudado, tem três passos: um, em frente de quem invade, mesmo na ponta do nariz; outro, à direita, chamado do Pires, naturalmente

porque algum *meco*<sup>67</sup> desse nome costumava andar por ali; e o terceiro, à esquerda, das Carretas.

Ora muito bem; era ali que estávamos acampados a examinar aqueles terrenos que nenhum engenheiro conhecia, um terreno só de sangas, lameiros, carriçais e o diabo, quando se deu o caso que eu lhes queria contar e que podia já estar acabado há anos, se as coisas não se entrançassem umas nas outras, pedindo cada qual explicação para ser entendida em regra e sem confusão.

Era numa tarde.

O batalhão 26 de voluntários que tinha sustentado o *repuxo*<sup>68</sup> dos dias 16 e 17 — combates danados em que perdemos uns rapazes *desempenados* e de mão cheia — homem, o tal Sr. Valentim não se portou lá muito bem, saindo a cada instante da linha de fogo para levar feridos à retaguarda — o batalhão 26 agarrou uma folga, e todos sentiam-se tão moídos e estrompados que era um dormir sem conta.

Um único não mostrava nem sombra de cansaço, o sargento Marçal; parecia de ferro, e como continuava a quizila comigo, enquanto os mais ressonavam de papo para o ar, crescia o serviço para o filho do meu pai.

Queixei-me que tinha levado uma contusão; mostrei até o lugar na perna ainda roxo, qual! fui tratado de manhoso, sem vergonha e *mitrado*. Seja, porém, tudo nesta vida de mentiras verdade como a coronhada que me assentou um paraguaio de coxa quebrada, quando passei por perto dele. Também desandei-lhe um baionetaço que o despachou sem passe nem guia de *socorrimento*<sup>69</sup> para o outro mundo.

Quando não havia outra coisa que fazer depois da carneação que me punha sempre pintado de sangue de boi, varria eu com uma vassoura de folhas a frente do abarracamento e a rua da companhia. Diziam lá que era obrigação de recrutar.

Numa tarde, pois, estando nesse *maço*<sup>70</sup>, ouvi uma conversa muito interessante do Marçal com o brigada Santos, praça também de linha e que de vez em quando saía do seu batalhão e ia dar uma trelazinha ao nosso sargento, por ser patrício, parece; pelo menos era o único que, fora do serviço, o procurava e lhe fazia algum agrado.

— É escusado — dizia o Marçal — já estou sem esperanças. É um chorrilho de injustiças que dói. Chegou ontem mais uma promoção e como sempre nada... Minha fé de ofício é limpa de culpa e pena; tenho 18 anos de tarimba; estou em campanha desde Paissandu; cumpro com todas as minhas obrigações e com as dos outros que disso tiram proveito; sei-me capaz de comandar uma companhia, um batalhão até, e entretanto não há uma promoção, uma só, em que eu não veja passarem-me a perna uns sujeitinhos que por si nada valem, nada são, nunca hão de ser nada. Não, é duro, duro deveras! Você não acha?

— Mas — respondeu o Santos com uma falazinha macia — de sua parte há também culpa.

— Da minha parte?... Em quê?

— Decerto porque anda você sempre tão embezerrado?... Foge de todos. É muito bom ter direito... mas... certo jeitinho pode muito, e...

— Nunca adulei a ninguém — atalhou o outro como que roncando.

— Não é adular, homem de Deus! É um modozinho... um não sei quê... Não parecer enfim bicho do mato, sempre esquivo e desconfiado.

---

<sup>67</sup> Sujeito, indivíduo. (N.A.)

<sup>68</sup> Suportar o maior peso, choque. (N.A.)

<sup>69</sup> Papéis do soldado em trânsito de um para outro lugar. (N.A.)

<sup>70</sup> Maçada. (N.A.)

— Se é meu gênio?! Trato de fazer o que é de meu dever e só vejo de todos os lados proteções e escândalos... Há muitos anos que estou nesta luta e, entretanto, o maldito galão de oficial nunca há de chegar até ao meu punho.

Assim falava ele, e eu de ouvido alerta.

— Você pensa — continuou Marçal — que não me sangra o coração, quando tenho de cumprimentar uns alferezinhos, uns... — aqui soltou ele uma palavra cabeluda — que ganharam seus postos por muita bajulação ou por serem filhos e filhotes de ricos e bons padrinhos! Minha paciência já vai cansando, e como isto de vida militar é visgo nos pés de passarinho que, quanto mais forceja por se ver livre, mais se emaranha, o que desejo hoje... é que uma bala me dê quanto antes cabo da existência. Não foi por querer que escapei de 16 e 17... fiz o possível para ver se a morte me levava... Qual! até nisso entra caiporismo...

— Que bobices! — tornou o Santos. — Agora em campanha as promoções hão de tocar a todos. Tolo será quem se deixar matar...

— Sim, senhor; é o que dirão por cima, quando acharem o meu corpo estirado no meio do campo.

— Mas, com mil diabos! Por que não há de você fazer como os mais? Olhe, muito breve chega da Corte uma enxurrada de promoções e condecorações, e tenho certeza de sair alferes.

O sargento Marçal, que estava deitado no chão de barriga para baixo, sentou-se de repente.

— Você? — perguntou ele muito admirado.

— Sim... eu mesmo, o brigada Santos do 16 de infantaria.

— Mas como sabe?

— Sabendo...

— Deixe-se de graçolas.

— Pois bem, não passe adiante porque por enquanto é segredo de comprometimento, mas meu irmão na Corte empenhou-se com um oficial de gabinete do ministro e escreveu-me que a coisa estava arranjada, pelo que podia sem receio mandar comprar os galões de ouro.

O outro ficou calado algum tempo com a cara muito fechada e olhando, de sobranceiras cerradas, para um ponto fixo.

— Eis aí — disse por fim — sempre, sempre a mesma coisa. Sem padrinho não haverá salvação possível?... Nem mesmo perante o Deus de eterna justiça?

E, voltando-se para o Santos, acrescentou:

— Mas se há promoção que me alegre há de ser essa, amigo. Sem quererem... os homens lá de cima acertaram um dia...

— Também houve Espírito Santo de orelha...

— Boa dúvida, mas enfim... assim acontecesse sempre para bem do exército.

Eu continuava a varrer; não perdia, porém, uma palavrinha.

— Por que não há de você fazer o mesmo? — tornou a perguntar o brigada.

— Ora, para quê?

— Não tem no Rio de Janeiro algum parente?

— Homem... nem sei.

— Longe que seja...

— Não me lembra...

— E na província?

— Ah! espere... o irmão da minha mãe é deputado... nas câmaras.

— É portanto seu tio... tio carnal...

— Sim... mas que caso pode ele fazer de uma pobre praça de pré? É motivo até de vergonha...

— Ora, Marçal, também é desconsolo demais... Escreva-lhe umas linhas... Esses homens gostam de fazer favores... servir a este ou aquele, só para mostrarem que têm influência... Logo um tio!

— Pensei e tenho pensado nele muitas e muitas vezes... Mas falar de mim... dizer que tenho direito e merecimento... custa muito a quem não é gabola.

Santos riu-se com gosto.

— Que grande ratão, o tal Sr. Marçal! Pois bem, deixe o negócio correr por minha conta... vou escrever a esse seu tio e dizer-lhe tudo quanto você tem sofrido... Como se chama o bicho?

Marçal deu o nome.

—Vejam só — continuou Santos — logo esse que é um falador de conta... Com certeza cavalga os mandões da Corte... Pelo correio de depois de amanhã conto-lhe a história, assino a carta em seu nome e daqui a dois ou três meses mostro a você se é ou não oficial de patente.

O sargento parecia estar assim desanimado: tinha na mão uma vara fina e comprida com que fazia umas garatujas na areia.

— Sr. Santos — disse por fim — olhe se vou levar alguma desfeita... Esse homem nunca se importou comigo... tinha até medo que eu o procurasse no Rio de Janeiro. Uma vez — custou-me muito, mas fui — ao chegar ele da província, fiz-lhe uma visita num domingo. Achei-o numa sala de hotel muito rica, fumando e conversando com cinco ou seis sujeitos... Mal me estendeu a mão e apontou para uma cadeira. “Então — perguntou ele todo emproado — que há de novo?” E todos olhavam para mim. “De novo, não há nada — respondi suando frio e com o rosto em brasa. Eu é que vim cumprimentá-lo.”

“E você já é oficial?” — aí fiquei branco como cera. “Não, senhor”. “E por que não foi ainda promovido? Extravagâncias, sem dúvida; mau comportamento!” E sem me deixar tempo de lhe explicar coisa alguma, foi logo dizendo com ar de pouco caso: “Por que é que você anda com uma farda tão peluda? Que quer dizer essa tira vermelha de lã grossa?”. Um deputado geral não sabia que aquilo era uma banda! Então perdi a cabeça; não sei o que retruquei, nem como achei a porta de saída. No corredor parei num instante e cobreí um pouco de sangue-frio. Ouvi ainda estas palavras: “Coitado, é filho de uma irmã minha que casou contra a vontade de todos os parentes com um oficial reformado. Nunca há de ser nada... como o pai.” Depois nunca mais quis saber de mim, se era vivo, se morto... que rumo tinha levado e o mais... Agora me diga... se ele não me der resposta?...

— Será um malcriadão de uma figa! Mas, qual! Deixe-se desses sustos... Afinal o que perde você?... A tinta, o papel e nada mais... aqueles modos com que ele o recebeu são de todo paisano bobo e cheio de si... Pensa-se uma grande coisa, quis fazer figura à custa de você e à vista dos outros toleirões... Agora, quando receber a carta, fica todo inchado, corre logo para o ministro da guerra e, só por partir o pedido de sua boca, há de querer impor e arranjar a promoção. Eu conheço essa gente toda... É saber viver com eles... Julgam que têm o rei na barriga e como nenhum mal provém condescender com eles, devemos ir tirando proveito dessa mania...

— Como são as coisas — dizia eu com os meus botões. Estarem a culpar este pobre homem e ele a sofrer, como sofre, morte e paixão. Coitado! é um caráter às direitas: sabe o que vale e padece injustiças e malquerença. Deus lhe dê paciência para aturar tanto caiporismo.

E, pensando nestas e noutras coisas, deixei cair a vassoura e, por trás dos dois, pus-me a olhar para eles como um pateta das luminárias.

Nisso virou-se o Marçal e deu em cheio comigo.

Oh! senhor! O homem ficou que nem jararaca, quando topa com um tição.  
Levantou-se de um pulo e com voz agarrada na garganta gritou:  
— Recruta do diabo, que está fazendo aqui?  
Só pude arregalar os olhos.  
— Estava ouvindo a conversa, não é?  
— Deixe o soldado — disse o Santos para sossegá-lo — não leve tudo a mal.  
Mesmo que eu quisesse explicar-me, não podia.  
Cara assim, boca e olhos como aqueles, nunca tinha visto!  
Uma coisa me sacudiu, como se fora picado de cobra cascavel.  
Foi...  
Ah! Meus amigos, quando ainda me lembro! Enfim, como ele já não vive...  
Foi uma varada que me cortou o rosto... e enroscou-se até aos lombos.  
Aí pulei para trás, com a vista escura e as pernas a tremerem.  
Levei a mão ao cinturão, procurando a baioneta: não a encontrei... Estava desarmado!  
— Saia já daqui — urrou Marçal — raspe-se... se não leva outra.  
Quis atirar-me em cima dele, mas naquele instante tive *medo* e fui arredando-me devagar, tonto e sem saber onde punha o pé.  
— Que desgraça! — ia eu dizendo baixinho — que desgraça!

#### XIV

O que toda a noite sofri, de olho aceso e ardendo em febre e raiva, ninguém pode imaginar. Parecia que uma vara de ferro em brasa riscava o escuro e me marcava para sempre.

— Ele bateu-me — repetia eu de mim para mim e como que delirando — ele bateu-me na cara... E por quê?... Só com sangue é que se lavam afrontas dessas... só com sangue...

Então me passou pela idéia a necessidade de matá-lo e senti-me mais aliviado.

— Está dito; é um homem morto. Chegando o alarma... dou cabo dele...

Com a mão examinei o fio do refle: estava que nem navalha.

Quando menos cuidava, lembrei-me, naquele furacão de sofrimentos e torturas, de minha mãe, de minha velha mãe e a um tempo fiquei mais consolado e como que corrido de vergonha.

Pareceu-me que eu lhe merecia menos amizade depois daquela desfeita que ficara sem desforra, mas também a lembrança dela desceu sobre mim branda e fresca como o sereno da tarde sobre plantinhas tostadas por um sol de dia abrasador.

Não pude então conter o pranto que me alagou as faces.

— Pobre, pobre da velha... quando lhe anunciarem que seu filho morreu fuzilado como matador... coitada! Que será dela?

E uma máquina de pensamentos pôs-se a girar dentro da minha cachola, que por vezes julguei perder o juízo.

Aí começou a raiar a madrugada e a corneta do quartel-general tocou as primeiras notas da alvorada.

Estremeci como se ouvisse a trombeta do juízo final e agarrei com força no punho do refle.

— Acorde, acorde, — disse eu sacudindo o Valentim que tinha o sono duro — olhe o alarma.

— Cheguem à forma! Cheguem à forma! — gritava lá fora o sargento Marçal com sua voz de cão de fila.

Foi deitar os olhos naquele homem e, não sei como, nem pelo quê, minha intenção virou de repente:

— Não o mato agora... fica para mais tarde.

Quando tomei o meu lugar na fileira, estava ainda meio duvidoso. Cerrei os olhos para não enxergar aquele malvado e, quando o ouvi chamar-me pelo número, quase que não tive forças para responder: pronto!

Cruz, meu Deus! Muito se padece neste mundo de Cristo!

Daí a duas horas, já de volta os exploradores do campo, rompeu-se a forma e cada qual foi cuidar na sua obrigação.

Entreí então de guarda e durante todo o tempo das sentinelas só pensei no desagravo que tinha que tomar.

— É preciso por força matar esse cachorro... é preciso! Mas quando há de ser?

Nessas dúvidas e vacilações que me roíam o coração, lembrei-me de umas histórias que contava o cabo Xisto da 4ª companhia, de oficiais e inferiores mortos em combate e pelas costas por soldados que andavam por *implicância* sendo perseguidos e maltratados.

Com certeza foi o espírito maligno que me assoprou ao ouvido esse expediente, porque, vendo que eu podia com o tempo escapar-lhe das unhas, queria facilitar-me o empenho amaldiçoado.

— Assim você derrama o sangue do seu inimigo, tira vingança inteira e não corre risco do arcabuz — dizia o tal maligno escondido num cantinho da minha consciência.

— Meu filho — aconselhava a lembrança de minha mãe — atura com paciência esses maus tratos... tu és um soldado valente...

— Por isso mesmo. — atalhava o maligno.

— O castigo do superior, ainda que injusto, não desonra a ninguém...

— Uma chicotada na cara de um homem é desfeita que só sangue pode lavar...

— Nada, nada — decidi eu — no primeiro dia de combate, o sargento Marçal morre infalivelmente. Pode ir agarrar-se com todos os santos e santas do Paraíso!

O maligno cantou vitória.

## XV

No dia 2 de maio rompeu uma grande batalha.

Os paraguaios saíram de repente de detrás do estero e, passando pelos vãos, atiraram-se em cima da nossa vanguarda que debandaram em pouco tempo, abafando a artilharia e esparramando os batalhões de proteção.

Verdade é que a linha da frente estava mal guarnecida por facilidades lá do Sr. Flores, que as nossas peças ficavam quase desamparadas e sem munições, que os comandantes da vanguarda andavam arrufados uns com os outros e que muita culpa nos cabia por descansarmos tanto e tanto na divina Providência.

Os inimigos, aproveitando esse descuido, depois de um fogo *pipocado*<sup>71</sup> que por disfarce nessa manhã sustentaram como de costume, avançam com uma fúria imensa tendo água pela barriga, embrulham logo o 7º de infantaria, destroçam o 21 e 38, carregam uma

---

<sup>71</sup> Tiroteio intervalado à maneira de pipocas a saltarem na areia quente. (N.A.)

bateria do 1º regimento de artilharia, apesar das façanhas do tenente Cardoso de Melo — que Deus haja! — e correm para cima do 1º de voluntários.

Este resiste que nem aço.

Um contra seis! Valentes peitos aqueles cariocas e fluminenses!

Como mar em fúria atirava-se a cavalaria; como rochedo repelia o batalhão. E uma imensidade de gente era, de lado a lado, derrubada para nunca mais se levantar.

Aí o Osório pôs todo o exército de pé... Mais um pouco, era tarde.

Abalam-se todos; fuzila a infantaria; ronca a artilharia, e a terra treme e ecoa... Tudo é pó; tudo fumaça; estruge o hino nacional como voz da pátria; correm batalhões a marche-marche; atacam estes em linha; aqueles em coluna; chocam-se as cavalarias; relampejam as lanças e, no meio de tantos horrores, os homens, paraguaios e brasileiros, vão caindo, uns feridos rolando-se no chão e dando gritos de angústia, outros hirtos e em silêncio com a boca fechada pela mão da morte.

Começaram então os paraguaios a recuar. Tinham avançado demais e conheceram, ainda que tarde, que quanto mais terreno haviam tomado mais lhes custaria a volta até aos tais pântanos e lagoas.

Nesse momento o comandante Figueira de Melo — bom oficial! bom oficial! nunca hei de falar nele sem lhe fazer essa justiça — bradou:

— Batalhão, a passo acelerado, marche! Ninguém pára sem voz de alto!

Isso foi um arranco medonho. Fomos varrendo tudo diante de nós à ponta de baioneta.

Quanto a mim, estava que nem louco. Tinha ânsia de furar, varar, matar e sempre ao meu lado via o Marçal, sério, com a cara chamuscada de fogo e a espingarda fumegando.

— Olhem à direita — recomendava ele de vez em quando com voz compassada.

Ouvi um grito:

— Tónico! Tónico!

Era o Valentim que tinha levado uma bala bem em cheio no peito.

Nem me importei; continuei para diante, porque a corneta do batalhão só fazia sinal de *fogo! fogo!* — *a marche-marche!*

Nisto chegamos à beira das tais lagoas e, como um bando de antas, caímos na água, bem nas costas dos paraguaios. Gente que se afogou, um monte.

A cavalaria carregou sobre nós; o batalhão dividiu-se, uma ala para aqui, outra para acolá, mas sempre fazendo frente e resistindo; andou de um lado para outro; entrou novamente no lameiro; saiu, botou-se pelo campo afora; recuou; avançou e, destacado de todo o exército, fez proezas do tempo de Oliveiros e Roldão. Aí foi ferido o capitão França Leite.

Quanto a mim, nem sabia onde estava.

## XVI

Envolvido na fumaça e num campo de macega alta, achei-me perdido, sem poder atinar de onde tinha vindo, para onde devia seguir, que fim levava o batalhão e o mais.

Além disso estava deitado.

Levantei a cabeça.

Senti-me atordoado e vi sangue fresco na roupa.

Oh! então? estava ferido!

E minha gente, e o batalhão?

Aí sentei-me e não enxerguei ao redor de mim senão capim seco ou em parte queimado.

A tarde vinha descendo e corria um frescorzinho tão bom, tão puro e cheiroso que duas ou três vezes tomei respiração com gosto.

A vida deveras sabe a gaitas, quando a gente escapa de uma dessas.

— Então estou ferido? — disse eu cá comigo mesmo. — Em todo caso parece que o chumbaço não foi de matar... Creio que posso levantar-me.

E de um pulo pus-me de pé, levezinho, alegre e bem disposto.

Sacudi os braços; estirei as pernas; apalpei-me: estava tudo no seu lugar.

— Bom... a coisa foi na cabeça.

E com cuidado esfreguei os cabelos. Senti um ardorzinho no casco.

— Ora isto não passa de um arranhão. Não valia a pena perder os sentidos... Então é sujeito a faniquitos, Sr. Tônico?

E pus-me a rir, como quem debica um companheiro.

Minha espingarda estava no chão, carregadinha ainda, mas com figura de quem tinha dado bem bons tiros, antes de focinhar no terreno com o dono.

Levantei-a e mudei-lhe a espoleta.

Aí olhei por cima do capim, pondo-me na pontinha dos pés. Não vi ninguém; escutei, nada ouvi.

— Ui! agora é preciso tento, Sr. Mestre, e não ir esbarrar no acampamento paraguaio.

Saí com cautela do meu ninho, como perdiz desconfiada, e fui seguindo meio abaixado e abrindo um rasto na macega.

Topei logo com o corpo de um camarada, o Manoel Pereira, que parecia estar olhando para mim com olhos vidrados e arregalados e uma boca muito arreganhada, como que a rir e a chorar.

— Deus te receba lá em cima — disse eu em voz alta e fazendo o pelo-sinal.

Lembrei-me então do meu infeliz Valentim e acrescentei:

— Coitado! Bem lhe batia a passarinha!... Senhor meu Deus, deixai-o também entrar no Vosso Reino com o Manoel Pereira e os mais brasileiros.

Tomei então o meu rumo, deixando o sol à esquerda e enveredando bem em frente, e, com as mãos cortadas pelos gumes afiados do capim que ia afastando, caminhei talvez quase uma hora com passozinho curto e cuidadoso.

De repente avistei um cavalariano todo vestido de encarnado.

Era um paraguaio.

Agachei-me depressa, mas o maldito já me tinha bispado e vinha para cima de mim, botando o cavalo a meio galope, que a macega era muita.

A falar a verdade, eu estava tão moleirão, tão quebrado de ânimo, tão sem vontade de brigar e de matar um homem, meu semelhante, que nunca me tinha feito mal, nem conhecia, que o deixei chegar bem pertinho de mim.

— Rende-te, macaco! — gritou ele.

E sem querer saber se eu me rendia ou não, atirou-me um lançaço aos peitos.

Pulei para o lado, desviando o corpo e, como o negócio era de matar ou ficar morto, disparei-lhe a espingarda à queima-roupa.

O paraguaio abriu os braços e rolou do cavalo abaixo, como uma trouxa de roupa.

Esse nunca mais lanceava ninguém.

Entretanto, não sei se do sangue que ainda me corria da cabeça, se do abalo, por ter a contragosto dado cabo daquele mortal, senti-me todo atordoado e não tive remédio senão me sentar um bocadinho.

E, perto do cadáver do paraguaio, pus-me a cismar num *bando* de histórias, quando o sol já vinha descambando e a deitar sombra dentro do capinzal.

— E o meu sargento? — pensei eu.

Então dei uma sacudidela em mim mesmo.

— Nada, nada! É preciso viver... A hora não é de fraquear... falta ajustar contas com o meu Marçal... Por que não o matei?...

Levantei-me; carreguei novamente a arma e dei mais uns duzentos passos na direção que tinha tomado.

Fui encontrando bastante gente nossa estendida pela macega: o combate tinha sido renhido.

De repente, no meio daquele silêncio que aterrava, ouvi chamarem-me, e as carnes se me arrepriaram de horror.

— Ó recruta!... ó recruta — dizia a voz.

Procurei com a vista e dei com o sargento Marçal, o terrível sargento, sentado e com uma perna esbandalhada por um tiro de metralha. Ao redor havia uns quatro ou cinco mortos.

Fiquei sem saber o que fazer.

O meu primeiro movimento foi acabá-lo de uma vez, vingar o agravo e fugir para bem longe, mas, assim como veio essa lembrança do inferno, assim também se foi e pus-me a olhar para ele com ar de espanto e de terror.

O sargento não soltava um gemido.

— Recruta — disse por fim — veja se me arranja um pouco de água... Estou, há mais de três horas, grudado aqui... sem me poder mexer.

Duvidei, mas qual! me venceu o coração.

Perto havia um cantil de soldado; sacudi-o, estava cheio.

Marçal bebeu tudo com uma ânsia imensa.

— Agora — disse tomando respiração larga — hei de morrer... a sede não deixava. Você, recruta, siga sempre em frente e daqui a um *nadinha* está nas linhas brasileiras... Adeus!

E deitou-se no chão como quem queria dormir, com o rosto sereno e sossegado.

Tomei o rumo que ele me apontara e caminhei alguns passos. Depois voltei, porque afinal um homem é... um homem.

— Então — perguntou-me Marçal — que é que espera? Não vê que a noite vem descendo?...

— E o Sr. — perguntei — fica aqui?

— Por que não? A morte não pode tardar... Já se tem demorado demais...

— Não... mas isso não pode ser assim... É preciso fazer algum esforço...

— Para quê?

— Para se salvar, boa dúvida! Em todo caso quero tentar...

— Deixe-me, recruta. Agradeço a sua lembrança, é de um bom coração... mas a minha hora já bateu... Você também foi ferido...

— Nada... sigo a minha idéia... havemos de ir juntos para o acampamento...

— Deixe-me, homem; a vida para mim acabou... e felizmente... Deus sabe se falo a verdade.

E ele, peito de ferro, alma de bronze, pôs-se de repente a chorar.

E eu também, sem saber pelo quê, desatei cá do meu lado num grande pranto. Aquele sargento que, algumas horas antes, era para mim pior que satanás, parecia-me agora um amigo de muitos anos, um parente, um irmão quase.

— Adeus, filho, olhe que já vai escurecendo...

— Agarre-se a mim, Sr. Marçal.

— Não quero que por minha causa o batalhão perca um homem são e valente...

— Deus há de proteger-nos... Isto é comigo. Nem que seja à força, hei de fazer tudo para levá-lo até ao acampamento... E quer saber pelo quê? Porque o Sr. me maltratou sempre, porque foi comigo injusto e mau, chegando a ponto de me bater, de me enxotar com varadas como se eu fosse um cachorro leproso...

Marçal abanou duas vezes a cabeça.

— Não me lembro — disse olhando para mim bem em cheio —pela salvação de minha alma, tão perto de sair deste mundo, de nada me lembro...

— Pois bem — retruquei — eu de nada me esqueci e salvá-lo... será a minha vingança.

Oh! Senhor! quando soltei estas palavras, nasceu dentro de mim uma força tão grande que me senti capaz de levantar uma montanha.

Suspendi o ferido, botei-o no colo, e dei os primeiros passos devagarinho... devagarinho...

A cabeça girou-me à roda; os olhos escureceram e correu-me um suor frio pela espinha, mas a pouco e pouco fui melhorando, melhorando e andei com segurança.

Tenham isto por certo, meus amigos, quando a gente pratica uma ação boa, o espírito de Deus sopra dobrada valentia ao coração.

Era eu tomar de quando em quando uma golfada de ar e pelos pulmões entrava-me uma coragem imensa, e as forças voltavam-me cada vez mais rijas; contudo... o Sr. Marçal pesava o seu tanto.

A tarde estava desmaiando nos braços da noite: era lusco-fusco, mas o céu tinha tanta luz que quando eu levantava a cabeça parecia estar lendo a proteção que me prometiam lá de cima.

Entre num banhado, em lugar desconhecido: a água veio-me até a cintura, mas me deixou passar.

De vez em quando Marçal, que ia com os olhos fechados, dava um gemido fundo, e aquela perna, um molambo, balançava para aqui e para acolá.

— Está sofrendo muito? — perguntava-lhe eu.

— Muito, mas não importa — era sempre a resposta.

Nisso ouvi diante de mim um grande rumor. Estávamos chegando a um acampamento.

— É o nosso — disse o sargento.

— Então... estamos ou não salvos?

— Agora — avisou ele — é preciso dobrado cuidado. Podem as sentinelas fazer fogo em nós.

Andei mais um bom pedaço, já muito cansado.

Depois vi assim ao longe um vulto.

— Quem vem lá? — bradaram.

Respondi com o fôlego que ainda me restava:

— Brasileiro! Brasileiro!

Mas de balde. Fuzilou um tiro e levei tal estremeção que quase fui à terra de costas.

Uma bala viera dar no ombro do Marçal.

Um esguicho de sangue borrifou-me a cara e tive que deixar cair o corpo.

Aí corri para a frente, gritando com toda a força:

— É brasileiro, é brasileiro!

Formou a guarda, e uma patrulha veio reconhecer-me. Estava escuro que nem buraco de tatu.

Contei às pressas o caso, e fomos então uns quatro buscar o sargento, por sinal que custou bem achá-lo.

Afinal veio uma padiola e o estendemos em cima.

Não falava; estava branco como um pano, com o rosto fechado e carrancudo, e respirava com esforço.

De repente abriu os olhos.

— Que batalhão é este? — perguntou ele.

Disseram-lhe o número.

— Que é do comandante?

— Morreu.

— E o major?

— Morreu também.

— Quem comanda então?

— O capitão Malaquias.

— Pois me levem quanto antes a sua presença... Tenho que lhe falar.

Foi satisfeito.

— Sr. Capitão — disse Marçal já arfando — ponha... na parte... de combate... o seguinte... que o soldado Maldonado... mais conhecido... por Tonico... do brioso 26... de voluntários... bateu-se como... um homem... e apesar... de ferido... procurou... salvar o seu... superior... carregando-o ... ao colo... por mais de... uma hora... Diga isto... e terá dito... a verdade!...

Voltando-se então para mim, apertou-me a mão e acrescentou:

— Adeus, recruta! Adeus!

Revirou os olhos e... foi-se.

Deus lhe fale na alma!

Reparem agora que uma única vez me tratou ele por soldado.

Também o tal capitão estendeu-me na parte com muitos palanfrórios, e lá apareci no Brasil como um bravo assim e assado, um homem nunca visto, um herói, como chamam os amigos doutorecos. Pegaram logo fogo os jornais da Bahia, e o governo de sua majestade o Imperador mandou-me o hábito da Rosa.

Eis por que, sempre que olho para esta teteiazinha, me lembro do sargento Marçal e não posso deixar de pensar que aquele homem valia alguma coisa, pois do contrário não havia de merecer da malquerença da sorte a terrível perseguição que sofreu em todos os momentos da sua infeliz e amofinada existência.

## O CAPITÃO CAIPORA

### I

Eu conheci-o, coitado!

Era excelente homem; muito estimado dos soldados; querendo bem à sua companhia quase como se fora a família; de natural bastante frouxo, mas honesto e serviçal; já velho; um tanto impaciente; esquecido de todos; queixando-se de vez em quando, sem acrimônia, porém, nem desespero; gozando de uma saúde de ferro, embora franzino e magricela; sempre de cabelo à escovinha que nos momentos de aborrecimento coçava frenético, e de óculos que mais serviam para a testa do que para os olhos; de sobrancelhas bastas e grisalhas como a barba e os bigodes, ambos eriçados e incultos; montando a cavalo, como se de cada vez tomasse a primeira lição de equitação; de gestos, enfim, meio encontrados e ar quase continuamente distraído e alguma coisa assustado. Modesto e limitado em suas aspirações, tinha uma única ambição: ser promovido a major para incontinentemente se reformar, aproveitando as vantagens do Alvará de 16 de dezembro de 1790 da Senhora Rainha Fidelíssima D. Maria I.

Rastejava os seus sessenta anos de idade e contava de serviço nas armas trinta e sete, pois só alcançara a promoção de alferes de infantaria depois de longo e penoso tirocínio como oficial inferior.

Se pelo menos fora, como chefe de classe, isto é, o primeiro do quadro dos capitães, graduado em major, para contar a efetividade desse posto e ter a graduação do imediato, tudo na forma da Provisão de 24 de janeiro de 1824, que ele não se fartava de repetir e lembrar, com mais paciência decerto esperara os quarenta anos da Lei. Mas, qual! Acima do seu nome havia um companheiro mais antigo de praça um dia, e esse ou tinha as mesmas intenções e projetos ou queria, de pacto feito com a morte, pirraçar indefinidamente o nosso velho e desditoso capitão.

Chamava-se Antonio Francisco Pitaluga e andara sempre por Goiás e Mato Grosso, com exceção de uns meses de destacamento na província do Amazonas. Já se vê, só por isto, que o homem não dispunha de poderosas proteções e quase sempre servia para tapar as vagas que se davam naqueles longínquos batalhões.

Por muitas vezes pedira transferência para se aproximar do litoral, essa extensa orla donde irradia a civilização brasileira e também o empenho, uma das grandes manivelas do nosso movimento social; mas por isso mesmo que não tinha nem boas, nem más amizades, nada pudera conseguir, não merecendo nem sequer solução contrária os requerimentos que tratavam daquela razoável pretensão.

Propusera troca de batalhão a quanto companheiro em suas peregrinações encontrara; tudo, porém, em pura perda.

Nessa luta inglória e incessante, contraíra com os anos uma verdadeira mania, inocente sem dúvida, mas de conseqüências particularmente enfadonhas para quantos com ele se achavam em contato e tinham de conviver: a mania de lavar por escrito extensíssimas reclamações a propósito de tudo; dirigir intermináveis memoriais ao governo e encaminhar petições que, quase sempre, não tinham pés nem cabeça. Da menor coisa armava uma dúvida, originava uma contestação, organizava um protesto que fazia chegar, se lá chegava, ao conhecimento do ministro ou do ajudante geral da Corte, esteado em uma cópia imensa de Avisos, Leis e Decretos de todas as eras, sem esquecer os do tempo da Rainha Mãe, para os quais tinha decidida predileção.

Quanto é possível conhecer a legislação militar no acervo informe de disposições confusas e contraditórias que a constituem, ele a conhecia, pelo que também andava sempre metido em conselhos de guerra — como juiz, está entendido — pois na quitanda ninguém lhe levava as lampas<sup>72</sup>, coisa corrente em todos os corpos em que servira.

Sabia o Titara e o Cunha Matos de cor e salteado, abrindo-os de relance nos trechos que precisava consultar; anotava-os cautelosamente, enriquecendo todos os claros das páginas com observações suas, tão judiciosas quanto escritas de modo ininteligível; guardava em caderninhos, cortados *ad hoc*, preciosos pedaços do Diário Oficial colados com verdadeiro esmero; criticava este e aquele autor; folheava com mão segura a legislação portuguesa e, levado de leitura em leitura, fora internando-se pelo estudo dos códigos e regulamentos, de modo a se tornar especialista não só na matéria da profissão, como em outras fora da órbita de sua competência, contanto fossem divididas em títulos, artigos e parágrafos. Nas horas vagas estudava, por exemplo, a lei eleitoral, o código do comércio e até as posturas de muitas câmaras municipais do Brasil.

Quanto à Constituição do Império, sabia-a na pontinha dos dedos, exercitando-se em contínua sabatina consigo mesmo a citar de repente e em voz alta o parágrafo de tal ou tal artigo, esta ou daquela disposição relativa a muita coisa que costuma ser simples letra morta. Se pilhasse um regimento interno da Câmara dos Deputados, provável é que em poucos dias pudesse dar bons quinaus em quase todos os augustos e digníssimos representantes da nação que têm como que por timbre ignorar as mais comezinhas determinações da lei diretora a que são sujeitos em seus trabalhos parlamentares.

Apesar de tão vastos e pouco comuns conhecimentos, não adiantara o nosso Pitaluga um passo na carreira. Fora obtendo as promoções anteriores ao posto de capitão por antigüidade rigorosa, como é de lei para quem não tem estudos e só para a antigüidade rigorosa devia apelar, pois, na própria frase, que diariamente repetia ao comandante do batalhão e desde aí até o sargento da companhia, merecimento nunca havia de chegar para o enjeitado da fortuna.

Frouxo, já ficou dito, era sem contestação e bastante. Os papéis da companhia andavam sempre em dia, prontinhos, limpos, irrepreensíveis, mas quanto à disciplina... muito tinha que se lhe dizer.

Os soldados estimavam-no, mais do que o respeitavam e, abusando sem o menor escrúpulo dos seus amiudados acessos de distração, pediam-lhe com o maior desembaraço dinheiros adiantados fingindo no dia de mostra, quando recebiam seus soldos e mais vantagens, não dever um real a quem quer que fosse neste mundo de honestidade e boa fé.

Ou por acanhamento, ou por indiferença, nada reclamava o bom do homem, pelo que conseguira, como prova de especial apreço a tão rara qualidade, o apelido, pouco lisonjeiro sem dúvida, de capitão moleirão, por contração *molão*.

Dias havia em que acordava com uma espécie de frenesi de falar e ameaçar, prometendo a torto e a direito às praças da companhia conselho peremptório, quadrado e espada de prancha, ameaças que no seu entender deviam aterrorizar os mais ousados, mas que de fato a ninguém abalavam; outros em que aturava, sem o menor reparo, da boca dos sargentos e furriéis, respostas inconvenientes e que cheiravam a atrevimento.

Quando achava motivos para suscitar uma questão, uma interpretação, uma dúvida, cuja solução ficava fora da alçada do comandante, então de nada mais se importava nesta vida. À maneira do caçador de vocação, ali concentrava toda a sua atividade; mal comia; dormia pouco; andava abstrato e, como tinha redação penosa, prolixa e muito confusa, enredava-se num sistema de argumentação tão difusa e atrapalhada que dela dificilmente podia safar-se, como se penetrara num labirinto.

---

<sup>72</sup> Levar as lampas - Levar vantagem a; mostrar-se superior a; vencer.

Quantas folhas de papel não gastou, quantas horas de meditação não empregou, quanta citação não fez, puxando à luz meridiana Alvarás e Avisos, alguns enterrados há muito na obscura sepultura do nosso corpo de leis, unicamente para reclamar quinhentos e vinte e três réis que o Estado ficara a dever-lhe, em ajuste de contas, por umas horas de fiscalização do batalhão no caráter de capitão mandante?!

Houve certa ocasião em que uma representação sua, depois de viajar largos meses e ser informada por dezenas de autoridades, que todas fizeram o histórico daquela extensa perlanga e opinaram nos sentidos os mais diversos e extravagantes, em que essa representação provocou afinal um Aviso, sim, Senhores, um Aviso Circular do Ministério da Guerra!

Protestara o nosso capitão, com o respeito e acatamento devidos aos seus superiores, contra o emprego no fardamento das praças de pré de botões de massa em lugar de botões de metal e nessa palpitante questão desenrolara razões valiosíssimas, chegando a conseqüências que iam até entender com a honra e a integridade do Império. Escavando exemplos que, entre parênteses, nada vinham ao caso, mostrou, com emaranhada eloqüência, o exército nacional vítima da ganância dos fornecedores e por aqueles desalmados, privado, depois de curtíssimo tempo de uso, de objetos tão indispensáveis para o garbo e a boa compostura do militar brioso. Quantos inconvenientes daí se originavam, nem era dado calcular; também se tornavam precisas prontas providências. Quanto antes devia o poder competente, inspirando-se nos acrisolados sentimentos do patriotismo, arrancar com resolução a máscara aos indignos comerciantes que impunham aos servidores leis do Estado aquela massa frágil, símbolo de exagerados lucros e de deslealdade, e dar sem mais demora triunfo irrecusável ao botão de metal, único digno de brilhar no peito do soldado brasileiro.

Correram os meses, mas por fim o Governo Imperial, após prolongadas consultas ao Conselho Supremo Militar e até ao Conselho de Estado, depois de informada a questão por diversas seções da Secretaria de Guerra e ouvidas as opiniões de pessoas estranhas àquela repartição, mas abalizadas e que nessa ocorrência puseram bibliotecas abaixo, o Governo resolveu, de acordo com o pensamento do capitão Pitaluga, e expediu o Aviso Circular de 28 de outubro de 1857, derrocando para sempre o império dos botões de massa e, substituindo-os, como homenagem ao verdadeiro mérito, por íntegro e inquebrável metal.

Que dia aquele em que chegou a Goiás o correio, trazendo a notícia de tão importante decisão!

Palavra de honra! É de duvidar que a tão suspirada promoção a major, milhões de vezes embora mais profícua em suas conseqüências, maior e mais completa alegria causaria a Pitaluga. Verdade é que imaginou logo que o acesso em posto devia ser o resultado natural e imediato de tão esplêndido e inesperado triunfo.

— Agora é infalível — murmurava ele em suas cogitações. Numa das próximas malas arrebenta a coisa. Também os mandões lá da Corte viram que aqui há gente que entende do ofício e sabe onde tem o focinho.

Passou-se o mês de dezembro, que a 2 se faziam então as promoções; entrou janeiro; chegaram malas umas após outras; vieram muitos caixões de fardamento com botões de metal; acesso, porém, para o pobre do capitão nem sombra. Pelo contrário, com toda a frescura passou-lhe a perna um camarada muitíssimo mais moderno, mas que tinha o curso de arma.

— Décima quinta carona — protestou Pitaluga consigo mesmo. Paciência! Decididamente apelo agora só para a antigüidade absoluta. Nem devia ter um minuto pensado em mais nada!

E repreendendo-se com severidade:

— É bem feito, Sr. Ambicioso das dúzias. Encheu a cabeça de caraminholas e está hoje com cara de asno. É muito bem feito!

Em nada, porém, se alterou o furor de escrevinhar e requerer; muito ao invés, se apurou.

— Quer queiram, quer não — dizia ele como que iniciando um sistema de resistência e vingança — hei de mostrar-lhes que valho alguma coisa e vejo uns palmos adiante do nariz.

Com o espírito aguçado pela contrariedade, parafusava, dia e noite, à cata das mais meticulosas interpretações, buscando até relações e conexões entre a legislação puramente militar e códigos de matéria muito diferente.

Quanto à companhia, andava cada vez mais relaxada. Os soldados viviam a queixar-se dos sargentos e inferiores; estes, se bons, não se sentiam apoiados, se maus, abusavam com a mais larga impunidade, de modo que tudo ia mais ou menos à matroca, como aliás se dava com o geral do batalhão.

Também o comandante era, antes do mais, amigo dos seus cômodos.

Todas as quintas-feiras anunciava, em ordem do dia, que numa das seguintes semanas começariam exercícios regulares de manobras, fogo e tiro ao alvo, mas nunca chegava a decantada semana.

Quando muito trabalhava a escola de pelotão, essa mesma dirigida por instrutores pouco habilitados e nada zelosos.

Aquele que devera, como chefe e primeiro responsável, dar o exemplo da vigilância e atividade, contentava-se, por descargo de consciência, com informações vagas e colhidas de momento. O tempo era pouco para se lamentar do calor e da exigüidade de vencimentos numa vida tão dura e cheia de perigos como é a do soldado. Falava também na campanha do Rosas, onde por pouco estivera a entrar em fogo e jurava aos seus deuses que se jamais o Brasil declarasse guerra a qualquer nação, pediria logo sua reforma, porque não queria sacrificar-se por gente ingrata e indiferente.

Era, aliás, bom chefe de família e pai de dez filhos, cinco dos quais, criados no batalhão, tinham, à medida que atingiam quatorze ou quinze anos, assentado praça, levando para o serviço nacional os hábitos de energia e amor da pátria do seu distinto progenitor.

Uma glória tinha esse comandante.

— Nunca cursei aulas — dizia com certa ufanía — nem entendo que haja tanta necessidade de estudos. Basta bom senso.

## II

— Então como vai indo sua companhia? — costumava ele perguntar entre dois bocejos ao capitão Pitaluga como aos demais oficiais.

— Perfeitamente. Agora, porém, vou representar ao Governo Imperial, pois há seis meses não recebe fardamento.

— Homem, é verdade... O Sr. lembra bem; faça a representação para todo o batalhão. Eu assino...

— Não preciso entender-me com o major?

— Qual! Aquilo não passa de um formidável trapalhão.

De fato o major Fonseca levava o dia inteiro a gritar, a mandar, a ganir, a levantar-se, a sentar-se, a roer as unhas, a correr de um lado para outro, embarafustando a espada e a pasta entre as pernas, a enxugar o suor do rosto, a gemer como um perdido do excesso de serviço, a ameaçar céu e terra, mas no fundo pouco fazia.

Os soldados chamavam-no *lambanceiro*<sup>73</sup>, de *lambança*, que na gíria deles significa baralhamento, confusão.

— Soldado, eu te mato! — gritava ele. — Camarada, dou-te um tiro!

E assim por diante.

Cumpre, porém, dizer que Fonseca nunca matara uma galinha e, em certa ocasião de levante de presos no xadrez, não dera cópia muito brilhante de si.

Tinha, porém, muito orgulho de sua sabinça em manobras, e quando com voz fina e esganiçada ordenava um movimento, por singelo que fosse, terminado com um *marche!* agudo e estridente, acreditava-se capaz de dirigir diante de ousado inimigo grandes operações militares, veicidade que não tivera ainda tido ocasião de realizar.

Entre esse major e o capitão Pitaluga eram as discussões incessantes e sempre renascentes.

A pedra de toque era a argumentação em datas de Avisos e Decretos.

Quando se pegavam os dois, só havia retirarem-se todos e deixá-los perder a voz a poder de berros.

Havia uma coisa que o capitão não perdoava ao fiscal: ter sido promovido a major por merecimento, havia já uns dez ou doze anos.

— Saiu com menos de dezoito anos de capitão! — dizia ele. — Que proteção!

De seu lado tinha Fonseca atravessada na garganta a superioridade incontestável com que o outro jogava com toda a legislação.

— O Sr. anda sempre a me citar leis do tempo do Onça! — disse ele furioso.

— E por elas não me teria V.S. preterido.

Aí o Fonseca perdeu a cabeça.

— Sr. capitão — uivou o major — não queira desmoralizar-me... o Governo Imperial...

— Ora... ora...

— Não me interrompa, Sr. capitão; não sou nenhuma mosca morta... Está abusando da amizade que lhe tenho... mas fique certo que saberei sustentar a minha posição, custe o que custar. Não faço valer os meus galões... mas preciso ser tratado com mais consideração. Ora... pois...

— Mas eu...

— Mais respeito... mais respeito... Lembre-se que sou, antes de tudo, seu superior... sou um major do exército!

— Quem lhe contestou isso?... O que digo é...

— Nada, nada... estão cortadas as nossas relações... não quero mais saber do Sr... Só lhe dirijo a palavra em serviço... é escusado... só em serviço...

E retirou-se bufando de raiva, mas daí a duas horas estava consultando o capitão sobre uma dúvida de que não tratara Cunha Matos, nem haviam cogitado as autoridades na matéria.

Assim viviam os dois.

Num ponto se entendiam sem discrepância.

Pitaluga tinha um almanaque militar, já velho, mas tão bem anotado que servia para as alterações e o movimento de todo o exército.

Morria um oficial de qualquer arma, zás! uma cruzinha o eliminava dentre os vivos e portanto do círculo dos concorrentes às promoções, subindo logo a numeração dos que lhe ficavam abaixo e aproveitavam a vaga.

---

<sup>73</sup> Não será corruptela de “lambanceiro”, homem tarameleiro, linguareiro? (N.A)

Reformavam-se ou demitiam-se outros, um traço cobria o nome do que deixara não totalmente a existência, mas a vida ativa, sendo indicadas minuciosamente todas as modificações que dali decorriam.

O major não cessava de consultar esse livro, ficando a estudá-lo bons quartos de hora, com a cabeça metida entre as mãos e os cotovelos fincados na mesa. Apesar de boa vontade em achar alguma lacuna, engano ou transposição, via-se obrigado a declarar que, sobretudo na arma de infantaria, o trabalho era perfeito. Havia verdadeira encravação de dois ou três almanaques naquele velho e manuseado volume.

— Nestes dois anos — dizia o Fonseca — você pode estar major...

— Pelo menos conto...

— Assim fosse eu tenente-coronel...

— Pode ser...

— Não posso...

— Pois já não teve uma promoção por merecimento?... Há agora duas vagas: os princípios estão equilibrados e uma deve ser preenchida por antigüidade e outra por merecimento, segundo a Lei n. 585 de 6 de setembro de 1850 e §2º do artigo 11 do Regulamento que baixou com o Decreto n. 772 de 31 de março de 1851.

— Se o Sr. diz isto para me ridicularizar... repilo a insinuação.

— Não, decerto.

— Veja lá... sou muito bom, muito pachorrento, mas quando me chega a mostarda ao nariz... sei fazer-me respeitar...

— Não duvido...

— Sei, sim Sr., sei...

E levantando cada vez mais a voz:

— Sr. Capitão Pitaluga, não consinto que o Sr. queira tirar-me a força moral...

— Pelo amor de Deus...

— Nada, nada acabou-se... cada macaco no seu galho, acabou-se...

E o *lambanceiro* lá saía, vociferando, ameaçando e faiscando, para daí a um nada procurar Pitaluga, consultá-lo e pedir-lhe conselhos, completamente esquecido de que pouco antes declarara, quando menos, rotos para todo o sempre os laços de amizade e estima que porventura podiam ter existido entre os dois.

### III

Em certa ocasião teve o nosso modesto herói, por um conjunto especial de circunstâncias, de assumir papel mais ou menos conspícuo entre os companheiros e, contra o voto íntimo e a opinião geral, de sopitar veementes sentimentos que só poderiam ter tido completo desaforo numa representação ao Governo Central. Como o caso por seu caráter excepcional merece atenção e em seus resultados e peripécias apresenta uma das faces da vida íntima de quartel, não é possível deixar de narrá-lo com alguma minudência, embora só devam agradar esses desenvolvimentos aos que envergarem a farda e conheçam mais ou menos exatamente os episódios que se dão na existência pacata e monótona, mas também por vezes agitada, de um batalhão em tempo de paz.

Toma o sucesso maior vulto quando se souber que unicamente nas mãos de Pitaluga esteve não só encabeçar atos de resistência legal, como até redigir uma monumental peça que deveria subir à consideração das primeiras autoridades do exército, formulando sérias

queixas contra irregularidades de ordem grave praticadas pelo comandante do corpo, em que ele servia naquela memorável conjuntura.

Deu-se o fato por ocasião da reunião do conselho econômico que tinha de eleger o agente do batalhão, por haver terminado seu prazo de administração o alferes que exercera aquele melindroso cargo. Acontecia que outro oficial, que dois anos antes servira de modo a provocar contínuas reclamações da parte de todo o pessoal do batalhão, propalando-se até boatos nada lisonjeiros para a sua reputação de probidade, apresentava-se candidato ao lugar que ia vagar.

Visitando com antecedência um por um os membros que deviam formar aquele conselho e que, pelo Decreto de 6 de outubro de 1855, são os oficiais superiores, efetivos, agregados ou adidos e mais os comandantes de companhia, em todos achou o ousado pretendente decidida e franca oposição.

As lembranças das tropelias que praticara eram ainda tão vivas e o procedimento como simples subalterno tão pouco o abonava que alguns, mais condescendentes, julgaram dever aconselhar-lhe a desistência de uma idéia, cuja simples apresentação causava mais que estranheza, indignação.

Não desanimou, porém, o homem e, em ocasião que lhe pareceu mais azada, desmascarou as baterias, declarando com toda a segurança que sua iniciativa era não só vista com bons olhos pelo comandante do corpo, como até podia contar com todo o bafejo e amparo daquela elevada autoridade.

— Pode ser, pode muito bem ser — exclamou Pitaluga com inesperada força — não se vê isso pela primeira vez num batalhão. Votaram pelo Sr. os amigos do Sr. comandante, se é que lhe dispensa sua proteção, mas nós, os amigos dos soldados, havemos de repelir com energia o seu nome, que é uma ameaça à regularidade do serviço.

Estas palavras foram aplaudidas.

Estabeleceu-se, pois, quase de repente um conflito real que, minando durante algum tempo surdamente os espíritos, poderia produzir perigosa explosão.

Deu-se logo um resultado, que a muitos admirou, mas que o homem prático na vida deveria esperar: alguns timoratos declararam-se em tempo desligados da promessa de votar contra o ex-agente, e outros por prudência abstiveram-se de tomar atitude que os comprometesse demasiado.

Entretanto os comandantes das companhias mantinham-se firmes em seu propósito, e Pitaluga, primeiro que todos, por espírito de retidão e talvez teima, sem intenção nem manejos, tornou-se centro da cabala que devia expulsar da urna o pretendente que não inspirava confiança a ninguém.

Durante muitas semanas apresentou o quartel desusada animação, e os oficiais, que em tempos normais dificilmente apareciam para ouvirem ler a distribuição do serviço diário, saíam de suas casas de manhã cedo e só voltavam às vezes alta noite.

Cochichava-se em grupos, consultando-se este ou aquele e formando-se listas com indicação dos votos contrários, seguros ou vacilantes. Os mais graduados em postos falavam às escâncaras, dizendo o modo por que haviam de proceder; vários alferes empertigados ou imprudentes contavam horrores do protegido do comandante e mostravam-se resolutos e capazes de resistir às maiores imposições; outros subalternos, mais cônscios de sua precária condição, andavam esquivos e amedrontados; outros, por fim, sem alarde nem gritaria, tinham-se decididamente manifestado pró ou contra a candidatura.

O major girava de grupo em grupo, ora dando razão a um, ora a outro, afirmando com a mão na consciência que não tinha ainda estudado a questão, que fazia muito bom conceito do alferes acusado, mas que se lhe dessem provas de seus hábitos de prevaricação, não contasse com seu apoio, que o negócio era muito melindroso e deviam todos obrar com a maior prudência, tapando os ouvidos ao empenho e julgando só pelas regras da mais severa

justiça, que ele ia pesar todas as razões e que o seu voto exprimiria tão somente a verdade, coisas, enfim, muito sensatas, mas já de antemão era corrente que o tal catão não faria senão o que lhe mandasse o comandante.

Este procedia com estratégia. Tratando a todos os oficiais com dobrada urbanidade, em conversa particular ia sondando-lhes a opinião e deixando transparecer o seu desejo, rodeado de todas as exigências da prudência. Era preciso, dizia ele, ter em consideração que neste mundo muito trabalha a calúnia, parecendo-lhe da maior importância não atirar, por meio de uma manifestação coletiva, o labéu sobre um companheiro; que o alferes fulano – chamava-se, parece-me, Estulano – fazia dessa eleição questão de honra, sendo ocasião de apelar para todos os seus amigos; que, depois do que se espalhara de conchavos com fornecedores, era de necessidade dar uma demonstração especial de apreço, que, obrando assim, ele, comandante, não fazia mais do que cumprir com os seus deveres morais, procurando zelar o melindre dos seus camaradas, fazendo cessar intrigas que impediam a cordialidade que deve existir entre os militares; que o candidato guerreado com tamanho ardor mostrava-se muito magoado e desejoso até não só de abandonar o disputado cargo, como também de pedir transferência do corpo, fugindo para bem longe de seus rancorosos e gratuitos inimigos; que daí proviria, decerto, desar para a fama do batalhão, sendo os seus oficiais qualificados com cabimento de briguentos, insubordinados e invejosos, razões todas essas que ele ia desenvolvendo com jeito, apoiando mais numas do que noutras, conforme a disposição do oficial com quem conversava.

Por que, porém, tomava esse chefe tamanho interesse pela mal parada causa do seu subordinado? Falavam os maldizentes em proventos, comandita e o mais, apontando ocasiões em que haviam entrado pela casa adentro do protetor carregamentos de víveres, latas de goiabada, objetos, enfim, de origem bastante duvidosa. É de crer que esses dizeres pela exageração pecassem, ou até que totalmente lhes faltasse base de verdade, mas que havia decididas simpatias pelo ex-agente e lhe passavam a mão pela cabeça, era impossível negar, inclinação aliás explicada por um motivo muito natural e aceitável: estar já tratado o casamento do alferes com uma das filhas do comandante, devendo ter ponto final um namoro começado desde o tempo em que o rapaz era cadete e a menina ia de calcinhas curtas à escola régia.

Chegou por fim o dia da eleição, e pelos cálculos estatísticos de Pitaluga, a votação correria muito disputada e, se à última hora não se dessem defecções vergonhosas, era certa a vitória por dois ou três votos. Tudo estava calculado; todas as hipóteses previstas. De manhã, porém, andara o major muito atarantado, falando já mais às claras a favor do pretendente, recusando ouvir as provas que exigira para poder formar o seu juízo e mostrando os inconvenientes de quererem desfeitear o comandante, pessoa tão séria, tão merecedora, tão amiga dos seus subordinados, tão cheia de virtudes e qualidades.

O alferes Estulano podia ser tudo quanto quisessem, uma peça, uma peste; mas não se tratava mais dele. Era caso de a bandeira cobrir a carga. Enfim fizessem o que bem entendessem, sua responsabilidade de fiscal estava salva.

E tudo isso era dito no meio de muitos trejeitos, bufando e cuspinhando o terreno umas duas braças em torno.

Essa propaganda, que podia prejudicar a eleição, ia sendo contaminada ardentemente pelos comandantes de companhia, de modo que, como dizia o tenente Espiridião – o gaiato do batalhão –, fervia a cabala que nem juízo da moça em vésperas de noivado.

Os próprios soldados não deixavam de experimentar os efeitos, pelo menos morais, desse insólito movimento e, ainda que não penetrassem bem no âmago da luta, em poucas palavras davam a síntese de todos os esforços empregados para a vitória do candidato oficial.

— Parece que o grilo<sup>74</sup> é grosso e vale a pena.

A reunião do conselho econômico fez-se com particular solenidade. O comandante estava risonho, embora um tanto pálido; o major roía o sabugo das unhas, e muitos oficiais mostravam-se acanhados e como que receosos. Quanto a Pitaluga, parecia, como sempre, meio alheio ao que se lhe passava em derredor, mas diante de si alteava-se uma ruma de volumes da legislação que deviam ser abertos e consultados em muitos e muitos lugares, marcados com tirazinhas de papel anotadas.

Procedeu-se à votação, correu o escrutínio secreto, e foram cuidadosamente contadas e recolhidas as cédulas. Antes da apuração, suscitou-se uma questão de ordem levantada por um major adido barulhento e amigo do ex-agente, e só depois de réplica e tréplica é que se passou à leitura.

Como em tudo quanto se prende a eleições, tão apreciadas do gênio brasileiro, era vivíssimo o interesse. De pescoço teso, cada qual marcava num papel à parte o número de votos dos dois litigantes, e mais se acentuavam a agitação e a curiosidade, à medida que as probabilidades de ganho ou perda se equilibravam e as cédulas diminuía.

Afinal só restavam duas que ler para dar definitiva vitória ou empate formal, quando novamente se levantou o major adido e bulhento que, com assentimento do comandante, armou uma dúvida, a qual não tinha cabimento algum, ou melhor, nem pés nem cabeça. Pitaluga começou a citar Avisos; uns davam apartes estrepitosos; outros pediam silêncio; era enfim tudo confusão e anarquia, que o presidente do conselho muito de propósito não se dava pressa em reprimir.

Dizem que foram então abertas as cédulas, recaindo os dois votos últimos no antagonista do alferes Estulano, derrotando-o assim galhardamente; o que é certo, porém, é que o comandante de repente suspendeu a sessão por turbulenta e, contra enérgicos protestos de muitos, marcou nova reunião para daí a oito dias.

#### IV

Com a arbitrária decisão do comandante, tomou a questão vulto um tanto sério. Havia grande agitação na oficialidade, e discutiam-se os meios mais próprios para tornar conhecido o procedimento violento que havia nulificado uma eleição regularmente encaminhada. Voltaram-se logo todas as vistas para Pitaluga que, compreendendo a gravidade da situação e apesar de intimamente lisonjeado daquelas provas de confiança, não deixava de sentir-se alguma coisa sobressaltado. Entretanto esboçava já uma representação e corria pelo quartel que dali havia de sair um trabalho monumental.

Como homem prudente que era, aconselhava aos exaltados muita calma e, fiado no resultado do novo conselho, acreditava que tudo ficaria sanado com a derrota decisiva da candidatura Estulano.

Alguns companheiros mais descrentes ou atilados começaram, porém, embora sem razão positiva, a recear que as contínuas advertências do major fiscal, e repetidas conferências com o comandante, abalasses a resolução do capitão da 6ª Companhia Peregrino, vulgo *Pêlo molhado*, homem fracalhão e muito medroso de comprometimentos, mas avoadado<sup>75</sup> e cheio de repentés.

Findo o prazo de oito dias, deram-se as mesmas formalidades e, reunido o conselho, chegou-se ao mesmo resultado de empate dos pretendentes, antes da apuração das duas

---

<sup>74</sup> Negócio desonesto em que se tiram proveitos. (N.A.)

<sup>75</sup> Estonteado. (N.A.)

últimas cédulas. Imaginem-se a ansiedade e a inquietação daquelas encontradas opiniões; alguns suavam frio.

O secretário leu um nome: era o do alferes Estulano. Os membros do partido contrário trocaram rápidos olhares — a estatística começava a falhar: segundo nome, ainda Estulano.

Fez-se aí um grande silêncio. O comandante declarou em voz alta eleito o mais votado e, depois de outras providências sem importância, encerrou os trabalhos do conselho econômico, retirando-se com um sorriso de triunfo nos lábios.

Mal voltara as costas, rompeu a indignação que o desfecho da eleição comprimira, dando-se violentas altercações entre diversos oficiais. O agente novamente empossado do cobiçado lugar não ocultava o seu orgulho e, teimoso e malcriado como era, foi provocando barulho com alguns dos seus desafeiçoados. Disse tanto despropósito e portou-se tão inconvenientemente que o capitão da 6<sup>a</sup>, vulgo *Pêlo molhado*, declarou-se arrependido de ter votado por ele.

Apesar da quase certeza do modo por que se portaria o Peregrino, aquelas palavras causaram sensação. Rodearam o homem que, levado por um de seus repentes, contou tintim por tintim a maneira por que lhe haviam arrancado o voto e de mais um seu sobrinho sugestões, promessas e peditório, nada de muito grave na essência, mas enfim a intervenção menos leal do comandante patenteava-se sem véus nem rebuço, tanto mais quanto o medroso de compromettimentos, impelido por um desses ímpetos de coragem próprios dos poltrões, dizia-se pronto para exarar por escrito tudo quanto acabara de contar.

O alferes Estulano viu que se tinha excedido; safou-se depressa, e os demais oficiais, conversando ruidosamente acerca dos curiosos incidentes daquele notável dia, retiraram-se do quartel para à noite se reunirem, menos o *Pêlo molhado*, em casa do capitão Pitaluga. Convinha, de fato, concertar no modo de tornar efetivo e eficaz o protesto contra a interferência do presidente nas decisões últimas do conselho econômico, invalidando resultados legais e manifestos, para produzir efeitos obtidos por meios pouco dignos e reprovados.

Como são proibidas no foro militar as queixas coletivas, devia alguém assumir a responsabilidade de acusar o comandante, assinando sozinho o libelo denunciador.

Muito naturalmente e sem discrepância caiu sobre os ombros de Pitaluga esse honroso encargo, ficando ainda incumbido da redação do tal documento e da exibição das provas deponentes, missão sem dúvida grata à sua índole, ocasião incontestável de chamar sobre si e sobre o seu saber a atenção pública, mas também espinhosa tarefa que poderia e deveria acarretar-lhe numerosos incômodos de variada natureza.

Durante muitos dias vacilou Pitaluga entre essas considerações, mas pensando bem os prós e contras, lembrando-se de que afinal o chefe de um corpo tem, como lá dizem, a faca e o queijo nas mãos por meio das notas semestrais e que provavelmente qualquer solução prejudicaria ainda mais a sua célebre promoção a major, deu de mão às instigações da vaidade e, procurando um por um os seus colegas, desculpou-se por não poder dar cumprimento à incumbência, principalmente pela dificuldade de conseguir documentos que comprovassem os hábitos prevaricadores do agente eleito pela cabala e imposição do comandante.

Este, dissipada aquela tormenta, teve o espírito de não se mostrar sabedor de coisa alguma e nas informações do semestre teceu ao capitão Pitaluga pomposos elogios, fazendo especial menção de suas habilitações extraordinárias e da vocação para a carreira das armas, de que dava diárias provas.

Nem por isso saiu ainda naquele ano promovido a major o tão gabado oficial.

## V

Por esse tempo mais ou menos arrebentou a guerra do Paraguai, e o batalhão teve ordem de marchar para o sul da província de Mato Grosso. Seguia de Minas Gerais, São Paulo ou Goiás, não vem a pêlo saber com exatidão.

A viagem em todo caso foi longa, mais do que era de prever.

O major gritava noite e dia como um possesso. Quando chegava ao pouso, recomeçava com o berreiro que durante a marcha não cessara de fazer, tudo porém em pura perda, pois lhe conheciam a balda e o gênio, e já ninguém dava importância às intermináveis imprecações.

O capitão Pitaluga ia pacificamente montado num burrinho, deixando-se levar pela corrente dos acontecimentos e calculando quanto tempo ainda o obrigaria a sorte a essa vida errante, longe do sossego da sua casa e do remanso da querida família.

— O Sr. está hoje muito pensativo — disse-lhe um dia o major Fonseca, passando por perto dele numa de suas idas e vindas desde a guarda da frente até a extrema retaguarda.

— E o Sr. muito *aforismado*<sup>76</sup>.

— Ora tudo anda tão mal!... Não fosse eu!... O comandante depois que pediu reforma não vê nada... Mas no que vai pensando?

— Numa coisa muito simples... É que houve inconvenientes em acabar com os dias certos de promoção. Antes de 1863, sabia-se que a 14 de março ou a 2 de dezembro saíam as listas, mas o Sr. Conselheiro Mello...

— A lei foi do Mello?

— Sim, Sr.; Decreto n. 3168 de 29 de outubro de 1863, modificado hoje em parte pela Resolução de 22 de dezembro de 1865.

— Creio que está equivocado... Em 1863 o Mello não...

— Pelo amor de Deus... Nem discuto... Hoje se faz, como sempre se fez, uma promoção geral dentro do ano, a diferença é que o oficial não pode ter base certa para seus cálculos.

— Repare, porém, que a lei não é do Mello... Tenho toda a certeza, tanto assim que...

E, interrompendo o que ia dizer, atirou-se quase do cavalo abaixo sobre um soldado:

— Não jogue a arma no chão, camarada — bradou ele logo fulvo de raiva — isto é do Estado!

— Eu não joguei, Sr. major — contestou a praça com mau modo.

Fonseca ficou rubro que nem uma pimenta malagueta.

— Sr. capitão... prenda este homem... prenda-o já... Faltou-me ao respeito... Soldado, eu te enforco!... Sr. capitão, a culpa é sua... a companhia anda insubordinada.

E, esporeando a cavalgadura, no meio de muita gritaria ia, vinha e girava como um furioso.

Pitaluga interveio.

— Cabo — ordenou ele a um inferior — leve o 24 para a guarda da frente.

— Leve, leve — urrou o major. Está preso à minha ordem... à ordem do comandante!

— Mas eu não fiz nada — protestou o soldado.

— Calado! — disse o cabo com imposição — em frente ordinário, marche!

E lá se foram os dois.

— Então — perguntou, depois de algum silêncio, Pitaluga ao major que estava ainda fora de si — que diz o Sr.?

---

<sup>76</sup> Atrapalhado por excesso de serviço. (N.A.)

— Digo que a sua companhia não vai boa... Soldados assim *alçados*<sup>77</sup> constituem um verdadeiro perigo...

— Não falo disso... Falo na lei do Mello...

— Mas se contesto...

— Seja ou não, acha que estou major antes de entrarmos em Mato Grosso?

— Oh! se acho... A propósito, ao chegar ao pouso, mande soltar aquele praça, ouviu? Gosto de sustentar a disciplina, ser até severo, mas não quero também *massacrar* os pobres soldados, já tão carregados de trabalhos e misérias.

Depois de reunidas no Coxim as forças que deviam operar no sul da província de Mato Grosso, passaram-se alguns meses sem que se recebessem cartas da Corte, nem direta, nem indiretamente.

— A esta hora — pensava Pitaluga a todo instante — estou com certeza major. Maldito sertão! Se tivéssemos pelo menos o *Correio de Goiás*!

Afinal num belo dia chegou a mala.

Trazia notícias atrasadas e entre essas uma promoção monstro nas armas arregimentadas, sendo todas as vagas preenchidas por atos de bravura praticados em combate, por ocasião dos dias 16 e 17 de abril, 2 e 24 de maio de 1866. Eram ainda mais confirmados os postos dados no campo de ação pelo comandante em chefe do exército, de modo que Pitaluga recebia de chofre uma avalanche de preterições.

Aí saiu da calma habitual.

— Mas isto é uma iniquidade! — exclamou ele no auge do furor. — Que culpa tenho eu que me mandassem para estes ermos em que só temos que lutar com febres e sezões?!

— Culpa decerto não tem — ia concordando Fonseca — mas...

— Mas o quê?... E a lei?... Então não temos mais regímen? O princípio de antigüidade é sagrado... Nada... hei de proceder com energia... Há o precedente do Cantuária com o Cunha Matos... Leia a consulta do Conselho de Estado...

— Mas o Abaeté...

— Qual Abaeté... nem meio Abaeté... Levo as coisas ao último extremo... Apelarei para o corpo legislativo... Tomar cangalhas como sendeiro velho e que querem inutilizar debaixo do peso... Desaforos não aturo, Sr. major... É demais! Estou servindo a uma nação que não conhece o que é justiça. Não aturo! Não, mil vezes, não!

Fonseca, vendo a exaltação do homem, julgou dever tentar acalmá-lo.

— É preciso ter paciência... Eu também...

— Ora, o Sr. é dos tais para quem foi feito o merecimento... é menino bonito... tomou águas de batismo... eu não, sou mouro, sou judeu, sou excomungado, sou o diabo.

Seguiu-se um barulho tal que retumbavam os gritos longe.

O major grasnia como um perdido.

— É preciso ver com quem fala!

— Lá me importa!... Não tenho mais paciência para aturar o Sr., o governo, os homens!... É uma infâmia!...

— Veja que... sou major...

— Seja até imperador da China!... Filho do sol e neto da lua!...

— Está preso, Sr. capitão, está preso!

O outro replicava no mesmo tom e zombava da prisão.

Os soldados que passavam por perto do ranchinho de palha em que disputavam os dois riam-se maliciosamente.

— O *bate-barbas* está hoje feio — observou um.

---

<sup>77</sup> Altaneiros.(N.A.)

— Ora — disse outro — daqui a pouco estão tomando café juntos.

Não foi café o elemento conciliador, mas uma cuia de infusão de *congonha do campo* açucarada.

No correio próximo seguiu a reclamação do capitão Pitaluga em dez laudas de papel holandês, todas cheias de uma letra miúda que só lê-las consumia a paciência de qualquer cristão desocupado, quanto mais a de um ministro atarefado com centenas de assuntos da mais instante e transcendente importância e elevação.

Ia pomposamente informada.

## VI

Contar por miúdo as decepções por que passou durante os cinco anos da campanha do Paraguai o capitão Pitaluga fora um nunca acabar. Basta dizer que se davam a cada chegada de correio. Todas as promoções referiam-se tão somente ao exército que operava no território da República do Paraguai, e as forças do Mato Grosso, quer em luta no sul da província e fazendo prodígios de valor e de constância, hoje conhecidos do mundo inteiro, quer estacionadas em Cuiabá, ficavam à margem até nas listas de prêmios honoríficos e condecorações.

Pitaluga entrou em fogo com certa galhardia, ainda que abstrato e indiferente; curtiu sem queixumes os horrores da Retirada da Laguna, caminhando descalço e rompendo com os pés a trilha dolorosa que o destino impôs àquele punhado de valentes brasileiros como meio único de salvação; chegou ao rio Aquidauana depois de perder tudo quanto possuía, menos o célebre almanaque; foi mandado para Cuiabá com os esfrangalhados restos da coluna; caminhou mais uma centena de léguas, sempre, porém, capitão; capitão como fora, capitão como devia morrer.

Uma só esperança lhe restava: era ver terminada aquela longa e penosa guerra, para fazer valer o seu direito de antigüidade, sempre de pé.

— Promovam quanto quiserem, não me tiram do número 2. Voltem as coisas ao estado normal e imediatamente eu e fulano — o teimoso n. 1 dos capitães — havemos de ter o acesso que, há tantos anos, nos sonegam. Quanto à antigüidade que temos perdido, veremos... hei de reclamar... É uma questão da maior importância. Há de ser consultado o conselho de Estado... teremos barulho grosso...

*Desejos sempre vão; reais só dores!*

Terminou a guerra; desapareceu da face da terra o perverso que a alentava; regressaram os batalhões ao seio da pátria; emergiu a doce paz das densas sombras da luta e da destruição: entraram todas as coisas em seus eixos, mas, oh! fatalidade, surgiu ao mesmo tempo para o pobre do capitão esse monte Nebo, que tantos nesta vida de decepções e amarguras têm de galgar para tão somente de longe contemplarem a realização de suas mais ardentes e justas esperanças!

Querendo o governo solver as dificuldades que para a regularização do serviço tinham introduzido os muitos postos de comissão dados durante a campanha com caráter temporário, pedira e obtivera do corpo legislativo autorização para serem todos os oficiais, comissionados com posto imediatamente superior, considerados como graduados em seus respectivos quadros. A lei trouxe a data de 6 de outubro de 1870.

Assim de chofre caiu sobre Pitaluga uma carga tal de cangalhas e caronas que ele, precipitado do número 2 em que se alcandorava ainda com certo orgulho exigindo justiça, foi, pisado e magoado, rolando todos os degraus da escala até um ponto, onde a decantada antigüidade tomava visos de verdadeiro escárnio.

Tão fundo e imprevisto golpe trouxe por fim o desânimo.

Incontinente e sem barulho pediu Pitaluga mui laconicamente sua reforma, inspecionou-se de saúde e, tendo conseguido voltar para Goiás a fim de esperar aí deferimento da sua última petição ao governo, recebeu sem mais abalo nem comoção a notícia de que não pertencia mais à parte ativa do exército.

Podia enfim descansar rodeado da idolatrada família, fazendo embora amargas reflexões, não tanto sobre a injustiça e a inseqüência dos homens, como sobre o caiporismo que o acompanhara em todas as fases de sua obscura existência.

Nem sequer pôs mãos ao trabalho que destinava para a vida de reformado. – *O índice cronológico da Legislação Militar*. Minado pelo aborrecimento, arrastou os dias enfadonhamente até que foi chamado por Deus a prestar-Lhe contas e perante o Qual é de crer narrasse pela última vez a história da falhada promoção ao suspirado posto efetivo de major do exército brasileiro.

## UM DIA DE PAIXÃO

Caro Sylvio,

Queres então por escrito aquilo que, entre boas fumaças de puro havana, te contei numa noite de esplêndido luar e em horas de confiança? Obedeço-te, mas sê cauteloso e sobretudo severo na correção das linhas que te envio e atende bem que, entregando-te estas ligeiras páginas, procuro tão somente satisfazer um capricho de amigo. Militar como sou e muito ocupado com a carreira que para mim começa e abracei por vocação, atreito ainda mais a certa ordem de leituras e estudos positivos e áridos que me consumiram — talvez sem nenhum proveito para a vida prática — bons pares de anos, não posso decerto manejar a língua com essa leveza de estilo que comportava o caso, esse apuro gracioso, essa correção de frase, esse acabado de forma, esse esmero, enfim, sem o qual ninguém deveria saltar, de viseira alçada, na arena da publicidade, como cavaleiro que ganhou legitimamente as suas esporas de ouro.

Sem mais explicações, porém, enceto o meu conto, a que não acrescentarei o mínimo ponto. Dando-lhe, contudo, a importância de um mero *post-scriptum*, consente que antes me assine.

Teu amigo  
Eugênio de Mello  
Capitão de artilharia.

Recife, 10 de maio de 1875.

## I

Calmo, fundo, largo e de límpidas águas era o rio; por entre verdejantes margens corria o vapor, ora quase a roçar as franças das árvores, ora bem no meio da corrente; o dia, a princípio nublado, fora destoucando-se das brumas da manhã e resplendia viva e alegremente; a brisa soprava fresca e contínua; reuniam-se numa palavra todas as condições precisas a fim de que a bordo reinasse sincera satisfação e daí cordiais disposições entre os passageiros para imediata e recíproca harmonia.

A viagem devia durar um dia.

Em 24 horas iam prender-se relações, iam formar-se simpatias, inclinações, conhecimentos que deviam durar a vida dos efêmeros bichinhos de que nos fala a mimosa fábula de Lessing.

Embora!... Convinha tanto mais não perder tempo.

Lancei os olhos em torno de mim.

O convés estava abarrotado de caixotes e volumes, e, trepados em cima deles mais ou menos grotescamente, conversavam já com animação vários viajantes, uns logo a cômodo e, contra a expressa regra inglesa, de chinelas de tapete e paletó branco, outros, mais cerimoniosa ou convenientemente, de sobrecasaca preta e até chapéu alto.

Senti de pronto que ali não era o meu centro de atração. Fiz então como a maçã de Newton e... fui cair num grupo de moças.

Formosas, na verdade, desembaraçadas, espirituosas e de ótima sociedade.

Havia... havia uma bela menina de olhos negros, nariz aquilino, boca breve e cabelos bastos. Solteira e com 18 anos mais ou menos. Cabeça altiva, condenada já por sentença do coração ou conveniências de família — não averigüei este ponto — ao pesado jugo do matrimônio.

Havia uma loura... que loura! De 28 a 30, ou talvez 35 primaveras. Casada e sem filhos; tinha um modo de olhar todo seu e — sinceramente — perigoso para quem busca viajar por este imenso e inquieto mundo, sossegado com a sua consciência e de acordo com o nono mandamento da lei de Deus.

Havia duas lindas morenas, entre menina e moça. Coravam a todo instante de acanhadas, mas às vezes fitavam a gente como mulheres feitas. Encantadoras borboletas há pouco saídas da crisálida, mas com as cambiantes asas demasiado débeis para desprenderem com segurança o caprichoso vôo.

Passando por alto outros dois interessantes tipos, com grata surpresa se me deparou essa graciosa viuvinha de quem tanto se falara na cidade de onde saíramos; viuvinha de 25 anos quando muito, arrebatadora, mas... inconsolável.

Perdera, já tempos atrás, um marido como, parece, não se encontra segundo, pelo que trajava sempre vestidos de cor mais ou menos sombria que, denunciando as tendências melancólicas de seu espírito depois da irreparável perda, lhe assentavam, contudo, como uma luva, fazendo valer a graça, o donaire de seu esbelto corpo e as elegantes curvas do colo e bem torneadas espáduas.

Que quebrar de olhos tão lânguido, tão insinuante! De minuto a minuto como que se acendiam chamas entre aquelas cansadas pálpebras! Parecia entrever a sombra do chorado esposo e dardejava-lhe então um olhar repassado de amor e loucas promessas, estivesse quem estivesse entre ela e seu impalpável objetivo.

Sem razão especial, foi por essa que me senti mais atraído. No dia seguinte tinha de deixá-la, que tomar rumo oposto, seguir para o Rio de Janeiro, sulcar as ondas do oceano, ao passo que uma cidade do interior da província era o fim de sua viagem; no dia seguinte tinha

que vê-la, quem sabe, pela última vez... mas em vinte e quatro horas bem se podem reunir elementos de suave e inocente recordação para muitos e muitos anos.

Dáí a pouco conversávamos todos como conhecidos velhos; isto é, peguei a palavra e pus-me a falar, se não espirituosamente, pelo menos com extraordinária volubilidade, sobre tudo quanto me passava pela cachola um tanto exaltada. Toquei nos mais variados assuntos: bailes, guerra do Paraguai, teatros, modas, romances, livros profanos e de piedade; critiquei aqueles senhores e senhoras que ambos devíamos conhecer, verificando previamente com jeito se havia ou não algum parentesco; descrevi uns episódios patéticos da campanha última; narrei outros jocosos; fiz rir louras, morenas, casadas e viúvas; contei proezas que nunca sonhei praticar e — com certa dor de consciência — cortei largo no rol das aventuras, viagens, contratemplos, e coincidências.

Vencidos — graças ao meu desembaraço — os primeiros óbices do constrangimento, estabeleceu-se entre nós invejável intimidade. Cada qual, menina ou moça, trouxe à baila o seu caso; disse sua palavrinha; emitiu seu juízo mais ou menos certo, mais ou menos justo, mais ou menos malicioso e maldoso sobre fulano e sicrano, simples conhecidos ou até amigos de infância.

E as horas voavam deliciosas!

Do nosso elegante círculo fora eliminado o sexo feio. Perdoem... havia um único representante: era eu.

Achava-me tão enlevado, tão feliz, que não quisera dar preferência a esta mais do que àquela, mas o destino ou o acaso ou o que quer que era, impelia-me para uma determinada direção, e, como sabem, nem a Júpiter, nem ao menos Júpiter, pai dos deuses e dos homens, era dado resistir aos ditames irretratáveis do fado.

Pois não é que a viuvinha lembrou-se de me interpelar direta e positivamente, fazendo com sua voz insinuante, cristalina e musical penetrar em meu coração, de seu natural predisposto — em boa hora o confesso — o orgulho mais insano e descomedido?

— Se não fora o Sr. — disse-me ela com um sorriso encantador de faceirice e sinceridade e compendiando num relancear de olhos a gratidão coletiva que queria expressar — se não fora a sua animação e amabilidade, estas horas ter-nos-iam sido bem penosas.

E todas concordaram com um murmúrio de vozes suave como a brisa a sussurrar entre os folíolos das casuarinas.

Levei a mão ao peito. Não posso afiançar se a posição não tinha o seu quê de ridículo.

Em todo caso balbuciei, corando talvez um pouquinho.

— Que direi eu então?

E inclinando-me para quem me fizera o elogio, acrescentei baixinho, mas com expressão:

— Assim iria ao fim do mundo e ao paraíso!

Como moça de espírito, compreendeu de pronto que meu voto intencional era eliminar radicalmente a companhia, apesar dos seus encantos, e encetar sem detença um dueto que nos levasse serenamente aos confins da terra, antes de penetrarmos no eterno e divinal Éden!

— Lisonjeiro! — acentuou ela encrespando ligeiramente os róseos lábios — e, como que respondendo a uma pergunta íntima, um tanto demoradamente me examinou dos pés à cabeça.

Não sou feio e até tenho pretensões a elegante, mas, cumpre declarar, para todo homem é sério esse momento, máxime nas circunstâncias em que eu me achava. Quantas vezes esbarra um Adônis, um Antínoo, onde outro muitíssimo menos ou em nada favorecido da natureza, lá por um palpite, um capricho ou uma futilidade, encontra estrada franca para ir ter ao rendido coração!

Não sou alto, nem baixo; mais magro do que gordo: tenho 27 anos, bons dentes, olhos pretos bastante vivos; inclinação de espírito algum tanto folgazona; cabelos negros, lisos, quase acabocados; tez morena, nenhuma barba, bigode bem arqueado e um ar de santinho que às vezes sei com algum proveito adaptar às ocasiões.

Ia-me esquecendo: a farda de artilharia assenta-me bem, fazendo valer a cintura que é fina.

Não se pode ser mais puerilmente fátuo, não achas, Silvio? Mas estou contando *tintim por tintim* o que me sucedeu, o que pensei, o que fiz naquele dia memorável e não me é dado deixar de lado circunstância alguma que justifique a precipitação com que caminharam os acontecimentos de ordem, quer moral, quer física.

Quem, um tanto conhecedor das coisas deste mundo, ignora que um pé bem talhado, uma mãozinha mimosa, uma cintura delgada, um sinal de nascença, um defeito até, em certos casos críticos, valem mais do que centenas de argumentos concatenados pela hermenêutica mais cuidadosa e cerrada?...

Continuemos, porém.

Com esse arzinho modesto, a que me referi e que me diz bem, sujeitava-me eu alguma coisa acanhado ao meticuloso exame, quando ao grupo se achegou alguém que naquelas vinte e quatro horas podia de todos nós merecer o tratamento de amigo e amigo íntimo.

— Não sabem, minhas senhoras? — exclamou ele com modos de quem ia dar uma notícia do mais subido alcance. — O Sr. Capitão toca muito bem piano, e aqui a bordo temos um instrumento menos mal.

Oh! um capitão tocando piano! A novidade causou verdadeira sensação. Ainda se fora um bacharel em ciências jurídicas e sociais, vá feito; eles podem e sabem fazer tudo à perfeição, invadindo todas as especialidades, todas as atribuições, todas as esferas, decidindo e discutindo todos os assuntos de qualquer espécie e natureza que seja, dominando tudo do alto de sua sapiência ilimitada e quase sempre infusa, tudo dirigindo desde os mais árduos e intrincados negócios do Estado até o *cotillon* das salas, mas um oficial do Exército... *rara avis!*

Apesar dos protestos, negaças, desculpas e relutância, achei-me, daí a minutos, sentado diante de um Pleyel<sup>78</sup> bem sofrível.

A viuvinha declarou-se louca por música; cantara outrora romances sentimentais, mas desde o falecimento do esposo nunca mais soltara uma nota. Fechara a garganta aos ímpetos do peito.

— E Adélia tem uma linda voz — anunciou-me a loura.

— Se me fora dado ouvi-la! — exclamei com imenso lirismo.

Quando preludiei em surdina, como pássaro que experimenta e afina a laringe, vi que empalidecia ligeiramente.

— O Sr. — observou ela — é um *maestro*.

*Maestro* ou não, percebi que o instante era decisivo. Invocando Anfion<sup>79</sup> a fim de comover os corações pétreos que por ali houvesse, ataquei com resolução uma fantasia sobre não sei que tema de ópera — meio improvisado, meio plágio. A coisa era em lá bemol e levava endereço direto à viuvinha.

Depois de uma sucessão de acordes que procuravam, com a possível discrição, saber se a lembrança arraigada do defunto não permitiria nunca, nunca, a insinuação de um

---

<sup>78</sup> É uma marca de pianos franceses e de outros instrumentos musicais, fundada por Ignace Pleyel.

<sup>79</sup> Dotado de talento para a música, Anfion recebeu uma lira de Apolo. Ao som dessa lira, construiu depois a muralha de Tebas; as pedras iam-se colocando umas sobre as outras, sem qualquer esforço. [http://www.geocities.com/joacabraldemeloneto/fabulas\\_de\\_anfion.htm](http://www.geocities.com/joacabraldemeloneto/fabulas_de_anfion.htm)

sentimentozinho pequenino, pequenino com a unha rosada do dedo mínimo da fada Titânia<sup>80</sup>, pintei-lhe nas largas frases de um dueto em adágio, que pertencia a Donizetti e à inspiração do momento, a felicidade da convivência de duas almas criadas para se entenderem. Abusando do assunto e exprimindo as inquietações de um seio ávido de amor, terminei num pianíssimo<sup>81</sup> vaporoso.

Calorosas palmas cobriram os últimos sons da minha súplica.

— Ela, mais do que ninguém, mostrava-se enlevada, arrebatada.

— Pelo amor de Deus — implorou com entusiasmo — não se levante. Toque mais, toque tudo quanto souber. Ouvi-lo-emos extasiadas e gratas.

— É verdade — confirmou unísono o coro feminino.

De posse novamente do teclado, perguntei por meio de altivas cromáticas se era intenção sua inabalável não render mais culto à paixão, rebelar-se contra o influxo do mitológico Cupido.

— E com que direito? — interrogou sombrio um repentino ponto de órgão. — Porventura a sombra de um marido enterrado há tantos anos, pasto de vermes, eco morto, esvaído — grupetos<sup>82</sup> irônicos — porventura essa reminiscência anacrônica, importuna, impertinente, devia aniquilar tudo, mocidade, inteligência, beleza, fogo, esperanças de futuro, fé no porvir, alegria e felicidade?

Não, decerto!...

Vi perfeitamente que, se o espírito do tal cidadão viesse naquela ocasião pairar por ali, teria cruéis e inesperadas decepções.

A viuvinha não pensava senão em si. Isto é, concentrada, abalada, nervosa, procurava indagar o que sentia e, indecisa, não encontrava explicação que lhe agradasse à turbada mente.

Antes que achasse, levantei-me do banco do piano. Era acolchoado, e o calor aconselhava de preferência uma simples cadeirinha de palha.

## II

À mesa do jantar, aplicando algumas regras de tática elementar, achei-me colocado junto dela.

Na impossibilidade de continuar a manifestar por música o veemente sentimento que em mim surgira, procurei com ousadia a pontinha do pé da bela vizinha.

Encontrei-o inerte, quase inflexível.

— Por que tanta frieza? — perguntou minha botina Meliés com timidez e fazendo um lento movimento retrógrado.

Silêncio completo.

Depois de nova e menos dúbia investida, apresentando a interrogação sob diversas faces, respondeu com acanhamento e dúvida:

— Ora... comprometer-me!... E quem é o Sr.?... Daqui a pouco temos que nos separar!...

— Mas — replicou o Meliés com o fogo de que é capaz um couro curtido e engraxado — se eu chegasse a ganhar um cantinho... do seu coração... seria... para toda... a vida! Juro-lhe que deixo tudo... a viagem que levo... os instantes interesses... que me

<sup>80</sup> Titânia é a rainha das fadas e esposa de Oberon em *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare.

<sup>81</sup> Trecho musical executado muito suavemente, com pouquíssima sonoridade.

<sup>82</sup> Ornamento musical formado por dupla apojetura superior ou inferior.

chamam... arrisco conselho de guerra... tudo, enfim, para... segui-la até onde quiser arrastar-me!...

— Não — balbuciou o sapatinho — tenho medo... dos homens...

— Confie em mim...

— Logo o Sr.?... militar quer dizer volúvel!...

— Protesto — disse de pronto minha botina acentuando com energia essa reclamação, em nome de toda... a classe... e apelo para a verdade dos fatos...

— Deixe-me... deixe-me em paz — implorou o acetinado e gentil calçado.

E recolheu-se, sob as amplas dobras do vestido a buscar inviolável guarida.

À vista disto não tive remédio senão cuidar de jantar. Apesar da elevada temperatura e das circunstâncias que obrigavam a muito comedimento na ingestão alimentícia a bem da poesia, dei conta cabal de tudo quanto me puseram no prato e... não foram asas de passarinho.

De seu lado não se conservavam inativas as mimosas mandíbulas de minhas companheiras e, como felizmente já passou de moda aparentarem as moças inapetência e dispepsias, mais subiram no meu conceito.

Mal tomáramos café, que por sinal parecia ter sido preparado em cozinha inglesa, e a viuvinha pediu-me que voltasse ao piano.

— Só se ordenar — retruquei-lhe.

— A tanto não me atrevo — respondeu ela com faceirice.

— Pois de outro modo, ninguém e nada poderão levar-me a isso.

E principalmente em consideração à digestão que o abafado da sala tornava mais vagarosa e difícil, subi com elas todas ao convés, onde debaixo do toldo e apreciando a forte brisa que reinava, encaminhei a conversação para o variado campo da literatura.

Todas conheciam mais ou menos as letras, não João de Barros, Lucena, Frei Luiz de Souza, Goethe, Schiller, Corneille, Homero e Heródoto, mas em geral os romances franceses de Alexandre Dumas para cá. O autor predileto da inconsolável viuvinha era Otavio Feuillet e o livro de sua paixão — *O conde de Camors*. A loura, casada e sem filhos, declarou peremptoriamente que seu favorito era Balzac, o grande incomparável historiógrafo da *Comédia Social*.

Ora, nos meus primeiros anos de academia, nos intervalos que me deixavam o Lacroix, Bourdon, Regnault e Lefebure de Fourcy, eu consagrara-me à adoração desse escritor, de modo que devorara quase tudo quanto lhe saíra da fecunda e imaginosa pena. Não me achei, pois, como se diz, descalço e em rápida resenha mostrei de sobra que pisava em terreno conhecido.

— Não acha, Sr. capitão — perguntou-me languidamente a loira — que ele é sempre verdadeiro quando pinta a paixão?

— Não posso com segurança responder a V. Ex, porque Balzac muitas vezes falseia as situações com patentes exageros.

Pediram-me explicações dessa sentença um tanto metafísica.

— Vou exemplificar. No *Lírio do Vale*, uma das mais graciosas concepções daquele gênio — que gênio é — logo no primeiro encontro de dois jovens que deviam amar-se com inaudita violência, o mancebo, sem mais preâmbulos, esquecido de todas as considerações dá, em pleno baile, uma dentada no ombro decotado da mulher por quem sente inopinado amor. Acho o procedimento, além de muito inconveniente, bastante brutal.

E lançando significativo olhar para as nuas e nitentes espáduas de minha interlocutora:

— Não é que faltem tentações.

A loura corou como uma pitanga, mas replicou com valentia:

— Pois acho que o Sr. não tem razão. A paixão instantânea não calcula; é cega; nada vê; nada respeita. Faz como a labareda, devora, estraga, aniquila.

— Bravo! Bravo! — aplaudiram as outras. — Que animação!

A observação calou fundo e manifestou-se por novo e mais intenso rubor e por certo balbuciar.

— Isto é... não sei... deve ser assim. Acho decerto a ação censurável, mas debaixo do ponto de vista do romancista um tanto natural.

Decididamente aquele ombro deslumbrante de alvura, aquele ombro carnudo e roliço, deixar-se-ia criminosamente morder.

Nesse enlevo rápido como o pensamento, fiquei uns instantes calado.

— É que o Sr. capitão — observou a viuvinha — não acredita em paixões repentinas.

Virei-me rapidamente.

Posso deixar de crer em combustões espontâneas, nas trovoadas artificiais do Sr. Marques de Carvalho ou no espiritismo do Sr. Melo Moraes, mas não crer em paixões súbitas, eu vítima de uma das mais inopinadas e abrasadoras?

Prontamente protestei com o ardor de quem arreda de si uma calúnia e, deixando à margem e de uma vez o louro tipo que me inclinava a infringir — por pensamento — o nono mandamento, declarei-me capaz de ali mesmo, naquela hora, praticar as maiores loucuras por quem se parecesse com certa pessoa, cujo retrato coincidia exatamente com os sinais fisionômicos da senhora viuvinha.

Não sei como desse ponto em diante, fomos nos isolando, como se devêssemos dar começo ao célebre dueto, a que se referira a fantasia musical.

E música era sua voz velada, tão doce e suave, tão cadente como barcarola cantada nas lagunas de Veneza em noite de amortecido luar.

De seus cabelos, de seu flexível corpo emanava um perfume de violetas murchas que me inebriava.

Disse-lhe muita coisa, só faltou formal declaração de amor que me pairava nos lábios mas não ousei arriscar, ou a clássica genuflexão.

E o vapor corria, corria, batendo monotonamente as águas como gigantesco palmípede.

E a noite descera serena e fresca, desdobrando o cintilante e misterioso manto. Era noite de luar, mas o argênteo astro não emergira ainda do esperançoso oriente.

— Gentes! — observou ela de repente com familiaridade — não é que estamos sós no convés.

— Antes sós no mundo! — exclamei travando-lhe da mão com ousadia.

Ela puxou com certo vagar a destra e, deitando-me profundo olhar, disse-me esta única palavra:

— Desçamos.

Na verdade descemos.

Fui novamente para o piano e sem interrupção toquei até as 11 horas da noite.

Aí a loira declarou-se com uma pontinha de dor de cabeça, pediu licença para se recolher ao seu camarote, arrastou consigo as outras, e não tive senão despedir-me do amável e risonho grupo.

— Adeus, Sr. Eugênio — disse-me a viuvinha um tanto zombeteira — durma bem... a sono solto...

— Quer que sonhe com as Sras?... com V. Ex.?...

— Conosco, não; nós lhe proibimos positivamente... sonhe com a sua namorada...

— Ou suas namoradas — emendou a solteirinha em vésperas de casório. — Os Srs. nunca andam desprevenidos.

— Que maldade! — repliquei — e que injustiça!  
E todas foram dormir.

### III

Quando me achei deitado no meu beliche, estirado sobre um colchão de dois palmos e meio de largura, mas não muito duro, assaltaram-me dois sentimentos quase que igualmente fortes: um de extraordinário cansaço, como que um quebrantamento invencível de corpo e espírito; outro de desespero por ver findar um romance tão bem encetado.

Se eu me levantasse?... Se passasse a noite a rondar o vapor?... Quem sabe?...

Ah! mas a lassidão era tal que a cabeça a custo se desprendia do travesseiro, e mal podia o corpo tentar qualquer movimento.

Nessa dúvida, nessa vacilação que me aumentava de modo doloroso a fadiga, estive talvez meia hora.

Apelei afinal para toda a energia de que dispunha ainda, fiz um esforço ingente, pulei da cama e, vestindo-me com certo apuro, embora na escuridão por ter perdido a caixinha de fósforos, abri a porta do camarote.

Tudo jazia em trevas.

Esbarrei em meia dúzia de caixas, logo aos primeiros passos; quase que parti o nariz em um varão de ferro; pisei nas pernas de uns passageiros de 3ª classe que por ali dormiam e que rosaram surdamente umas pragas e queixumes; bati com a testa na quina de uma porta, mas enfim, depois de muitas apalpadelas e voltas, alcancei a escada de proa e subi ao convés.

Estava esplêndida a lua. Refletia-se num lado do rio, transmudando-o em deslumbrante lâmina de prata, ao passo que mergulhava a outra margem em fantástica escuridade.

Nas barrancas o arvoredado formava maciços compactos e sombrios, em cujo meio cintilava um ou outro galho, iluminado caprichosamente por vivíssimo raio de luz.

As rodas do vapor revolviam argênteos caixões de água, deixando de cada lado uma esteira brilhante que mais longe se confundiam e se adelgaçavam como um fio luminoso.

Quanta poesia em todo aquele conjunto!

Distante, bem longe, erguia-se o canto intervalado das aves ribeirinhas, e o ruído da máquina acordava na floresta adormecida ecos e sons estranhos.

Olhei para o lado de ré; vi um vulto e vulto de mulher!

Não podia ser senão a viuvinha.

Dizer que corri para ela fora fazer da realidade um sonho, pois, não sendo o convés unido, entre a proa e a popa abria-se larga solução de continuidade que talvez nem o pulo aéreo de Blondin<sup>83</sup> pudera transpor.

O que fiz foi, todo trêmulo, tornar a descer a escada, tornar a esbarrar em caixas, tornar a quebrar quase o nariz no varão de ferro e bater com a testa na tal porta, tornar a pisar nas pernas dos passageiros que novamente resmonearam surdamente e por fim atingir a escada de ré.

Subi devagar com o coração a bater como malho em bigorna. Parecia que o imprevisível músculo queria saltar-me do peito a fora e ir, voando, atirar-se aos pés da noturna visão.

---

<sup>83</sup> Acrobata francês, de nome Jean François Graveland, nascido em 1824, em St. Omer, França. Era um especialista em equilíbrio sobre cordas. Em 1859, com 35 anos, atravessou as cataratas do Niagara, nos Estados Unidos da América, servindo-se de uma corda suspensa sobre as quedas de água. Charles Blondin morreu em 1897, com 73 anos, em Londres. [http://www.infopedia.pt/\\$Charles%20Blondin](http://www.infopedia.pt/$Charles%20Blondin)

Quando cheguei acima, ela não se mexeu: estava encostada à amurada a seguir com os olhos o jogo do luar nas ondas que o vapor cavava.

Sem ser, pois, pressentido, achei-me ao seu lado, tão comovido, tão perturbado que mal pude articular-lhe o doce nome:

— Adélia!... Adélia!... murmurei.

E sem pensar em mais nada, caí mais acurvado que de joelhos e como se fora fulminado.

Largos minutos decorreram antes que ela voltasse da surpresa, mas então, de meus lábios ressecados pela emoção, brotou um fluxo de palavras apressadas e ardentes, como se fugissem de uma fornalha.

Se alguma vez fui e hei de ser eloqüente, foi naquela hora morta da noite em que tudo me inspirava. Como únicas testemunhas presenciais dessas loucas juras de amor — no céu, a silenciosa Febe<sup>84</sup>, que parecia contemplar-nos com risonha condescendência — no mundo e do outro lado do vapor, o comandante a caminhar gravemente no passadiço.

Vi que minha exaltação ia comunicando-se. Segundei os golpes; prometi cem vezes morrer e delirei, ardendo em febre.

Ela estava muda, queda e encarava-me com pasmo e terror.

Com o peito entumecido, presa às minhas palavras, embebia os olhares nos meus e estremecia de quando em quando, como tocada de centelha elétrica.

— Tu me perdes — balbuciava com voz sumida — tu me perdes, Eugênio!...

E assim ficamos horas.

Afinal, quando o pálido clarão da madrugada começou a esbater a cerúlea luz da lua e o oriente riscou-se de umas fitas róseas que aos poucos se foram mudando em purpurinas faixas, ela, Adélia, meu anjo adorado, minha vida, minha esperança, deixou pender a formosa fronte sobre o meu ombro e murmurou vencida:

— E eu... também te amo!

Então para nós dois desapareceu a natureza inteira. Eu e ela éramos o universo, éramos tudo! Aquele rio, aquelas matas, aquele vapor, aquele luar que morria, aquela aurora que nascia, tudo, tudo fundiu-se num paraíso eternal em que cada segundo valia uma vida inteira, cada minuto um século!

Quando irromperam os primeiros raios do sol e da floresta se ergueram mil alegres ruídos como cântico de exultação, acordamos daquele inefável torpor.

— Meu Deus — exclamou Adélia com desespero — que houve?... Estou perdida!... Que vai ser de mim?...

Tomei então suprema resolução.

— Tanta felicidade — disse no auge do arrebatamento — deve ser o ponto final de nossas duas existências. Fugamos, Adélia, deste mundo de perfídias!... Deus há de ter pena de nós.

E, apertando-a com delírio nos braços, atirei-me à corrente, que se abriu voraz para nos receber em seu fundo seio.

. . . . .

Surdo baque fez-se ouvir, e a âncora foi morder a vasa<sup>85</sup> do rio.

Abri com espanto os olhos.

---

<sup>84</sup> Assim como a Lua possui fases e se mostra sob diferentes formas, os gregos conceberam diversas deusas da Lua. Febe, chamada de "A mais bela entre as Titânides", era uma delas. Talvez a primeira deusa da Lua que os gregos conheceram.

<sup>85</sup> Espécie de lama, fina e inconsistente, característica de certos fundos oceânicos, constituída por carapaças microscópicas de animais ou de diatomáceas ou elementos minerais.

Estava em meu camarote.  
O sol raiava alto e havíamos chegado!  
Pulei do beliche furioso, furiosíssimo.  
— Então tudo foi sonho? Tudo, sonho!...  
E vesti-me às pressas com verdadeiro frenesi.  
Saí do camarote com o colarinho meio despregado, a gravata torta, o colete mal abotoado.  
Esbarrei com o comandante.  
— Onde estão as senhoras que vêm conosco a bordo? — perguntei-lhe com leviandade e precipitação que o fizeram sorrir.  
— As senhoras?  
— Sim, nossas companheiras de viagem...  
— Ui! já devem estar longe! Às 5 horas da manhã passou por nós o vapor de Paraguaçu para onde iam; fiz sinal que atracasse e em 20 minutos baldearam-se todos os passageiros que tinham aquele destino. Pois o Sr. não ouviu o barulho que fizeram?  
E vendo o ar com que fiquei, ar de acabrunhamento e estupefação, acrescentou:  
— Meu amigo, a culpa foi sua... Por que tem sono tão duro?  
Debaixo dessa formidável e irrespondível encrespação, desembarquei com a morte na alma.  
Malvado Morfeu<sup>86</sup>!  
Seja uma vez amaldiçoado quem da humanidade merece tanta gratidão, hinos contínuos de sonolento reconhecimento.  
Mas... deveras, devo amaldiçoá-lo?

---

<sup>86</sup> É o deus grego dos sonhos - tem a habilidade de assumir qualquer forma humana e aparecer nos sonhos das pessoas como se fosse a pessoa amada por aquele determinado indivíduo. Seu pai é o deus Hipnos, do sono. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Morfeu>

## O TIO HILÁRIO

Nunca tratastes porventura de perto com o nosso bom e chorado tio Hilário de Souza Candido?

Pois de veras foi pena.

Velho assim, tão prazenteiro e obsequioso, amigo de fazer bem, pronto para desculpar as faltas e defeitos dos outros, de uma condescendência levada aos últimos limites, meigo e sempre de bom humor, com as mãos cheias de presentes e os bolsos de balas e confeitos para as crianças, divertido e variado na conversação, muitas vezes chistoso e feliz nos seus ditos, tipo mais ameno, bondoso e atraente difícil é encontrar-se, sobretudo na sociedade atual, em que o desembaraço, a petulância e sem cerimônia da mocidade vão, com o cair dos anos, transformando-se em perene displicência, fundos desgostos e aniquiladora descrença.

Bastante acanhado, tímido até e esquivo com as pessoas a quem não conhecia bem, silencioso e retraído, mal se alargava o círculo da habitual convivência, tornava-se admirável de expansão e garrulice no meio dos íntimos e parentes, que incessantemente sentiam o doce influxo e os suaves efeitos do seu gênio excepcional. Inteligente, além disso, e não pouco lido, a ele devo, por minha parte, muito conhecimento importante em diversos ramos de ciência e literatura, colhido nas longas palestras que costumávamos ter quando a pé dávamos largos passeios pelos arrabaldes da nossa bela cidade natal, a capital da província de Santa Catarina.

Casado com a tia Lucinda, formosíssima moça em seu tempo e com quem fruiu durante 38 anos a mais completa e rara felicidade, vivera sempre de suas rendas, não quantiosas, mas suficientes para a modesta existência que aprouvera antes do mais ao seu espírito, se não concentrado, pelo menos inimigo decidido de toda ostentação.

Era, há mais de oito lustros, simples tenente reformado do exército, condecorado com o hábito do Cruzeiro e a medalha da campanha cisplatina, o que eu só soube depois de crescido, pois nunca me lembro tê-lo visto de farda ou ouvido tocar em assuntos de sua profissão, embora filho e neto de homens que, nas guerras do princípio deste século entre o Brasil e os países vizinhos, haviam chegado a postos elevados. Ora, como sempre tive mais ou menos inclinação para as armas, não me passou sem reparo, não só o fato daquela reforma em anos da mocidade, cortando súbito uma carreira que pudera ter sido brilhante, como também a tácita repulsão que manifestava por tudo quanto de perto ou de longe se prendia às coisas militares.

Uma vez feita comigo mesmo a observação, tratei com jeito de indagar qual a causa daquela antipatia em membro importante de uma família como a dele, em que eram tidas em alto apreço as profissões guerreiras, contando-se até entre os antepassados generais e almirantes, cujos retratos, a meio apagados pela ação do tempo, voltam-me ainda de vez em quando à memória, que os anos vão entibiando.

A princípio cautelosa, depois mais e mais insistente tornou-se a minha curiosidade, ao que com ar fino e bonacheirão sorria-se o bom do tio Hilário, até que um dia, julgando-me talvez já em idade de receber as confidências de um homem sério, com bastante sentimento e chiste me relatou a ligeira história que vou reproduzir, certo embora de que lhe tiro o principal encanto, despindo-a da linguagem ingênua e graciosa com que a revestira o estilo do singelo narrador.

## I

No ano de 1826 tinha o tio Hilário vinte e quatro anos feitos e na sociedade brasileira ocupava o posto, modesto sem dúvida mas cheio de promissoras esperanças, de alferes de um batalhão de infantaria ligeira estacionada na capital da província de Santa Catarina.

Filho da localidade, oriundo de uma família respeitada e que possuía alguma coisa de seu, encarreirado na vida, um tanto elegante de corpo e simpático de fisionomia, natural era que atraísse as vistas das moças do Desterro e fizesse pulsar mais de um coraçãozinho ansioso por achar a quem se render com armas e bagagens.

Um defeito, porém, e defeito de certa monta, embora remediável, impedia o completo desabrochar das qualidades, quer cívicas, quer guerreiras do nosso desejado alferes. Contra os estilos da profissão, sobretudo naquela época de mais ou menos preponderância militar, em que as espadas tiniam orgulhosas pelas calçadas de todas as cidades do Império, era ele de tal timidez, tão timorato e tolhido em seus modos e hábitos, que parecera haver sido educado entre as paredes de um convento de freiras.

Sem clausura, porém, nem tutela de santas mulheres, provinha tão singular acanhamento do sistema de educação travado de receios e carinhos, sobressaltos e retraimentos que recebera de sua mãe D. Felisberta, mulher do brigadeiro reformado Antonio de Souza Candido, bom velho decerto, mas com um fundo de caráter irritadiço e impaciente, que contrastava com a pachorra e a apatia habitual de sua esposa.

— Que quer fazer deste menino, Senhora? — bradava ele amiudadas vezes presenciando os cuidados meticulosos e miúdos com que rodeavam a infância do nosso futuro tio Hilário. — Está criando-o para trazer rabo de saia?... Com mil milhões de diabos!... Já lhe disse que ele há de ser militar!...

— Valei-me, minha Santíssima Mãe de Deus! — murmurava logo meio lacrimosa D. Felisberta. — E a guerra, Candido?

— Que tem a guerra?... Pois lá não fui tantas vezes?... Afianço-lhe que é coisa divertidíssima... Então a Senhora já se esqueceu das choradeiras com que costumava molhar os meus embarques?

— Por isso mesmo, Candido!... Quanto sofri!... Quanto tenho padecido!

— Mas não voltei sempre alegre e bem disposto?... Apesar do maldito reumatismo... não posso queixar-me...

— E se o menino não tiver vocação para a vida militar?...

— Não duvido... com o seu modo de criar rapazes... só para padre ou frade é que havia de servir... Pois se desengane... Da farda não escapa... Dê por onde quiser...

— Enfim — concluía D. Felisberta com um suspiro de profunda resignação — cumpra-se a vontade de Deus!

E à espera das determinações celestes, tratava, a poder de vigilância e impaciente solicitude, debelar os defluxos e catarrais que poderiam acometer o Hilariozinho, livrando-o a todo instante de correntezas de ar, ventos encanados e correspondências de portas e janelas, trancando-o no quarto dias inteiros, medicando-o em saúde, cercando-o enfim dessa rede de demasiadas e mal entendidas cautelas que os espíritos tacanhos costumam em sua medrosa afeição impor às crianças, empecendo-lhes muitas vezes o incremento e a evolução a que estavam destinados pelas forças íntimas do organismo.

Apesar desse regime de sujeição e constrangimentos, na idade de 15 anos, era Hilário um rapazinho, se não muito robusto, pelo menos de boa compleição e aspecto saudável.

— Que belo corte de cadete! — exclamava o brigadeiro contemplando o filho com tal ou qual orgulho. — Que diz, amigo Peres?

O amigo Peres da Silva era o comensal obrigado da casa e parceiro diário da indefectível partida de gamão. Reformado em tenente por ter perdido a perna direita no ataque de Cerro Largo dado pelo coronel Marques de Souza no ano de 1801, por ocasião da guerra entre a Espanha e Portugal, e vítima, portanto, na juventude, do embate das armas que tanto aterrava a imaginação de D. Felisberta, guardara dos gozos, encantos e esplendores da carreira militar e de suas campanhas do Sul, um entusiasmo repassado de exaltação e animadas saudades, que nem a perda de tão importante órgão de locomoção, nem os incômodos de uma perna de pau, a exigüidade de minguada pensão e o progredir dos anos haviam podido fazer descer de tom.

Como é natural, tinha por assunto predileto de conversa as coisas da antiga profissão e, por pouco que discordassem de suas opiniões, quase todas estrambóticas, zangava-se seriamente; acendia logo, deitando chispas, o olhar meio vesgo e empanado, colorindo-se-lhe o rosto habitualmente pálido e batia frenético no chão com a ponta da perna de pau. Era então de ver o chorrilho de generais que chamava à baila, misturando antigos e modernos, baralhando tudo, citando errado datas e episódios da vida de Napoleão que colhera em truncadas leituras, atribuindo a uns o que pertencia a outros, inventando façanhas que podiam no caso vertente confirmar suas teorias e asseverações, fazendo enfim uma salsada, inçada de reticências, bufidos e cortes de respiração.

Seu forte eram as campanhas travadas entre portugueses e espanhóis na zona cisplatina e, como fora testemunha presencial da última parte daquelas lutas, ainda hoje mal conhecidas e estudadas, falava dos chefes e cabos de guerra daqueles tempos como de amigos tão ilustres quanto íntimos.

— Oh! o Bobadela, que homem! Que grande general!... E o Veiga Cabral! Peuh! peuh! gente assim não se vê mais!... Conheci o Marques de Souza tenente-coronel... O Curado... aquele goiano de nascimento... pois o vi tenente... Depois mostrou-se um guerreiro de mão cheia... E o amigo Sr. Cevallos? ... Peuh! peuh! castelhano valente... D. Pedro Cevallos, almirante em terra e general no mar... Não, com mil demônios... é o contrário... não me perturbem!... Conheço aquela gente toda na pontinha dos dedos...

E por aí ia que era um nunca acabar.

Quando o brigadeiro por demais perguntou um dia sua opinião sobre a conveniência de destinar Hilário à vida militar, ele respondeu, inflamando-se logo:

— Que dúvida, meu general! Nem há outra carreira... peuh! peuh! para um homem de vergonha!... Caramba! como dizem os tais senhores de Castela... Ah! corja! se eu ainda pudesse, antes de morrer, disparar uma meia dúzia de pistolaços em vocês... Mas qual! os tempos estão mudados... Peuh! peuh! Hoje não há mais homens... Há coelhos... há lebres... Já desmaiam, quando sentem o cheiro de pólvora... E as injustiças?... O Napoleão não foi morrer numa ilha?... Não me contrariem, pelo amor de Deus!... A dignidade das nações tem baixado muito, como diz não sei quem... num livro que li há tempos... Agora... Peuh! peuh! quanto ao seu projeto, D. Felisberta, aplaudo-o com verdadeiro frenesi...

— Meu não, cruz! Meu nunca — protestou a digna senhora com horror e criando por amor ao filho forças para alçar a voz. — Caia a responsabilidade sobre quem deve cair!... Deus me livre! Santa Maria, minhas idéias eram outras... outras muito diferentes!...

— Vamos lá ver que tais eram — interrompeu o marido com ar de mofa.

D. Felisberta vacilou uns instantes; depois, atirando-se àquela espécie de luta, declarou com coragem:

— Cá por mim, mandava o pequeno para Coimbra...

— Para Coimbra, senhora?

— Para Coimbra? — repetiu o tenente com eco.

— Sim... decerto — confirmou a mãe balbuciando já e descorando.

— Mas fazer o quê? — perguntou Souza Candido com sincera curiosidade.  
— Estudar... boa dúvida!... Tornar-se um letrado... Então não é carreira a de licenciado... juiz de fora... ouvidor... e não sei mais o quê?  
Foram essas últimas palavras proferidas tão baixinho que difícil era ouvi-las.  
O brigadeiro reformado trocou um olhar rápido com o tenente Peres, um só; depois ambos a um tempo desataram numa tremenda gargalhada.  
— Meu filho bacharel!... O filho do militar!... O neto... o bisneto... o tataraneto do militar... Ora, Sra. Felisberta!...  
— O Hilário... bacharel! — gritava Peres entre bons frouxos de riso.  
E, enxugando os olhinhos úmidos de tanto rir, acrescentou:  
— A Sra. tem cada idéia! ... Fazer do leão... uma raposa!  
E os dois recommençaram a gostosa surriada que lançou a pobre da dona Felisberta na mais completa e justificada perturbação.

## II

Aquela cena, que da parte dos dois velhos companheiros terminara tão jocosamente, decidiu logo a sorte do jovem Hilário.

Na verdade, uma semana depois, apesar do estado de prostração em que caiu a mãe como protesto mudo mas veemente, foi ele jurar bandeiras, levado ao quartel do Campo Manejo pelo tenente Peres da Silva que, para dar mais realce e solenidade ao ato, escovara com especial cuidado sua velha farda, vestira umas calças brancas engomadas com apuro e pusera ao peito todas as condecorações e medalhas que atestavam os seus valiosos serviços de campanha.

O menino, desfeito e pálido, com as pálpebras cerradas e os ouvidos a lhe zunirem furiosamente, a custo retinha um mundo de lágrimas que lhe bailavam nos olhos. A tremer como varas verdes, estendeu a mão direita sobre os Santos Evangelhos, apertando convulsamente o cabo da bandeira nacional, enquanto lhe liam os tremendos e anacrônicos artigos do regulamento do conde reinante Schaumbourg de Lippe, repleto de mortes infamantes, arcabuzamentos e carrinho perpétuo.

Balbuciou um *juro* muito baixinho e saiu do quartel, trôpego e com a vista turva. Também quando se achou nos braços da mãe que, lavada em copioso pranto, o esperava à porta de casa, abriu os diques à comoção e chorou como um perdido, embora sem conhecimento exato dos motivos de tamanha desolação.

Em contraposição a tão claras demonstrações, o tenente Peres, ou pela condescendência natural, ou por ver tudo debaixo de seu ponto de vista exclusivo de entusiasmo militar, não se fartava de gabar a compostura, o garbo e o porte do novo cadete.

— Não tenha dúvida — dizia ele para o brigadeiro, que abanava a cabeça com ar de incredulidade — nasceu para isso, peuh! peuh! Também pudera... é o sangue que fala!... Deixem o sangue falar!... A esta hora o pobre rei de Roma não estaria definhando..., morrendo!... O filho do maior capitão do mundo, Sr. general! Olhe, quando assentei praça... ainda não se ouvia falar em Bonaparte... estava muito mais comovido que ele... o Hilário! Não imagina como jurou... voz boa... muito boa... E jurou sobre os Santos Evangelhos... isto lhe afianço... verifiquei eu mesmo... porque bem sabe, peuh! peuh! muitas vezes os cadetes e amanuenses... gente da pele!... trazem um livro à toa... um tomo de Moraes... ou qualquer alfarrábio velho e sujo!... Aqui o rapaz fraqueou um pouco... Não se lembra do grande

Corliano? — referia-se a Coriolano<sup>87</sup> — Influência da mulher... — O guerreiro, meu amigo, não deveria ter nem pai, nem mãe, nem filhos, nem irmãos, nem parentes próximos ou afastados... Assim é que eu penso e comigo os mestres da grande arte!... Peuh! peuh!.. Já me tarda vê-lo oficial, vê-lo em Toulon como Napoleão...

E, voltando-se para D. Felisberta, com involuntária ferocidade:

— Quero agora saber quem há de livrá-lo de guerras e campanhas!... A escola do homem... peuh! peuh!..

E dispondo do rapaz como se fora seu filho, representou-o, apesar dos olhares e gestos de terror da acabrunhada mãe, marchando ao seu aceno e incitamento para os campos das mais sanguinolentas refregas, onde ganhava, de fato, rápidos postos por atos reiterados de bravura, mas também recebia a torto e a direito enormes talhos na cara, lanças por todo o corpo, e tiros à queima-roupa que o varavam de lado a lado. Como merecida compensação de existência tão trabalhosa e acutilada, conseguiria, porém, a exemplo dos heróis da República Francesa, as dragonas e bordados de general com pasmosa celeridade.

— Meu filho, armazém de pancada!— gemia intervaladamente D. Felisberta. — Socorrei-me neste transe, Senhor Bom Jesus da Cana Verde... Livrai o menino desses horrores e matanças!... S. Miguel e S. Jorge... Meu Senhor tenente-coronel S. Antônio... defendei o pobrezinho de tantos e tão encarniçados inimigos!

A nada atendia o homem. Excitado muito pelo contrário com os sinais de comoção que inspirava pelo vigor da palavra, continuou a desdobrar ante as vistas lacrimosas de sua ouvinte, confusos painéis, salpicados, é certo, do sangue dos feridos e vencidos, mas também iluminados pelos arrebóis da vitória e da glória.

Se pôs afinal termo às sinistras e cintilantes descrições, foi porque o brigadeiro lhe bradou, como todos os dias e quase às mesmas horas, lhe bradava:

— Sr. Tenente... Desafio-o para um duelo de morte!... Ao gamão!

Ao que invariavelmente respondia Peres:

— É boa!... Sim, senhor, é boa!...

E dali a pouco, no meio das pragas, queixumes e gargalhadas do general e dos sonoros peuh! peuh! do velho mutilado, tiniam na tábua do jogo os tentos e dados tão alto que a boa distância se ouvia o estrondo da incruenta, mas disputada peleja.

### III

Acalmado aquele choque violento, voltaram as coisas à primitiva tranqüilidade, com a diferença que Hilário envergava a farda de 1º cadete nas raras vezes que saía à rua, acompanhado, já se sabe, do soldado reformado que servira, durante as lides da vida ativa, de fiel camarada ao brigadeiro graduado Souza Candido.

Dispensado de todo e qualquer serviço que não o de crescer para acudir em tempo aos reclamos da pátria, ficara arredado da convivência de quartel, cuja lembrança tantas noites de insônia causara à sua mãe.

— Assim o pequeno nunca há de desembaraçar-se — avisava de tempos a tempos o tenente Peres. — Dêem-lhe seis meses de vida solta... peuh! peuh!... O Bobadela fazia o diabo como cadete... Contou-me o velho Fábregas... um sargento do tempo dele... Que grandes generais... hein?... não o Fábregas... que se reformou em alferes...

---

<sup>87</sup> Caio Márcio fica conhecido como **Coriolano** após ganhar do povo Volscos.

— Se a mulher não quer! — replicava o brigadeiro encolhendo com impaciência os ombros. Estou condenado a ter um filho que nunca há de ser nada!... Mal responde ao que se lhe pergunta... e todo corado... e todo atrapalhado...

— Enfim... vejamos os acontecimentos... O sangue há de falar... esteja certo, meu general...

— Como ele não pode mais ser formigão<sup>88</sup>... esperemos...

Assim se passaram dois anos, findos os quais, por empenho e especial proteção de um companheiro de Souza Candido, influente no Rio de Janeiro, foi Hilário promovido ao posto de alferes, distinção que demonstrava unicamente o préstimo de uma antiga amizade.

Na sossegada habitação de D. Felisberta arrebentou a notícia como uma bomba. A boa da senhora achou logo razões para sem detença prorromper em angustiosos soluços, apertando ao peito o novo oficial, como se o defendera da decapitação, do fuzil ou das balas argentinas; o general agastou-se de tanta choradeira e começou aos brados; o Hilário, estupefato, atônito, não sabia o que sentir, o que fazer, o que pensar... só o tenente Peres, exultando de alegria e, com os olhinhos vesgos a desferirem faíscas, batia no soalho com a ponta da perna de pau, pedindo atenção para o muito que tinha de dizer.

— Quem falou direito? Está o rapaz com uma carreira nunca vista!... Peuh! peuh!... Alferes — E aí ele engrossava a voz, como se fora a enumerar os pomposos títulos de um arquichanceler da Áustria — Alferes aos 18 anos!... Neste tempo!... O Napoleão em Toulon tinha... Que idade tinha, meu general?...

— Eu lá sei...

— Não sabe?... Também pouco importa... Era muito moço... basta saber isso... Olhe... o Chagas, que fez tantas proezas nas Missões, aos 18 anos de idade ainda não era alferes... As coisas vão marchando divinamente... Peuh! peuh!

E calcando a mão no ombro do estatelado alferes:

— Olhe para mim bem firme, Sr. oficial!... Repare que está destinado para um grande futuro... digno de si e de seu nome e obre sempre de conformidade... O seu caminho é um único... Peuh! peuh!... a estrada dos heróis... Desembainhe a sua espada e caia nos inimigos como um raio... Não lhe digo mais nada... mais nada! Quanto à senhora — e voltou-se para D. Felisberta — prepare-se! Daqui a uns 15 ou 16 anos estará abraçando um general!... Peuh! peuh!

— Esse Peres — observou Souza Candido — tem uma cabeça de fogo... Que planos! Que castelos!... Que felicidades!...

— Você então não tem confiança na sua prole?... E o sangue? Peuh! peuh!.. A guerra está lavrando... as ocasiões abundam... naturalmente ele conquistará cada posto à ponta da espada... D. Felisberta... não lhe dou muito tempo e a senhora será mãe de um herói...

— Deus me defenda — tartamudeou ela enxugando umas últimas lágrimas, antes uma boa morte...

— Anda, Hilário — exclamou o coronel sacudindo o filho — sai dessa pasmaceira... Vamos, desperta! Que olhos são esses... esbugalhados! Vejam... vejam! O pateta não se pôs a tremer?!... No nosso tempo, hein, tenente? já estaríamos de galão no punho, a correr por aí afora, procurando as sentinelas para termos continência... namorando as moças... fazendo o diabo e rachando de contentes... Que bom tempo aquele, meu velho camarada!... Que bela quadra!...

— Ora... nem me fale!... Peuh! peuh! Também leve o demo a educação que deram a este menino... Aposto que ainda não sabe namorar... Um latagão deste tamanho... E bem

---

<sup>88</sup> Estudante de seminário, seminarista.

parecido... Vamos lá, amiguinho, você entende do negócio?... Gosta de olhar... assim para uma rapariga guapa... bem torneada?...

Aí D. Felisberta interveio com certa autoridade:

— Sr. tenente — disse ela com voz entre chorosa e ofendida — respeite a inocência de meu filho... Podem torná-lo um dissoluto... um perdido... mas por enquanto deixem-no puro como é...

Tão grotesca era a cena que Hilário sentiu-se corrido das gargalhadas dos dois velhos militares.

— Agora que sou oficial — pensou ele consigo e mordendo os lábios — preciso não ser tratado como criancinha... Hei de procurar ser... também gente.

E como mostra inicial de emancipação, nessa mesma tarde e contra os protestos da mãe, saiu só à rua, embora transido de vexame, cosendo-se com as paredes, corando a cada passo e com os olhos baixos, como se fora cometendo uma sucessão de atos indignos da estranheza e reprovação pública.

#### IV

O tio Hilário, declaramos algumas páginas atrás, tinha, nos começos do ano de 1826, vinte e quatro anos feitos e o galão de alferes que — no dizer do tenente Peres da Silva — pomposamente lhe abria as portas das grandezas sociais.

Brioso e inteligente, pouco tardou que verificasse os inconvenientes e muitas vezes o ridículo que ao homem, que tem de meter-se no bulício e na agitação um tanto brutal deste mundo, acarreta o acanhamento levado pelo menos à exageração, e por isso também procurou ir reagindo contra os costumes de timidez que lhe haviam sido impostos pelo estremecimento materno.

O esforço não era decerto pequeno. De índole naturalmente modesta, ambicioso só de seu sossego, amante da casa e da família, dado a leituras, sem estímulos violentos, propenso ao retraimento e à obscuridade, não pouco lhe custou encetar essa luta contra todas as suas tendências e predisposições.

Ajuizado, mais do que fora talvez de esperar, observava as coisas com olhos justos e perspicazes e, julgando desde logo mal dirigida a educação que recebera, não deu contudo em tempo algum manifestação de menos gratidão pelos cuidados e afagos que deviam prejudicar-lhe irremediavelmente a carreira em que o haviam impellido.

Tomou a peito despir o invólucro pueril que o revestia, mas, apesar da boa vontade, da tenção formal, de resistências não poucas vezes heróicas, da incessante cautela por ter mão em si, saber contrariar-se, vencer inexplicáveis terrores e desarrazoadas apreensões, não conseguira ficar senão a meio caminho, isto é, habilitar-se para viver no meio dos outros, conservando, porém, sempre esse cunho de desajeito e recato que constitui verdadeira inferioridade no feroz embate pela vida em que se empenham denodadamente os elementos pensantes da nossa organização social.

Uma das coisas que mais lhe custaram foi sem dúvida o conviver barulhento do quartel, as familiaridades impostas de momento, as conversações livres, os gracejos pesados, as alusões ferinas e as pequenas intrigas que se dão e se desenvolvem naturalmente nessa existência em comum de pessoas tão diferentes nos gostos, paixões, origens e hábitos. Também desde os primeiros tempos merecera a alcunha de alferes *mocinha* que o rubor das faces, a perturbação e mal-estar ao ouvir qualquer dito mais picante ou anedotas apimentadas, plenamente justificavam, embora ofendesse a íntima altivez de uma alma varonil.

Fez estudo de impassibilidade, não pôde. Por elevação própria do pensamento, nunca chegou a encourçar-se e sair totalmente da esfera em que o haviam criado, restrita sem dúvida, mas de verdadeira pureza de instintos e aspirações.

Estimado por suas qualidades, benquistado de todos pela cordura e meiguice de gênio, nem por isso escapava dos contínuos remoques e zombarias dos companheiros, que sem compaixão abusavam dos seus vexames e medrosa suscetibilidade, indo, muitas vezes, sem intenção maldosa a ponto de magoá-lo moral e até fisicamente.

— Não pisem o pobre moço — costumava gritar o major — quando o via alvo de brinquedos pesados.

— Qual! Isto não dói — respondiam-lhe. — Ninguém estima mais o Hilário do que nós.

E como prova de especial simpatia, caíam-lhe em cima com toalhas cujas pontas, amarradas em nó, tinham dentro moedinhas de cobre.

Hilário ria-se amarelo, defendia-se como podia, procurava responder à pancada que lhe doía mais particularmente, mas — era escusado — vivia acabrunhado, abatido, sem força moral para coibir as violências, afetuosas ou não, de que era vítima.

Também voltava quase sempre para casa cabisbaixo e sombrio, achando só algum alívio nas amargas e repetidas queixas que fazia ao seu confidente, o tenente Peres da Silva, de quem colhia mais ou menos animação num dilúvio de conselhos, imprecações, movimentos de indignação e sobretudo de peuh! peuh!

— Mas isto não se atura — exclamava ele ao saber de mais uma caçoada que haviam feito a Hilário — é caso muito sério, muito! muito! É preciso queixar-se ao comandante... E a disciplina?...

— Hei de vencê-los pela brandura...

— Qual brandura, meu filho!... Noutro país já teria havido meia dúzia de duelos... Está você como um cordeirinho entre lobos... sim, lobos, peuh! peuh!...

Uma bela e cândida alma, essa do velho reformado!

Ouriçada aparentemente de asperezas, de esquisitices e idéias fixas, era no íntimo inesgotável tesouro de meiguices, afeição e benevolência. Aconselhando sempre ao Hilário, a quem consagrara logo extrema amizade e procurando de contínuo infundir-lhe o fogo bélico que, por falta de completa expansão, lhe girava ainda nas veias, começara a afligir-se, mais talvez do que requeria o caso, dos queixumes de seu jovem educando.

— Qual, Sr. tenente — dizia este a suspirar — eu não tinha vocação para as armas... Fui empurrado... Outra era minha inclinação...

Peres da Silva protestava com energia; acenava com os ouropéis da fama; apelava para o tempo, para a voz do sangue; falava, falava, mas, achando o futuro general cada vez mais frio e melancólico, sentia pungir-lhe o coração o acúleo do remorso, por haver mais do que ninguém concorrido para impor as penosas obrigações da vida militar a quem não se achava com forças para bem cumpri-las.

— D. Felisberta — resmungava ele com seus botões — tinha razão... O rapaz nunca há de dar para a coisa... peuh! peuh!.. Mas também, que diabo fui eu meter-me a dirigir os filhos dos outros... E essa farda de soldado que é um casamento!... Vejam só, peuh! peuh! o Napoleão... Meu amigo, Sr. Peres, quem veste farda é para sempre!... Coitado do Hilário!... Mas também, o que queria ser?... Letrado?... Cirurgião?... Pintor?... Poeta?... Não são carreiras... Imaginem o Vilitão — referia-se ao duque de Wellington — bacharel em cânones!... Peuh! peuh! Nada, hei de sacudi-lo... arrancá-lo desse desânimo... desse torpor... É uma campanha que preciso levar ao cabo... e deveras para vencê-la dava de barato a perna que me resta.

E era tocante ver o cuidado, a solicitude, a pressurosidade com que buscava a companhia de Hilário, já puxando-o para a sua mais que modesta habitação, já fazendo com

ele longos passeios nos belíssimos arrabaldes da cidade do Desterro<sup>89</sup>, procurando sobretudo em suas intermináveis e ardentes histórias das campanhas cisplatinas e da colônia do Sacramento retemperar-lhe a fibra guerreira.

— Não vejo mais o Peres — observava Souza Candido com certo azedume — pertence hoje de corpo e alma ao Hilário... Vão ver que os dois estão falando de Napoleão... E a Sra. D. Felisberta, que não queria vestir farda no menino!...

Conversavam é certo, e muito, isto é, Peres discursando sem cessar e Hilário distraído, absorto, a olhar para o céu ou para o mar, com o pensamento vagando longe, enquanto sussurravam-lhe aos ouvidos, como ruído distante, as palavras do seu velho amigo.

## V

Por esse tempo caiu o jovem num tal estado de tristeza e abatimento que não pôde deixar de impressionar aqueles que o estimavam.

Contra seu sistema de mutismo, contra o evidente acabrunhamento moral, nada puderam os gracejos e chufas dos camaradas, de modo que aos poucos o foram deixando no sossego e retiro a que de bom grado se condenava.

Não encontrando no pai senão impaciência e rudes franquezas e na mãe mais do que chorosas e vagas condolências, a única companhia que lhe aprazia um pouco mais era a de Peres da Silva. E então lá iam os dois a pé, e com passo vagaroso por causa da perna de pau do tenente, ou em terreno sempre plano até a freguesia da Trindade, a uma légua do Desterro, ou galgando asperezas até o Pau da Bandeira que, do alto de elevado cerro, domina a cidade e todas as cercanias.

E ali, descortinando em magnífico panorama parte da ilha de Santa Catarina, o estreito e o canal que a separam do continente; deixando as vistas pousarem já nos grupos de montanhas, que se alteiam de lado e doutro coroados de picos cintilantes, já nas recortadas linhas de terra a formar promontórios e cabos ou tranqüilas praias orladas de finíssimas areias; embebidos na contemplação demorada dos acidentes daquela formosa e variada perspectiva, ficavam horas inteiras, ou absortos ambos, ou num como que diálogo, em que um desenvolvia a habitual loquacidade e outro respondia com a costumada distração e laconismo.

— Não te aflijas assim, Hilário — disse um dia o tenente com meiguice e afrontando de frente a dificuldade com que pretendia arcar — se a farda te pesa tanto nos ombros... atira-a para longe... Também não é caso de suicídio, peuh! peuh!... Agora preciso dizer-te, se já não to disse,... ainda não conheces a parte mais divertida... da nossa profissão... a guerra... Sim, filho, a guerra com os seus numerosos e extraordinários episódios... Deveras há coisas terríveis... mas os atrativos são imensos... É uma vertigem, peuh! peuh! uma loucura... um estado indescritível... Há de tudo, desde a tragédia até o cômico mais extravagante... Oh! a guerra!... Eu quisera ver-te lá... Ah! se soubesses que olhos têm as castelhanas!... Sem mentira... digo-te com sinceridade... deixei uma das pernas nos campos de Taquarembó... pois, bem, lá me ficou o coração inteiro!... peuh! peuh!

— Então o Sr. já amou? — perguntou Hilário como que acordando de uma madorna.

— Como não?... Se amei? Pois é o *sine qua non* da nossa vida. É impossível ser soldado verdadeiro sem ter amado... e muito não uma, mas duas e mil vezes! Vênus e Marte andam sempre juntos... e para alguns também Baco!... Agora só se ama deveras... em campanha... entre duas batalhas. Ah! como sabe ver a namorada depois de um dia de

---

<sup>89</sup> Como se sabe, trata-se do antigo nome da capital de Santa Catarina, hoje Florianópolis.

refrega!... Podia estar o homem morto, estendido no campo, entregue aos urubus... e sentir-se cheio de força e de paixão nos braços de uma mulher!... Peuh! peuh! Cria fôlego, Hilário; deixa-te de tristezas que só servem para amargurar-te a existência e sobressaltar teus pais, amigos e parentes... Que tens, afinal? Fala... Não sabes quanto me amofinas com esse desgosto constante, que é sinal de fraqueza... Acusa-nos, pelo menos, a mim e a teu pai... Prefiro ver-te agoniado e queixoso a tanta inércia, tanto marasmo e enervamento que depõem — declaro-te sem rebuço — contra as nobres tradições da tua distinta família, peuh! peuh!

O moço conservou-se por algum tempo em silêncio, enquanto Peres, ligeiramente comovido, parecia refrear os desejos de mais violenta interpelação.

— Que quer, Sr. tenente? — disse ele por fim, a princípio com pausa e depois mais rapidamente — tenho procurado subjugar-me... não está em mim. Esta vida militar aterra-me... Não nasci com os seus instintos... suas idéias... suas ambições, ainda poderosas, embora cortadas para sempre... Em mim nunca terá mais do que um oficial medíocre... sem entusiasmo... nem incentivos... Meus sonhos eram outros, mui diversos... completamente contrários ao ruído e a esse sangrento cortejo de glórias e renome que me apavora... e que entretanto ao Sr. torna-lhe, ainda hoje, a existência rica de miragens e de encantos... E depois, sabe o que me aniquila... me tira toda força, todo gosto da vida?... Pois bem, é a dúvida de mim mesmo.

— Como dúvida? — balbuciou Peres preso às palavras do seu discípulo.

— Sim — continuou Hilário com animação e sem mais tropeços — é a dúvida, é o receio de não ser digno do nome que meu pai e meus avós me transmitiram honrado, quase ilustre, sustentando os brios de valentes militares... Bem sabe, a guerra lavra no sul do Império... há grande movimento de tropas e naturalmente tenho de marchar um desses dias... Pois bem... suponha que no momento culminante, diante do inimigo, eu me ache fraco, pusilânime... que na prova terrível dê má cópia de mim e nesse batismo de sangue — em que penso noite e dia — tenha mais medo da morte do que da vergonha!... Suponha que todos os hábitos, contraídos numa educação de mocinha, como me chamam, influam por tal modo que me seja de todo impossível portar-me no campo da ação, já não digo como soldado de brío e de pundonor... mas enfim como homem...

O tenente Peres encarava-o boquiaberto, atônito, pálido.

— Hilário!... Que extravagância!... Um filho de guerreiro!...

— Qual! Cada um nasce como Deus o fez!... A natureza, depois, está cheia de contrates... Interrogo-me... indago em mim mesmo... encontro-me mofino, imbele... sem valor... sem forças... Não calcula quanto tenho aturado dos companheiros... quanto remoque engulo... quanto dito grosseiro que me fustiga o sangue... mas não consegue levantar-me o braço para castigar o ousado que mo dirige...

— Pelo amor de Deus, Hilário, não fales assim — peuh! peuh! tudo é efeito do acanhamento...

— Não — exclamou o moço com voz vibrante, enquanto intenso rubor lhe cobria as faces — sabe o que é isso, Sr. Tenente?... É o que o senhor nunca sentiu em si... é... peja-me dizê-lo, mas é preciso... é... covardia...

E como o outro fizesse um gesto de denegação e repulsa, ele prosseguiu com febril agitação como que acumulando provas contra si.

— Não sou mais uma criança... sou já homem... Em mim vejo duas naturezas, uma — a do espírito, briosa e em revolta contra a outra — a do corpo, essa, indigna, dominada pelo temor!... O apelido com que me torturam noite e dia... inocente na aparência, repetido até por meu pai... o que é senão um verdadeiro insulto? Contra ninguém ousa reagir... a ninguém pude até mostrar desgosto por me sentir machucado, pisado, pasto da chacota e do pouco caso...

E levantando-se impetuoso, com lágrimas nos olhos:

— Ah! se me fosse dado ter um dia coragem!... Deveras matava alguém!...

O tenente Peres também se erguera.

Parecia muito alterado e alisava com mão trêmula o bigode.

— Hilário — disse ele afinal depois de algum silêncio — convém tomar uma resolução digna de ti, peuh! peuh! Fizeste bem em abrir-me o teu coração e afianço-te com segurança: és um homem de honra. Cumpre, porém, pôr termo quanto antes a estas abusões da tua imaginação...

E percebendo um aceno de dolorosa contradita, com mais força prosseguiu:

— São... são meras apreensões do espírito, terríveis de fato para uma alma altiva, mas que se dissiparão com certeza. É preciso correr à prova decisiva... cortar o mal pela raiz!... Do contrário estarias perdido... para sempre entregue aos terrores que te assaltam!... Só tens uma coisa que fazer: pedir para marchar para a guerra já e já... Não digas nada a teus pais... mas se acreditas em um amigo leal, que sentirá o seu coração estalar de dor no dia de tua partida e que de bom grado daria a vida não só para salvar tua vida... como tua honra,... faze sem demora o que te digo... Nada receies... Vê nesse conselho a confiança que tenho em ti... Conheço-te hoje bem. Compreendo que não nasceste para a carreira que nós te demos... mas ainda uma vez e muitas será respeitado o brasão de tua família... Hoje o que é imprescindível é derrubar esse fantasma que não te dará tréguas sem um passo glorioso para ti e para as tradições de tua gente... Força é que te convenças de que és homem... Marcha para a guerra!...

— Tenho pensado — replicou o moço com abatimento — mas não posso... não me vejo com ânimo... Deixar meus pais?... Minha casa?... Esta terra?...

— E se te mandassem?... Se o governo?...

— Oh! Não sei... creio que morreria de dor e de vergonha... mas procuraria não seguir!...

O tenente suava frio.

— Que criançada! Hilário... Não digas isso... Felizmente estamos sós... ninguém nos ouve!... Só na tua apresentação voluntária havia uma vitória... A coisa é dar o primeiro impulso... Peuh! peuh! Irias daqui já com certo gás. Agora, custe o que custar, é de rigor que te conheças deveras... espancar ilusões... Verás uma batalha... é coisa muito simples... muito!... Não sei que grande general tinha um susto horrível de cada vez que ouvia o sibilar das balas... pois bem, ganhava vitórias como qualquer outro!... Olha, em muitas ocasiões, não se ouve ruído algum... e a gente acha-se morta ou vencedora... sem saber mesmo como... É uma surpresa.

O alferes refletia, mas pelas alternativas do rubor e palidez que lhe cambiavam no rosto, via-se a agitação que o dominava.

— Pois bem, amigo Peres — disse ele com esforço — agora devo contar-lhe tudo... sabe o que me torna o mais desgraçado dos homens?...

E aí ele parou, balbuciando quase:

— Eu amo... e amo loucamente...

Peres esbugalhou quanto pôde os olhinhos.

— Não sei como se deu isso... mas desde aí é que me veio o desprezo de mim mesmo... Foi a luz que irrompeu dentro de mim e deixou-me ver as misérias que lá se passam... Um belo dia acordei possuído de uma paixão imensa, que me consome todo sossego... me esmaga... me mata!

— E ela? — balbuciou Peres.

— Ela?... Nem suspeita talvez que eu exista... Vi-a uma única vez... não tive nunca, nunca mais coragem de sequer... passar pela rua em que mora... Oh!... eu sou um miserável, meu Peres!...

E, atirando-se nos braços do tenente, desatou em copioso pranto.

— Vamos, Hilário — disse o velho com afetuosa rabugice — deixa-te disso. E que tem que ames?... É da tua idade... Daí é que vêm todos os teus sobressaltos, não é?... Ora, que tolices!... Quem é, porém?... Uma moça digna? Filha de boa família?...

— É — tartamudeou o moço — a filha do Gularte...

— A Lucinda?... Caramba!... Guapa, guapa!... Sim, senhor, um partidão!... Não tens mau gosto, meu brejeiro... Pois vejam só!... Com quem foi engrajar-se... Aprovo, aprovo muito... Mas vamos lá... olhe para mim com outra cara... E, levantando-lhe carinhosamente o queixo, como se fora a um menino, fez-lhe uma momice com tal trejeito que um sorriso embora triste pousou nos lábios do desconsolado mancebo.

— Ora, muito bem!... Assim é que quero vê-lo... Jogue para bem longe essas melancolias que não lhe assentam nada... Agora que aliviou o coração, há de por força achar-se melhor, não é?... Eu sei bem o que é isso! Então de que servem os velhos e bons amigos?... Deixe estar que um dia há de reconhecer que o Peres, reformado, pernetá, coisa ruim, caco quebrado, ainda presta para alguma coisa... É o que digo... Não te lembrás daquele general sem pernas... que fez proezas?... Chamava-se... chamava-se... Estuda, meu Hilário, a história de Napoleão... É verdade, não tens queda... isto é, dizes que não dás para a quitanda... É pena! É pena!... Mas vamos ao caso... Amas... amas muito, não é?... Perfeitamente... Assim é que a gente deve amar... ou então não se meter nisso, que o negócio é de comprometimentos... Mas amas a quem? A filha do meu velho camarada Gularte... Que coincidência, não achas?... Só falta, pois, que vocês se entendam... E o que faz o Peres que não ajude aos dois pombinhos? Contem-me... o que faz?

Hilário, sem dizer palavra, apertou-lhe com reconhecimento a mão.

O tenente, porém, continuou com imposição.

— Ah! mas antes de tudo... hás de marchar para a guerra... Sem um choque violento... sem uma campanha... nunca valerás um ceitil<sup>90</sup>... nem aos teus próprios olhos... nem aos dos outros... Deves caminhar na sociedade de cabeça alta... e não como um maricas... curvado ao peso dessa opressão que te tolhe a liberdade de ação e pensamento... Tens hoje um único fim neste mundo, não é?... Conseguir essa moça... Pois bem, é preciso merecê-la... disputar a posse a muitos que a desejam... e depois, meu caro, livrá-la de quantos hão de querê-la... ainda depois de ser tua... Segue para a guerra... farás no futuro o que bem quiseres... mas deves sacudir de cima de ti esse constrangimento que te acabrunha... Acabem-se os receios que tens de teu préstimo... sê juiz de ti mesmo e verás que os mais valem tanto ou muito menos do que tu...

A quantidade de peuh! peuh! que salpicaram tão longo discurso era imensa, incalculável!

— Pois bem — concordou Hilário embora sem grande vivacidade — amanhã mesmo apresentar-me-ei para marchar... O Sr. diz bem... se eu não me portar... pelo menos com decência... farei por esquecer tudo e irei arrastar o resto da existência nalgum miserável canto da terra... distante... bem distante daqui... e de tudo quanto prezo e estremeço!...

## VI

No dia seguinte o moço, sem mais hesitações nem comunicar, como prometera, seu intento a ninguém, foi resolutamente ter com o presidente da Província e pediu para, no mais

---

<sup>90</sup> Moeda portuguesa antiga, que valia um sexto de real. Por extensão, coisa insignificante, bobagem, futilidade.

breve prazo, embarcar para o Rio Grande do Sul a reunir-se a algum dos corpos que estavam empenhados na protraída e malfadada campanha, cujo desenlace devia ser Ituzaingó.

Quando o brigadeiro Souza Candido soube por terceiro do inesperado e súbito projeto do filho, ficou pasmo, aborrecido e profundamente contrariado, mas não querendo nem podendo, na sua qualidade de velho soldado, dar a mínima demonstração de frouxidão, começou a aplaudir aquela iniciativa com gabos exagerados, como quem precisava fortalecer-se de qualquer modo em transe com que não contava.

— Bravo! O Hilário saiu-se!... Sim, Sr. É que o sangue falou, como profetizou sempre o Peres... Quem diria?... Um menino tão quieto... tão pacato! Fiem-se em aparências!... Quer tomar o vôo... o tal passarinho... sente as asas robustas... Pois... que vá!... E logo para uma guerra dessas, que não se sabe em que pé está... Nada, desta vez o Hilário brilhou!... Assim pudesse eu fazer o mesmo... acompanhá-lo... porque uma coisa é ir... outra ficar... Passar misérias e calamidades não é nada... mas saber que um filho as suporta... Enfim, aprovo muito o que ele fez... Ora, Sra. D. Felisberta, deixe-se de prantos!... Com mil milhões de diabos!... O rapaz precisava dessa escola... E é-lhe muito honroso não esperar ordem de cima... Entretanto, se ele me tivesse consultado... eu lhe diria: Filho, serviço não se pede, nem se rejeita. Assim é que fiz sempre... Enfim... outros tempos... outras idéias!...

E, vendo entrar Peres da Silva, recebeu-o com estudado alarido:

— Então sabe da grande novidade?... Adivinhe, se é capaz...

— A cidade já está cheia.

— Já? — exclamou ele com lampejo de orgulho nos olhos — ora muito bem!... O alferes *mocinha* vai para a guerra... Imitem-no, meus senhores valentaços! A mãe está numa choradeira imensa... Estas mulheres amolecem um homem!... É verdade que ver partir um filho... filho único... E essa... não é que estou também assim não sei como? Me diga, Sr. Peres, por que está tão triste?... Então, você também quer fraquear? Veja lá... Bem fez o Hilário de não nos ter avisado!... Ora, que diabo, o que é isto, Sr. tenente?

E os dois veteranos contemplaram largos minutos em silêncio, um defronte do outro, enquanto umas lágrimas compridas lhes sulcavam os rostos tostados pelo sol dos combates.

Nisso entrou Hilário e eles trataram de ocultar a perturbação em que os encontrava.

O brigadeiro, recalcando o sentimento íntimo, deu um longo e estreito abraço ao filho e, com voz serena e já firme, fez-lhe uma verdadeira preleção sobre o modo de viver completamente novo e especial que ia encetar.

Entre muita inutilidade havia indicações e conselhos proveitosos e derivados da prática inteligente da guerra.

— Sobretudo — concluiu ele à maneira de um espartano — nunca vaciles entre o dever e a vida. Prefiro mil vezes saber-te morto a ter que te abrigar sob meu teto desonrado e mareando o nome que é teu e meu!... Trata agora de embarcar o mais depressa que te for possível... É o que mais custa ao militar... são as despedidas... de casa... os adeuses da família... é essa agonia da partida.

A dor de D. Felisberta nesse entrementes assumiu tais proporções que se chegou a recear ser o último instante de sua precária existência aquele em que Hilário transpusesse o limiar da porta.

Tal, porém, não foi.

O padecimento concentrado, mudo, o dilaceramento agudo e terrível que durante muitos dias só se manifestavam no decomposto da fisionomia e no tremor das mãos ao preparar as malas do querido filho, resolveram-se, à última hora, num dilúvio de lágrimas que salvou aquele dorido e torturado coração de fatal explosão.

Peres da Silva acompanhou Hilário até a bordo.

O moço ia muito conturbado.

Fardado e de espada à cinta, mas com os olhos rubros de tanto chorar, procurava as ruas menos freqüentadas a fim de fugir das vistas curiosas e apertava com força o lenço à boca ou mordía os lábios como diversão ao quanto sofria.

— Ânimo, meu Hilário — dizia-lhe baixinho o bom do tenente. — O pior já passou... Olha, esqueci quase de todo a escrita... pois bem, mandar-te-ei com regularidade quanta carta puder garatujar.

E no abraço final:

— Vá tranqüilo — balbuciou com a voz apagada em pranto — não me esquecerei um instante de ti... A Lucinda há de ser tua... Não te deixes matar!

E o patacho em que embarcara o novel guerreiro abriu panos a propícios ventos.

## VII

Em 1826 as comunicações postais, difíceis e irregularíssimas em todo o Brasil, tornaram-se entre a capital da pequena província de Santa Catarina e o teatro da guerra travada nas regiões platinas por tal forma morosas e retardadas que as cartas e notícias daquela procedência só chegavam com atraso de muitos meses, tanto mais quanto a Corte do Rio de Janeiro, tendo interesse em guardar certo sigilo sobre as peripécias e sucessos da campanha, chamava a si até a correspondência de caráter particular e a distribuía com calculada lentidão.

Raras eram, pois, as cartas recebidas do alferes Hilário, embora a extensão da todas elas compensasse de algum modo a pouca abundância. Via-se claramente que era o seu principal entretenimento, a única distração que tinha.

Aliás, em todas mostrava perfeito tino e cautela.

As que escrevia para a mãe eram, no meio de muitos protestos saudosos e promessas de breve volta, animadas e até alegres. A vida de campanha não podia decerto ser de rosas, mas havia suas compensações. A saúde mantinha-se forte e evidentemente se avigorava com os trabalhos, marchas e canseiras. O apetite, sobretudo, desenvolvia-se até demais, pois em várias ocasiões faltava o que comer. Se não fosse a ânsia de regresso, que o esperava noite e dia, ele se sentiria quase feliz daquele estado de coisas que podia ser tudo, menos monótono. Hoje dormia-se aqui, amanhã ali, a duas, três ou mais léguas; quando se cuidava do pouso para a noite, zás! levantava-se acampamento e marchava-se a noite inteira.

E neste gosto escrevia páginas e páginas.

As cartas ao pai, ainda que no mesmo tom, refletiam mais a verdade dos acontecimentos e o que lhe ia pela alma.

Então as do Peres eram confissões sem rebuço, desabafos completos em que eram minuciosamente individuadas as atribulações diárias de um espírito antes do mais refratário àquela existência de violências, desregramentos e inaturáveis excessos.

“Não imagina, meu bom amigo — escrevia ele — o que vai por aqui. É coisa sem nome. Estamos nos arredores da capela do Livramento, na coxilha de Santana, amontoados como carneiros e entregues, de mãos e pés atados, às moléstias e à inação. Os soldados chegaram a um estado de miséria e degradação que parece incrível. Há muitos meses estão sem soldo, sem fardamento, sem barracas, cirurgiões, e socorros médicos e espirituais. Parece que há sérias desinteligências entre o nosso comandante em chefe, o general Rosado, e o presidente da província general Gordilho<sup>91</sup>, de modo que não há esperanças de ver melhorar esse estado de coisas. Todos lamentam a falta do marechal Abreu, que pelo menos

---

<sup>91</sup> Visconde de Camamu. (N.A.)

conservara a fronteira livre de inimigos. Hoje as incursões são freqüentes, e entretanto espalha-se que nem sequer temos munições para entrar em fogo<sup>92</sup>. Tudo é desordem: fervem as maiores intrigas neste desgraçado acampamento em que estou rodeado dos espetáculos mais repugnantes ao meu caráter, hábitos e anelos. Reinam incessantes discórdias entre os comandantes de corpos, e não há muito tempo assisti a uma desavença entre dois coronéis, que se destratarem de um modo horroroso, atirando-se reciprocamente à cara um do outro acusações de covardia e prevaricação. Decididamente vim em má quadra, embora não me pareça que haja nunca bons ensejos numa guerra considerada aqui mesmo injusta e impopular<sup>93</sup>. Apesar do rigor mal entendido que acabrunha o nosso reduzido exército de menos de seis mil homens, queixam-se desbragadamente oficiais e soldados, falando e criticando sem recato do general em chefe, das autoridades e do governo. Uma das primeiras e fundadas censuras é a do ponto que ocupamos, do qual não nos querem tirar, sem vantagens estratégicas, econômicas, higiênicas, sem segurança, nem largueza, posição enfim *que nem para bandos de índios vagabundos poderia servir*<sup>94</sup> e que entretanto foi batizado com o pomposo título de — Acampamento da imperial Carolina<sup>95</sup>. O pior é que estamos perdendo tempo precioso e os argentinos de Alvear e Lavalleja concentrando-se, preparando-se com boa e fresca calhada para vir atacar-nos. Ao menos é voz geral. Pelo que venho de expor-lhe, verá o Sr. que vou melhor da *moléstia* de que vim curar-me. Que violência, porém, de tratamento, meu caro médico! Relato-lhe essas misérias porque, apesar da minha reserva habitual, elas patenteiam-se até aos olhos dos que não querem ver. Cerro os ouvidos, mas a grita é tal que não posso deixar de saber o que proclama a voz da maledicência ou da verdade.

“No meio, porém, de muito enjôo de minha parte, de dias de horrível melancolia ou de acabrunhada atonia, sinto-me melhor, vou me achando como os outros, e não menos de duas vezes tenho já impedido com certa energia que se iniciem aqueles gracejos que tanto me mortificaram, obrigando-me a este expediente violento da educação viril pela guerra.

“Que venha a gostar deste modo de viver, nunca! Cada vez lhe tenho mais horror, diariamente aumenta-se-me a repugnância. Anteontem deu-se a três léguas daqui um encontrozinho entre duas partidas de cavalaria. Tivemos dois mortos e seis feridos, quatro dos quais voltaram ao acampamento. Pois bem, não receberam o mínimo socorro. Nem água havia para lavar-lhes os ferimentos, nem um abrigo para resguardá-los. À noite sobreveio a um deles o tétano. Que gritos horríveis!... Da minha barraca os ouvi até de madrugada, amaldiçoando essa luta em que nos batemos inconseqüentemente, sem razão, nem entusiasmo. E a geada caía; soprava o minuano como se no frígido hálito desferisse milhões de microscópicos estiletos, e os brados de agonia do mísero soldado de vez em quando cobriam os sons abafados de uma gavota que se estava dançando na casa do comandante em chefe. Entre parêntesis, sabe que ele tomou o apelido de general Massena Rosado?

“Vejo que tão cedo não sairemos daqui; é desenganar. Preciso, porém, quanto antes dar uma solução a esta minha situação. Vim para bater-me; quero à risca executar o seu programa e depois retirar-me do exército por qualquer modo. Fiz a vontade a meu pai e a mais alguém que o Sr. bem conhece; depois de completo o sacrifício, obrarei como entenda melhor. Dizem que marchará no mês seguinte uma brigada ao mando de Bento Manoel para ir dispersar em Corrientes a gente que está reunindo Aguirre. Pertencço a ela. Arrisco-me a tudo, até a ter a sorte do soldado que morreu do tétano. Felizmente tomou-se de simpatias por

---

<sup>92</sup> Histórico. Vide a biografia do general barão de Cerro Largo, magistralmente escrita pelo nosso distinto amigo Dr. José Maria da Silva Paranhos. (N.A.)

<sup>93</sup> Consulte-se a curiosa notícia de J. I. Machado de Oliveira sobre a campanha de 1816 a 1828. (N.A.)

<sup>94</sup> Coronel Seweloh. (N.A.)

<sup>95</sup> J. I. Machado de Oliveira. (N.A.)

mim, por causa do nome que carrego, meu comandante de batalhão; assim pois tenho esperanças de que em caso de desgraça não ficarei atirado no meio do campo.”

Se fôssemos reproduzir os trechos relativos ao objeto de sua paixão, era um nunca acabar.

As respostas a essas alentadas missivas tinham tomado desde o princípio quase invariável cunho.

As de D. Felisberta podiam resumir-se nestas simples palavras:

“Volta, volta, meu filho! Volta, depressa, senão não encontrarás mais tua desgraçada mãe!”

As de Souza Candido deixavam transparecer as inquietações que lhe iam pela mente, falando na necessidade de mais ou menos pronto regresso, não só para descanso das fadigas já experimentadas da campanha, como para impedir na débil saúde de sua mulher os desastrosos efeitos da ausência de um ente, sem o qual parecia impossível poder subsistir.

O que rabiscava o velho tenente Peres era impagável como produção epistolar. Fazendo esforços hercúleos para vencer as dificuldades da escrita há muito abandonada e sobrepujar, como podia, os tropeços da ortografia, enchia folhas e folhas de papel com notícias da localidade, citações de ilustres batalhadores, referências obscuras a guerras passadas, advertências e exortações, misturando a cada passo Napoleão com o general Curado, Militão — o duque de Wellington transformado — com o marechal Arouche, tudo num estilo *sui generis*, caracterizado por inúmeras incidências, saltos e transições inopinadas.

Não se esquecia nunca de falar na bela Lucinda.

“Aviso-te — escrevia ele — que todos os dias vou dar réguas, digo, trela ao amigo Gularte... e suportar-lhe as maçadas... Aturo-o com bizzarria e aperto o cerco à cidadela... Vale a pena... Os olhos são duas bocas de lobo, quero dizer, fogo... A pena não me ajuda, é o diabo!... O Gularte, a quem chamo Espadarte por causa do nariz... Que nariz, Hilário!... Contaram-me que o coronel Tobias, ajudante de ordens do Bobadela, tinha um ainda maior... A propósito, morreu o Simão, aquele mulato reformado que morava para as bandas do Menino Deus... Não te esqueças nunca do general francês que entrava em fogo a tremer... Mas como ia dizendo, o Gularte... Volta brigadeiro, se puderes... As mulheres gostam disso... Sejas como Napoleão, embora te reformes logo à chegada... No mais, sossega... A sentinela está alerta perto da rapariga... Cria desembaraço... O Militão que ganhou a batalha de Vastralos... era muito acanhado com as damas... dizem, não sei, nunca vi... Se o exército chegar até aos campos de Taquarembó... repara o lugar onde se foi minha perna... Morra Castella! Era perto de um monte de cupim... É verdade que lá há muitos... Como a Lucinda é que não há muitas, não, Sr... Nos tais campos de Taquarembó não poucas vezes se pegaram à unha a nossa gente e a de lá... dos espanholitos... Aqui fico para te servir... No mais lembra-te do general Veiga Cabral, de quem ainda te não falei bastante... Um belo capitão... da escola antiga... Coragem, meu bom amigo... Acredito piamente que não haverá dificuldades para o teu casamento... Pudera... um bravo! Já falei com teu pai... Indaga pelo exército se alguém conheceu o Bobadela... algum soldado velho... Nunca soube se tinha olhos pretos ou azuis...

## VIII

Nessa correspondência cada vez mais penosa e truncada correram os meses. Quando escassearam de todo as notícias do Sul, tornou-se o interior da casa de Souza Candido tão sombrio e monótono que mal se jogava uma ou outra partida de gamão, isso mesmo sem gosto nem interesse.

Peres da Silva fingia ter alacridade por todos, pondo sempre em discussão a conveniência do passo que dera Hilário, asseverando que sua carreira ia às mil maravilhas, e declarando nobremente que fora consultado e não se esquivara da responsabilidade do conselho, mas não raro acontecia já que o brigadeiro reformado punha-se do lado de D. Felisberta e fazia descarregar o seu mau humor sobre o pobre do tenente.

O que este sofria intimamente era, contudo, suficiente para sem mais gravame lhe amargurar aquelas tristes semanas.

— Se o Hilário — pensava ele a todo instante — tem a tolice de morrer por lá, não sei o que será de mim... Não me arrependo do que fiz... mas a recomeçar dava de preferência o pêlo ao diabo!... Enfim, agora é levar a cruz ao Calvário!... Estamos em Vastraloo<sup>96</sup>... é formar quadrado!... E lá voltava ele a enfrentar as recriminações ora tácitas, talvez as mais custosas de afrontar, ora loquazes de D. Felisberta, que gradualmente iam tomando certo caráter acerbo e rancoroso.

— Mas que motivos há de tamanhos desgostos? — dizia ele cedendo terreno a custo. — A esta hora talvez esteja o rapaz a se divertir...

— Ou passando fome... ou frio... ou estropeado para sempre — replicava a mãe com voz áspera.

— Qual! Senhora! deixe-se dessas lamúrias. Peuh! peuh! A senhora não sabe o que é um homem entregue a si... Não é nenhuma ovelha nascida ontem... Com mil bombas!... Ele, como os mais, tem dois braços, duas pernas e vontade de viver!... Há de saber defender-se...

— É verdade, mas o Hilário é tão acanhado — atalhava o pai.

— O Sr. também, meu general? Então já se esqueceu do seu tempo? Do que fazíamos? Peuh! Peuh!

— De fato, mas não sei por quê, parece-me que éramos de outra massa... mais resistente... Olhe que são trabalhos grossos... É fraquinho o rapaz... Aqui qualquer coisa o indefluxava, e os frios do Sul não são de graças.

— Ora! tudo isso é coração de pai que está sangrando.

— Lá por isso não... Não nos devemos entregar à desconsolação... só por simples imaginação...

— Pois então!... Pois então!... Olhe, D. Felisberta... depois de amanhã temos mala da Corte e muito provavelmente saberemos do que vai pelo Rio Grande...

Chegou, com efeito, o navio esperado e, no meio de muitas notícias do resto do mundo, uma que encheu o Desterro de verdadeiro alvoroço.

Na guerra do Sul, dera-se a 5 de Novembro um encontro sério entre a brigada do general Bento Manoel e a força argentina de Felix Aguirre que, fugindo para Corrientes, obrigara os brasileiros a passar o rio Uruguai e a persegui-lo até Capilla del Rosario, onde se chocou um combate renhido, mas favorável às armas imperiais.

Dando conta dessa refrega importante pelas perdas do inimigo e morte do denodado caudilho D. Toribio, referia a parte do comandante em chefe que no campo da ação fora promovido a tenente por atos de assinalada bravura o alferes Hilário de Souza Candido, o qual arrebatara um estandarte das mãos de um oficial argentino, sendo nessa ocasião ferido gravemente, como constava das baixas ao hospital de sangue.

O imprevisto sucesso — pois ninguém dava nada pelo alferes *mocinha* — causou grande agitação na cidade, não falando todos senão na glória que do feito redundava para o lugar do nascimento de tão preclaro militar, congratulando-se uns com os outros e procurando a casa do brigadeiro para felicitá-lo como pai daquele prodígio de ardidez.

Souza Candido oscilava entre a dor e a ufania. Sorria-se cheio de satisfação, mas dos cílios a miúdo lhe caíam lágrimas que não podia reter.

---

<sup>96</sup> Seria uma referência à batalha de Waterloo?

Quanto a D. Felisberta, sem um grito, sem um gemido, caiu num delíquio prolongado, que pareceu a ir levando insensivelmente para a morte. Cercada de amigas, não se movia: de olhos cerrados, feições transtornadas, mal se percebia que respirava ainda.

Peres da Silva não tinha um instante de sossego. Corria do porto para casa; subia ao Pau da Bandeira, para descobrir algum navio do Norte ou do Sul; consolava o brigadeiro nas horas de confiança; espalhava por toda a parte a façanha do Hilário; pintava-o a bater-se, a princípio com o porta-bandeira inimigo, depois com quatro ou cinco cavaleiros e, afinal, com um esquadrão em peso; buscava analogias na vida de quanto general lhe ministrava a memória atrapalhada; roía as unhas de impaciência e andava numa roda viva.

Torturas no imo curtia mais que o brigadeiro e quase tanto como a infeliz D. Felisberta.

Assim se passaram em angústias e ansiedade cinco dias, sem que notícia ulterior viesse adiantar o que já se sabia.

Numa tarde estavam Souza Candido e Peres da Silva no quarto de D. Felisberta, estendida sobre a cama, imóvel e como que cataléptica. Fora peneirava uma chuva fina e miúda, de modo que as trevas da noite difundiam-se com rapidez, mais cedo do que de costume.

O brigadeiro estava sentado à cabeceira do leito da mulher; Peres, de pé, junto de uma janela, olhava cabisbaixo e merencório para a rua, seguindo o movimento de um fio de água que ia rompendo caminho por entre as asperezas do terreno.

Só se ouvia o tique-taque de um relógio de mesa.

De repente D. Felisberta estremeceu; abriu uns olhos muito grandes, sentou-se e, estirando os braços, gritou com força:

— Hilário! Meu filho! Meu filho... está chegando!... Enfim, meu filho!

E levantando-se de um jato, quis atirar-se para fora do quarto.

Souza Candido e Peres a custo a contiveram.

— Deixem-me, deixem-me — dizia ela com grande exaltação — quero vê-lo antes de todos... salvo, salvo!...

— Tenha paciência, senhora — replicou o marido. Um desses dias teremos notícias... Aquiete-se...

— Quero sair, quero já... Ah! Quanto sofri, meu Deus de Misericórdia...

— Está chovendo — interveio Peres — sairei em lugar da senhora, a ver se há alguma novidade...

— Ah! Sr. tenente, o Sr. ia-me pondo doida... mas lhe perdôo tudo pela alegria de hoje!... Enfim, chegou essa hora... Balbina, Manoela, venham cá, negrinhas; dêem-me meu xale... meu xale!...

Os dois trocaram olhares inquietos.

— É um pressentimento fatal — balbuciou o general a custo.

— Não me acreditam? — continuou D. Felisberta. — Pensam que estou enlouquecendo, não é? Ah! felizmente não.

E às pressas procurava vestir-se.

Nisso ergueu-se um grande tropel. Correram do interior para a rua; portas bateram e Peres da Silva precipitou-se para fora, como que perdendo por seu turno a razão.

Apenas tocou o limiar, deu um brado ingente:

— É ele!... É ele... Aí vem! Viva! Viva!

E uma multidão imensa prorrompeu em vivas.

Então viu-se D. Felisberta que em desalinho corria debaixo de chuva, seguida do brigadeiro, cujo rosto sulcavam as lágrimas.

— Meu filho!... Meu filho! — bradava a senhora. Não mo escondam...

— Aqui está! Aqui está! — respondeu-lhe Peres e, rompendo o povo, apresentou-lhe Hilário, coxeando um pouco, mas crescido, forte, embora bastante pálido, queimado do sol e com a barba inteira.

Quando se abraçaram a mãe e o filho, fez-se, por um desses lances instintivos de delicadeza que comumente têm as massas, imenso silêncio, mas quando D. Felisberta novamente desmaiou — desta vez de alegria — estrondearam as aclamações com indescritível delírio.

— Então, meu amado filho — perguntou o coronel depois de acalmado aquele movimento todo — foste gravemente ferido?

— Sim, meu pai, na coxa. Estive entre a vida e a morte, mas por poucos dias. Salvou-me a amizade do meu comandante... Venho com seis meses de licença para me tratar... Depois...

— Nunca mais há de deixar-nos — acudiu com vivacidade o pai.

— Obrigado — respondeu Hilário beijando-lhe a mão. — Era o meu maior desejo... Só aspiro por quietação e obscuridade.

— Pois é pena — resmoneou Peres da Silva. — Ninguém começou tão bem... Enfim veremos se a Lucinda... Peuh! peuh!